



Beatriz Diogo Tavares

“Olha eu aqui de novo!”

A tomada das ruas em 2013 e sua poesia inesgotável

Tese de Doutorado

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da PUC-Rio, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Letras.

Orientador: Prof. Júlio Cesar Valladão Diniz

Rio de Janeiro

Abril de 2018



BEATRIZ DIOGO TAVARES

“Olha eu aqui de novo!” A tomada das ruas em 2013 e sua poesia inesgotável

Defesa de Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade do Departamento de Letras do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof. Júlio Cesar Valladão Diniz

Orientador
Departamento de Letras – PUC-Rio

Profa. Ana Paula Veiga Kiffer

Departamento de Letras – PUC-Rio

Prof. Marília Rothier Cardoso

Departamento de Letras – PUC-Rio

Profa. Tânia Alice Feix

UNIRIO

Profa. Maria Beatriz de Medeiros

UNB

Profa. Monah Winograd

Coordenadora Setorial do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 24 de abril de 2018.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da autora, do orientador e da universidade.

Beatriz Diogo Tavares

Em artes, Beatriz Provasi. Poeta, performer e atriz com vasta produção artística e quatro livros publicados. Doutora em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela PUC-Rio (2018), com doutorado-sanduíche na Universidade de Copenhague. Mestre em Artes Visuais pela UFRJ (2014). Foi bolsista do CNPq e da CAPES. Graduou-se em Comunicação Social, com habilitação em Cinema, pela UFF (2006). Kursou Artes Cênicas na UNIRIO (2008 a 2011). Integra o grupo de poetas Madame Kaos, o coletivo Atrizes Ou – Grupo de Pesquisa em Performance, Arte e Política e o coletivo feminista Formação de Sereias.

Ficha Catalográfica

Tavares, Beatriz Diogo

“Olha eu aqui de novo!” A tomada das ruas em 2013 e sua poesia inesgotável / Beatriz Diogo Tavares ; orientador: Júlio Cesar Valladão Diniz. – 2018.

265 f. : il. color. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2018.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Manifestações de rua. 3. Junho de 2013. 4. Artivismo. 5. Performance. 6. Movimento Ocupa. I. Diniz, Júlio Cesar Valladão. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

CDD: 800

Para Sérgio Luiz Santos das Dores,
nosso eterno Presidente (*in memoriam*).

Agradecimentos

Ao meu orientador e amigo Júlio Diniz, pelas parcerias de pesquisa e de vida.

Às professoras da banca Ana Kiffer, Bia Medeiros, Marília Rothier e Tania Alice, pela disponibilidade e generosidade em dialogar e pelas preciosas colaborações.

Aos professores Karl Erik e Anders Michelsen, pelo convênio entre a PUC-Rio e a Universidade de Copenhague, que me possibilitou o doutorado-sanduíche.

Ao CNPq e à CAPES, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ser realizado.

Às mulheres da minha vida, por todo o apoio, afeto e conhecimentos compartilhados: Ana Lucia, Ana Claudia e Maria Tavares, mãe, irmã e sobrinha, respectivamente; Dilma Ramos de Miranda e Maria Emília Salles de Campos (*in memoriam*), outras figuras maternas que a vida me deu; e Marcela Giannini, “marida” de infância.

Aos meus coletivos artísticos Madame Kaos, com Marcela e Juliana Hollanda, e Atrizes Ou, em especial Aline Vargas, Ana Karenina Rihel, Brenda Jací, Marcella Camargo, Sol Pataxó e Maria Fleury, pela performance na defesa da tese e demais parcerias na vida e na arte. À Flávia Cortez, ao Roma e ao Marcelo Valle, pelas parcerias no Vandalismo Poético. Ao “irmão” Fernando Klipel, sempre parceiro em tudo. À amiga Cristiane Oliveira.

A todos os velhos amigos e amigas do movimento estudantil, da comunicação, do teatro, da poesia, da performance, do ativismo, da minha família e de toda a vida, e a todas as novas amizades encontradas na Dinamarca.

À galera da Ocupa Câmara Rio, da Ocupa MinC RJ e demais ocupações, da Assembleia Popular na Cinelândia e demais assembleias, do coletivo Formação de Sereias e a todas as feministas, da Ocupa Carnaval e toda a folia de luta, a praticantes

da tática black bloc, anarquistas, ativistas, midiativistas, médicos(as) socorristas, advogados(as) ativistas, indígenas da Aldeia Maracanã e de toda a resistência, garis, à Casa Nuvem, à Casa Nem, aos movimentos de favelas, de combate ao racismo, à homofobia e a todas as formas de preconceito e opressão, de luta por terra, por moradia, por educação, por saúde, por transporte e a todas as pessoas e coletivos de ocupação das ruas.

Resumo

Tavares, Beatriz Diogo; Diniz, Júlio Cesar Valladão (Orientador). **“Olha eu aqui de novo!” A tomada das ruas em 2013 e sua poesia inesgotável**. Rio de Janeiro, 2018, 265 p. Tese de Doutorado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A presente tese aborda os atos que tomaram as ruas do Brasil a partir de junho de 2013, sob perspectiva ao mesmo tempo estética e política. Seguindo a própria estética múltipla dos atos, o texto, escrito na forma de diários, lança mão de um vasto universo de referências culturais. Escrito na primeira pessoa e trazendo as questões para o momento atual, o trabalho evidencia a dimensão da presença na experiência estética (assim como na política pela via da ação direta). Em um processo antropofágico, a escrita transita por postagens no Facebook, fotografias, poesia, performance, teatro, cinema, grafite, desenhos animados, filosofia, história e carnaval. A tese não se propõe a explicar os atos ou fixá-los na História, mas, ao contar histórias, usa os acontecimentos como fonte de inspiração para uma nova criação, com uma escrita reflexiva sobre o mundo, a cultura, a arte, a política, a vida urbana e o próprio momento presente. O foco está em um corpo singular que atravessou as ruas do Rio de Janeiro em certos momentos de intensidade (de 2013 a 2016), deixando também seus rastros na cidade. Ao afirmar que 2013 não acabou, o que a autora pretende não é revelar o que seriam as suas consequências no Brasil de hoje, mas sim chamar a atenção para a sua abertura inexorável, que não permite conclusões fáceis. Por isso, a própria tese permanece inconclusa. É um ensaio poético, que busca captar aquilo que de 2013 a autora considera a sua poesia inesgotável. 2013 era um grande movimento de ocupação das cidades ressignificando espaços e vidas. E como aqueles manifestantes que sempre retornavam após os ataques da polícia cantando “Olha eu aqui de novo!”, há algo que sempre volta, que não se rende à dispersão imposta e ainda faz questão de tirar sarro dançando. A tese é essa dança.

Palavras-chave

Manifestações de rua; Junho de 2013; Ativismo; Performance; Movimento Ocupa; Copa do Mundo 2014; Diários.

Abstract

Tavares, Beatriz Diogo; Diniz, Júlio Cesar Valladão (Advisor). **"Look at me here again!" The taking of the streets in 2013 and its inexhaustible poetry.** Rio de Janeiro, 2018, 265 p. Tese de Doutorado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This thesis approaches the acts that took the streets of Brazil from June 2013, from both an aesthetic and political perspective. Following the very multiple aesthetics of the acts, the text, written in the form of diaries, makes use of a broad universe of cultural references. Written in the first person and bringing the issues to the current moment, the work evidences the dimension of the presence in the aesthetic experience (as well as in politics through direct actions). In an anthropophagic process, the writing transits through Facebook posts, photographs, poetry, performance, theater, cinema, graffiti, cartoons, philosophy, history and carnival. The thesis does not propose to explain the acts or to set them in the History, but in telling stories, uses the events as a source of inspiration for a new creation, with a reflective writing about the world, culture, art, politics, urban life and the very current moment. The focus is on a singular body that has passed through the streets of Rio de Janeiro in certain moments of intensity (from 2013 to 2016), leaving also its traces in the city. In saying that 2013 is not over, what the author intends is not to reveal what would be its consequences in Brazil today, but to draw attention to its inexorable opening, which does not allow easy conclusions. Therefore, the thesis itself remains unfinished. It is a poetic essay, which seeks to capture what of 2013 the author considers its inexhaustible poetry. 2013 was a great movement of occupation of cities, resignifying spaces and lives. And like those demonstrators who always have returned after the police attacks, singing "Look at me here again!", there is something that always comes back, that does not surrender to the imposed dispersion and even makes a point of making fun dancing. The thesis is this dance.

Keywords

Demonstrations; June 2013; Activism; Performance art; Occupy movement; World Cup 2014; Diaries.

Sumário

1. Introdução	17
2. Diários do Exílio	36
2.1. 17 de janeiro de 2018	36
2.2. 19 de janeiro de 2018	50
2.3. 20 de janeiro de 2018	60
2.4. 22 de janeiro de 2018	64
2.5. 24 de janeiro de 2018	71
2.6. 29 de janeiro de 2018	75
2.7. 31 de janeiro de 2018	92
2.8. 4 de fevereiro de 2018	110
2.9. 8 de fevereiro de 2018	122
2.10. 10 de fevereiro de 2018	138
2.11. 13 de fevereiro de 2018	154
2.12. 14 de fevereiro de 2018	156
3. Diários do Front	184
3.1. 11 de março de 2018	184
3.2. 15 de março de 2018	214
3.3. 24 de março de 2018	121
3.4. 5 de abril de 2018	240
4. Diário da defesa de tese	258
5. Conclusão	260
6. Referências bibliográficas	262

Lista de figuras

Figura 1 - Performance na defesa da dissertação	17
Figura 2 - Desensaio Aberto: Estado de Sítio	32
Figura 3 - Ensaio do Desensaio Aberto	33
Figura 4 - Capa de livro: As guerras nos porta-retratos	35
Figura 5 - Performance: Quem acaba com o seu colorido?	35
Figura 6 - Abertura de um trabalho acadêmico sobre 2013	36
Figura 7 - Eu e o Presidente em 2014	40
Figura 8 - Lápide do Presidente, por Alex Frechette	41
Figura 9 - Missa de 7º dia da CPI dos Ônibus	42
Figura 10 - Poema Noticiário	44
Figura 11 - Pichação: O amor é a minha guerra	45
Figura 12 - Pichação: Com paz e amor, sem guerra e Paes	46
Figura 13 - Poema: Depoimento de um recente preso político [...]	47
Figura 14 - Poema: Estilhaços, parte I	47
Figura 15 - Manequim da Toulon vandalizado	48
Figura 16 - Poema: Estilhaços, parte II	48
Figura 17 - Manifesto Poema Pedrada: Vandalismo Poético	49
Figura 18 - Estêncil Vandalismo Poético	49
Figura 19 - Bicicletada dos Pelados	51
Figura 20 - Performance Abertura da Copa	53
Figura 21 - Coquetéis Molotoff na Abertura da Copa	53
Figura 22 - Carro funerário no Enterro da CPI	55
Figura 23 - Carro junto às barracas na Ocupa Câmara Rio	56
Figura 24 - Presidente de Penélope Chamosa [...]	57
Figura 25 - Convocação de apoio à Ocupa Câmara Rio	59
Figura 26 - Comentário do Lula sobre 2013	60
Figura 27 - Pichação A Rua é Tua	67
Figura 28 - Poema para Rafael Braga Vieira	74
Figura 29 - Pichação Não Acabou	77
Figura 30 - Capa do jornal O Globo	79
Figura 31 - Na escadaria da Câmara entre o gás	82

Figura 32 - Lista de presos com rascunho em guardanapos	84
Figura 33 - Ativistas da Ocupa Câmara Rio na saída de Bangu	85
Figura 34 - Músicos no Grito da Liberdade	88
Figura 35 - Cartaz Nosso Silêncio Grita no Grito da Liberdade	89
Figura 36 - Ato Grito da Liberdade	90
Figura 37 - Zé Guajajara na árvore	91
Figura 38 - Postagem sobre o fim da MIC	93
Figura 39 - Faixa Capilé, vai tomá na Globo!	94
Figura 40 - Assembleia Popular na Cinelândia	97
Figura 41 - Poema sobre a “República da Cinelândia”	99
Figura 42 - Ocupa MinC no Parque Olímpico	100
Figura 43 - Diário de umx Ocupante Ocupadx, Ocupa MinC RJ	101
Figura 44 - Ocupa MinC RJ	102
Figura 45 - Capa d’O Globo pela Caneta Desmanipuladora	103
Figura 46 - O CU PA Globo	104
Figura 47 - Kombunda, Corpos Informáticos	105
Figura 48 - Projeção nos Arcos da Lapa	106
Figura 49 - Projeção no Palácio Guanabara	107
Figura 50 - Projeção no banner do Festival do Rio	108
Figura 51 - Caetano Veloso Black Bloc	109
Figura 52 - Estêncil Seja Vândalo, Não há Heróis	110
Figura 53 - Escudo black bloc com cartaz Tarifa Zero	111
Figura 54 - Carro da polícia virado pelo black bloc	112
Figura 55 - Vidraça de banco quebrada pelo Ungdomshuset	114
Figura 56 - Postagem de policial: “Foi mal fessor!!!”	115
Figura 57 - Greve dos garis	117
Figura 58 - Bloco Cabralhada	118
Figura 59 - Ocupa Cabral	119
Figura 60 - O Casamento da Dona Baratinha	120
Figura 61 - O Casamento da Dona Baratinha	121
Figura 62 - Avenida Rio Branco tomada por manifestantes	124
Figura 63 - Congresso Nacional tomado por manifestantes	125
Figura 64 - Carimbo “Quem matou Herzog?” em nota de 1 cruzeiro	126

Figura 65 - Carimbo “Cadê Amarildo?” em nota de 2 reais	126
Figura 66 - Nota de 150 reais na performance Salário-ativista	127
Figura 67 - Carimbo Fuck FIFA em nota de 5 reais	127
Figura 68 - Ocupa Câmara rebatizando o Palácio Pedro Ernesto	128
Figura 69 - Ocupa Câmara rebatizando o Palácio Pedro Ernesto	129
Figura 70 - Ocupa Ônibus	130
Figura 71 - Ocupa Ônibus	130
Figura 72 - Coraçõezinhos cobrem logo do Itaú em bicicletas	131
Figura 73 - Intervenção substitui logo do Itaú por luta em bicicletas	132
Figura 74 - Adesivos nos trens da Supervia	133
Figura 75 - Álbum de Figurinhas da Copa vandalizado	134
Figura 76 - Abrace um Mascarado	135
Figura 77 - Abrace um Mascarado	136
Figura 78 - Máscaras de Bakunin	137
Figura 79 - Máscaras de Amarildo em manifestação na Rocinha	138
Figura 80 - “Onde está Amarildo?” em letreiro luminoso	139
Figura 81 - Poema Etimologia	139
Figura 82 - Ocupação do Exército na favela da Maré	142
Figura 83 - Cartaz: Caro PM, meu corpo é o meu patrimônio [...]	144
Figura 84 - Pichação: Vândalo é o Estado!	145
Figura 85 - Estêncil: Rua	146
Figura 86 - Grafite em homenagem à seleção brasileira de futebol	147
Figura 87 - Grafite em homenagem à Metrô-Mangueira	148
Figura 88 - Decoração Anti-Copa	149
Figura 89 - Decoração Anti-Copa	150
Figura 90 - Decoração Anti-Copa	151
Figura 91 - Decoração Anti-Copa	151
Figura 92 - SOS com corpos em ato na final da Copa	152
Figura 93 - Performance Golpe!	153
Figura 94 - Vampiro Neoliberalista, Paraíso da Tuiuti	157
Figura 95 - Manifestoches, Paraíso da Tuiuti	157
Figura 96 - Cristo proibido da Beija-Flor	159
Figura 97 - Instalação Paes Lixo na greve dos garis	161

Figura 98 - Poema Lixo Luxo	161
Figura 99 - Campanha Índio Não é Fantasia	163
Figura 100 - Máscara de Guy Fawkes	164
Figura 101 - Homem Aranha	165
Figura 102 - Homem Aranha	165
Figura 103 - Batman detido pela polícia	166
Figura 104 - Batman e Batman Pobre	166
Figura 105 - Batman Pobre	167
Figura 106 - Experiência nº 3 de Flávio de Carvalho	168
Figura 107 - Heróis do Cotidiano lavando estátuas	169
Figura 108 - A Cena é Pública, Teatro de Operações	170
Figura 109 - Máscaras de vereadores para sessão da CPI	171
Figura 110 - Tropa de rosa-choque com Glittervandalismo	172
Figura 111 - Choque de Amor	172
Figura 112 - Professora encarando a tropa	174
Figura 113 - Tropa de Nhoque	174
Figura 114 - Tropa de Prof.	175
Figura 115 - Black Prof.	175
Figura 116 - Quadrilha da FIFA	176
Figura 117 - Ato de máscaras na Alerj	177
Figura 118 - Ato de máscaras na Alerj	178
Figura 119 - Intervenção mascarando estátuas	179
Figura 120 - Baile de Máscaras na Cinelândia	180
Figura 121 - Baile de Máscaras no Palácio Guanabara	181
Figura 122 - Performance do coletivo Formação de Sereias	186
Figura 123 - Performance do coletivo Formação de Sereias	186
Figura 124 - Produção de cartazes feministas na Ocupa MinC RJ	189
Figura 125 - Guerrilla Girls Talk Back 1985-90	191
Figura 126 - Performance Arrastão das Sereias	194
Figura 127 - Desocupação misógina da Ocupa MinC RJ	195
Figura 128 - Mulheres com Dilma	195
Figura 129 - Bela, Recatada e Do Lar em ato Fora Temer [...]	198
Figura 130 - Mulheres Contra Cunha	204

Figura 131 - Memes de Sininho a lá Nana Gouvêa	205
Figura 132 - Elisa Quadros no Grito da Liberdade	206
Figura 133 - Marcha das Vadias	208
Figura 134 - Performance de Coletivo Coiote	209
Figura 135 - Performance de Viviany Belebony na Parada LGBT	210
Figura 136 - Ato contra Judith Butler no Sesc Pompéia	213
Figura 137 - Marielle Franco	214
Figura 138 - Ato afirma “Marielle, presente!”	216
Figura 139 - Postagem de Marielle no Facebook	218
Figura 140 - Ato Mariele Presente	219
Figura 141 - Placa: Rua Marielle Franco	220
Figura 142 - Marielle Presente, Performers sem Fronteiras	220
Figura 143 - Performance na defesa da Ana Lúcia Pardo	222
Figura 144 - Performance na defesa da Ana Lúcia Pardo	222
Figura 145 - Faixa Junho + 5	223
Figura 146 - Série Manifestações Diárias	225
Figura 147 - Lambe-lambes do Sarau do Escritório	227
Figura 148 - Cartaz “Procura-se” Cabral e Paes	227
Figura 149 - Pano de chão Temer Golpista	228
Figura 150 - Estêncil de Rafael Braga Vieira	230
Figura 151 - Rafael feito de Pinho Sol	231
Figura 152 - 15 de outubro - Nós não esqueceremos!	232
Figura 153 - Mais Amor, Menos Capital	232
Figura 154 - Greve de Fome	233
Figura 155 - Corpo contra a Guarda	234
Figura 156 - Presidente no Grito da Liberdade	235
Figura 157 - Presidente na Cinelândia	237
Figura 158 - Moisés com suas armas no Grito da Liberdade	239
Figura 159 - Escracho no prédio de Cármen Lúcia	242
Figura 160 - “Vôlei” no Muro do Golpe, Corpos Informáticos	243
Figura 161 - Encontro de Criação Artística	244
Figura 162 - Peladas contra a Copa	245
Figura 163 - Pelada Pelada	246

Figura 164 - Blokini, de Celina Portella, em ato na final da Copa	247
Figura 165 - Baratox	248
Figura 166 - Baratox e máscaras	249
Figura 167 - Sapataço nos Palhaços da CPI	250
Figura 168 - Lavagem das Escadarias da Câmara Municipal	251
Figura 169 - Estátua Viva Black Bloc	252
Figura 170 - Estátua Viva Black Bloc	252
Figura 171 - Enterro da CPI dos Ônibus	253
Figura 172 - “E as pessoas na sala de jantar...”	254
Figura 173 - 1º UPP – Uh, uh, uh, Prêmio de Protestos	255
Figura 174 - Fogueira indígena	257
Figura 175 - Ônibus incendiado	257
Figura 176 - Performance Vem Pra Luta Amada	258
Figura 177 - Performance Vem Pra Luta Amada	258
Figura 178 - Performance Vem Pra Luta Amada	259
Figura 179 - Defesa da tese	259
Figura 180 - Estêncil Ocupa Coração	260
Figura 181 - Presidente	261

Todos esses que aí estão
Atravancando meu caminho,
Eles passarão...
Eu passarinho!
Mario Quintana

Introdução

Hoje é 26 de março de 2018. Faz um mês que retornei ao Brasil, após um ano e meio morando na Dinamarca. Entre junho de 2013 e agosto de 2016, participei intensamente dos movimentos que tomaram as ruas de diversas cidades brasileiras, da luta contra o aumento das passagens de ônibus às ocupações da cultura contra o golpe. Com atuação na cidade do Rio de Janeiro, acampeei na Cinelândia com a Ocupa Câmara Rio (9/08 a 15/10/2013), no Palácio Capanema e nas instalações do antigo Canecão com a Ocupa MinC RJ (16/05 a 4/09/2016), totalizando quase seis meses vivendo em ocupações. Essa história começa em 17 de junho de 2013, com a entrada do meu corpo nos atos que já ganhavam fôlego desde o início daquele mês. Um corpo de poeta, performer e atriz, que também viu sua atuação artística transformada pelo turbilhão. Um corpo ainda de artista-pesquisadora, na época criando a dissertação de mestrado em Artes Visuais na UFRJ, a partir de uma série de performances autorais articulando corpo e poesia. Minha atuação nos atos, portanto, sempre se deu sob uma perspectiva ao mesmo tempo estética e política, entendendo como indissociáveis arte e vida, teoria e prática. Já era de se esperar que meu interesse de pesquisa se voltasse para aqueles acontecimentos. No final de 2013, inscrevi projeto de doutorado em Literatura, Cultura e Contemporaneidade na PUC-Rio, com o objetivo de investigar em que medida os atos de junho de 2013 e seus desdobramentos abrem diferentes caminhos no fazer artístico, no cenário político e na produção de conhecimento.

Em performance na defesa da dissertação, em 18 em fevereiro de 2014 na Escola de Belas Artes da UFRJ, já era visível essa transição no meu corpo, criando uma interseção entre performance artística e política de ação direta. A camisa preta amarrada na cara da estética-política black bloc (do bloco negro, do anonimato, da ação fora da lei, da desobediência civil, etc.), mixada ao meu corpo nu preenchido de palavras (de uma série de performances poéticas realizadas a partir de 2010), naquele contexto de pesquisa acadêmica em que a ação acontece (no ambiente formal de cumprimento de um ritual institucional para a obtenção do título de mestre), produz uma imagem-síntese dos atravessamentos propostos. São três imagens sobrepostas no mesmo corpo que produzem uma quarta dimensão.



Figura 1 - Performance na defesa da dissertação. EBA/UFRJ, 18/02/2014. Foto: Júlio Diniz

É com esse corpo e nessa outra dimensão que se delinea essa escrita. Meu desejo inicial de dar voz às multiplicidades que ocuparam as ruas, mascarando levemente a autoria, se revelou inatingível (e até mesmo desonesto), pois sempre haveria uma voz alinhavando, comentando, concluindo: a minha. Ter na estética múltipla, na pluralidade política e na forma de organização descentralizada dos atos uma fonte de inspiração para o processo de escrita não significa se ausentar para fazer outras vozes emanarem. Percebi que poderia fazer justamente o contrário e escancarar a minha voz e a presença do meu corpo numa ética-estética de escrita. O anonimato nunca foi uma ausência. A pluralidade se dava justamente pela forte presença de cada corpo nas ruas com suas singularidades em tensão. Desse modo, resolvi criar este texto na forma de relatos pessoais, os meus diários de tese, com os diversos atravessamentos que se dão no meu próprio corpo de artista, pesquisadora e ativista, e com as várias linguagens que se entrecruzam na vida, mixando poesia, Facebook, performance, fotografia, pichação, ação direta, leituras teóricas, etc. Talvez, do atrito produzido entre este texto, outros textos e outras vivências, se soltem algumas faíscas daquele incendiário 2013.

Os deslocamentos entre tempo e espaço dos acontecimentos e da escrita também são evidenciados. Os relatos se dividem em duas partes precisamente datadas e espacializadas. Na primeira, se apresentam os Diários do Exílio, escritos em Copenhague em janeiro e fevereiro, e na segunda, os Diários do Front, escritos no Rio de Janeiro em março e abril de 2018. Em vez de um movimento linear e causal de 2013 até aqui, o texto parte do *aqui e agora* (espaço/tempo da performance, da ação direta) e produz atravessamentos de tempos e espaços diversos. Embora as datas se sucedam, na maioria dos casos não há continuidade entre um diário e outro e a narrativa não avança. As histórias são contadas a partir do presente e da presença, não como revelação de memórias passadas, mas em um movimento ativo, uma produção de memórias. Não se trata, portanto, de uma análise dos acontecimentos *em si*, mas do próprio acontecimento da escrita, que já é outro. É um pouco como aquele “escrever, verbo intransitivo” barthesiano que, mais do que o conteúdo do que se escreve, revela o próprio movimento da escrita (Barthes, 2005, 2012). Essa estrutura formal não é casual nem meramente estilística, mas uma escolha que afirma determinados pressupostos históricos, teóricos, estéticos e políticos.

Já de cara me posiciono contra uma perspectiva que inventa diacronismo na história e sincronismo na contemporaneidade. Como exemplo, coloco aqui em contraste duas imagens clássicas de conceitos de história: a da linha do tempo do ensino de história dos meus tempos escolares, com uma reta descrita na superfície plana do quadro avançando com sua seta apontando sempre em frente..., e a dos vetores desordenados de diversos tamanhos como múltiplas forças de diferentes intensidades apontando em variadas direções, sendo o acontecimento histórico a resultante desse conjunto infinito de paralelogramas (Engels, s/d) (a essa eu ainda acrescentaria movimentos curvos, ziguezagues, profundidade, terceira e quarta dimensões, duplos sentidos, segundas intenções; alguma poesia, enfim). Essa segunda imagem sempre me pareceu mais adequada. Além disso, toda história é sempre uma criação que se dá *a posteriori*, por mais atrelada aos fatos que esteja. As narrativas diacrônicas tendem a acentuar “a distorção especulativa de fazer da história posterior o objetivo da anterior” (Marx & Engels, 1981, p. 48). Nesse sentido, me contraponho muito claramente a leituras que colocam o golpe de 2016 como consequência direta de 2013, quase como se nessa leitura retrospectiva se

colocasse o objetivo dos levantes de 2013 como sendo o golpe. Portanto, entre continuidades e rupturas, me concentro nas segundas.

Atrelar 2013 ao golpe significa esvaziar toda a sua potência de Zona Autônoma Temporária (TAZ). A definição de Hakim Bey do que seria a TAZ fica muito clara na sua comparação entre revolução e levante, em que a primeira buscaria permanência (ou ao menos alguma duração), enquanto o segundo seria essencialmente temporário. O autor desconfia da ideia de revolução, seja em sua projeção de um futuro que nunca chega, seja pelas experiências passadas que acabaram fundando Estados ainda mais fortes e opressivos. Em contrapartida, os levantes e as insurreições, geralmente lidos como revoluções que fracassaram, passam a ser um terreno fértil para se pensar a produção hoje de uma autonomia momentânea. Para o autor, os levantes são experiências de pico em relação aos padrões normais de consciência e experiência, que não seriam extraordinários caso acontecessem todos os dias. “Mas tais momentos de intensidade moldam e dão sentido a toda uma vida. O xamã retorna – uma pessoa não pode Ficar no telhado para sempre – mas algo mudou, trocas e integrações ocorreram – foi feita uma *diferença*” (Bey, 2013, p. 3). Portanto, essa mesma impermanência, que seria o fracasso de uma revolução, é a grande força de um levante e acaba sendo estratégica na criação de TAZ.

Em uma das muitas definições esboçadas, Bey apresenta a TAZ como “uma espécie de rebelião que não confronta o Estado diretamente, uma operação de guerrilha que libera uma área (de terra, de tempo, de imaginação) e se dissolve para se re-fazer em outro lugar e outro momento, *antes* que o Estado possa esmagá-la” (Bey, 2013, p. 4). A TAZ se move, desaparece *aqui*, surge *ali*, sempre com uma estratégia nômade em relação ao espaço e intempestiva em relação ao tempo. As Zonas Autônomas Temporárias seriam o cenário da nossa autonomia presente, em que a libertação é percebida *durante* o esforço. São “as sementes – ervas daninhas brotando entre as rachaduras das nossas calçadas – desse outro mundo para o nosso mundo” (Bey, 2013, p. 27). Portanto, diferente dos que agora pensam que os levantes de 2013 *não deram certo*, ou que *deram no golpe*, ou mesmo quebrando a sedução nostálgica dos que, incapazes de desapego, apenas se lamentam por *ter acabado* ou desejariam *reencontrar hoje 2013* tal como era (o que em todos os casos só produz paralisia), pensar os atos como TAZ nos traz essa dimensão política libertadora dos movimentos nômades e efêmeros e nos

coloca o desafio de estar sempre criando novas zonas autônomas (produz atividade).

Outro conceito com o qual dialogo é o de contemporâneo desenvolvido por Agamben. O autor define o contemporâneo não como o que adere perfeitamente ao próprio tempo (o sincrônico), mas, ao contrário, o que dele se descola (o anacrônico, o intempestivo). A contemporaneidade “é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a *relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo*” (Agamben, 2009, p. 59). O objetivo da sua proposta de abordagem é se deslocar das superfícies bem iluminadas para poder enxergar o escuro do próprio tempo, o que é lançado na penumbra e que não se pode ver sem esse movimento. Portanto, o que chamo de “agora”, nesse *aqui e agora* de onde falo cruzando diferentes temporalidades e me movendo entre diversos espaços, pode ser também entendido como esse anacronismo, “que nos permite apreender o nosso tempo na forma de um ‘muito cedo’ que é, também, um ‘muito tarde’, de um ‘já’ que é, também, um ‘ainda não’” (Agamben, 2009, p. 66). Mais do que isso, o contemporâneo não é apenas o que enxerga o escuro, mas também o que, “dividindo e interpolando o tempo, está à altura de transformá-lo e de colocá-lo em relação com os outros tempos, de nele ler de modo inédito a história, de ‘citá-la’ segundo uma necessidade que não provém de maneira alguma do seu arbítrio, mas de uma exigência à qual ele não pode responder” (Agamben, 2009, p. 72).

Está claro que os pressupostos políticos atravessam todos os demais, ou, por outra, todos se atravessam, históricos, filosóficos, estéticos. Não que todos tenham sido formulados em consonância, mas aqui os coloco em relação, como os tempos dissonantes do contemporâneo. Eu simplesmente não consigo deixar de relacionar o anacronismo agambeniano ao distanciamento brechtiano, ou de remeter este ao efeito de estranhamento chkllovskiano, por exemplo. Ao mesmo tempo, me vejo impulsionada a ligar tudo isso à produção de presença proposta por Gumbrecht.

O efeito de distanciamento é uma das principais estratégias formais encontradas por Brecht no seu teatro épico para evitar que o espectador se entregasse “sem qualquer crítica (e sem qualquer consequência prática) aos acontecimentos por meio da identificação com os personagens dramáticos”, sugerindo um movimento em que “a atuação dos homens fosse tal e pudesse, ao

mesmo tempo, ser outra” (Brecht, 1967, p. 96). Brecht fala do processo de distanciamento necessário para que se possa compreender (tão contemporâneo como, através de uma relação anacrônica, lançar luz no escuro do tempo). Já Chklovski, ainda antes (mas também nosso contemporâneo), desenvolvia a ideia de estranhamento no campo literário. Para o autor, o papel da arte seria a desautomatização da percepção, através de um procedimento de singularização. Esse procedimento consiste em descrever um objeto como se visto pela primeira vez, em vez de empregar seu nome, para “dar a sensação do objeto como visão e não como reconhecimento” (Chklovski, 1973, p. 45). Ao dificultar e obscurecer um objeto, tornando-o estranho e surpreendente, o que o autor desejava era a sua transferência de uma percepção habitual para a esfera de uma nova percepção. Para o autor, “*a arte é um meio de experimentar o devir do objeto, o que é já ‘passado’ não importa para a arte*”, cuja função seria romper com o automatismo cotidiano e “devolver a sensação de vida” (Chklovski, 1973, p. 45).

O que dizer de Gumbrecht afirmando que o papel da experiência estética seria nos devolver a sensação de estar-no-mundo? Seu interesse na dimensão da presença nas Artes e Humanidades provém da observação de que havia uma cisão produzida no objeto, com primazia para a produção de sentido. O modo de apreensão que lhe interessa resultaria de uma tensão constante entre esses dois aspectos, e era, portanto, necessário trazer à tona a produção de presença. Com a separação entre os fenômenos da experiência (apropriação do mundo pelos conceitos) e da percepção (observação do mundo pelos sentidos), e o surgimento das Humanidades como um “grupo de disciplinas cujo principal ponto de convergência e identidade era uma exclusão, nomeadamente a exclusão das dimensões epistemológicas da percepção e da referência”, gerava-se uma “perda do mundo”, uma “sensação de que já não estamos mais em contato com as coisas do mundo” (Gumbrecht, 2010, p. 73). O autor considera que, com a substituição do paradigma sujeito/objeto pelo conceito de ser-no-mundo, Heidegger devolvia a autorreferência humana ao contato com as coisas do mundo e, contra o paradigma cartesiano, reafirmava a substancialidade corpórea e as dimensões espaciais da existência humana. Além disso, Gumbrecht associa experiência estética a momentos de intensidade, produzidos não apenas por objetos artísticos, como também em variadas situações em que essas intensidades irrompem no cotidiano. A experiência estética, como um modo de produção de presença, afeta nossos

corpos e nos devolve “a sensação de estarmos-no-mundo, no sentido de fazermos parte de um mundo físico de coisas” (Gumbrecht, 2010, p. 146).

Desse modo, eu não apenas abordo os atos como experiências estéticas, mas entendo esta própria produção textual como uma forma de produção de presença, assim como ambos, atos e ato de escrita, podem produzir TAZ, movendo-se nesse contemporâneo anacrônico e nessa história não linear. Como o ator brechtiano, realizo um duplo movimento de aproximação e distanciamento, interpelo o leitor, comento a história, entro e saio dos meus próprios personagens. Com uma escrita autoetnográfica, também desejo me contrapor às grandes narrativas universalizantes produzindo discursos de Verdade, que ocultam sua parcialidade para fazer valer *uma* perspectiva como sendo *a* perspectiva.

Além disso, de acordo com Certeau, relatos e gestos configuram as redes a que se deve dar atenção, na perspectiva de uma democratização, que o autor aponta como condição para uma nova estética urbana. Ao definir a cidade como “o teatro de uma guerra de relatos”, o autor observa que “os grandes relatos da televisão e da publicidade esmagam ou atomizam os pequenos relatos de rua e de bairro” (Certeau, 2011, p. 201). Ao contar as histórias da “minha rua” com o chão que toca meus pés, com esse espaço de fricção entre os pés e o chão gerando as correntes elétricas que impulsionam as mãos no movimento da escrita, crio meus relatos também como gestos – escrever uma cidade e se inscrever na cidade no mesmo ato (como o gesto dos pichadores).

Esse duplo movimento gesto/retrato, que aparece aqui na proposta de *relato como gesto*, também pode ser lido na própria configuração dos atos, em que salta o *gesto como relato*. Naquela linha de tensão entre presença/sentido, em que por muito tempo a construção de sentidos se dava em detrimento da presença, mais do que nunca uma apreensão da presença se faz necessária. Fosse por incompreensão ou por tentativas de apropriação, ao se apontar a ausência de pauta reivindicatória ou uma proliferação descontrolada delas nos atos de junho de 2013 (com a mídia corporativa pinçando apenas as que lhe interessavam, como os discursos contra a corrupção, já lhes conferindo um viés anti-PT), o foco se direcionava para uma produção de sentidos. Com isso, ignorava-se o que era dito na própria ocupação das ruas, seus gestos, sua presença. Ignorava-se a própria multidão como um novo sujeito político, cuja formação já era identificada por Hardt & Negri (2006) a partir dos processos de globalização. Naquele contexto, Pál Pelbart (2013) falava

de desejos, e não de reivindicações. Já Tatiana Roque (2015) se refere a diagramas, e não programas, como uma chave possível para a percepção, não do que esses movimentos querem, mas do que eles fazem, conectando *as expressões e os corpos*. Podemos ainda pegar emprestada a noção de partilha do sensível de Rancière (2005), para sugerir que nesses atos são acionadas ao mesmo tempo *maneiras de fazer e formas de visibilidade*.

A pergunta retórica “o que quer a multidão?”, constantemente lançada nos noticiários da época, já era, portanto, uma armadilha. Ela desviava de tal forma o foco da questão, que não seria profícuo simplesmente responder “a redução das passagens de ônibus”. Não bastaria lembrar que essa pauta se contrapondo ao aumento de 20 centavos nas tarifas sempre esteve muito clara e foi o que detonou aquela onda de protestos, que acabou levando milhões às ruas em centenas de cidades brasileiras. Afinal, não parecia mesmo lógico que 20 centavos pudessem causar tudo aquilo. Pál Pelbart (2013, p. 2) mesmo observa que, “quando arrombaram a porteira da rua, muitos outros desejos se manifestaram”, mas diferente das reivindicações (que podem ser satisfeitas), esses desejos têm a ver com um “imenso prazer em descer à rua, sentir a pulsação multitudinária, cruzar a diversidade de vozes e corpos, sexos e tipos e apreender um ‘comum’ [...]”. No entanto, ignorar essa pauta que estava apresentada com muita clareza já desde o início das manifestações também não nos ajuda a perceber a configuração dos atos.

O aumento das tarifas de ônibus e a ocupação das ruas que daí decorre colocam em evidência a questão do transporte público e da mobilidade urbana, entrelaçada à exigência do direito de circulação e do direito à cidade. Essa afirmação do direito à cidade acaba conectando também outras pautas e agendas constitutivas da questão urbana, como as que Raquel Rolnik (2013, p. 9-10) aponta: “o tema dos megaeventos e suas lógicas de gentrificação e limpeza social” e “a relação entre um projeto excludente de cidade e a militarização dos territórios populares”. Tudo isso já poderia estar sintetizado na bandeira “por 20 centavos”, mesmo se não soassem tão fortes os gritos “Não vai ter Copa” e “Eu quero o fim da Polícia Militar”. O próprio Movimento Passe Livre de São Paulo (2013) apresenta uma perspectiva que parte da mobilidade urbana e atravessa a cidade como bem público comum, em que o transporte é entendido como uma questão transversal a diversas outras pautas urbanas, por garantir o acesso aos demais

serviços, como saúde, educação, cultura, moradia, etc. Além disso, permite agregar uma diversidade de sujeitos, pois “a luta por transporte tem a dimensão da cidade e não desta ou daquela categoria” (MPL-SP, 2013, p. 16).

O MPL surge nos anos 2000 junto a uma nova geração de movimentos urbanos que passam a ocupar as cidades. Além das revoltas dos transportes, há, por exemplo, as ocupações de moradia. Esses movimentos se organizam de forma autônoma, desvinculados das instituições tradicionais de organização política, como partidos, sindicatos e entidades estudantis. Com articulações em rede e horizontalidade nas relações, esses movimentos também têm entre suas principais características as táticas de ação direta, como se vê em ocupações de imóveis e em bloqueios de vias. Não é mais aquela passeata que marcha de um ponto a outro, com discursos de liderança no carro de som, marca sua posição política e logo se dispersa. É uma verdadeira ocupação das cidades, sem tréguas.

Marcelo Pomar (2013) destaca como precursores na formação do MPL a Revolta do Buzu (Salvador, 2003) e as Revoltas da Catraca (Florianópolis, 2004 e 2005). Na primeira, milhares de pessoas ocuparam as principais vias da capital baiana por mais de três semanas contra o aumento das tarifas de ônibus. Nas segundas, no primeiro ano, por duas semanas as vias da capital catarinense foram ocupadas, entre as quais as duas pontes que ligam a ilha ao continente, e no ano seguinte, foram quatro semanas de ocupação da cidade, conquistando a derrubada do aumento tarifário. A partir dali, inicia-se uma Campanha Nacional pelo Passe Livre, que desembocaria não só na criação do Movimento Passe Livre, como na formulação de uma proposta mais abrangente, entendendo o transporte como direito público universal: a Tarifa Zero. Isso acaba esbarrando também em outra questão: a dos conchavos entre políticos e empresários do setor, que exercem uma influência decisiva nas políticas públicas a partir do financiamento privado de campanhas eleitorais. Enfim, o MPL é criado em 2005, em uma plenária durante o Fórum Social Mundial em Porto Alegre, como um movimento apartidário (não confundir com antipartidário, essa distorção fascista), autônomo, independente e horizontal, cuja articulação nacional se dá sob o princípio do federalismo, a partir das organizações locais.

Essa pauta do transporte, portanto, além de poder ser associada a outras questões urbanas e evidenciar as relações promíscuas entre os setores público e privado, se refere sobretudo a uma série de novas práticas políticas desencadeadas

no processo de lutas e formação desses movimentos urbanos contemporâneos. Suas ações são descentralizadas, sem lideranças, possibilitando o surgimento de uma pluralidade de vozes e corpos ocupando as cidades com suas singularidades e criando um comum com as diferenças, além de desnortear os poderes com uma “singularidade qualquer” (Agamben, 1993).

Para o MPL-SP (2013, p. 17), “a organização descentralizada da luta é um ensaio para uma outra organização do transporte, da cidade e de toda a sociedade”. Em sua avaliação, foram vivenciadas práticas de gestão popular, com a tomada direta e descentralizada das ruas e a radicalidade das ações, deslocando-se momentaneamente o controle político da gestão do transporte. Assim, a retomada do espaço urbano, que aparece como objetivo dos protestos contra a tarifa, “também se realiza como método, na prática dos manifestantes, que ocupam as ruas determinando diretamente seus fluxos e usos” (MPL-SP, 2013, p.16). Mais do que conquistar a reversão do aumento das tarifas, conquistaram-se, portanto, as próprias cidades. “O que acontece nos atos é uma reapropriação do espaço urbano como bem comum, onde cabem todos os corpos e todas as vozes – inclusive os desobedientes, inclusive as dissonantes” (Provasi, 2016, p. 438).

Aqueles corpos indisciplinados e indóceis (em contraste com os dóceis, produzidos por uma série de técnicas disciplinares para garantir sua utilidade, identificadas por Foucault em variadas instituições), aqueles corpos desobedientes (como o corpo insurgente do próprio Thoreau em sua proposta de desobediência civil) transgredindo a lei e perturbando a ordem determinada para a circulação nas cidades, interferiram decisivamente nos fluxos urbanos, nos usos e nas percepções dos espaços. Gritos como “Deixa passar a revolta popular”, “Ocupar e resistir” e “Olha eu aqui de novo” já sugerem corpos que não recuam, mas sim avançam, permanecem ou retornam sempre após a dispersão imposta. Ações diretas, como pular catracas nos transportes públicos, e simbólicas, como a queima de catracas nos atos, eram a abertura concreta de passagens onde antes se colocavam impedimentos ao avanço dos corpos e a abertura da imaginação para um mundo sem catracas.

Do repertório black bloc (tática de fundamentação anarquista surgida nos anos 1980 na Alemanha, que ganhou notoriedade mundial com os movimentos antiglobalização entre o final dos anos 1990 e início dos anos 2000), o simbolismo da quebra de bancos e da depredação de patrimônios de grandes corporações (da

luta anticapitalista) e de prédios públicos (representativos do poder opressivo do Estado) também abrem caminhos na imaginação desse outro mundo livre de controle (de um controle que muitas vezes nem se sabe bem de onde vem). Saques e depredações de patrimônios de pequenos comerciantes, apesar da tentação (da minha, pelo menos, com minha formação anticapitalista) de jogá-los no bojo das ações de infiltrados, representam uma adesão à tática, no calor das ruas, por parte de pessoas não organizadas em movimentos nem identificadas com quaisquer tendências políticas-ideológicas. São a explosão e expressão de revoltas acumuladas nos corpos mais oprimidos, que, sem saber para onde direcioná-las, atiram para todos os lados. Às vezes, aparecia manifestante se gabando com celular furtado de loja depredada nas mãos. Mas, diferente dos policiais infiltrados que lançam coquetel molotov contra si mesmos para justificar a violenta repressão, esses manifestantes não são infiltrados, mas a própria revolta popular no contexto brasileiro, encontrando um canal coletivo de expressão (como o sujeito que, individualmente, vai reclamar de um produto e, na falta de disposição para o diálogo, começa a quebrar a loja inteira). “Quebrar a porra toda” já estava no nosso repertório subjetivo oprimido há muito tempo, e de repente ganhou as ruas como impulso coletivo anônimo. A depredação, portanto, que no repertório tradicional *black bloc* anarquista global tinha, sobretudo, uma dimensão simbólica anticapitalista, e na ação isolada de um sujeito representava uma revolta individual inconsequente, aqui assume um traço de libertação coletiva muito concreta (independente dos nossos juízos morais).

A isso se somam ações diretas como virar carros da polícia, incendiar ônibus, construir barricadas de fogo nas vias com latas de lixo reviradas, furar o bloqueio policial e avançar com paus e pedras sobre uma tropa de choque fortemente armada. Essas são algumas das ações que mais trazem à tona aquele deslocamento momentâneo do controle político da mobilidade urbana. Em vez de parar diante da barreira, os *black blocs* avançam ou criam seus próprios bloqueios. Inventam uma nova dinâmica de circulação no espaço urbano, da qual o controle já não está mais nas mãos do Estado nem de empresas privadas. Contra o controle abusivo, criam um descontrole libertador.

Mas não são apenas as táticas de avanço e de novos usos do freio que abrem passagens. Há também as táticas de ziguezague, de imobilidade e de bumerangue. Muitos atos se configuravam como perambulações sem fim, se estendendo por

horas a fio sem roteiros predeterminados. Muitas vezes, não tinham sequer um ato de vandalismo, e só faziam a polícia correr atrás, como um cachorrinho atrás da salsicha na ponta da vara presa atrás de si mesmo. O ziguezague e a perambulação como atos políticos levavam para as ruas um elemento novo, a pura circulação, sem objetivo. Uma ocupação em movimento que não deseja nada além de si mesma: ocupar e mover-se. Pura presença: estar-na-cidade como ser-no-mundo (e ser/estar como verbos de ação, movimento). Às vezes, os atos até tinham um ponto de chegada definido previamente, mas os roteiros nunca eram cumpridos. A ausência de um líder para um basta fazia a coisa se prolongar indefinidamente, tomar outros rumos, se tornar imprevisível, e por isso mesmo muito mais potente.

Já a tática de bumerangue é à qual acabo dando destaque já no título desse trabalho: “Olha eu aqui de novo”. Talvez pelo “eu” contido na sentença e por esse meu ressurgimento em 2018. Mas, talvez, principalmente, pelo que contém de alegre ameaça na perspectiva de criação de infinitas zonas autônomas temporárias. A frase era cantada num tom debochado e sarcástico, com alegria e sorrisos, quando pouco a pouco nos reagrupávamos, vindo de diferentes caminhos, no mesmo lugar de onde tínhamos corrido, após os violentos ataques da polícia determinarem a hora da dispersão. Aquele canto ia crescendo com o ressurgimento de mais e mais corpos, e de repente estávamos todos pulando eufóricos. Esse eterno retorno entre lágrimas de gás lacrimogêneo e spray de pimenta com um largo sorriso no rosto, um sorriso selvagem, afirmando a nossa não-rendição à repressão e ao mesmo tempo a nossa alegria de estar nas ruas, era um novo deslocamento que se produzia não só na cidade, como em nós. Todos o são, aliás. Mas o bumerangue foi lançado e já era (mesmo que agora possa parecer que não).

A tática da imobilidade não é de modo algum ausência de ação, mas se refere, sobretudo, a um momento de permanência nas ocupações. Temporárias, sim, mas se movendo dentro de uma duração. O imóvel, nesse sentido, não se refere ao *estar parado*, mas tem mais a ver com o *ato de parar*, dentro de um imperativo de circulação que se impõe nas cidades, seja pela necessidade de circulação de bens e mercadorias, seja pelas imposições da ordem policial. Parar, na perspectiva da produção industrial, sempre foi ação política e principal tática de greve (mal adaptada para setores não produtivos na lógica do capital, como educação, saúde e serviços públicos em geral, que em vez de produzir prejuízos,

propiciam economia de gastos para os governos). No entanto, o gesto de parar generalizado e fincado no coração das cidades, ocupando espaços e distendendo o tempo (atrapalhando o trânsito e atrapalhando o sábado, como na canção de Chico), trazem uma dimensão bem mais produtiva para essa proposta de paralisia. A recusa ao deslocamento faz dessas ocupações, não uma forma de negação, mas a afirmação prática de novas relações cotidianamente construídas, públicas, coletivas, solidárias e desierarquizadas, e de novos modos de ser/estar na cidade, criando comunidades *com* as diferenças, e não apesar delas.

Detonadas por questões locais específicas, mas bem similares nas formas organizativas e estratégias de comunicação, essas ocupações se propagaram por todo o mundo já desde o início da década de 2010. Somos os 99%, os indignados, somos diversos corpos rebeldes criando uma imobilidade ativa, que não arreda os pés da cidade, enquanto produz novas formas de vida. Ocupamos a Praça Tahrir (Cairo, 2011), a Puerta del Sol (Madri, 2011), a Praça Catalunya (Barcelona, 2011), a Praça Syntagma (Atenas, 2011), o Zuccotti Park em Wall Street (Nova Iorque, 2011), a Cinelândia (Rio de Janeiro, 2011 e 2013), o distrito Central (Hong Kong, 2014), e muitos outros espaços, em diferentes temporalidades, nas mais variadas cidades do mundo.

Ocupando a pólis, recusando a circulação, um ato parado toma aspectos políticos, cinéticos, estéticos, pois a ocupação e o permanecer demonstram e revelam como o ímpeto e o imperativo de circulação e de agitação são coreografias que policiam, bloqueiam e impedem uma outra visão da vida. (Lepecki, 2012, p. 57)

De acordo com Žižek (2013, p. 104), “o que unifica tantos protestos em sua multiplicidade é que são todos reações contra as múltiplas facetas da globalização capitalista”, que se apresentam de maneiras diversas de acordo com a formação cultural e a estrutura política de cada local. Para o autor, há uma sensação geral de mal-estar, um mal-estar mais profundo ganhando força sob a superfície de cada demanda específica, em que manifestantes do mundo inteiro experienciam um sentimento fluido de desconforto e descontentamento compartilhado, que sustenta e une as demandas particulares. Esse sentimento geral de revolta global, detonado com a Primavera Árabe e propagado no mundo inteiro no início da década, pode ser identificado no caso brasileiro em gritos como “Não é a Turquia nem é a

Grécia, é o Brasil saindo da inércia” e “Acabou o amor, isso aqui vai virar o Egito”.

Ao mesmo tempo, o Choque de Amor e a Tropa de Nhoque ocupavam as ruas do Rio. Tinha Ocupa Cabral, Ocupa Câmara e também Ocupa Carnaval. Teve vandalismos e glittervandalismos, black blocs, black profs. e pink blocs (como complementares, não excludentes). Teve greve dos petroleiros, greve dos garis, dos professores, greves unificadas com os metroviários e os aeroviários. As manifestações contra a Copa e contra as remoções. Aldeia Maracanã e uma insurgência indígena urbana. Os atos contra a matança desenfreada nas favelas. Teve o caso Amarildo e Rafael Braga Vieira como bode expiatório dos atos. UPP em cheque, denúncia do genocídio, “todo preso é um preso político” e todos os gritos contra o racismo. “Tire seu rosário do meu ovário” e os novos feminismos. “Ei, Cabral, toma da polícia, porque tomar no cu, eu te garanto, é uma delícia” e todas as lutas contra a homofobia. As assembleias populares, os midiativismos, a advocacia ativista, a medicina socorrista, os artivismos. Grafites, pichações, estênceis e lambe-lambes dando o nosso colorido à cidade. Entre 2013 e 2014, o Rio de Janeiro vivenciou uma ocupação ininterrupta, que encerrava um ciclo em 30 de julho de 2014, em um ato contra a criminalização das lutas, pela liberdade de Rafael Braga Vieira que seguia encarcerado e pela anulação do processo contra os 23 ativistas presos preventivamente na véspera da final da Copa. Desse ato, retenho a imagem de um pula-pula levado para as ruas na linha de frente da manifestação. Retenho essa sensação no corpo: tocar o pé no chão será sempre nosso impulso.

Vistos a partir da sua própria materialidade, tomando cada acontecimento em particular, e, ao mesmo, vistos em panorama, tomados como conjunto, todos esses atos assumem o aspecto de uma luta antissistêmica mundial, produzindo localmente, ao mesmo tempo, novas formas de vida comunitárias em experiências temporárias e nômades. Refletem um desejo de presença e de participação direta na vida política, bem como da participação direta na produção de uma estética (não circunscrita ao domínio artístico). Refletem uma crise de representatividade política, à qual corresponde, na arte, a própria crise da representação, que já havia levado à entrada do corpo e à diluição da fronteira entre arte e vida.

A centralidade do corpo e da presença na performance, bem como sua dificuldade de definição e delimitação, com um vasto campo de ação e o recurso a

múltiplos meios expressivos, sua transdisciplinaridade, sua transitoriedade, seu caráter de acontecimento, dentre as mais variadas possibilidades de abordagem de atos performáticos, me levaram a pensar os atos de 2013 a 2014 como performance. Meu interesse já se voltava para ações artísticas de ocupação das ruas da cidade, irrompendo nos fluxos cotidianos como um elemento estranho e perturbador, bem como para processos coletivos de criação.

Em 2010, no curso de teatro da UNIRIO, substituímos a Prática de Montagem Teatral, disciplina obrigatória sob a tutela de um aluno-diretor, por uma prática de Processos Coletivos de Criação Teatral, na linha do teatro-performance com atuação nas ruas, proposta pelo grupo Teatro de Operações (com o qual também tive a oportunidade de atuar no trabalho *A Cena é Pública*). Naquele mesmo ano, com um grupo coordenado pela professora Tania Alice (na época integrante do coletivo *Heróis do Cotidiano* e hoje com o *Performers Sem Fronteiras*), realizamos no bairro do Leblon a performance-passeata *Salvar os Ricos*, soltando, entre outras pérolas de ironia, a canção “Bolsa família não; bolsa Louis Vuitton!”. Essa performance acabaria por se revelar visionária quando, a partir de 2015, os paineleiros de sofá dos bairros nobres passaram a ocupar as ruas em prol do impeachment, com pato da Fiesp, camisas da CBF e suas reivindicações elitistas visando justamente salvar os ricos. Mas o próprio Leblon como cenário inédito de ação política havia sido mesmo ocupado em 2013. Primeiro, com a *Ocupa Cabral*, na esquina do prédio onde o governador residia, e, a seguir, com a manifestação que terminou com a depredação da loja da Toulon, desdobrada em um ato intitulado *Missa de 7º dia dos Manequins da Toulon* uma semana depois (já entre gritos de “Cadê o Amarildo?” e recordações da recente chacina na Maré), diante da ofensiva do Estado contra os vândalos e da comoção dos moradores pela morte daqueles seres inanimados arrancados das vitrines da loja. Em 2013, dois meses antes da eclosão dos protestos, conheci a professora Bia Medeiros e comecei a me aproximar de seu grupo *Corpos Informáticos*, conhecer suas propostas de CU (*Composições Urbanas*), bem como tomar contato com os trabalhos de diversos outros grupos no encontro *Performance, Corpo, Política*, durante o qual também participei de ações coletivas na cidade de Brasília.

Com o esfriamento das ocupações das ruas a partir do segundo semestre de 2014 (no momento em que começa uma polarização eleitoral), eu encontraria um

canal de experimentação e criação coletiva com a formação do coletivo Atrizes Ou, em 2015, como um Grupo de Pesquisa em Performance, Arte e Política. Realizávamos semanalmente encontros abertos na Casa Nuvem, com um somatório de pesquisas individuais compondo os processos e as práticas do grupo. Apresentei com Ana Karenina Riehl, Brenda Jací, Tânia Ikeoka, Marcela Mara, Lívia Diniz, colaboração de Peter Franco e participação especial do Presidente (houve mais participantes transitórios ou agregados posteriormente) o nosso Desensaiio Aberto: Estado de Sítio, no qual muitos elementos dos atos que já compunham a minha pesquisa de doutorado foram agregados. Em 2016, já sem a Casa Nuvem (transformada em Nem), nossas ações se voltaram exclusivamente para as ruas, especialmente com ações em frente às sedes da Rede Globo no Jardim Botânico, e, a partir de maio, eu, Ana e Brenda nos juntaríamos à Ocupa MinC. Todas essas experiências foram importantes na minha trajetória artística e de pesquisa, pois marcam uma recusa à figura autoritária do diretor e um desejo de horizontalização das práticas artísticas, além do meu deslocamento dos meus projetos individuais para encontros coletivos, tendo a cidade como principal espaço de ação/criação.



Figura 2 - Desensaiio Aberto: Estado de Sítio. Casa Nuvem, 17/10/2015. Foto: Rany Carneiro



Figura 3 - Ensaio do Desensaio Aberto. Casa Nuvem, 16/10/2015. Foto: Clayton Leite

Foi também nesse intervalo que se deu meu encontro teórico com André Carreira (2008) e sua proposta de um teatro de invasão (e da cidade, não como cenário, mas como dramaturgia), e com André Lepecki (2012) e sua sugestão de uma coreopolítica (contra os coreopolicamentos que impõem a circulação e ditam os movimentos adequados), partindo do teatro e da dança, respectivamente, para pensar novas formas de ocupação das cidades. Entre performance artística e ação política, as ações que os autores analisam irrompem em meio aos fluxos habituais e uma ordenação dos corpos na cidade (imposta seja pelo poder do Estado ou pela lógica do capital), e inserem “na lógica funcional da cidade deslizamentos momentâneos” (Carreira, 2008, p. 69), provocando estranhamentos e subvertendo os usos cotidianos dos espaços.

Meu ímpeto inicial de abordar os atos como performance arrefeceu, em certa medida, porque os estudos da performance deixaram de me interessar como ponto de partida. Essa perspectiva passa a ser alinhavada pelo meu próprio corpo de performer, pela minha voz de poeta, em vez de numa costura de histórias e teorias da arte. Muitas estão subjacentes, fazem parte da minha formação (umas até aponto nesta introdução ou surgem em outros momentos da escrita), mas já não importam tanto na construção deste texto, porque já deixei de olhar os atos com desejo de definição (Talvez, apenas como TAZ e nada mais). Resolvi olhá-

los, apenas, e deixar que eles me olhem. Mantê-los com sua abertura inexorável. Deixar algo falar nessa produção ativa de memórias, aquilo que salta na hora e nem estava previsto no meu roteiro inicial. Avanço, ziguezagueio, paro, vou e volto, como nas táticas de ocupação das cidades. Deixo algo se produzir no movimento da escrita e muitas vezes surpreender a mim mesma, como aquela imprevisibilidade nos atos. Eu também me abstenho de conclusões e me esquivo da impossível tarefa de dar conta de tudo, embora deseje atravessar, mesmo que de passagem, a maior parte das coisas que me afetaram (e afetam ainda).

A minha metodologia é como a de uma colecionadora. De imagens, áudios, vídeos, frases cantadas nos atos, pichadas nos muros, de *prints* do Facebook. Colecionadora de histórias lidas e vividas – das minhas próprias vivências, que são a principal fonte de uma autoetnografia, e de todas as leituras que me atravessam ao longo da vida, teoria, reportagem de jornal, poesia. A organização do material colecionado – especialmente do amplo levantamento iconográfico e fonográfico das manifestações realizado desde 2013 – em pastas divididas entre atos, ocupas, escritas urbanas, experiências sonoras, personagens, performances, etc. (com diversas subdivisões internas), acabou sendo muitas vezes o ponto de partida de uma escrita. O recurso à fotografia, usado amplamente na construção deste texto, não apresenta as imagens como mero exemplo ou ilustração. As imagens são fonte de pesquisa, citação, estratégia de materialidade, produção de presença.

Às vezes, me vejo como uma catadora (em algum lugar entre Duchamp e Estamira, ambos com seus achados, entre a arte e a esquizofrenia, mas sem entrar no mercado da arte ou pôr os pés no lixão). A minha coleção não cessa de se ampliar e o meu divertimento é estar sempre mudando tudo de posição e mostrar. Já virou livro de poesia (“As guerras nos porta-retratos”, 2014), vídeo (O Fantástico Mundo da Mídia, 2014), performances diversas (Vandalismo Poético, 2013 e 2014; Ocupa Coração, 2014; Ocupa-se, 2015; Arquivo Vivo, 2015; Quem acaba com o seu colorido?, 2016), processo de criação coletiva (Desensaio Aberto: Estado de Sítio, 2015), trabalhos acadêmicos e artigos (“Mascaramento da autora e escritura expandida”, 2014; “Atos como performance na ocupação do espaço urbano”, 2016), e, agora, tese de doutorado: “Olha eu aqui de novo!”, 2018. A graça está em organizar essa coleção cada hora de uma forma diferente e

devolvê-la ao mundo. Produzir presenças, brincar de TAZ. Minha coleção não acaba aqui.



Figura 4 - Capa de livro: As guerras nos porta-retratos. RJ, 2014. Foto: Marcelo Valle



Figura 5 - Performance: Quem acaba com o seu colorido?, Palácio Capanema e Cinelândia, 24/05/2016. Foto: Rebeca Belchior

2

Diários do Exílio

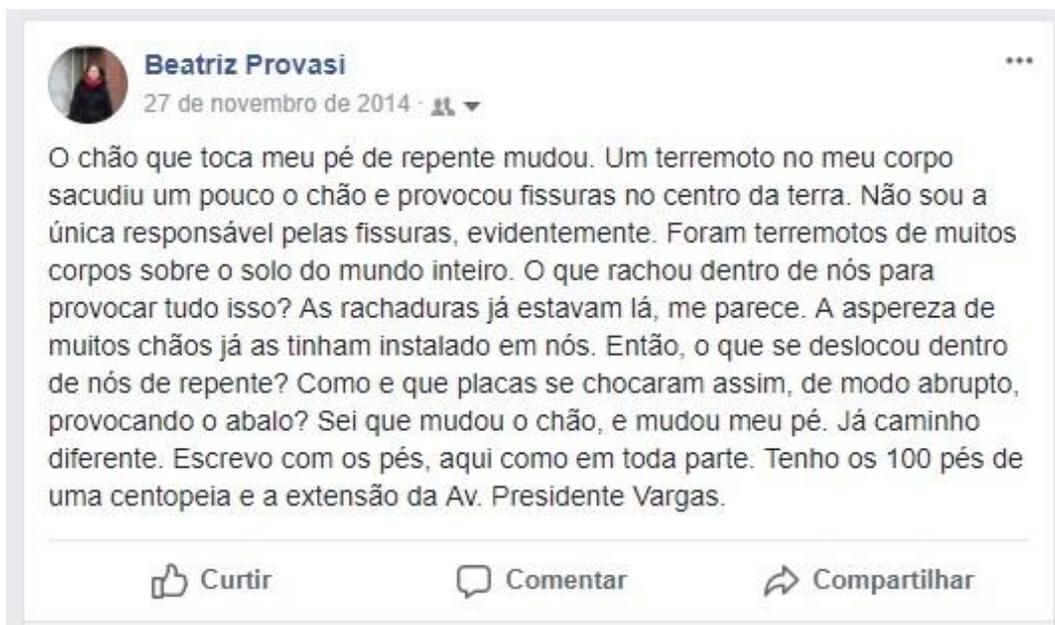


Figura 6 - Abertura de um trabalho acadêmico sobre 2013. Facebook, 27/11/2014.

2.1.

17 de janeiro de 2018

If you get tired, learn to rest, not to quit.

Banksy

Enfim começo a escrever a tese, que já passou por tantas transformações ao longo do tempo (assim como o Brasil e o mundo). Ainda não sei como articular toda a pesquisa teórica e histórica que me acompanhou por quase cinco anos nesse processo. Deve aparecer em algum momento, mas assim mesmo, como aparição. 2013 virou um fantasma me assombrando nos últimos tempos. Era fervura, calor, ebulição, explosão. Era pura presença. Fogo consumindo até virar brasa, até virar cinza e bater um vento. 2013 me escapou. E então percebo que não era mesmo um equívoco pensar os atos como performance e que a pergunta sobre como lidar com os rastros de uma performance após o acontecimento permanece viva. Não sei se fazer outra arte para falar de arte seria o caminho, como propôs Barthes e eu li num texto da Bia Medeiros (2011) – e posso mesmo já estar deformando a meu

modo a matéria lida (mas afinal, não é isso o que fazemos todos com nossos jargões acadêmicos e recortes dos textos dos outros, que por sua vez são recortes de outros e outros?). O que sei é que, nesse momento, um 2013 escrito por mim não poderia ser outra coisa senão um texto-performance, um texto-eu-aqui-e-agora, um diário-de-Copenhague como os tantos outros que escrevi nessa minha temporada de exílio voluntário.

Por uma infeliz coincidência, embarquei para a Dinamarca um dia após a confirmação do impeachment no Senado, depois de mais de 3 meses de Ocupa MinC, no meio de uma loucura tão grande que eu mal tive tempo de fazer as malas. Sei que vim no momento certo e nunca hesitei em chamar de exílio, porque a minha tristeza seria muito maior com o que se desenrolou no Brasil a seguir e eu, como tantos outros, já não encontraria forças para lutar. Então, me entretive com a luta cotidiana que eu podia concretamente vencer, que é também a luta árdua de todos os imigrantes: se estabelecer em um novo país. Aprender uma nova língua, entender outra cultura, encontrar casa, se habituar a uma diferente culinária, decifrar os rótulos dos produtos nas prateleiras do mercado, se orientar pelos traçados de um mapa até os pés aprenderem os novos caminhos, se acostumar com a moeda local e os preços até parar de fazer conversões absurdas, conseguir pedir uma informação e compreender a resposta, entender o funcionamento do transporte público, do sistema de saúde, da instituição de ensino, se entender com toda uma nova burocracia para ter algum direito de cidadania, descobrir novas amizades, reaprender até mesmo a andar de bicicleta após muitos e muitos anos sem prática. Tudo, enfim, como reaprender mesmo a andar. Totalmente *lost in translation*, encontrei na escrita de diários uma forma de me reconectar comigo mesma, com a minha cultura, a minha língua e, principalmente, com meus amigos e amigas. Era uma necessidade de manter sempre aceso o diálogo com o Brasil, animado pelas réplicas e tréplicas de comentários no Facebook.

A escrita dos diários logo se tornou um projeto de publicação em livro, com textos cada vez mais elaborados. Literatura urbana abrangendo quantas cidades meus pés pudessem alcançar, avançando por mais de um ano em solo europeu (em que eu pisava então pela primeira vez). Narrações do cotidiano e impressões dos lugares, com pitadas de poesia aqui e teoria ali, passando por política, cultura, arte, arquitetura, sociologia, filosofia de filósofo e filosofia de boteco, muitos e

muitos afetos... Meu processo antropofágico, enfim. Devoração de tudo e alguma devolução. Em algum momento, me dei conta de que só havia uma Europa que eu poderia escrever: a minha. De fato, não se escreve *sobre*, se escreve *a* coisa. A Europa que eu escrevi se criou no momento mesmo da escrita. E tem um tanto de Brasil e de mundo, tem muito de mim e mais um tanto de tanta coisa, que só poderia mesmo ser *outra*. Por um processo de contaminação inevitável, esse modo de escrita acaba se impondo na tese. Essa é a história do meu 2013. Um 2013 no Brasil que na verdade se cria em 2018 na Dinamarca, enquanto meus pés avançam em direção ao abismo. Foi no último Diário de Copenhague que eu me dei conta desse abismo, enquanto comentava o bloqueio que estava tendo para escrever:

Enquanto vou me aproximando dos 37 anos, do retorno ao Brasil e do final do meu Doutorado, vejo voltar uma velha pergunta que nunca me larga: “O que você quer ser quando crescer?” Parece que em algum momento eu vou ter que responder. Meu último grande plano, que levou seis anos para se desenvolver ao longo de um mestrado e um doutorado, foi morar no exterior com bolsa da pesquisa. O dia que eu me tornar doutora é o dia que se abre um abismo sob os meus pés. A partir daí, o quê? Talvez por isso eu tenha bloqueado a escrita da tese. E até esses diários estejam se tornando um projeto interminável. Não adianta andar 5 anos para trás para tentar reencontrar um 2013 que não existe mais. É essa Bia de hoje andando em direção ao abismo quem vai escrever, e esse abismo vai ter que aparecer pra contar a história. (Provasi, 2018)

Então, o abismo aparece para contar a história. E talvez se torne uma história assim, toda esburacada. Lembro o primeiro grande abismo, o que eu realmente senti como um buraco sem fundo: a morte do Presidente (como era conhecido o Sérgio, morador de rua e companheiro de lutas da Cinelândia). As prisões de ativistas tinham sido uma porrada, muita coisa já tinha sido uma porrada, inclusive a porrada da polícia mesmo, mas ainda era possível lutar. Já a morte é irreversível. E me parecia que com o Presidente morria uma era, uma fase na história do Brasil, alguma coisa em nós mesmos se enterrava um pouco com ele. Era final de 2015 e o enterro virou um ato político, um cortejo carnavalesco, uma grande celebração da sua passagem pelos nossos mundos, uma performance pelas ruas do Rio parando o tráfego, atrapalhando o sábado (uma quarta-feira, na verdade) e sem dúvida intrigando o público. Eu nunca havia visto um enterro como aquele, me parecia expressão de Nelson Rodrigues (1996, p. 97): “um enterro de penacho”. Um morador de rua velado na Câmara Municipal do Rio de Janeiro com honras de chefe de Estado. Ele era mesmo o Presidente. O nosso, o único, insubstituível. Personagem das minhas melhores histórias de 2013 e 2014,

no auge dos atos, e personagem também no meu primeiro trabalho de teatro-performance com o coletivo Atrizes Ou em 2015, interpretando um presidente e sendo tão ele mesmo: presente.

Naquele ano, a Casa Nuvem foi nosso tubo de ensaios. Ele estava sempre por lá. Eu, naquela época, querendo inventar novas metodologias de pesquisa, criei um encontro para debater 2013 de forma horizontal, um tipo de entrevista sem entrevistador nem entrevistado, com convocação aberta, pedindo aos próprios participantes que formulassem as perguntas a serem jogadas na roda. Um tom de tristeza, desesperança e incompreensão já podia ser sentido em cada fala. O que deu errado? Como se as coisas precisassem de uma progressão. Eu já pensava 2013 como uma performance. Muito potente, mas acabada. E já queria criar outras performances com a matéria que estivesse à disposição. Não era mais a multidão. Mas nossos corpos singulares ainda estavam lá. Alguns deles, pelo menos. Só que já tão desgastados... Estávamos cansados. Aquela roda de conversa foi quase um processo de análise em grupo – e talvez precisássemos disso. Mas ali eu vi que não reencontraria 2013, nem conseguiria criar algo novo com aquele material naquele momento, e fechei a tampa do abismo: não mais entrevistas. Talvez, ali, eu tenha começado a me questionar sobre a minha capacidade de escrever a tese à qual eu tinha me proposto, porque eu tinha um recorte fechado: 2013-2014, mas não podia fingir que aquele 2015 não estava acontecendo. E então ficou tudo muito mais nublado em 14 de dezembro daquele ano: morria um dos principais personagens, e eu não sei até que ponto de solidão. A multidão que apareceu no seu enterro não estava na UPA em que ele foi internado. Eu mesma deixei de retornar uma ligação sua naquela semana e me sinto um pouco responsável. A gente não estava mais junto. A ocupação das ruas tinha definitivamente acabado. Voltaram todos para as suas casas. Exceto, claro, quem não tinha casa para voltar.



Figura 7 - Eu e o Presidente em 2014. Facebook, 17/01/2018. Foto: Madiano Marcheti

O enterro do Presidente foi como um *grand finale*. Talvez ele tenha escolhido o momento de ir embora, como todo grande personagem. Ou, talvez, eu esteja dizendo isso só para me consolar ou fazer essa história engrenar. Porque a gente precisava daquele último suspiro de êxtase coletivo para encerrar. Dor e delícia, lágrima e riso, flor, vela e purpurina, apoteose nas ruas do Rio, fazendo o Presidente mais uma vez ocupar, e a gente ocupando junto, até chegar num lugar que só ele podia ocupar e para sempre. “Ocupar, resistir, lutar pra garantir”. E a gente mais uma vez ir embora deixando ele ali sozinho, mas dessa vez com cimento e uma placa por cima.



Figura 8 - Lápide do Presidente, por Alex Frechette. Cemitério do Catumbi, 16/12/2015. Foto: Andreia Queiroz

Como pode a lágrima escorrer com palavras de ordem cantadas alegremente? Já não era efeito do gás, infelizmente. A gente parou a cidade para a banda passar atrás de um carro funerário, da Câmara ao cemitério. Uma banda esquisita com anarquista e vereador, madame e morador de rua, machista e feminista radical, gente de todas as idades, origens étnicas, formações culturais, crenças e descrenças religiosas, orientações sexuais, classes sociais, tendências políticas. Só o Presidente seria mesmo capaz de juntar toda essa gente no final de 2015, quando tantos acirramentos já se acentuavam. 2013 ficou com ele, com cimento e uma placa por cima. E a ironia de ter sido ele a rezar a missa no Enterro da CPI dos Ônibus na Ocupa Câmara Rio. Naquela cena, eu era a viúva. Hoje, um pouco órfã.



Figura 9 - Missa de 7º dia da CPI dos Ônibus. Cinelândia, 16/09/2013. Foto: Ocupa Câmara Rio

Eu estava com um baita bloqueio para escrever 2013, até que hoje li uma frase do Banksy: “If you get tired, learn to rest, not to quit”. E de repente entendi o quanto de tudo isso tem sido cansaço, e o quanto também tem sido descanso, mas jamais desistência. Eu não poderia desistir do ser humano, uma vez que é a única coisa em que eu acredito. Se não tem um deus para nos salvar e não há a possibilidade do paraíso, é a gente mesma que tem que fazer isso, sem cruz, sem mártir, sem super-heróis da Marvel, nada disso. Apenas sendo humano, demasiadamente humano, com todas as limitações da nossa humanidade, que certamente também incluem o cansaço, dentre outras imperfeições. Nosso corpo é frágil.

Eu já vinha de um longo descanso de ativismo político, quando junho de 2013 aconteceu e quase me escapou pelos dedos. Eu andava distraída com meu belo umbigo poético e performático, fazendo dele uma dissertação de mestrado com corpo e poesia, imprimindo palavras na minha própria pele, em vez de palavras na pele do mundo. Não tem ironia autocrítica aqui não, eu realmente precisava passar por esse processo, redescobrir meu corpo um pouco comigo mesma (e mais meia dúzia de amigos e amigas), antes de relançar meu corpo nas ruas com os corpos dos outros. Até 17 de junho, tudo o que eu havia acompanhado dos atos eram noticiários de TV, mas, mais importante ainda (e razão da reviravolta), relatos no Facebook e vídeos no Youtube.

Eu não estava muito inclinada a participar de manifestações contra o aumento das passagens de ônibus, uma vez que isso de fato não me afetava: eu já tinha conquistado o sonho do carro próprio. Talvez, se fosse contra o aumento dos combustíveis... enfim, cada um com seu umbigo. Eu apoiava de longe, como manifestação *dos outros*. De qualquer forma, ia ficando cada vez mais incomodada com as imagens subsequentes de violência policial contra manifestantes e já quase vibrava a cada cena incendiada. Mas foi um breve vídeo no Youtube, de um ato no Maracanã durante um dos jogos da Copa das Confederações, em 16 de junho, que me levantou do sofá definitivamente. Nele, se via uma galerinha pacífica, “de boas”, ingênua mesmo, eu diria, ajoelhada cantando o hino nacional de frente para a tropa de choque com seus escudos erguidos, já posicionada para o ataque. O ataque não tarda e gera um desespero e uma correria, e é tão claramente uma covardia sem sentido, que a questão que enfim se colocou para mim e fez aquilo tudo me dizer respeito foi: não é por 20 centavos, é por liberdade de expressão e direito de manifestação. Agora, ela também era *minha*. Acho que, naquelas últimas semanas de junho de 2013, cada um tinha o seu “não é só por 20 centavos”. Bom, o meu era esse.

Enfim me vi ameaçada e então não podia descansar nem mais 20 segundos. Não me aquietaria nem por 20 milhões. E em menos de 24 horas estava me juntando à manifestação do dia 17. Até o dia 20, já saberia dizer com clareza quem eram os vândalos e o que era vandalismo, após o ato de um milhão de pessoas ter sido barbaramente reprimido pela polícia, que impôs um verdadeiro toque de recolher na cidade. Naquela noite, o apartamento da minha irmã, que ficava na subida de Santa Teresa próxima aos Arcos da Lapa, virou uma espécie de campo de refugiados, para onde levei amigos e amigas que fui encontrando pelo caminho enquanto fugia dos ataques da tropa de choque desde a Avenida Presidente Vargas. Da janela, podíamos ver bombas sendo atiradas na Rua Joaquim Silva, e durante a noite inteira ouvíamos barulho de helicópteros rondando a cidade. No início da madrugada, as ruas estavam completamente vazias e já não havia sequer um bar aberto na Lapa. Fomos de um milhão à cidade fantasma. Foi quando criei meu próprio Noticiário em forma de poema, revelando vândalos bem diferentes daqueles que apareciam nos noticiários de TV.

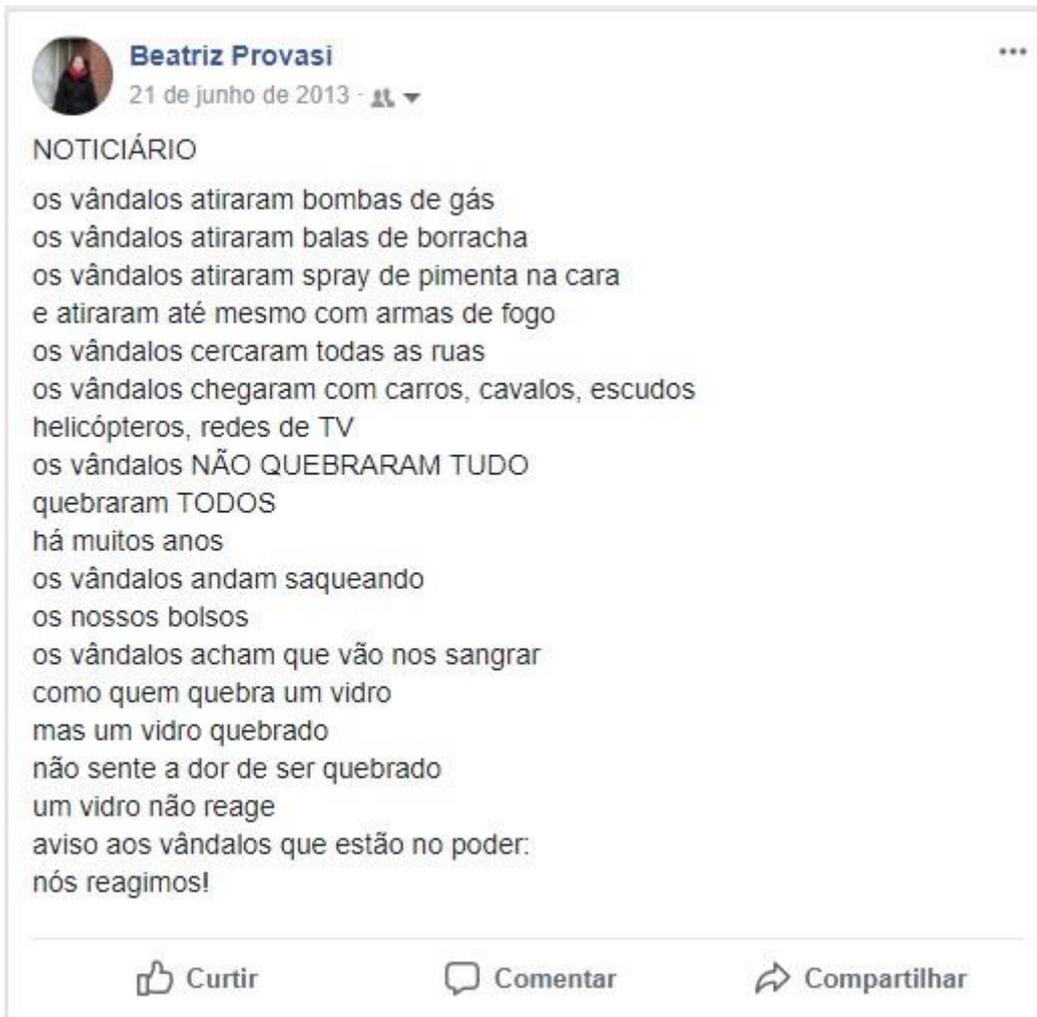


Figura 10 - Poema Noticiário. Facebook, 21/06/2013.

Mas meu primeiro ato de vandalismo foi contra o vandalismo. Incoerente, né? Ninguém disse que coerência fazia parte desta escrita. Nunca fez parte da vida e é sempre *fake* nas teses acadêmicas. Cria-se um encadeamento inexistente, num movimento progressivo, justificado por outros escritos, para se chegar à grande conclusão final. “Não me venham com conclusões! A única conclusão é morrer” (Pessoa, 1998, p. 165), diria eu num ato fernandopessoístico, mas sem a mesma sagacidade do original, que soube criar heterônimos para dizer o que não devia ser dito. Na verdade, nem o Presidente está concluído – ele promete ressuscitar em muitos outros capítulos. E se alguém tirar alguma conclusão de tudo o que estará aqui escrito, será de inteira e única responsabilidade de quem lê. Eu mesma não tenho nada com isso. Sempre que possível, eu me esquivo. Até minto, pois tenho, sim, heterônimos: o Diogo Tavares dos registros burocráticos e a Beatriz Provasi na vida e na arte. Além de todas as minhas faces mascaradas e anônimas, das

quais algumas são enfim aqui reveladas, como as dos meus atos de vandalismo, que foram em grande parte pichações e estênceis nos muros do Rio.

Naquele dia 17, eu achava que o ato tinha sido bonito, sem repressão da polícia, cumprindo seu objetivo de marchar da Candelária à Cinelândia, e já estava pronta para brindar com amigos e amigas, quando um grupo de mascarados raivosos passa por mim anunciando o desvio da rota final da Cinelândia para a Alerj. Aquele era o meu primeiro ato de junho e eu ainda era incapaz de entender a repressão da polícia acumulada que já corria nas veias da galera. Foi o dia em que tomaram a Alerj, incendiaram tudo em volta, picharam o Paço Imperial, fizeram um escarcéu antes de a polícia conseguir reprimir. Eu não vi nada disso. Estava tomando uma cerveja no Princesa da Lapa e, com a colaboração de Gaia Catta, que me empresou o *jet*, e de Felipe Falcão, com a caligrafia, deixando as minhas primeiras pichações nos muros:



Figura 11 - Pichação: O amor é a minha guerra. Lapa, 17/06/2013. Foto: Beatriz Provasi

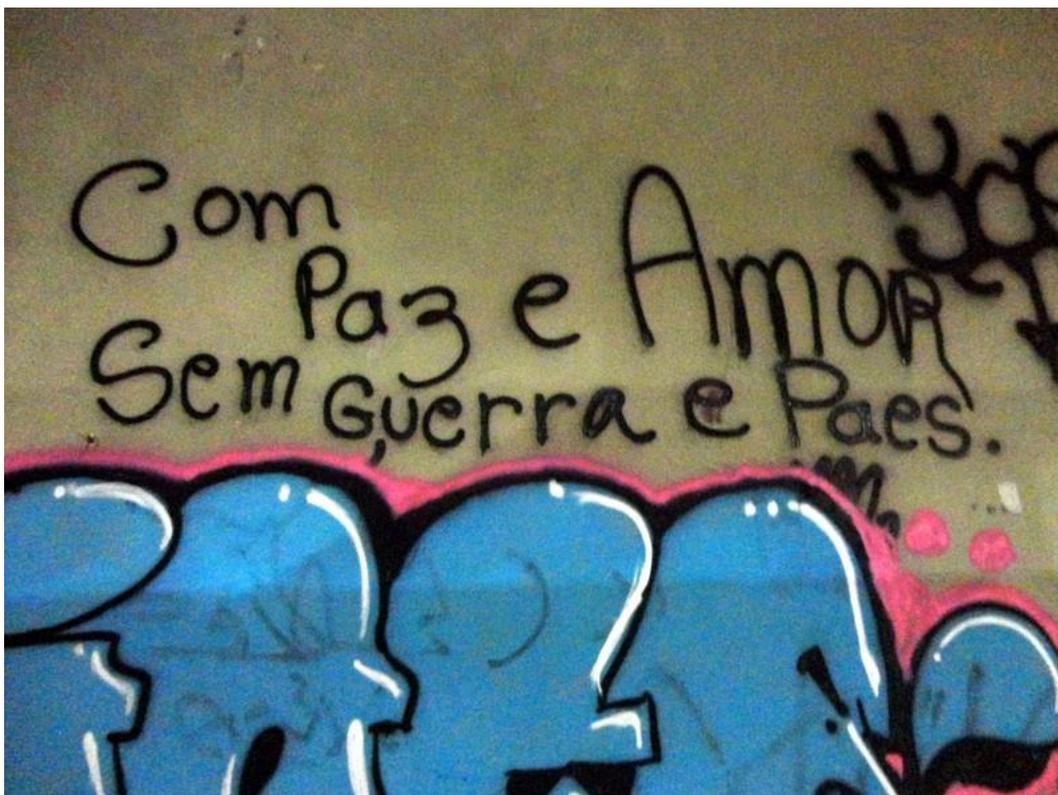


Figura 12 - Pichação: Com paz e amor, sem guerra e Paes. Lapa, 17/06/2013. Foto: Beatriz Provasi

No dia seguinte, a onda de comoção com o Paço Imperial pichado, pareando com o total silêncio sobre os corpos vandalizados, me dizia que tinha alguma coisa muito errada. Uma inversão de valores que então me parecia estranha, e com a qual eu já estaria acostumada cerca de um mês depois, quando moradores do Leblon depositavam flores em frente à loja da Toulon vandalizada, e mais ainda quando, quase um ano depois, uma concessionária da Mercedes-Benz foi o alvo das depredações em São Paulo. As pessoas se lembram desses acontecimentos, eles ganharam destaque nos noticiários de TV, comoveram, geraram resposta imediata da autointitulada “população de bem”. Mas me diga agora o nome de uma única pessoa que ficou cega por bala de borracha da polícia lançada propositalmente na altura da cara. Não sabemos. Sequer contabilizamos os mortos e feridos. Só os milhões de prejuízo. E foi assim que eu passei a apoiar os atos de vandalismo. Não, “não é por 20 centavos”.



Figura 13 - Poema: Depoimento de um recente preso político em sua defesa. Facebook, 19/07/2013.

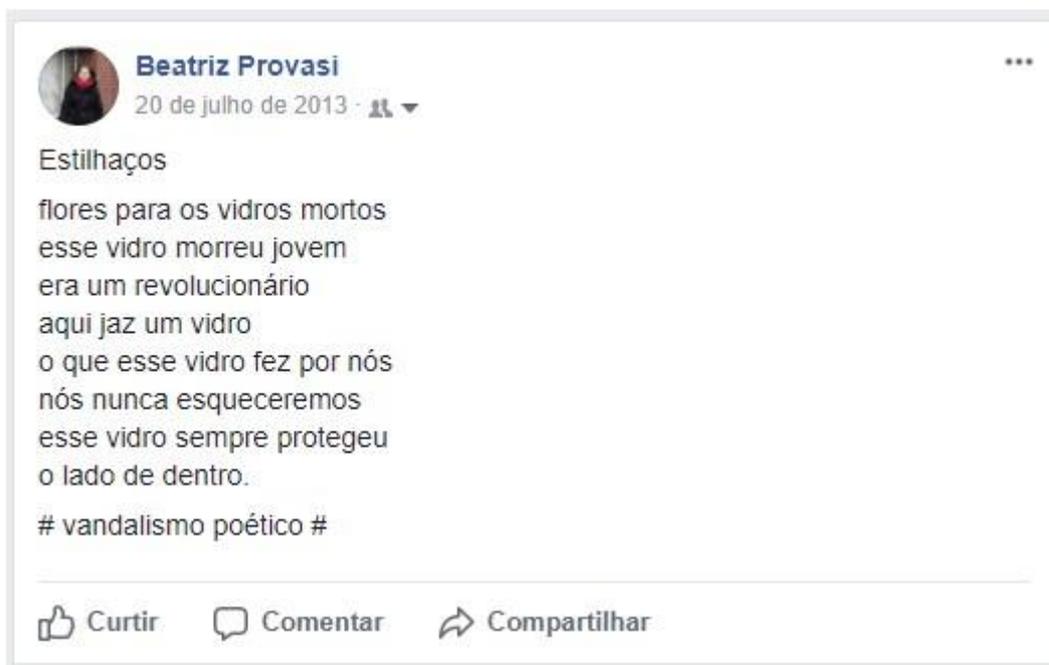


Figura 14 - Poema: Estilhaços, parte I. Facebook, 20/07/2013.



Figura 15 - Manequim da Toulon vandalizado. Leblon, 17/07/2013. Foto: Ruy Barros

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412355/CA

Beatriz Provasi
20 de junho de 2014 · 11

um minuto de silêncio
pela Mercedes que morreu.
[as Mercedes seguiram em alta velocidade
para o mesmo céu dos manequins da Toulon.]
[descansem em paz.]
no céu das coisas vandalizadas,
os manequins da Toulon
andam de Mercedes-Benz.
- "não que eu seja melhor que ninguém,
mas eu paguei mais caro!",
declara o manequim de sua área vip.
#vandalismopoético

👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar

Figura 16 - Poema: Estilhaços, parte II. Facebook, 20/06/2014

Uma onda de Vandalismo Poético tomaria conta da minha poesia a partir de junho de 2013 e eu enfim avançaria da escrita na pele do corpo para a escrita na pele do mundo: os muros.

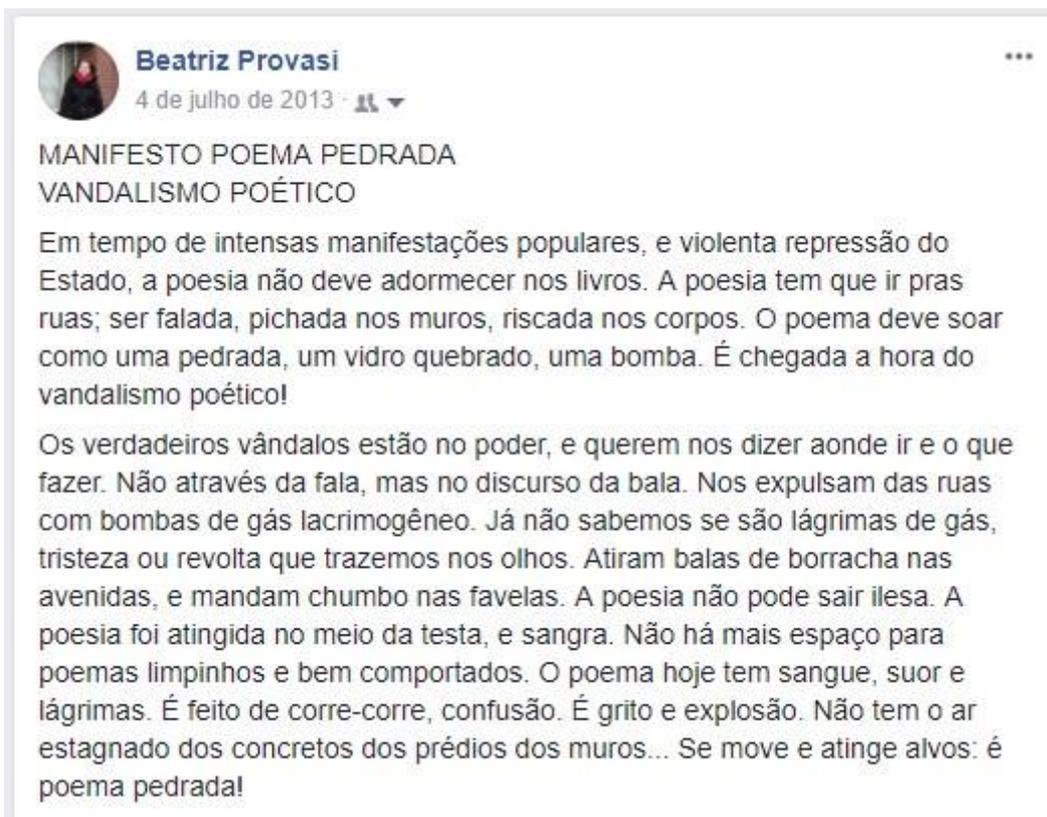


Figura 17 - Manifesto Poema Pedrada: Vandalismo Poético. Facebook, 4/07/2013.



Figura 18 - Estêncil Vandalismo Poético. Lapa, 1/06/2014. Foto: AF Rodrigues

Já são sete horas da manhã e ainda está escuro. Há muito tempo eu não pego numa lata de tinta spray. Sinto falta do cheiro. De lavar as chapas de estêncil com aguarrás e aquelas grossas luvas de borracha amarelas, porque aquele troço é corrosivo demais para as minhas sensíveis mãos de poeta. Sinto falta até de ter uns respingos de tinta preta nas minhas unhas vermelhas. Do friozinho na barriga do risco de ser pega no ato. De uma parada para cerveja entre um muro e outro, e da cumplicidade de fazermos juntos, coisas diferentes, mas animados pelos mesmos ideais. A gente estava mesmo mudando o mundo, não estava? Talvez ainda esteja. Mas esse abismo. Esse silêncio. Esse muro branco. O que a gente faz com eles? Logo vai nevar e eu não sei o que fazer com essa brancura toda aqui sozinha. Sem latas de tinta. Sem vocês.

[um momento de silêncio, e já são 8 horas da manhã]

Esse pássaro azul agora é a única cor no meu horizonte.

2.2.

19 de janeiro de 2018

Esta noite eu não vou trabalhar, para ficar em casa escrevendo. Toda sexta-feira, desde que parei de receber bolsa de pesquisa (quando resolvi estender por mais seis meses a minha estadia aqui), tenho dividido com uma amiga o trabalho de faxina em uma firma de advocacia. O trabalho não paga muito, mas garante a cervejinha do fim de semana. O que tem de fato me sustentando em Copenhague nos últimos tempos são as últimas economias da venda do meu carro, após seis anos de prestações e quase dez anos de aventuras. Eu já sabia que aquele carro seria a minha caderneta de poupança, porque eu nunca soube guardar dinheiro. Então, meu Uno prata me rendeu ainda esta última grande aventura, que é morar fora do país por conta própria sem muitos recursos, economizando até o ar que eu respiro. Agora, aprendi a guardar dinheiro. Também aprendi a andar de bicicleta, depois de descobrir que a expressão “é que nem andar de bicicleta, você nunca esquece” era uma falácia. Eu gostava muito de dirigir, mas aqui não sinto falta de um carro. É só quando penso em voltar para o Brasil que encaro mais esse abismo: sem carro, sem emprego, sem bolsa de pesquisa e já sem dinheiro, sem sequer uma *bike* e num lugar que não é nada *friendly* para *bikes*.

De repente, me lembrei de uma performance-ato pelas ruas do Rio da qual nunca participei, mas que achava muito massa sempre que via alguma notícia a respeito: a Bicletada dos Pelados, reunindo dezenas de ciclistas nus ou seminus para chamar a atenção para a sua própria vulnerabilidade, num trânsito de carros vorazes sem ciclovias nem sensibilidade. Era janeiro de 2014 quando aconteceu a primeira edição no Rio de Janeiro, seguindo um movimento mundial chamado *World Naked Bike Ride* e experiências já realizadas em outras cidades brasileiras.



Figura 19 - Bicletada dos Pelados. Centro do Rio, 24/01/2014. Foto: Pedro Cury

É curioso como o acontecimento estava bem no meio de toda a onda de protestos iniciada em junho de 2013, era extremamente performático e eu não o havia listado no meu levantamento de material de pesquisa. Foi preciso a minha própria experiência como ciclista no último ano, na cidade mais *bikefriendly* do mundo, para que esse ato adquirisse para mim uma relevância até maior do que muitos outros. Na verdade, naquela época, eu já estava temporariamente afastada das ruas para escrever minha dissertação de mestrado. Foi também a época em que o cinegrafista da Band, Santiago Andrade, foi atingido acidentalmente por um rojão lançado por manifestantes e sua morte acabou atingindo todo o movimento, numa grande campanha midiática e judiciária de criminalização das lutas populares. A própria rede de TV nunca foi responsabilizada por enviar um

funcionário sem equipamento de segurança adequado para uma zona de conflito, largando-o exposto a todo o tipo de perigo, fosse bala da polícia, fossem fogos de artifício. Quem define o que é acidente e o que é crime, não por acidente, são os mesmos criminosos de sempre: eternos manequins governando o mundo com suas roupas de marca e seus carros de luxo desgovernados.

Em 2013, depois de não me juntar ao início de uma onda de protestos porque não era pela redução do preço dos combustíveis, pus meu carrinho popular a serviço de uma ocupação. Já era o mês de agosto e muita coisa já tinha acontecido, inclusive eu tomar gosto por um vandalismo. Grande parte dos acontecimentos de julho eu acompanhei da Bahia, entre visitas à minha madrastra na UTI para dar com ela as nossas últimas boas risadas juntas e ela me contar o quanto amava as filhas do meu pai (talvez sem perceber que eu era uma delas, ou talvez mesmo fingindo – ela era muito boa nisso), e o planejamento de uma exposição de poesia e performance, as Poeformances, um projeto coletivo com os artistas Alex Simões, Arthur Scovino, Zmário e Roberto Sechi. Eu, Alex, Arthur e Zmário ganhamos algumas noites juntos em Salvador amarrando tiras de paninhos coloridos nas bocas de dezenas de garrafinhas de refrigerante e poetizando os rótulos, para lançarmos nosso próprio Coquetel Molotoff (aquele que só explode se você puser no modo *on* – ou adicionar umas doses de vodca ;-)). Era o nosso coquetel de abertura da exposição, também chamado Abertura da Copa, quando literalmente abríamos a porta que dava para a copa da galeria, para que o público tivesse acesso ao freezer onde repousavam geladinhos os Coquetéis Molotoff que havíamos preparado com tanto carinho.

Aquele encontro de artistas tinha começado a se delinear em abril, quando eu e Zmário, apresentados pelo meu colega de pós-graduação da UFRJ Edgar Oliva (que também já tinha me falado do seu amigo poeta baiano Alex), nos conhecemos num encontro de performance promovido pelo grupo Corpos Informáticos em Brasília. Em abril, a gente ainda não tinha a menor ideia de como em julho seria tudo tão diferente, porque teria aquele junho no meio do caminho. Mas junho não foi uma pedra (embora tantas pedras tenham voado naquele junho). Pelo contrário, foi a propulsão do lançamento. Estávamos todos tão conectados com o momento presente, tão afetados em nossas vidas e em nossos trabalhos artísticos por tudo aquilo que estava acontecendo, que foi instantânea a conexão entre a gente.



Figura 20 - Performance Abertura da Copa. Galeria ACBEU, Salvador, 27/07/2013. Foto: André Luiz Santos Souza



Figura 21 - Coquetéis Molotov na Abertura da Copa. Galeria ACBEU, Salvador, 27/07/2013. Foto: Zmário

Foi em Salvador que eu ouvi falar da Toulon, dos manequins da Toulon vandalizados, da comoção dos moradores do Leblon, da Missa de 7º dia dos Manequins da Toulon, promovida pelos melhores performers-ativistas de todos os tempos. Mas também da força-tarefa convocada por Cabral para mais uma vez colonizar um Brasil selvagem, com toda a sua cúpula de insegurança do Estado. Na ocasião, lançaram a CEIV: Comissão Especial de Investigação de Atos de Vandalismo. Eu estava na rua quando vi na TV de algum estabelecimento comercial aquele grupo reunido prometendo tomar medidas duras para acabar com a violência. A violência, mesmo, tinha matado 10 na Maré um mês antes. Tinha desaparecido com o corpo do pedreiro Amarildo em uma Unidade de Polícia “Pacificadora”. Já tinha matado tanta gente e enjaulado tantas mais. Mas era uma violência produzida pelo Estado e justificada pelo Estado de Exceção criado sob o slogan da “guerra contra o tráfico”, em que preto, pobre e favelado é só uma infeliz coincidência na linha de tiro entre “o bem” e “o mal”. Aqueles corpos não tinham o mesmo valor dos corpos inanimados nas vitrines do Leblon. “A carne mais barata do mercado”, como diz aquela música. “Todo camburão tem um pouco de navio negreiro”. Quando foi mesmo que acabou a escravidão? Não se ensina cidadania nas linhas do tempo do ensino de história do século passado. Não se ensina sequer humanidade nas disciplinas de humanas, que ainda são tão disciplinas. E quando aqueles corpos dóceis que Foucault identificou resolvem ser amargos... acabam amargando duras penas.

É muito justificável todo o nosso cansaço, e até as desistências. Não é fácil carregar um corpo indisciplinado por aí o tempo todo. Todo mundo tem medo, todo mundo tem contas a pagar, todo mundo tem o seu “farinha pouca, meu pirão primeiro”. Mas, naquele momento, a gente estava a fim de juntar as farinhas para ver no que ia dar. E deu em Farofada no Leblon e em Rolezinho no shopping center. Deu em Pedalada dos Pelados e Pelada Pelada contra a Copa. Deu em Ocupa Câmara e Ocupa Carnaval. Aldeia Maracanã e uma nova insurgência indígena contra outro Cabral. Deu em tanta coisa e gerou tanta faísca! E tem tanto fogo que ainda está por aí, iluminando pequeno sem chamar atenção, disperso em mil fagulhas, mas ainda aquecendo tanto toda a gente que se aproxima, que eu quase me envergonho de ter dito que 2013 ficou com cimento e uma placa por cima. Seria injusto até com o Presidente dizer que seu legado se enterrou com ele. Foi pura força de expressão. Ou expressão com falta de força. Não se sustenta.

Quando aquelas farinhas todas se juntaram, tiveram que assoprar muito como o lobo dos 3 porquinhos, e muitas coisas foram derrubadas, mas sei que algumas vigas permanecem de pé (as nossas, não as da Perimetral que desapareceram “misteriosamente”). E só porque nos juntamos, ainda não fomos todos devorados.

Eu não sei como eu vim parar aqui, quando na verdade eu queria mesmo era prestar uma última homenagem ao meu carro. Eu conheci o Presidente quando me juntei à Ocupa Câmara Rio, em 11 de agosto de 2013. Ele seria fundamental naquela ocupação. O Presidente, claro. Meu carro foi só personagem – um coadjuvante em algumas das nossas melhores e piores passagens. Meu carro não só foi o majestoso carro funerário do Enterro da CPI dos Ônibus e uma mão na roda no carregamento de materiais, mas também circulou muita delegacia com gente detida e foi buscar muito ativista na saída da penitenciária de Bangu – a ponto de aprender o caminho sozinho. Foi mais um ocupante da Cinelândia, levando multa por ocupar vaga de vereador ou estacionar no passeio público, ali, bem no meio da praça, compondo a paisagem com as barracas. Dormi no carro algumas vezes, quando a minha barraca já tinha sido desmontada e eu anunciava meu afastamento (em vão, porque eu sempre voltava) para participar de concurso de doutorado. Certa vez, tive que retirá-lo às pressas, quando percebi aquela movimentação que anuncia o conflito iminente, minutos antes de a Cinelândia se transformar numa praça de guerra, em que até os pombos já não sabem mais para onde voar.



Figura 22 - Carro funerário no Enterro da CPI. Cinelândia, 9/09/2013. Foto: Ninja Press RJ



Figura 23 - Carro junto às barracas na Ocupa Câmara Rio. Cinelândia, 1/09/2013. Foto: Beatriz Provasi

Entre as tantas caronas que dei naquela ocupação, o Presidente era um dos meus copilotos preferidos. Sempre tão amável com a gente e implacável com todos os políticos corruptos, para os quais mandava o seu clássico “Fooda-se” alongado, com aquela sua entonação tão particular que agora veio ecoar nos meus ouvidos cheios de saudade. Ele era um ser estranho para mim no início daquela ocupação, eu não entendia aquela singularidade. Suas falas nas reuniões muitas vezes me pareciam sem sentido, mas eram fundamentais para a gente encontrar um outro ritmo (e criar um movimento, não tolerante, mas realmente inclusivo). E era incrível vê-lo encontrar em si mesmo a contradição de chamar todos os políticos de “filhos da puta” e logo depois ecoar a pauta do “respeita as putas”, de mandar Cabral “tomar no cu”, para logo em seguida cantarolar junto com os movimentos anti-homofobia “Ei, Cabral, toma da polícia, porque tomar no cu, eu te garanto, é uma delícia”. Ele encarnava de forma única muitas contradições do movimento, com tanta leveza e graça, que não nos restava nada senão reverenciá-lo como Presidente. Ele era uma espécie de liderança espiritual, um pajé da

Cinelândia, respeitado por toda a gente. Eu comecei a entendê-lo e aprendi a admirá-lo com o tempo de convivência. Ele me ensinou a morar na rua. Abriu seu espaço para a gente. Até mesmo a performar na rua. E criamos muitas performances juntos. Pois é, era mesmo para ele essa homenagem.



Figura 24 - Presidente de Penélope Charmosa para vídeo de fim de ano. Cinelândia, 1/12/2013. Foto: Reprodução Internet

A ocupação da Câmara Municipal do Rio de Janeiro tinha começado no dia 9 de agosto. Como tantos outros acontecimentos, eu acompanhava pelos noticiários e, principalmente, pelas redes (tinha recém voltado de Salvador). Foi daquelas ocupações que têm um pouco de tudo, inclusive PSOL e PSTU juntos. Os agentes partidários logo abandonaram o barco, cientes de já terem feito um escarcéu midiático e querendo, através do voto, impor sua ditadura da maioria (também conhecida internamente como “centralismo democrático” – sim, eu conheço o funcionamento interno de partido, mas isso fica para outro momento). Só que nem todo mundo ali estava acostumado com esse tipo de prática autofágica. O grupo estava bem dividido, a votação tinha sido apertada e, mesmo perdendo no voto e sem apoios institucionais, algumas pessoas resolveram permanecer na marra, só com a cara e a coragem. Na verdade, sem a cara. Éramos todos Amarildos. Ninguém estava em busca de holofotes e o anonimato se apresentava então como uma potente estratégia estética e política. Peter Pál Pelbart (2013), logo no título do seu artigo, nos lembra da sagacidade do Movimento Passe Livre na resposta a um jornalista: “Atota aí, eu sou ninguém”.

Hoje já me permito citar nomes. Minhas amigas Rosi Cruz e Cristiane Oliveira estavam lá acompanhando tudo desde o início, a Rosi dentro da Câmara e a Cris do lado de fora dando suporte, junto a um grupo que já acampava nas escadarias em vigília. Esse grupo tentava passar água e comida para os ocupantes internos, além de colchonetes e cobertas, roupas limpas, material de higiene pessoal e outros itens que foram se mostrando necessários com o prolongamento da estadia, inclusive ânimo para continuar. O grupo do lado de fora aos poucos cresceria e tomaria a praça da Cinelândia, sendo uma das pernas que mantinha a ocupação erguida. As duas caminhavam juntas, sem mais processos de votação sufocando as divergências, mas encontrando, por consenso, o ritmo da caminhada. Ainda não havia nenhuma barraca montada na praça quando, incentivada por uma postagem da Cris no Facebook, eu resolvi aparecer por lá para dar meu apoio. Nunca mais saí.

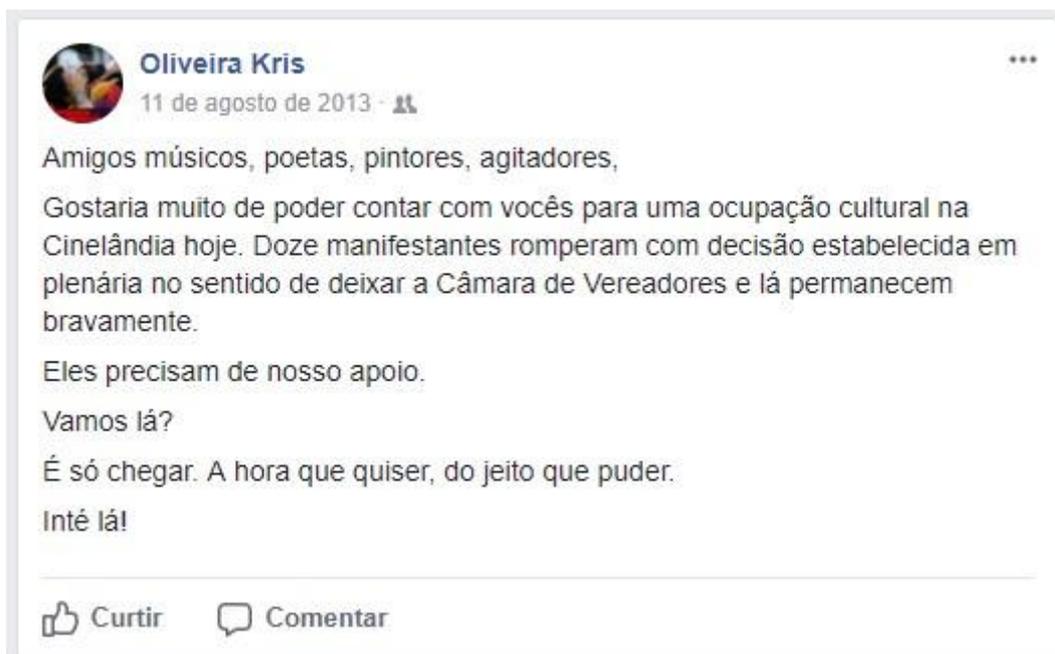


Figura 25 - Convocação de apoio à Ocupa Câmara Rio. Facebook, 11/08/2013.

Aquele agosto mudou muito as nossas vidas. A Kris, que tinha emprego em um escritório e nunca tinha trabalhado como advogada ativista, logo começaria. Ainda estava aberta a ferida de bala de borracha na sua perna adquirida em uma manifestação (talvez nunca cicatrizasse). Eu iria morar na rua por algum tempo e faria de todo aquele processo meu projeto de pesquisa e toda a minha inspiração artística. A gente ainda não previa nada disso. Estava só ali, juntando as nossas farinhas com as farinhas dos outros e mexendo para o pirão não embolar. A gente simplesmente precisava continuar se movendo. Mesmo quando a repressão endureceu. A gente ainda precisava continuar em movimento. Era quase como um vício, como quando a gente cantava, meio ironicamente meio sério, tirando sarro da polícia: “Como é que faz? Tô viciado nessa porra desse gás!”. Ou quando se reagrupava e triunfalmente reaparecia depois dos ataques da tropa de choque, ainda com lágrimas nos olhos, cantando alegremente: “Olha eu aqui de novo! Olha eu aqui de novo!”.

E olha eu aqui de novo, em pleno 2018 falando um pouco sobre tudo isso. Era só para falar do carro, no início. Das aventuras ativistas e performáticas do meu Uno prata. Que já não está mais lá me esperando na vaga ou na praça, que já nem tem mais praça para ocupar, mas ainda sustenta a minha vida na Dinamarca. É para falar do Presidente, que já não está mais lá. Da gente, que já não está mais lá. Do espaço vazio, da página em branco, das ausências, dos abismos. Mas

também da minha bicicleta azul bebê que está agora estacionada lá embaixo, chorando sozinha sob a chuva, me chamando para dar um *rolé* nas ruas frias de Copenhague. De novos meios de transporte e da descoberta de novos caminhos. E de tudo o que de algum modo ainda sustenta a minha vida em qualquer lugar, não financeiramente, mas na conta das experiências, dos desejos e das esperanças. Tudo isso que é incalculável. Como o amor. Ou como o fundo do abismo. De onde a gente sempre pode pegar impulso para voltar.

2.3.

20 de janeiro de 2018

Hoje vi no Facebook uma postagem atribuída ao Lula, associando o golpe de 2016 às manifestações de 2013. Espero, honestamente, que esse tipo de visão simplista não passe adiante como “verdade histórica”, embora eu já tenha ouvido isso repetidas vezes:

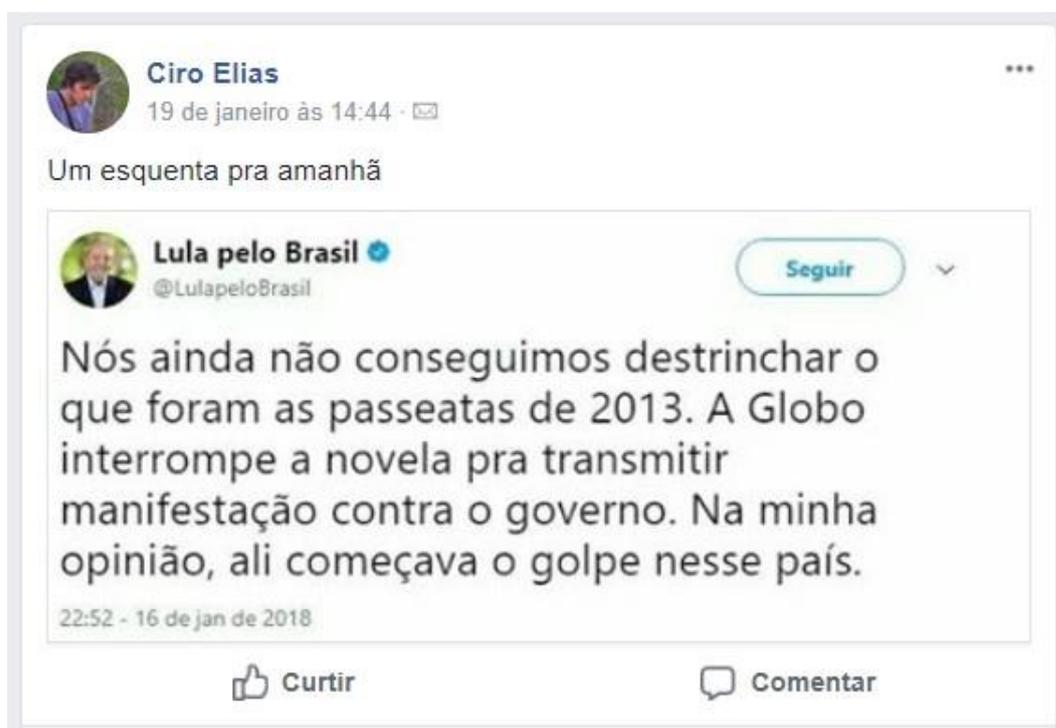


Figura 26 - Comentário do Lula sobre 2013. Facebook, 16/01/2018.

Variam as fontes e os contextos, mas se uma mentira dita repetidas vezes passa a ser verdade, talvez tenha sido isso mesmo. Ao menos, a grande mídia

corporativa e a direita golpista souberam clamar para si atos que, por princípio, não eram liderados por ninguém. A Globo nunca hesitou em chamar os vândalos de “infiltrados”, certamente para garantir que houvesse uma parte limpa e seca, sem infiltrações, naqueles atos. Uma parte verde-e-amarela e exclusivamente contra o governo petista. Uma parte que também estava lá, sem dúvida, como também estavam lá black blocs anarquistas, militantes comunistas, artistas, sindicalistas, moradores de favelas, estudantes, e mais toda a sorte de gente com as mais variadas orientações ou desorientações políticas. Mas os manifestantes verdes-e-amarelos anti-PT também apareceram com as caras pintadas, remixando a estética do impeachment anterior com sua música de uma nota só: “Fora Dilma”. Eram visíveis principalmente no final de junho, quando os atos se avolumaram e a própria Globo já não tinha forças para lutar contra o gigante que se tornaram as ruas, e sagazmente mudou sua linha editorial. Tratou de legitimar uma parte dos atos, a que lhe interessava, dando ao que lhe escapava ao controle o nome de “infiltração”. Assumi até mesmo a função de determinar suas pautas, uma vez que estas não estavam lá muito claras. Da infinidade de desejos que se manifestaram na tomada das ruas, a mídia pinçou uma ou outra “pauta de reivindicação”.

A pauta central, no entanto, sempre esteve muito clara: era contra o aumento das passagens, em uma articulação do Movimento Passe Livre e outras organizações horizontais de movimentos urbanos por todo o país. Era, em última instância, por direito à circulação e por direito à cidade. Mas, mais do que pauta, o que estava em questão era um modo de ação: tomar as ruas, assumir a cidade como coisa sua. A ação direta e a prática black bloc estavam lá desde o início, provocando aquela combustão social. Infiltrados são os outros (parafraseando o inferno sartreano). Aqueles que se infiltraram depois para corroer os sentidos. Os que se apropriaram até mesmo da bandeira brasileira e do hino nacional. Se foi ali que se iniciou o golpe, foi certamente ação de infiltrados, determinados a vandalizar o país de cima para baixo. Infiltração programada para enferrujar o Brasil.

Mas também tem uma outra teoria (e talvez as duas se complementem). A de que o golpe começou com a incapacidade do governo, liderado por uma esquerda burocrática, de compreender os atos. Capacidade de incompreensão e incapacidade de autocrítica que infelizmente perduram. Quem deu poder ao

PMDB para que este tomasse o governo não foram as manifestações de junho. Mas talvez o governo tivesse adquirido apoio popular, quando em 2016 se viu ameaçado, se tivesse reagido em 2013 com mais sensibilidade e menos repressão, e aberto os ouvidos para as vozes das ruas. Se, com toda aquela polifonia, era difícil compreender o que, afinal, estava sendo dito, uma coisa é certa: havia desejo de dizer. Com os corpos na rua, o povo gritava claramente por participação direta na vida política. Isso não me parece tão difícil de se ver.

Eu ainda me lembro de um discurso da Dilma naquela época, um pronunciamento oficial bem no calor dos acontecimentos, em que ela indicava a sua disposição em fazer a reforma política por plebiscito. Teria sido um passo em direção a isso. Embora a sua fala ainda criminalizasse os ditos “vândalos”. Mas indicava ao menos uma tentativa de abrir um pouco os ouvidos. Ela logo voltaria atrás, indicando inconstitucionalidades quaisquer para se avançar no processo, mas possivelmente pressionada pelas suas “amigáveis” alianças políticas (as mesmas que não abririam mão de quaisquer inconstitucionalidades para tirá-la do poder pouco tempo depois, já sem aliados e sem o apoio do povo a quem ela havia dado as costas).

O PT, se quiser se reerguer, precisa muito fazer autocríticas, em vez de ficar sempre tentando apontar responsáveis do lado de fora. A esquerda partidária não cansa de botar na conta da militância anarquista o avanço da direita no campo da política institucional, por exemplo. Mas se os altos índices de abstenção, votos nulos e brancos em eleições fossem todos crédito do anarquismo organizado, o que teríamos seria um grande avanço da esquerda no campo social, e não é o que se observa. A maioria desses não votos é só de gente cansada, e ninguém vai buscar essa gente para entender a razão do seu cansaço, pois talvez seja um dedo na ferida. É menos doloroso apontar o dedo para fora. Crescer as unhas nos corpos dos outros. Mas se não mexer no machucado, fica bem difícil curar. A esquerda partidária tende a apodrecer com suas feridas não tratadas. Infelizmente.

Apesar de tudo, em 2016 eu estava na Ocupa MinC me opondo ao golpe, quando foi ao ar na TV Brasil uma entrevista com a Dilma, já afastada do cargo, em que ela classificava as manifestações de 2013 como “estranhíssimas”. O PT já devia estar inclinado a fazer essa leitura de história progressiva “de 2013 ao golpe”, apegado a uma concepção de história já bem antiga. O que o PT não entende não são apenas os atos de 2013, é a própria contemporaneidade. São

diferentes concepções de história e diferentes concepções de política. Sem ter uma liderança a quem identificar e com quem negociar, e com os principais movimentos sociais institucionalizados parcialmente neutralizados desde a posse de Lula em 2003, aquelas milhões de pessoas nas ruas com as suas singularidades se tornam uma massa estranha, em vez daquilo que são: milhões de pessoas ocupando as ruas com suas singularidades.

Em 2016, eu já me esforçava em indicar aspectos estéticos e políticos que diferenciavam os atos de 2013 dos atos pró-impeachment, em artigo publicado na Revista Brasileira de Estudos da Presença:

Ao mencionar brevemente, no decorrer do texto, o aspecto (mono)cromático das manifestações mais recentes, vermelhas *versus* verde-e-amarelas, era, sobretudo, a respeito de formas diferentes de lidar com a diversidade que desejávamos falar. Contudo, evidentemente, não é apenas nas cores que essas ocupações das ruas se diferenciam dos atos de 2013 e 2014. Junto às cores únicas, estão os coros monológicos e repetitivos, pró e contra o impeachment de Dilma Rousseff. Além disso, são manifestações que não interferem efetivamente nos fluxos da cidade, ocupando brevemente apenas os espaços previamente liberados [...]. (Provasi, 2016, p. 454)

O artigo ainda ia bem além disso, com descrições detalhadas de vários acontecimentos e algum embasamento teórico. É basicamente o que se chama trabalho de pesquisa. Mas também gosto do método do ex-presidente (em algum momento vou adotá-lo – o método, não o ex-presidente, claro). Lula se esforça em “destrinchar o que foram as passeatas de 2013” como se fosse uma galinha assada, no desejo de engolir aquilo tudo sem um osso lhe atravessar a garganta. Mas o osso já está lá atravessado; não tem jeito, vai ter que roer. 2013 não vai ser fácil de engolir. Já o golpe, nesse país, nunca deixou de começar. Golpe é a regra e exceção são os momentos de governo democrático. A pergunta, talvez, não deva ser pela origem, mas pelo fim. Quando, afinal, e, principalmente, como acabam os golpes? Talvez uma política mais horizontalizada como a que se fazia nas ruas em 2013 ajudasse a encontrar respostas (ou pelo menos a formular melhor as perguntas).

De qualquer forma, devo agradecer ao Lula por reacender em mim o desejo de falar daquele ensolarado 2013 nesse 2018 tão nublado. Luminosidade demais atrapalha a visão tanto quanto a neblina. É preciso olhar bem de perto. Sobretudo, manter os olhos abertos. E é esse tipo de comentário cego que indica para mim a importância deste trabalho. Mandarei uma cópia com dedicatória para o ex-presidente. Do jeito que as coisas estão, acredito que ele terá bastante tempo para

leitura pela frente e seu novo endereço será divulgado nas manchetes de todos os jornais. Lamentavelmente.

Eu mesma tenho estado em uma espécie de prisão domiciliar, desencorajada, pelo frio lá fora, a pôr os pés na rua e, ao mesmo tempo, precisando me concentrar nesses escritos. Frequentemente, passo um tempo zanzando pelo Facebook, entre um filme e outro na Netflix, me desconcentrando o suficiente para começar a escrever com vontade. Passei os olhos pela frase do Lula de tarde e só já de madrugada resolvi pinçá-la para abrir este diário. Mas o mais interessante mesmo foi o lugar em que ela foi compartilhada: a página de um evento convocado para debater as manifestações de junho, que se realizava hoje no Rio de Janeiro, com o objetivo de gerar alguma ação para marcar os cinco anos dos atos. Desejei estar lá, no calor, entre amigos e amigas, criando ação em vez de texto. Talvez em março eu consiga pegar o bonde andando e somar esse meu. Não me parece má ideia lançar este livro no próximo junho. Meu último, de poesia, foi lançado com festa exatamente um ano depois do início da Ocupa Câmara Rio. O Presidente estava lá – o legítimo –, confraternizando com Bakunin, que era então procurado pela polícia e assinava os exemplares. 2013 era um baile de máscaras. Mas isso fica para um outro momento. Preciso das boas histórias para suportar mais um carnaval na Dinamarca.

2.4.

22 de janeiro de 2018

Ontem fui trabalhar, para compensar a faxina que deixei de fazer na sexta. O trabalho de faxina não exige fluência em nenhuma língua, não exige sequer experiência, muito menos um diploma de doutorado. Só disposição para pegar no batente. Foi o primeiro que se ofereceu para mim na Dinamarca e não hesitei em pegar. Não tenho medo de trabalho pesado. Na casa do meu pai, éramos cinco irmãos dividindo as tarefas de casa desde crianças. Já na casa da minha mãe, eu não fazia nem a própria cama. Sempre teve quem fizesse por nós. Esse alguém se chama Dilma, como a presidenta deposta, mas sempre me pareceu muito mais inteligente do que qualquer doutor ou presidente, mesmo só tendo o ensino básico. Era a quem eu pedia conselhos amorosos, dicas culinárias, consultoria de moda e consultoria poética. Ela devia ter sido muito mais bem paga por todos esses

serviços paralelos, em vez de prestá-los na camaradagem. Mas nas nossas conversas e trocas sobre tudo e mais um pouco, se construía uma amizade. A relação tem a sua complexidade, claro. Eu era a filha mimada da patroa e ela foi primeiro minha babá, e lamento muito o tanto que ela teve que aturar, pois não fui uma criança fácil. Foi preciso crescer (não só em tamanho), e ter nela uma figura materna foi fundamental nesse processo.

Sinto muita saudade da Dilma, que já se aposentou e não tem Skype. Ela desenvolveu um problema na coluna do qual talvez sejamos um pouco responsáveis, pelos 30 anos de aspirador de pó pra cima e pra baixo. Ela se equilibrava em pé no parapeito da sala para limpar os vidros das amplas janelas e eu morria de medo que ela caísse lá embaixo, apesar das grades. Às vezes, acho que ela não tinha medo de nada. E também aprendi um pouco disso com ela. Às vezes, acho que ela apenas aprendeu a controlar seus medos por necessidade. Na convivência com ela, aprendi um bocado sobre feminismo na prática e comecei a entender algo sobre racismo estrutural (também na transição do jardim de infância para o ensino básico em um colégio particular de Niterói, porque eu era amiga da única negra na classe, que sofria *bullying* bem antes de esse termo ser inventado), e inclusive sobre a minha própria responsabilidade nisso. Aprendi com a Dilma a cuidar de uma casa, mas aprendi muito, sobretudo, a cuidar da vida. Era gritante o racismo disfarçado de elogio no comentário de uma tia-avó que frequentava a nossa casa, dizendo que ela era uma “negra de alma branca”, como se não fosse possível ser apenas negra com todas as suas qualidades. Eu morria de vergonha da minha tia-avó e me sentia muito mais conectada com a Dilma. Foi ela que me criou. Por isso, talvez, eu nunca tenha deixado de perguntar “onde está o meu racismo?” para desconstruí-lo, em vez de me colocar na defensiva afirmando não ser racista enquanto usufruo de tantos privilégios.

Quando Dilma se aposentou, eu já muito naturalmente assumi as tarefas de casa. Minha mãe não cozinhava, então ficou comigo esse encargo, que já era também um prazer. Mas eu não queria fazer qualquer quibe, eu queria fazer o quibe da Dilma, então eu ligava para ela, só para bater papo sob o pretexto de pegar a receita exata. Outras, eu inventava. Se a gente precisa comer e gosta de comer bem, vai saber preparar a comida que a gente gosta, é simples. Limpar é ainda mais fácil. Bem mais fácil, aliás, já manter tudo arrumado, porque a gente quer morar num lugar agradável, então naturalmente a gente cuida da nossa

própria casa. Eu nunca joguei guimba de cigarro no chão de casa. Eu apagava no cinzeiro, depois esvaziava o cinzeiro na lixeira, levava o lixo para fora. Se caía alguma coisa no chão, cinza ou o que quer que fosse, uma hora ou outra, a gente pegava uma vassoura, recolhia e depositava na lata do lixo. Todo mundo devia cuidar da própria casa.

Aqui na Dinamarca, existe a função de faxineira, mas não existe a função de empregada doméstica em tempo integral. O brasileiro médio é um povo mimado. Só quer ser servido. Tem complexo de senhor de engenho. Só sabe produzir sujeira para os outros limparem. E isso, infelizmente, também se reflete nas ruas. Ninguém cuida da rua como se fosse casa, porque muitas vezes não cuida nem da própria casa como se fosse casa. Eu quero morar num lugar agradável, casa e mundo. Mas se a plena consciência da minha própria casa como de minha inteira responsabilidade só me veio com a aposentadoria da Dilma, a plena consciência do mundo como casa só me veio, na prática, em 2013, quando pela primeira vez eu saí de casa para morar no mundo.

Foi durante a Ocupa Câmara Rio que eu comecei a andar com um cinzeirinho de bolso, guardando as guimbas de cigarro para o lixo mais próximo, em vez de tacá-las nas ruas. Era a gente que varria as escadarias da Câmara e as pedras portuguesas da praça. O Elson guardava guimbas nos bolsos da calça jeans mesmo. Foi com ele que aprendi a poupar o mundo das minhas pequenas sujeiras cotidianas. Certa vez, ele foi enquadrado pela política e mandado esvaziar os bolsos. Mostrou aquele bando de guimbas de cigarro guardadas – a prova incontestável do seu vandalismo. Deve ter sido engraçado. Na Ocupa, a gente começou a separar o lixo reciclável. Essas pequenas transformações não entram nos livros de história, mas são elas que fazem daquele momento histórico algo tão significativo em nossas vidas. O que se pôs em movimento ali foi um pensamento da rua como casa, da rua como nossa, e de nossa como de todo mundo. Agora, esse é o lugar em que a gente mora. E a gente mora junto. O espaço público deixou de ser terra de ninguém para ser o nosso lugar, um lugar de todos e todas e todxs e todes.



Figura 27 - Pichação A Rua é Tua. Rio de Janeiro, 19/11/2014. Foto: Sarau do Escritório

Quando eu cheguei à praça naquele domingo, dia 11 de agosto, ainda jogava guimbas no chão. Ainda achava que bastava chegar só com a minha poesia nos bolsos. Que bastava um vandalismo poético. Era um dia de atividades culturais para reunir apoio, em que a gente encheu a praça de cartazes pendurados feito bandeirinhas de um poste a outro e montou as primeiras barracas. Eu não tinha levado barraca, não tinha ido para ficar. Só tinha levado uns fanzines e uns poemas na ponta da língua. O dia foi avançando e eu logo me vi envolvida com as questões políticas mais urgentes. Primeiro, a segurança da Câmara não queria permitir a entrada de um advogado para conversar com os ocupantes. Não permitia a entrada de nada, nem de colchonetes. Nos aglomeramos no portão para tentar avançar no impasse. Enfim, entra um advogado, da CUT, se não me falha a memória, disposto a auxiliar. Logo alguns ocupantes internos vêm angustiados falar com a gente que o cara estava botando um verdadeiro terror legalista sobre a permanência deles lá, claramente os estimulando a desocupar. A Cris imediatamente pede auxílio a colegas de faculdade que trabalhavam como advogados ativistas numa organização chamada DDH. Ocupados com outras questões, ou simplesmente desinteressados daquela no momento, seus amigos não

estavam disponíveis para chegar junto, mas se colocaram à disposição para consultoria e a incentivaram a assumir, ela própria, a função de advogada da Ocupa Câmara Rio.

Então, corremos para a casa dela no meu Uno prata para vesti-la de advogada – ela estava lá como ativista, de camiseta e minissaia jeans. Costurei numa blusa social branca um botão que faltava, ela se fantasiou toda de advogada, passamos no mercado para comprar alguma comida para os ocupantes e retornamos à Câmara. Ela entrou e performou uma advogada ativista da melhor forma possível, se colocando à disposição para defendê-los sem ocultar os riscos, mediando os conflitos com os funcionários da Câmara e estabelecendo acordos para uma permanência pacífica. A Cris nunca voltou a ser só ativista. A partir dali, era sempre também a nossa advogada. Mas permanecia na linha de frente dos atos, o que era para muita gente um alívio. Alguém ali para dar uma carteirada da OAB, mesmo que muitas vezes não adiantasse de nada, para uma polícia acostumada a atacar igualmente advogados e jornalistas. Ela também percorreu, assim como o meu Uno prata, muita delegacia de polícia e também teve, infelizmente, muito trabalho em Bangu. Mas aquela noite estava só começando e era de festa. Tivemos uma conquista. A ocupação permanecia, com advogada e colchonetes. Surgiu um violão na roda e a noite ficou pequena. Tive que estendê-la até a manhã seguinte, quando se aprovaria, na primeira reunião do dia, a pauta de reivindicações que estava sendo preparada pelos ocupantes do lado de dentro.

A Cris voltou para casa. Alguém deve ter dormido numa das três barracas montadas. Alguém deu um cochilo na escadaria, com certeza. Eu permaneci acordada, como agora. Funciono muito melhor nas madrugadas. Amanheci quase bêbada, mas muito centrada. E ainda estava lá muito mais para ouvir do que para ocupar um lugar de fala. Mas me lembro de ter falado contra a proibição de bandeiras de partidos na área da ocupação, esses pequenos fascismos. Ok, nada na fachada. A fachada da Câmara passa a pertencer à ocupação. Mas estamos na praça, e a praça é do povo, difícil lidar com qualquer proibição. E a Valeska, personalidade das ruas conhecida como Dilminha por carregar sempre uma bandeira enorme da Dilma, com seus inúmeros adesivos na roupa e seus gritos de “eu existo”, também era uma personagem que precisava de espaço de atuação. Era um desafio ser público e coletivo ao mesmo tempo, e um coletivo político tão heterogêneo. E ter como base a construção por consenso. Nunca participei de um

movimento tão rico – e tão cansativo. Eram muitas horas para se chegar a uma conclusão. Mas o fim não importa, importam os meios. Os meios se justificam por si só. E quando naquela manhã debatemos a pauta e a nossa forma de organização, os do lado de dentro com os do lado de fora, através das grades do portão, nos ouvindo e nos respeitando, morador de rua e doutor, chegando a um consenso que incluísse toda a singularidade em vez de abafá-la, eu vi que tinha alguma coisa ali que eu não podia perder: uma nova forma de ser/estar no mundo. Logo após aquela reunião, eu retornaria para casa. Mas só para dormir um pouco, organizar qualquer coisa, pegar a barraca de camping e voltar dois dias depois, dessa vez para ficar.

Eu não sabia quanto tempo ficaria nem que jamais voltaria a mesma. Logo conheci o Luis, do lado de dentro, e a Elisa (Sininho) do lado de fora. A Elisa, como uma boa produtora, centralizava muito as tarefas (uma das razões pelas quais nunca investi no cinema como minha expressão de arte, aliás, foi a divisão hierárquica e industrial do trabalho, aquela fragmentação fordista). Mas ela não era exatamente uma liderança política, como a mídia quis empurrar goela adentro com as suas capas de revista. Era como um filme com produtora, mas sem diretor. Era fato que não tinha liderança. O movimento se construía horizontalmente. No início, a organização ainda se dava de forma muito orgânica e pouco organizada. Não havia, por exemplo, grupos de trabalho e tarefas estabelecidas coletivamente. Cada um fazia o que queria. Ou não fazia o que não estava com vontade. Tinha muito ocupante que só dormia. Que dava mais trabalho do que dividia. Mas mesmo meio caótica, a coisa toda funcionava. Talvez mérito da Elisa, que botava ordem na praça. Ou, talvez, porque se sentindo com uma espécie de mãe presente, os filhinhos mimados se desresponsabilizassem de qualquer coisa e ficassem esperando a bronca da Elisa para cumprir o castigo. Até hoje não sei até que ponto foi fundamental a presença da Elisa ou a ausência dela para aquela ocupação. Talvez, as duas. Quando ela saiu, muita coisa mudou (final de agosto, acho).

A gente teve que repensar uma ocupação sem produtora. Dividir tarefas em grupos de trabalho, ter reuniões de grupos além das reuniões gerais. Fazer funcionar mais por desejo coletivo do que por cobrança individual. Eu e a Elisa ainda nos estranharíamos muito antes de nos tornarmos amigas. Quando ela voltou, tivemos nossa primeira briga. Depois, eu ainda iria buscá-la na saída de Bangu. Ainda nos entenderíamos e desentenderíamos bastante ao longo da vida,

mas nos amaríamos e respeitaríamos também um bocado. Entretanto, ainda daquele início de ocupação eu tinha guardado uma mágoa (que se dissolveria depois, entre algumas cervejas e um papo reto). Logo que entrei para a Ocupa, assumi a mobilização artística, para continuar as ocupações culturais aos domingos, quando o Centro se esvaziava da movimentação do dia-a-dia e ficávamos ainda mais vulneráveis aos ataques da polícia. Ocupar a praça com não ocupantes era então uma estratégia política. Assim que o Luis me adicionou na página da Ocupa para criar o evento no Facebook, ela deletou o evento e se pôs a perguntar em um grupo interno quem tinha criado, e que absurdo! (porque tinha escapado ao controle dela). Naquele momento, eu quase me afastei. Não sei se ela estava desatenta ou não estava presente na reunião em que isso tinha sido falado (com certeza ela estava presente), mas eu tinha me colocado à disposição para aquela mobilização. Só que na hora da produção, em vez de falar com ela, entrei em contato direto com o Luis para me adicionar na página e criar o evento. Eu mal a conhecia e aquela reação mais me afastava do que me incluía.

Ela saiu sob o pretexto de se sentir ameaçada pela milícia (saída estratégica e muito justa, mas que se revelou um tiro no pé com o vídeo divulgado no Youtube em que ela se expunha pessoalmente, quando antes éramos todos Amarildos) e foi participar de uma ocupação em Brasília. De lá, ainda tentava exercer alguma influência em contato com alguns ocupantes e isso me incomodava muito. Quem constrói uma ocupação é quem ocupa. Então, de repente, surgiu uma indicação para que a ocupação se encerrasse no dia 7 de setembro, para quando estava prevista uma grande manifestação e se previa uma repressão sem precedentes. Mas os próprios ocupantes se opuseram à ideia, decidindo liberar apenas a área das barracas para garantir a circulação (ou correria das bombas) na praça, mas mantendo toda a estrutura montada nas escadarias da Câmara. Naquela manhã, de súbito, uma das ocupantes começa a desmontar as tendas sobre a nossa cozinha, se portando como se a orientação tivesse vindo de Brasília, do grupo que estava afastado, contrariando a decisão do grupo presente. Imagina só a minha ira! Então, quando a Elisa voltou, eu fui uma das que não comemorou, e ela comemorou menos ainda a minha presença naquele dia.

A gente ainda levaria um tempo para entender direito como funcionava na prática aquela coisa toda de democracia participativa, de não-voto, de construção de consenso com as divergências presentes e de construção até mesmo com as

divergências que se recusam a participar de reunião, ou que se sentem mais confortáveis com alguém apontando o caminho do que tomando com as próprias mãos as rédeas (e as responsabilidades). A gente ainda levaria um tempo para se entender com os nossos desentendimentos, e para se desentender com tudo aquilo que parecia tão entendido antes de a gente se perceber como um coletivo.

As falas do Presidente em cada reunião eram às vezes um exercício de paciência, porque muitas vezes elas não acrescentavam nada além de poesia. Mas no se ver obrigado a respeitar o seu tempo, um outro tempo se construía. A fala já não é mais exercício de poder ou levantamento de propostas. É só fala. Afirmação de um ser. Singular, único, insubstituível. 2013 não era isso? Cada corpo na rua? Tão singulares e, ao mesmo tempo, anônimos. Talvez seja isso o que faz desses corpos tão incompreensíveis. Singularidade e anonimato parecem não combinar. Mas combinam. Construindo consensos inimagináveis. E uma única certeza: “A rua é tua”.

2.5.

24 de janeiro de 2018

Hoje se encena no Brasil a farsa jurídica do julgamento de Lula. Não estou acompanhando apreensiva, como tantos brasileiros e brasileiras. Eu já sei como termina, como esses filmes previsíveis de Hollywood. Estudei roteiro na faculdade de cinema. Você aprende a prestar atenção ao plano detalhe, que mais do que o *close up* dramático, é o que revela na ficção o autor do crime, o crime em si, o grande mistério final. Depois disso, os filmes perderam a graça (todas as ficções, como essa farsa). Infelizmente, acredito que o resultado não favorecerá o restabelecimento da democracia, já que estamos lidando com um golpe jurídico-midiático muito bem articulado. O objetivo de tornar Lula inelegível é bastante claro em todo o processo, já que as pesquisas ainda o apontam como o favorito nas intenções de voto, na escolha do povo. Não dar sequer a possibilidade de escolha, judicialmente justificada, faz parte do jogo. É a carta na manga que aparece no plano detalhe, enquanto o *close up* na cara do juiz imparcial revela o blefe, e na cara do ex-presidente, que conhece bem as regras do jogo, aquela falsa expressão de surpresa. Estão todos, bem ou mal, jogando o mesmo jogo, para o qual não fomos convidados, como aquela “festa pobre, que os homens armaram

pra me convencer a pagar sem ver toda essa droga que já vem malhada antes de eu nascer”, que já cantava há muitos anos um Cazuzza carente de ideologia pra viver, nesse Brasil mascarado.

Eu jamais compararia o julgamento do Lula a “O Processo” de Franz Kafka (2005). Pode não ser pelas razões explicitadas nem ter real fundamento jurídico, mas Lula sabe por que está sendo julgado. Nós também sabemos as reais razões da sua iminente condenação. Todo mundo sabe que se trata de um julgamento político. Ele não acordou cidadão comum numa manhã qualquer. Era um chefe de Estado e ainda será. Jogou o jogo querendo acreditar que seria possível talvez mudar o resultado final sem mudar as regras. Ganhou algumas rodadas com boas cartas na mão (e talvez até alguma boa intenção), enquanto os adversários seguravam as cartas na manga para lançar na aposta final. Ele sabia com quem estava lidando e quem anda com cobras acaba morrendo no abraço. Ingenuidade é um crime do qual não pode ser condenado. Não há surpresa nenhuma no seu processo, não há um miolo tão nublado e não há incompreensão insuperável no fechamento do livro. Na farsa do julgamento do Lula, esse número circense do equilibrista que vai cair a qualquer momento (mas tem a rede lá embaixo para não deixar morrer), o suspense todo é só para fazer o número render mais e gerar mais e mais aplausos, quer ele atravesse a corda bamba intacto, quer caia nos braços do povo como a pobre vítima de uma rasteira suja. Os donos do circo sempre vão tirar algum lucro disso. Vão limpar a mesa de pôquer em que foram apostadas as nossas próprias vidas. E ainda não fomos convidados para a festa, para esse grandioso espetáculo, sequer na categoria de palhaços, porque *clown* é uma atividade muito séria. Para tudo isso, só servimos mesmo como público, sendo que o público já foi há muito tempo transformado em privado. Privatizaram até mesmo as nossas revoltas.

Hoje teve uma manifestação aqui na Dinamarca contra a possível condenação do Lula, mas o chamado era tão petista que eu me excluí. Os petistas têm esse dom de afastar toda a gente que não é PT. A CUT e o MST montando seus próprios esquemas de segurança para reprimir vândalos anarquistas nos atos, uma tristeza só. Ficam as ruas vermelhas e se esvaziam de todo o colorido que lhes dá vida. De todo o colorido que afirma democracia em vez de partido. Pink Bloc, Tropa de Nhoque, Tropa de Rosa Choque, purpurina. Aquele colorido que eram as ruas em 2013, que Lula ainda julga tão incompreensível, ou a premonição

de um golpe. Um golpe verde-e-amarelo que igualmente tenta tingir o país todo de uma cor só (ou duas, no caso), apagando qualquer colorido. O que sei é que de todas aquelas cores reluzentes em 2013, só uma foi condenada: a preta. Não só a do black bloc, mas principalmente a da pele de Rafael Braga Vieira. Ele, sim, envolto num processo kafkiano. Catador de latinhas condenado por porte de Pinho Sol. Sua vida destruída da noite para o dia. Livro ainda aberto e totalmente sem sentido. Não porque não faça sentido numa sociedade capitalista e racista pegar um negro pobre como bode expiatório de qualquer coisa, seja lá o que for. Mas porque ele, especificamente ele, teve seu nome escrito nos livros de história e essa história não bate, como tantas outras que nunca serão contadas. E talvez minha missão aqui seja só recontar essa história, mais e mais, até ela fazer tanto não-sentido que a gente compreenda que os processos jurídicos sem sentido são só uma consequência inevitável de um mundo sem sentido, que no fundo faz todo sentido para quem lucra com tudo isso, mas nós não somos convidados para a festa, e se fôssemos não aceitaríamos o convite porque o salão fede, e nada nos resta a não ser bagunçar o banquete e expor aquela podridão toda.



Beatriz Provasi

4 de dezembro de 2013 · 11

CONDENADO MORADOR DE RUA PRESO COM PRODUTOS DE LIMPEZA:
5 ANOS DE RECLUSÃO

atenção:

recolham todas as garrafas de Pinho Sol
das prateleiras do mercado.

é questão de segurança nacional!

recolham também água sanitária, detergente,
todas as marcas de sabão em pó
Omo cores e Omo multição

removam as vassouras, os paninhos,
sabão em barra e sabão em pasta,
tudo o que é produto de limpeza.

tem um sabonete nas suas mãos?

- tá preso!

- por quê?!

- posse de material explosivo.

- mas eu precisava lavar as mãos...

- a mando de quem?

- não sei, eu só... todo mundo lava as mãos!

- hummm... formação de quadrilha. quem é o líder?

- hã?

- quem é que manda?

- ora, os pais... desde criança que...

- ahá, corrupção de menores!

viu só que perigo?

deu na Veja: Veja multiuso tá proibido.

não se pode deixar ninguém andar por aí
com material de limpeza.

A SUJEIRA TÁ LIBERADA.

[melhor providenciar explosivos]

#vandalismopoético

Figura 28 - Poema para Rafael Braga Vieira. Facebook, 4/12/2013.

Quando as ruas se esvaziaram de 2013, com certeza a parte mais triste foi deixar o Presidente de novo sozinho na rua, o Rafael sozinho no cárcere, e a Sara, que tanto lutava por liberdade, acabar por se suicidar sozinha. Essas são, para mim, as vidas que importam: as que foram condenadas sem direito a recurso, sem cobertura da mídia, sem manifestações na Dinamarca, sem citação de livro do

Kafka. O processo ainda está aberto. As feridas não vão fechar. 2013 é um ano que não termina. Não porque, como na visão do ex-presidente, conduziu a esse golpe. Mas porque foi golpeado a ponto de não poder evitá-lo. Ainda há um colorido no fim do túnel?

2.6.

29 de janeiro de 2018

No fim de semana, ouvi uma bateria de escola de samba, bem no meio de Copenhague, numa casa de shows em Christiania (a cidade livre). Senti meu coração acelerar e não tinha mais controle dos meus pés ou dos quadris. Com os olhos fechados, me sentia completamente transportada para o Brasil. Música tem um efeito muito louco na gente. Eu sou do tipo que curte todo tipo de música. Frequento bar de blues, ando com uma turma do rock'n'roll, mas também não desprezo um brega e, se toca um funk, não consigo ficar parada. Sou filha do *remix* do *remix* da cultura musical brasileira, da antropofagia cultural brasileira. Quando sinto muita saudade de casa, me pego ouvindo rock dos anos 1980, tudo o que era pop no Brasil dos anos 1980, como as meias polainas que eu usava na infância. A relação de afeto construída com as músicas vai além do gosto, além da crítica, toca em lugares do corpo bem além dos ouvidos, mexe em emoções que às vezes a gente nem sabia que estavam lá. Já fui a muito samba e forró por aqui, mas aquela bateria de sábado à noite me pegou totalmente desprevenida e me lançou no meio da avenida.

Acordei meio desnorteada no meio da Avenida Rio Branco lotada de gente, mas não sei se vai passar agora o Cacique de Ramos, o Grito da Liberdade ou o ato Nossa Copa é na Rua. Não sei muito bem em que ano estamos. Se é manifestação ou carnaval. Se já é 2014, com a Ocupa Carnaval lançando novas letras para velhas marchinhas ou o bloco Cabralhada desfilando: o primeiro bloco de carnaval com cordão policial e sua fantasia tão batida acompanhando todo o percurso. Talvez ainda seja 2013, talvez ainda seja até junho ou bem antes, e os índios no meio da avenida não sejam mera fantasia, mas o povo da Aldeia Maracanã nas suas lutas ancestrais de resistência política e cultural. Hoje, eles já estão aí para dizer que a sua existência não é fantasia, folclore, histórias do romantismo, Iracema, Peri – já chegaram para contar a própria história. Mas não

sei se o canto que ouço agora é do Escravos da Mauá ou do povo quilombola. Talvez, os dois (os dez, os mil). Nesse exato momento, todos os cantos se confundem, todos os coros, todas as músicas, até mesmo o silêncio, e é essa polifonia que faz de todos aqueles acontecimentos de 2013 e 2014 uma música tão especial soando ainda nos meus ouvidos.

Eu gosto de falar das sonoridades dos atos, porque tocam em lugares tão sensíveis que a gente muitas vezes nem entende, mas sente. A multidão cantando junto em uníssono são mil baterias de escola de samba transportando a gente para o infinito, seja a letra da música contra o aumento de 20 centavos, contra a postura ditatorial do governador Sérgio Cabral ou a militarização da política. Quando a gente soma os sons das nossas vozes nas ruas, tem alguma coisa que acontece que não é só da ordem da reivindicação ou do protesto. É pura afirmação. De vida, das nossas existências singulares e ainda da nossa capacidade de união. Afirmação de desejos irrompendo no fluxo cotidiano de casa-trabalho-diversão. É ocupação da cidade criando Zonas Autônomas Temporárias. É retomada dos nossos próprios corpos como coisa nossa, do nosso próprio mundo como coisa nossa que é de toda a gente, e de toda a gente como coisa nossa, porque “gente é pra brilhar”, como dizia Maiakóvski (2003, p. 90). Tem alguma coisa que muda para sempre na nossa voz depois disso. Talvez calo nas cordas vocais de tanto grito. Mas não, é algo mais. Uma rouquidão coletiva que fica inquieta no fundo da garganta querendo saltar para fora de novo, se encontrar com outras vozes, ecoar com outros corpos, fazer soar um mundo novo. Quando a barreira policial nos impede de passar, quem atravessa é o grito. Um único grito já salta os muros, passa por baixo das pernas dos soldadinhos de chumbo e dá adeusinho lá do outro lado. Ninguém segura nossas vozes reunidas.

Tem muita gente que pensa 2013 como junho, pela quantidade assustadora de gente que foi para as ruas de uma vez só, aquela intensidade da multidão. Mas 2013 para mim é persistência. Quando se encerrou a fase dos grandes atos, ainda no final de junho, foram surgindo as ocupações. Câmaras Municipais ocupadas em inúmeras cidades brasileiras. Ocupa Cabral numa esquina do Leblon, lembrando ao governador que o café da manhã já seria indigesto e seu sono nunca mais tranquilo. No Rio de Janeiro, a coisa persistiu, com altos e baixos, até pouco depois da final da Copa, em julho de 2014. Uma hora o foco estava nos atos contra Cabral, outra na Ocupa Câmara Rio e na questão da investigação do setor

de transportes, outra na greve dos professores, outra na Aldeia Maracanã, na greve dos garis em pleno carnaval, nos atos contra a Copa, as remoções, a ocupação das favelas, a militarização da cidade; o movimento nunca parou. Sempre quando, logo após os ataques violentos da polícia, as pessoas se reagrupavam cantando “Olha eu aqui de novo!” e “Não acabou! Tem que acabar: Eu quero o fim da polícia militar”, essa disposição para persistir desafiava os poderes da repressão – dava uma rasteira naquele coreopoliamento descrito por Lepecki (2012) –, mas, sobretudo, aquele coro coletivo injetava um novo ânimo na ocupação das ruas: “Não tem arrego”. E não tinha.



Figura 29 - Pichação Não Acabou. Cinelândia, 15/10/2013. Foto: Mídia Independente Coletiva

Em alguns momentos, até parecia que ia acabar. A coisa dava uma esfriada. Mas só para logo mais incendiar tudo outra vez. Um desses momentos foi o apoteótico encerramento da Ocupa Câmara Rio, após uma manifestação em defesa da educação em 15 de outubro de 2013, presenteando com um verdadeiro cavalo de Tróia os nossos bravos professores na celebração do seu dia. Um cordão policial cercou e aciou dezenas de manifestantes nas escadarias da Câmara, destruiu as barracas, todo o material, objetos pessoais e todas as estruturas da ocupação (depois foi tudo queimado em uma rua deserta do Centro, até livros – a gente tinha uma

biblioteca comunitária lá. São bem tristes as imagens). Os ônibus da polícia foram chegando, estacionando no meio da praça e se enchendo de gente, levada para várias delegacias diferentes nos pontos mais distantes da cidade para evitar protestos e, sobretudo, dificultar a ação de advogados(as). Nessa noite, foram cerca de 200 detenções dispersas entre as DPs do Centro, Copacabana, São Cristóvão, Tijuca, Penha, Engenho Novo, Madureira e Ilha do Governador, com um total de 20 menores encarcerados e 64 manifestantes enviados ao presídio de segurança máxima de Bangu. Todos os homens tiveram os cabelos raspados, e homens e mulheres passaram por tortura psicológica e até física em alguns casos. Ali começava a se construir (destruir) a Sininho (a Elisa) em rede nacional, porque, entre os 64, ela e mais dois foram pinçados para estampar a cara na manchete d'O Globo do dia seguinte, ilustrando quem eram os vândalos condenados, mesmo sem haver nenhuma condenação jurídica ou prova de vandalismo.



Rumo à cadeia. Depois de serem indiciados e fazerem exame de corpo de delito, acusados de crime organizado pelo vandalismo de terças são levados para presídios em Bangu e São Gonçalo

CRIME E CASTIGO

Lei mais dura leva 70 vândalos para presídios

Presos em protesto são enquadrados por crime organizado, que é inafiançável

Cerco aos black blocs teve o maior efetivo policial desde o início dos protestos

Setenta dos 190 presos nas manifestações violentas da noite de terça-feira no Centro foram indiciados na nova lei do crime organizado, que prevê pena de até oito anos de prisão. Os acusados foram levados para presídios em Bangu e São Gonçalo, já que o crime é inafiançável. Apesar da ação da PM, que mobilizou 1.500 homens no cerco aos black blocs, o maior efetivo já empregado desde o início dos protestos, os vândalos deixaram muita destruição. No fim dos protestos, tiros de arma de fogo foram disparados, mas a polícia ainda teria identificar os autores. **PÁGINAS 10 e 11**



IAIR SEIXAS

Baiano volta à cadeia

Músico conhecido como Baiano ou Macanhão é figura fácil em atos violentos. Em julho, foi preso por danificar carro da polícia no Leblon.

SEM MÁSCARAS



ELISA DE QUADROS

Sininho do barulho

De aparência frágil, produtora de cinema conhecida como Sininho lidera o acampamento Ocupa Câmara, há dois meses na Cinelândia, e defende anarquistas.



RODRIGO AZOUBEL

Engajado e baleado

Jovem baleado nos braços durante a manifestação de terça-feira coleciona participações em protestos e defende ações de vândalos. **PÁGINA 11**

Professores: cai liminar contra plano de cargos

O Tribunal de Justiça do Rio cassou a liminar que impedia a implantação do plano de cargos e salários dos professores da rede municipal. O aumento de 8% já será pago em novembro. **PÁGINA 13**

ENQUANTO ISSO...

Em São Paulo, polícia autua apenas um

Das 60 pessoas detidas nas manifestações violentas em São Paulo, só uma foi autuada, e, ainda assim, por porte de maconha. **PÁGINA 12**

Figura 30 - Capa do jornal O Globo, em 17/10/2013. Foto: Reprodução Internet

Vou me estender mais um pouco aqui, porque aquela noite foi interminável. Já estávamos havia 67 dias ocupando a praça da Cinelândia e, honestamente,

muito cansados. A pressão por uma Comissão Parlamentar de Inquérito legítima não tinha dado em nada, a não ser na suspensão judicial temporária dos trabalhos da CPI, que jamais voltaria a se recompor, nem com vereadores empenhados em investigar algo, nem com aqueles da base do governo peemedebista que a compunham até então, mais empenhados em esconder seus podres. A farsa montada para impedir o avanço de qualquer investigação na área, entretanto, ficou bastante clara para toda a população, evidenciando ainda mais os conchavos entre políticos e empresários na prefeitura de Eduardo Paes e no governo de Sergio Cabral (ambos do PMDB). Mas nós tivemos ainda, claro, muitas conquistas muito além de uma pauta de reivindicação. Conquistas de ordem existencial, inclusive. E, principalmente, coexistencial. Aprendemos a ser/estar juntos no mundo e a construir com as nossas diferenças, e não apesar delas. Iniciamos uma Assembleia Popular na Cinelândia, após um grupo de estudos muito bacana sobre democracia participativa e democracia direta. Mas cada vez mais tinha muito conflito interno, muita crise para mediar, muita repressão externa, muita ameaça, além da má alimentação e do sono mal dormido de todo dia.

Eu, ao menos, estava exausta, e já nem dormia lá todas as noites. Muitas vezes, me abrigava na casa da minha irmã, que era perto, após passar o dia trabalhando nas atividades da ocupação. Alguns de nós até já pensávamos em encontrar um modo de encerrar dignamente aquela ocupação, para sair de cabeça erguida. Ninguém foi para a rua determinado a morar lá (a não ser quem já morava). Esse tipo de ocupação é sempre temporária, a transitoriedade está em sua base de formação. A questão é encontrar o tempo certo. Mas foi o tempo que encontrou a gente. E apesar das vidas devastadas pelas prisões e exposição na mídia, eu não acho que acabou tão mal, porque muita coisa potente também foi gerada naquele final.

No fim de setembro, um ânimo novo foi injetado na gente com a greve da educação e ocupações da Câmara pelos professores municipais e da Alerj pelos do Estado. Alianças imprevisíveis foram criadas com professores que, até então, alimentados pelos venenos dos noticiários de TV, temiam o black bloc ou condenavam a ação de vândalos, mas logo reconheceram naquela garotada seus alunos e encontraram neles seu escudo de proteção. As últimas semanas foram intensas, as ruas se encheram novamente e a Ocupa era um oásis no meio do caos. Os poderes instituídos devem ter percebido que a gente funcionava num sistema

de mutualismo: a Ocupa se alimentava da nova energia que vinha para as ruas e quem já não estava nas ruas se alimentava da energia de quem nunca saía. A praça da Cinelândia tinha sido um pequeno paraíso coletivo no 7 de setembro, enquanto a violenta repressão atingia outros pontos do Rio. Era ali que as pessoas se reagrupavam para recuperar o fôlego. Em 30 de setembro e 1º de outubro, mesmo sob uma chuva torrencial de bombas lançadas de cima do prédio da Câmara enquanto se votava o Plano de Cargos do governo para a educação, não arredamos pé da praça. Já durante o grande ato da educação em 7 de outubro, abriram a guarda da repressão para deixar uma galera quase incendiar a Câmara (não me sai da cabeça que foi proposital, para criar motivo). Em algum momento, deve ter caído a ficha, e eles então tornaram prioritária a destruição da ocupação. De 15 de outubro não passava. E eu que achava que dormiria mais tranquila com a ocupação acabada... ficaria ainda algumas noites sem dormir.

Naquela noite, eu poderia ter estado entre os detidos. Eles prenderam aleatoriamente todo mundo que estava lá na hora, fosse ocupante, professor ou qualquer um que tivesse corrido para as escadarias da Câmara tentando se abrigar das bombas. Durante os atos, mesmo com as bombas voando na praça, a gente permanecia na ocupação e tentava proteger o perímetro das barracas. Improvisava uns escudos nas escadarias. Certa vez, subiu uma tropa com pastores alemães ferozes aterrorizando a gente, e eu já jurava que era dali para a cadeia (ou pior), mas logo deram meia-volta. Não tinha ninguém ali com pedra ou molotov. Sempre ficou claro que a tática de ocupação é de permanência, e não de ataque, e os adeptos da tática black bloc que frequentavam a Ocupa respeitavam isso. O que não impedia as bombas de voarem para todo lado e alcançarem as escadarias e as barracas. Isso fez com que eu respirasse muito gás lacrimogêneo por algum tempo (agravando um bocado a minha alergia respiratória). O início de outubro tinha sido intenso, com a votação do Plano de Carreira dos educadores no plenário da Câmara e a gente resistindo a ataques por mais de 6 horas do lado de fora por dois dias seguidos. Depois, a manifestação do dia 7. E, enfim, aquele 15.



Figura 31 - Na escadaria da Câmara entre o gás. Cinelândia, 2/10/2013. Foto: Yasuyoshi Chiba

Naquele dia, se eu acreditasse em anjo da guarda... Mas não acredito. Acredito em cansaço. Eu corri das bombas. Me abriguei em um bar da Lapa, que desceu os portões de ferro, porque até ali a polícia já passava caçando manifestante com suas motos barulhentas e sua empáfia. Eu e duas amigas da ocupação começamos a ver as imagens pelo noticiário da TV, porque os bares sempre têm uma TV ligada que ninguém vê. Naquela noite, vimos e esperamos tudo dar uma acalmada. Então, ligo para outro amigo da ocupação, que já me informa que está, junto com todo mundo lá, sendo detido. A gente corre de volta e tenta salvar da ocupação o que dá, que infelizmente não são as pessoas. Enfia umas barracas, materiais, mochilas e sei lá mais o que no porta-malas do meu carro – depois a gente vê o que é, e o que é de quem. Aí fica do lado de fora do cordão policial assistido à triste cena da detenção em massa de mãos atadas, sem sequer conseguir extrair alguma informação. Os ônibus partem, um a um, sei lá para onde, levando tudo de mais valor que a gente tinha ali: pessoas. Se não as queimaram em uma outra rua erma do Centro, junto com os livros e as barracas, certamente deixaram nelas uma marca do mesmo fogo, queimadura que nunca vai deixar de arder.

Os que restamos da ocupação combinamos de nos reagrupar na casa de um dos ocupantes em Copacabana e de lá pensar em estratégias imediatas, a primeira das quais conseguir informação. Contatar advogados. Quem foi detido? Para onde foi levado? Qual o crime do qual está sendo acusado? Quase todo mundo foi detido no mesmo contexto, mas em cada delegacia se adotou um procedimento e houve diferentes crimes imputados. Há relatos de que Martha Rocha, chefe da Polícia Civil, percorreu pessoalmente as delegacias para orientar os delegados sobre os procedimentos desejados, por recomendação da secretaria de segurança do Estado. Formação de quadrilha foi a acusação preferida (inafiançável pela nova Lei do Crime Organizado), mas houve ainda outros crimes atribuídos, como incêndio, dano ao patrimônio, tentativa de furto, roubo, lesão corporal e corrupção de menores. Os delegados que agiram com autonomia liberaram os detidos por evidente falta de evidências. Ninguém era julgado de fato pelos seus próprios atos, mas aleatoriamente enquadrado em um crime coletivo ou simplesmente liberado, de acordo com o ônibus em que estava e a direção que ele tinha tomado. Alguns tomariam a direção de Bangu. Mas a gente ainda não sabia. Ainda não sabia de nada. Fomos tomar uma cerveja num boteco em Copacabana enquanto ligávamos para todos os nossos contatos montando um mosaico de informações. Precisávamos, primeiro, descobrir o que estava acontecendo. Descobrir o que precisava e se colocar à disposição. Nem que fosse apenas providenciar um café da manhã para as meninas que ainda aguardavam no ônibus em frente a uma das delegacias, sem poder sair nem para fazer xixi. Aquela noite não acabava nunca mais.

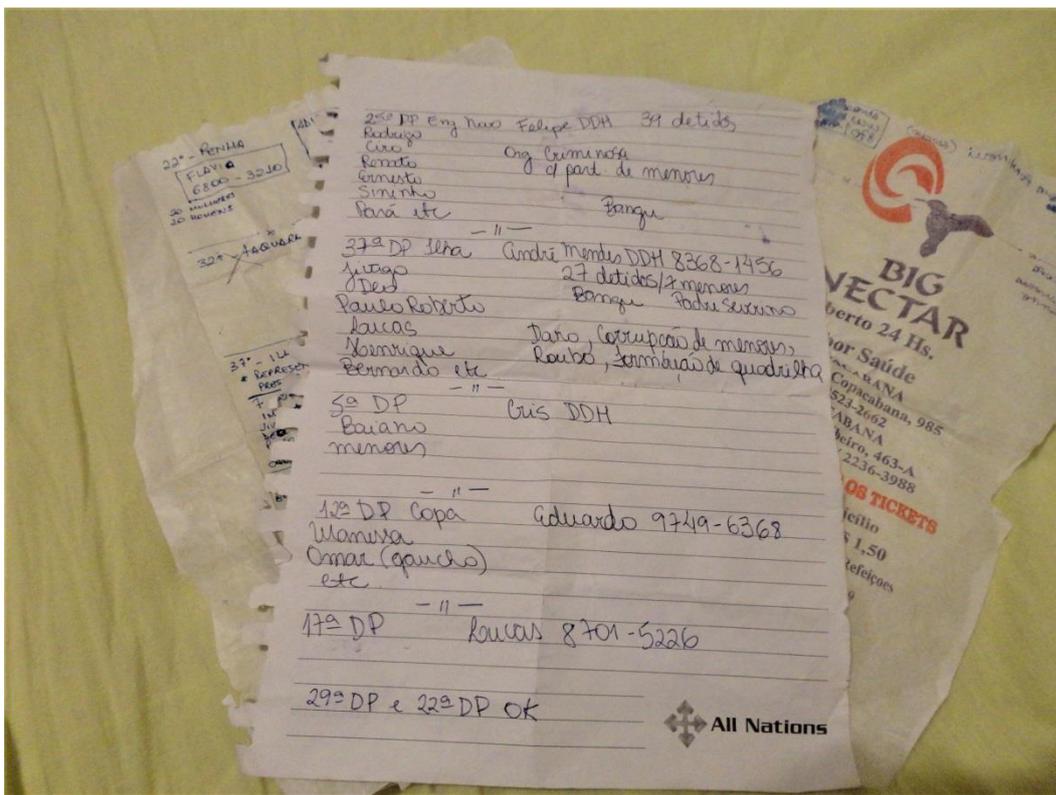


Figura 32 - Lista de presos com rascunho em guardanapos. RJ, 16/10/2013. Foto: Beatriz Provasi

Já estava amanhecendo quando iniciamos um tour pelas delegacias do Rio, cientes de que a Lei Seca era o nosso menor problema. Primeiro, busquei o Renan em Madureira, pois seu ônibus já estava sendo liberado. Depois, fomos para a Penha, providenciamos o café da manhã das meninas e aguardamos lá até a sua liberação. E, por fim, seguimos para o Engenho Novo, de onde ninguém seria liberado (assim como das demais DPs), mas ainda ficaríamos horas aguardando tensos os encaminhamentos. Eu não lembro em que momento dormi (devo ter dormido em algum momento), só me lembro de algumas reuniões nos dias subsequentes para pensar o futuro da ocupação (questões urgentes como quem não tinha para onde ir e acabou se juntando a uma ocupação dos petroleiros) e compartilhar informações sobre o andamento do processo dos ativistas presos. E, depois, me lembro de pegar o carro, recolher uma galera e ir que nem uma louca para Bangu, porque havia a notícia de que os manifestantes seriam liberados na noite de sexta-feira, que acabou virando um sábado (só uma parte foi liberada na sexta e saíram antes de nós chegarmos). Então, viramos a noite em frente à penitenciária de Bangu, eu, Renan, Paula, Game e Drica, numa ansiedade louca

para ver nossos companheiros e companheiras cruzarem a cancela e receberem nossos abraços, o que ainda levaria um dia inteiro para acontecer.

 **Ocupa Câmara Rio** 19 de outubro de 2013 · 🌐

VIGÍLIA EM FRENTE AO PRESÍDIO

Desde ontem a noite, um grupo que participa do ocupa câmara Rio, passou a noite em vigília aguardando a libertação dos presos políticos.

Fomos contemplados com uma bela lua e hoje o dia amanheceu lindo. Permanecemos firmes e fortes para abraçarmos nossos amigos e logo mais comemoraremos esta vitória do poder popular juntos.

PRESOS POLÍTICOS, LIBERDADE JÁ. LUTAR NÃO É CRIME VOCÊS VÃO NOS PAGAR! #desocupabangu

Transmissão ao vivo em revezamento:

www.twitcasting.tv/molotovninja
www.twitcasting.tv/dricaninja
www.twitcasting.tv/paulavandalaprofessionalkossatz



Figura 33 - Ativistas da Ocupa Câmara Rio na saída de Bangu. Facebook, 19/10/2013.

Nem todos cruzariam a cancela naquela tarde. Alguns amargariam mais alguns dias no presídio. Outros, meses. Não por acaso, para fazer companhia ao Rafael que já estava preso desde junho, outro negro pobre permaneceu no cárcere:

Jair Seixas Rodrigues, o Baiano. Todo o foco da luta naquele momento se voltou para a libertação dos presos políticos e muito da discussão se voltou para um questionamento do sistema carcerário e judicial como um todo, concluindo, por fim, que todo preso é um preso político de um Estado capitalista e racista. Quantos Rafaéis o Estado já não terá aprisionado sem o nosso conhecimento? Sem direito a julgamento justo? Sem provas de um crime? Naquela tarde, em Bangu, eu e a Paula conversamos um bocado com algumas mulheres que estavam na fila da visita. Quem estava do lado de dentro também observou um bocado do que se passava pelos corredores internos, embora tenham sido mantidos em uma ala separada e sem banho de sol coletivo (tratados realmente como presos diferenciados). A realidade do cárcere não tinha como não atravessar as nossas pautas de luta. As humilhações cotidianas, a revista invasiva até em crianças, a tortura física e psicológica, o abandono da família (pelo qual passam principalmente as mulheres encarceradas, reflexo ainda de um machismo sistêmico), a total ausência de um projeto inclusivo (não digo nem educacional, que poderia soar adestratório)... tudo, enfim, faz dos nossos presídios verdadeiros campos de concentração para negros pobres, cujo objetivo final é a aniquilação (quando ela já não é feita com tiro na cara e registro de falsos autos de resistência).

Depois do massacre da Ocupa Câmara Rio e do presente de grego para os professores, depois de muito Bangu e enquanto Rafael e Baiano ainda serviam de bodes expiatórios dos atos, por porte de Pinho Sol ou, mais grave ainda, porte de pele negra, se desenhavam os contornos do Grito da Liberdade. Rolou muita treta para construir esse ato, porque tem uma esquerda festiva que se apega demais à festa e uma esquerda furiosa que não abre mão da fúria jamais. Eu mesma já acho que “esquerda”, às vezes, é um termo que nem faz mais muito sentido, porque as vias já não têm mais só duas claras direções, e é preciso enxergar os entrecruzamentos. Mas ainda me digo de esquerda, em tudo o que isso carrega de humano e tudo o que traz de responsabilidade. Porque a direita é voraz e devora toda a humanidade restante, sem crise de consciência. Ao menos, eu fico com a consciência da crise. O que sei é que a fúria e a festa juntas podem dar um belo grito de liberdade. E que esse grito pode ser silêncio. E foi.

Tudo nos atos até então tinha sido barulho. Sons muito potentes e até mesmo perturbadores. Quando os cantos se contradiziam indo em direções

diferentes, como quando, por exemplo, um coro de “sem partido” era respondido com um “sem fascismo”, ou um de “sem vandalismo” era surpreendido com um de “sem violência” ou “sem moralismo”, com certeza se produzia algum ruído. E quando, no meio, ainda surgia um “Sen...sualismo”... (obviamente acompanhado de uma reboladinha sensual), o ruído se intensificava. Quando “Ei, Cabral, vai tomar no cu” se seguia de um “Ei, Cabral, toma da polícia, porque tomar no cu, eu te garanto, é uma delícia”, outro ruído. Todos esses ruídos produzidos nos corpos devem ter transformado os nossos sentidos. Alguns, pelo menos. Eu já não chamo ninguém de “filho da puta”. Passei a chamar de “filho do Bolsonaro”, criando até mesmo um Novo Acordo Pornográfico da Língua Brasileira:

Pela extinção das expressões “filho da puta” e “puta que pariu” como xingamentos, que os filhos da puta merecem respeito bem como todas as putas que pariram. O nome do safado que engravidou a puta e caiu fora poderia ser usado como xingamento, mas esses filhos da... esses caras não deixam rastro. Podemos usar um nome simpático de apelo popular como “filho do Bolsonaro”. Mas vamos deixar os filhos de lado e extinguir esses termos, afinal, os filhos não têm culpa... se bem que os filhos do Eike Batista, do Cabral, do Cesar Maia, a filha do Garotinho... esse povo sabe fazer filho “filho da...”, “filho do Bolsonaro”! (Provasi, 2015)

Seja fazendo coro ou ecoando conflitos, tudo até então na rua era grito. Gritos saltando os muros, soltando mil baterias no coração ou ponto a cabeça em parafuso. Mas também calejando as cordas vocais e instalando lá aquela rouquidão coletiva, que às vezes se sente tão sozinha. Era também a banda passando, sem ninguém parado na janela, porque todo mundo já tinha descido para acompanhar. Os músicos que performavam tocando nos atos têm a minha gratidão eterna, porque eu nunca vou esquecer o som de um sopro que surgia inicialmente solitário, ainda entre a fumaça, depois dos ataques da polícia, para tirar sarro e fazer graça como em um número circense de palhaçaria: uma torta na cara da PM – e a banda toda logo voltava para nossa euforia. “Olha eu aqui de novo”, sempre. Era tudo som e fúria, fogo e carnaval. Até os estrondos das bombas e os helicópteros compunham essa grandiosa orquestra. Mas ninguém estava acostumado a lidar com o silêncio. O silêncio está no espaço privado. O silêncio não toma as ruas. A rua é o lugar de fala. Eu não fazia ideia, quando ainda estávamos no planejamento, do quão forte seria aquilo.



Figura 34 - Músicos no Grito da Liberdade. Centro do Rio, 31/10/2013. Foto: Gabriel Kubrusly

Quando, naquele trajeto do Tribunal de Justiça até a Lapa, entre gritos e batucadas, entramos na Avenida Rio Branco em total silêncio, alguma coisa se tornou pesada. Tinha uma gravidade naquela caminhada. As pessoas saindo do trabalho paravam nas portas dos prédios para observar, ninguém corria para casa. Ninguém baixava o portão de ferro da loja correndo com medo de um vandalismo iminente. E ninguém entendia aquele silêncio. Talvez nem a gente. Mas, por um momento, era preciso calar, e ainda estar com o corpo na rua. Era preciso fazer soar de um outro jeito, porque ainda ninguém ouvia (Lula e Dilma até hoje não ouviram 2013 – ou se fingem de surdos). Era preciso soar diferente. E era de arrepiar. De repente, um tambor solitário marca um compasso: bum... bum... E entre um toque e outro, emana uma voz ou outra lembrando nomes de vítimas da violência do Estado, não só Rafael e Baiano, como tantas outras, no campo ou na cidade, hoje e sempre. Ainda fico arrepiada só de lembrar. Foi sem dúvida uma das performances coletivas mais fortes de que já participei.

Seria, talvez, “[...] o som de um Estado desmoronando, de um novo mundo ressurgindo das mãos do povo. O silêncio grave, incômodo, fazendo ecoar tudo o que já foi dito, todos os nossos gritos, que há quase cinco meses estrondam nas ruas sem serem ouvidos”, como na descrição do Ocupa Câmara Rio. Talvez, essa misteriosa conexão que levou uma multidão a ficar em silêncio, e esse silêncio a soar tão forte, não comporte nenhuma resposta além

dela mesma. Entre a ação política e a performance artística, esse silêncio perturbador permanece em suspenso, ecoando indecifrável. (Provasi, 2016, p. 443-444)



Figura 35 - Cartaz Nosso Silêncio Grita no Grito da Liberdade. Centro do Rio, 31/10/2013. Foto: Paula Kossatz



Figura 36 - Ato Grito da Liberdade. Centro do Rio, 31/10/2013. Foto: Christophe Simon

Quando penso em 2013, quando tento entender por que aquilo tudo é tão forte, eu penso em tudo o que é surpreendente, tudo o que foge ao roteiro do que já estava previsto no repertório de atos até então. Não era só a multidão. A multidão foi uma surpresa que os grandes meios de comunicação não puderam ignorar. O vandalismo, uma surpresa inevitável que se empenharam em condenar. Mas Zé Guajajara por mais de 26 horas em cima da árvore (em dezembro de 2013, resistindo à segunda desocupação da Aldeia Maracanã), com o qual a polícia não sabia lidar, isso é o surpreendente maravilhoso que eu vejo como um lugar entre a performance e o ato político, mas que poderia ser chamado simplesmente de ação instauradora. Quando o nosso corpo para de reproduzir, pela força do hábito, e instaura algo novo. Cria um impasse, um ruído, um risco, uma perturbação da ordem das coisas. É o que Lepecki (2012) chamaria de coreopolítica, se opondo a um coreopolicimento. Cada um pode dar um nome diferente, o nome que quiser. E é bom que a gente crie muitos nomes para dizer, porque é tudo muito vasto, não cabe em um nome qualquer, nem na palavra performance, em que já cabe tanta coisa.



Figura 37 - Zé Guajajara na árvore. Aldeia Maracanã, 16/12/2013. Foto: Tomaz Silva

Eu comecei essa pesquisa pensando os atos como performance, para estreitar a ligação entre estética e política no corpo. Mas é muito mais que isso. Não dá para estreitar. É um surpreendente maravilhoso que nenhuma performance artística foi ainda capaz de me proporcionar, muito menos um ato dito estritamente político. O Casamento da Dona Baratinha era uma farrá, um escraço, um estraga prazeres, um prazer. Os escrachos são deliciosamente atos que mereceriam um capítulo à parte, um dia inteirinho só para eles. A Ocupa Cabral foi parar no Leblon, onde nunca se tinha ouvido falar em manifestação. Os atos saíram das ruas do Centro, do famoso “manifestódromo” que Eduardo Paes queria criar sem saber que já existia, e ocuparam a cidade inteira, e foram arrancar políticos e empresários do seu sossego privado, já que eles arrancavam do público esse sossego. Foi festa e fúria, silêncio e som, nossos corpos na rua, ocupando tudo.

O silêncio que ouço hoje já não é o mesmo. Falta a palavra liberdade na formação do seu grito. É só cansaço. Talvez até desistência, em alguns casos. Teve quem levantou a própria barraca, teve até quem queimou os livros que já tinha lido. Teve também quem foi muito queimado e precisa de um tempo para cuidar das feridas. Mas tem também muita gente ainda com aquela rouquidão coletiva louca para saltar para fora e encontrar outros gritos, e se propagar num

microfone humano que pulsa mais forte que qualquer amplificador elétrico. Até mesmo na Dinamarca, onde além do silêncio e da brancura toda, faz muito frio. Ouço o barulho do vento sacudir as janelas e penso em vidros quebrados. Ouvia vidros quebrarem todos os dias no último apartamento em que morei. Minha janela era sobre um posto de recolhimento de vidro – aqui o lixo é todo separado. Pensava em animados casamentos gregos ou naquelas cenas de filmes com raiva quebrando coisas nas paredes. Dava até vontade de festejar e quebrar uns troços também. Mas aí, o caminhão passava para recolher todo o conteúdo da lata e o som se intensificava. Era quando me lembrava do lixo. Eu pensava em bancos e em todo o sistema capitalista (não é só vidraça). É para eles essa orquestra de vidro perfurando os ouvidos como uma eterna ameaça. Na verdade, não existe silêncio. E os sons têm mesmo um efeito muito louco na gente.

2.7.

31 de janeiro de 2018

Hoje recebi a notícia do encerramento das atividades da Mídia Independente Coletiva. Mais uma morte com a qual temos que lidar.

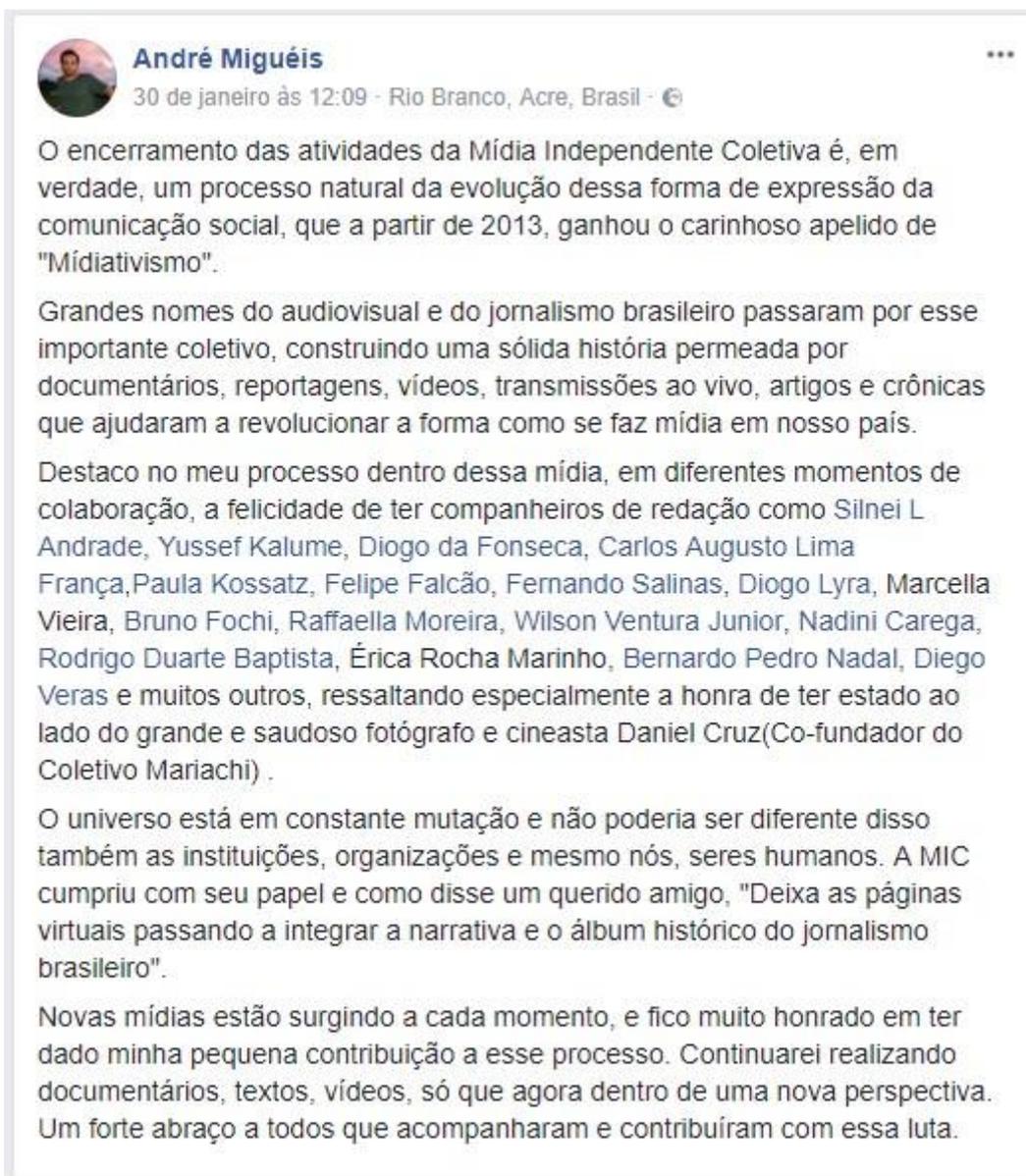


Figura 38 - Postagem sobre o fim da MIC. Facebook, 30/01/2018.

É bom pensar a morte na acepção da carta do tarô, como transformação. Há sempre algo novo que vai surgindo. A MIC era filha de 2013, como tantos outros coletivos de mídia ativista que surgiram ali e eram nossa base de apoio (e ainda são minhas fontes de pesquisa). Produziram muitos vídeos, muitas fotos, muitos áudios, muitos textos que salvaram essa história de um esquecimento sem provas materiais. Ao lado dos(as) advogados(as) ativistas, os coletivos de mídiativismo tiveram um papel fundamental para inocentar muita gente acusada injustamente e acusar também muito suposto inocente que se escondia atrás da farda. Suas imagens serviam de prova judicial, documento histórico e informação instantânea mobilizando ações e reações. A MIC revelava a brutalidade da polícia não só no

asfalto, como nas favelas. Não tinha medo de ir para onde fosse necessária. Precisava mostrar que a bala nas favelas não era de borracha e que aquelas vidas importam. Também são filhos de 2013 coletivos como o Mariachi, o Carranca e o Vinhetando, e ainda tiveram um papel fundamental grupos mais antigos como o jornal A Nova Democracia. Então, por que só se fala da Mídia Ninja?

É evidente o meu incômodo com o estrelismo da Mídia Ninja, num cenário de horizontalização dos movimentos, em um momento de valorização dos anonimatos, com uma potência que só mesmo tantos coletivos e indivíduos somados poderiam produzir. Se por um lado a Ninja gerou muito material relevante, por outro suas “disputas de narrativas” os apresentavam como protagonistas. Nem o Movimento Passe Livre, que gerou o estopim dos acontecimentos, tentou tirar para si algum proveito. Enquanto uma ativista do MPL dizia “Eu sou ninguém” e se mantinha firme com a convicção de construir um movimento horizontal, era Pablo Capilé quem aparecia para dar entrevista em rede nacional, como liderança do Fora do Eixo ao qual a Ninja está ligada. Em 2014, já aparecia ao lado de Dilma Rousseff em campanha presidencial, e não se cansa de mendigar apoios globais. É basicamente o oposto de tudo o que estava em jogo nas ruas em 2013.



Figura 39 - Faixa Capilé, vai tomá na Globo!. Cinelândia, 23/12/2013. Foto: Paula Kossatz

O *modus operandi* Ninja nos atos desde o início, de filmar e transmitir em tempo real, de dentro dos acontecimentos, comprando o risco também das bombas e dos cassetetes, lançando a câmera na cara da polícia como uma arma, fez com que todos nós os admirássemos. Estávamos todos jogando juntos, uns com pedras voando pelos ares, outros com gritos e cartazes, uns com latas de tinta spray, outros com celulares. Dava até uma certa sensação de segurança ter um Ninja por perto: o que quer que aconteça, será registrado. E a brutalidade dos cassetetes foi sempre maior do que o peso das pedras. O que fazia o black bloc avançar era só coragem. As bombas e balas feriram muito mais gente. Nada segurava a polícia, nem câmeras, nem escudos improvisados, nem carteira da OAB. Mas também nada segurava mais a gente. 2013 persistiu, foi além de junho. Surgiram as ocupações, as assembleias populares, novos coletivos de mídia, mais médicos(as) socorristas e advogados(as) ativistas na linha de frente. Tudo apontava para uma horizontalização cada vez maior dos movimentos. Em prol de um movimento amplo, e não de estrelismos particulares. Infelizmente, a Mídia Ninja não acompanhou esse processo.

Na Ocupa Câmara Rio, eu comecei a ouvir falar da ligação da Mídia Ninja com o Fora do Eixo e de uma série de críticas que já havia a essa organização. O FdE já era considerado por muita gente um coletivo oportunista, que explora o trabalho gratuito de artistas com falsas promessas de êxito e cultiva ligações políticas com falsas promessas de hegemonia entre a classe artística e o ativismo. Com essa prática, conseguiu chegar junto de Caetano Veloso, Marcelo Freixo e até Dilma Rousseff. Mas já não chega muito perto do povo. Cultiva num pedestal um líder (o Capilé), enquanto todos os outros movimentos nas ruas buscam acabar com as lideranças (até as criadas pela mídia, como a Sininho).

Eu tive o desprazer de acompanhar de perto a sua forma de atuação na Ocupa MinC RJ, em 2016. As estratégias de manipulação, as falsas promessas, a atuação em grupo, tudo só não sufocou aquele movimento de ocupação porque lá a construção se dava por consenso e, portanto, eles se viam obrigados a engolir as divergências (assim como eu, que constantemente ficava com eles atravessados na garganta). Nem todo mundo percebia que eles já chegavam bloqueados com uma posição fechada para as reuniões e que tinham o objetivo de fazer daquele espaço

um grande festival, a ser capitaneado pelo FdE. Havia também sempre uma pressão para fazer daquela ocupação um movimento pró-Dilma (e pró-PT) e a necessidade de, constantemente, reafirmarmos que a Ocupa era antigolpe e não tomaríamos partido de quaisquer políticos (especialmente quando se aproximaram as eleições municipais). Havia sempre uma tentativa de tirar proveito.

Eu logo percebi o modo como eles agiam nas conversas de bastidores, cooptando apoios entre uma cervejinha e outra com um sorriso aberto. No seu repertório, também está a “tática 2”, nome que eu ouvia circular no movimento estudantil dos anos 2000 para se referir à sedução sexual para fins políticos. Nem sempre funciona. As críticas só se acentuavam com o tempo de convivência. Tinha hora que eu queria estrangular alguns, pelos golpes baixos que eles desferiam para tentar deslegitimar qualquer pessoa que discordasse de suas posturas. O machismo de suas lideranças masculinas era bem mal disfarçado. Vê-los desestabilizar mulheres divergentes para desqualificar nossas falas como “histeria”, “descontrole” ou algo do tipo era intolerável. Foi um convívio tenso por mais de três meses, que já começou com a seguinte recepção: “Foi você que implodiu a nossa reunião da República da Cinelândia, né?”.

Embora eu quisesse muito assumir esse prazer sozinha, jamais o faria. Não tenho tanto poder (e nem quero ter). No primeiro semestre de 2014, eu era uma das pessoas que puxava as assembleias populares na Cinelândia. Já tinham sido outras e ainda seriam outras depois. Não tinha nada especial nisso. Não sou *alguém*, sou só *mais uma*, e isso que é tanto (é soma, não é projeção). Eu criava os eventos na página do Facebook, basicamente. Publicava as atas. Os temas e as discussões eram sempre conduzidos horizontalmente com quem aparecesse na hora. Era assim: quem queria falar levantava o dedo, o segundo levantava dois dedos, o terceiro três, e assim por diante, e conforme iam correndo as falas, os dedos se abaixavam até chegar a sua vez. Não tinha inscrição para falar nem contagem do tempo de fala. Não tinha uma “mesa” conduzindo o debate e as conversas se davam em roda no meio da praça, de forma aberta para agregar qualquer transeunte que resolvesse chegar. Era um esquema bem diferente daquele com o qual os partidos e movimentos institucionalizados estão acostumados. Um movimento novo para todos nós que deixou sua marca, fez história.



Figura 40 - Assembleia Popular na Cinelândia. Cinelândia, 2013. Foto: Ocupa Câmara Rio

Na mesma época em que eu estava engajada nas assembleias, o Fora do Eixo pretendia fazer um festival de ocupação (ou um tipo de ocupação festiva) na Cinelândia durante a Copa e contava com os ativistas da Mídia Ninja do Rio para mobilizar a galera. O Capilé é de São Paulo, era o líder midiático e já não era muito bem visto por ali. Mas o Carioca (Filipe Peçanha) sempre esteve lado a lado com a gente nos atos, também tomou porrada da polícia, era respeitado. Então, ele percorreu, convidando para uma reunião aberta, todas as assembleias populares. Éramos cinco: Largo de São Francisco, Cinelândia, Tijuca, Méier e Largo do Machado, e ainda tínhamos um encontro geral, a Assembleia das Assembleias (e recém-participado de um encontro nacional em Belo Horizonte). O movimento das assembleias populares se mantinha crescente após a desocupação das ruas, como focos de resistência. Outro foco era a Casa Nuvem, espaço de *coworking* na Lapa com uma vasta produção estética e política de ocupação das ruas e atuação fundamental nos preparativos dos atos contra a Copa do Mundo. Todo mundo que representava um legado de 2013 foi chamado, menos o próprio legado de 2013.

Eu já tinha amigas e amigos bem críticos àquela movimentação, farejando algum tipo de oportunismo envolvido. Mas sempre gostei de pagar para ver, para criar conceitos em vez de preconceitos. E o convite tinha sido sedutor, porque

sugeria uma forma de construção com a qual estávamos lidando nas assembleias e queríamos ver propagada: coletiva, aberta, sem líderes, de ocupação dos espaços públicos. Então, fui repleta de boa vontade para uma reunião horizontal no meio da praça. Porém, logo na minha primeira fala, questioneei o nome “República da Cinelândia”, com o qual já se propunha batizar aquela proposta de ocupação. Era uma simples questão com um velho conceito de República (associado a uma forma de governo), quando estávamos num crescente movimento de Ocupa e já se anunciavam conceitualmente ideias como Zonas Autônomas Temporárias (Bey, 2013). Nem cheguei com uma sugestão, mas esperava que tudo estivesse aberto à discussão. A professora da UFRJ Ivana Bentes, conhecida aliada do FdE, rebate com uma fala em tom acadêmico sobre ressignificação de conceitos e tal, talvez ignorando meu pezinho na academia. Tenho que buscar Deleuze & Guatarri (1992) na sua definição de filosofia para fazer uma apologia à criação de conceitos (e de novos conceitos para coisas novas).

O título que se daria, entretanto, importava menos do que o modo de construção. E o que se denunciou nas respostas cheias de defensiva foi a falta de abertura. Uma hora, deixaram escapar que aquilo já tinha sido debatido em umas cinco reuniões anteriores. Então a reunião horizontal na praça se revela uma farsa. Já havia um projeto fechado criado entre quatro paredes e o que se queria ali era só adesão. Os questionamentos não param e aí já não são só meus, mas de uma gente muito melhor embasada que já foi com munição, pois já conhecia o *modus operandi* do Fora do Eixo de outros carnavais e sabia que aquela “República da Cinelândia” era mais uma forma de tirar proveito, seja como capital cultural ou político, das duras lutas travadas nas ruas, do que uma nova forma de luta (realmente não cabiam novos conceitos). A república deles ruiu e eu não tenho nada com isso. Foram eles que cavaram a própria cova. Eu só escrevi o epitáfio:

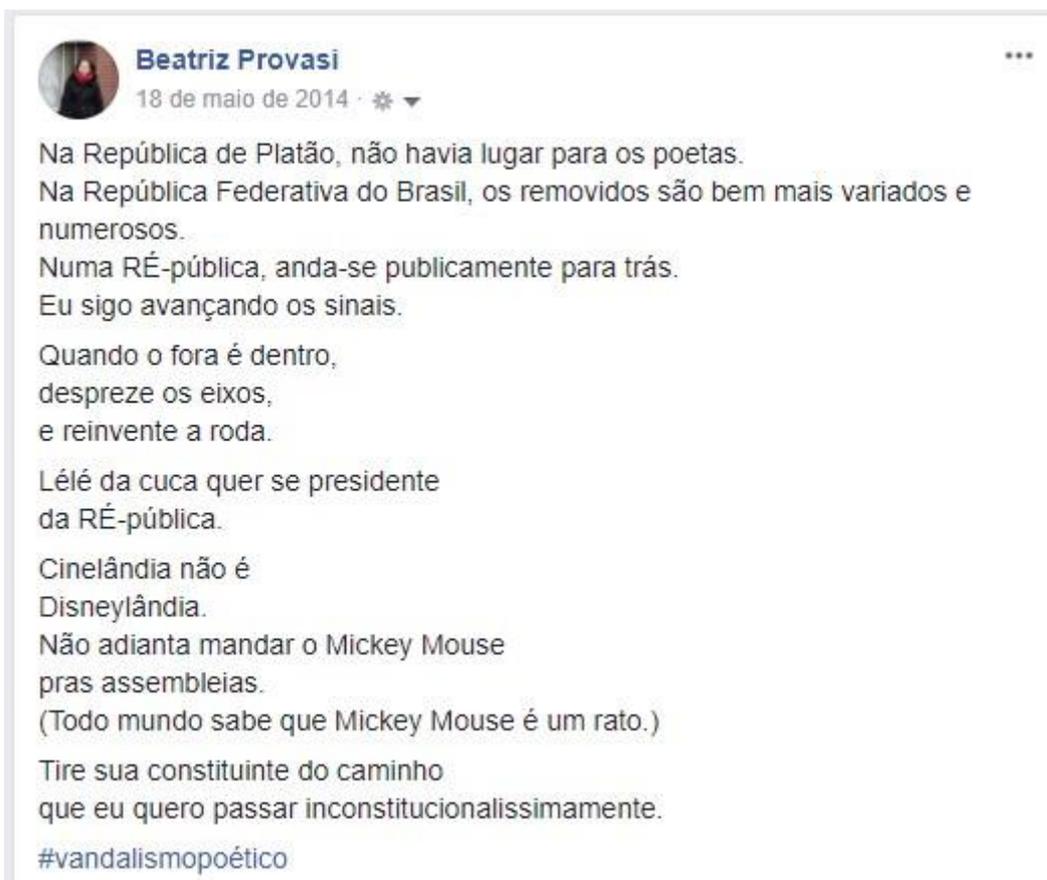


Figura 41 - Poema sobre a “República da Cinelândia”. Facebook, 18/05/2014.

Quando nos reencontramos na Ocupa MinC, eu já nem dava bola para o episódio. Estávamos em outro momento histórico. Toda aliança é válida para impedir um golpe. E tinha de tudo lá, de petista a anarquista, de atriz de TV a artista de rua, artistas de todas as áreas, índios, estudantes, jornalistas, morador de rua, de favela ou do Leblon. Era uma Ocupa, enfim. Eu tinha divergência política com uma das minhas melhores amigas, que era dilmista. Mas *tá* tudo bem, estamos construindo essa coisa juntas. A gente dividia a mesma barraca e não rolava barraco entre nós. Afinal, ninguém quer ser dono da verdade. A gente só quer reverter o processo de golpe. E também, claro, construir um novo mundo que sirva para todo mundo, começando pelo nosso quintal. Eu nem imaginava que eles ainda estavam com a “República da Cinelândia” na cabeça (e comigo atravessada na garganta). E nem queria supor que logo tentariam fazer do Palácio Capanema (e mais ainda do Canecão) seu festival de ocupação (e seu palco de projeção).

Veja bem, teve muita coisa muito boa e muito potente acontecendo na Ocupa MinC. Os escrachos a Marcelo Calero; impagáveis! Ele foi o único que, após cinco recusas consecutivas de mulheres que não queriam ser penduricalhos

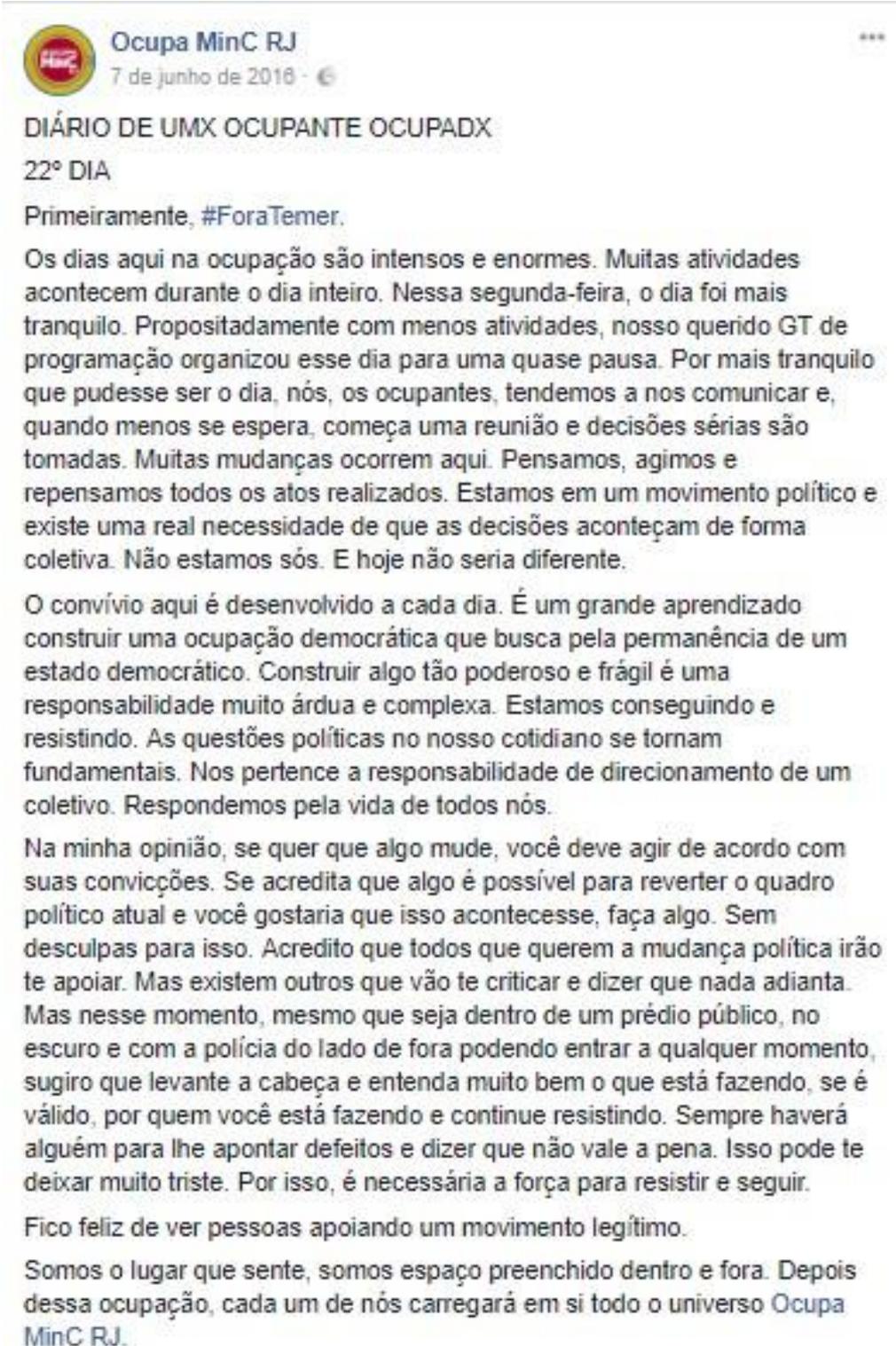
de um governo golpista e machista, aceitou ocupar o cargo no Ministério da Cultura inicialmente extinto por Michel Temer. Teve que pagar a conta (e não deixamos barato!). Houve a criação de um coletivo feminista, a Formação de Sereias, inicialmente para lidar com casos de assédio e estupro na ocupação, mas logo transversalizando as lutas (e deixando os machos de cabelo em pé). Foi sensacional a ocupação do Parque Olímpico, com uma trupe mambembe com a qual o Exército não sabia lidar. Além disso, teve sempre muito debate e muita ação cultural forte.



Figura 42 - Ocupa MinC no Parque Olímpico. RJ, 14/06/2016. Foto: Ocupa MinC RJ

A Ocupa MinC foi polo de resistência, atraiu todo o tipo de arte e todo o tipo de gente. E teve também muita construção cotidiana coletiva que não ganha destaque na mídia (nem mesmo na Ninja, que priorizava pegar depoimentos de apoio de famosos ou dar destaque para os grandes shows na cobertura da página). Mas o dia-a-dia da ocupação, a organização em grupos de trabalho e a divisão de tarefas, as reuniões em roda exercitando a construção de consensos, os mutirões de limpeza, as práticas de ecolavagem, de agroecologia, a relação com os trabalhadores e trabalhadoras ambulantes e mais uma série de ações cotidianas transformadoras eram sem dúvida o ponto mais alto da Ocupa. Logo no início, um membro do GT de comunicação, que não era ligado a nenhuma organização, teve a ideia de criar um diário de ocupante na página, escrito cada dia por uma pessoa

diferente e publicado anonimamente, para fazer ecoar essa voz do cotidiano de quem está dentro ali vivendo.



Ocupa MinC RJ
7 de junho de 2016 · 🌐

DIÁRIO DE UMX OCUPANTE OCUPADIX
22º DIA

Primeiramente, #ForaTemer.

Os dias aqui na ocupação são intensos e enormes. Muitas atividades acontecem durante o dia inteiro. Nessa segunda-feira, o dia foi mais tranquilo. Propositadamente com menos atividades, nosso querido GT de programação organizou esse dia para uma quase pausa. Por mais tranquilo que pudesse ser o dia, nós, os ocupantes, tendemos a nos comunicar e, quando menos se espera, começa uma reunião e decisões sérias são tomadas. Muitas mudanças ocorrem aqui. Pensamos, agimos e repensamos todos os atos realizados. Estamos em um movimento político e existe uma real necessidade de que as decisões aconteçam de forma coletiva. Não estamos sós. E hoje não seria diferente.

O convívio aqui é desenvolvido a cada dia. É um grande aprendizado construir uma ocupação democrática que busca pela permanência de um estado democrático. Construir algo tão poderoso e frágil é uma responsabilidade muito árdua e complexa. Estamos conseguindo e resistindo. As questões políticas no nosso cotidiano se tornam fundamentais. Nos pertence a responsabilidade de direcionamento de um coletivo. Respondemos pela vida de todos nós.

Na minha opinião, se quer que algo mude, você deve agir de acordo com suas convicções. Se acredita que algo é possível para reverter o quadro político atual e você gostaria que isso acontecesse, faça algo. Sem desculpas para isso. Acredito que todos que querem a mudança política irão te apoiar. Mas existem outros que vão te criticar e dizer que nada adianta. Mas nesse momento, mesmo que seja dentro de um prédio público, no escuro e com a polícia do lado de fora podendo entrar a qualquer momento, sugiro que levante a cabeça e entenda muito bem o que está fazendo, se é válido, por quem você está fazendo e continue resistindo. Sempre haverá alguém para lhe apontar defeitos e dizer que não vale a pena. Isso pode te deixar muito triste. Por isso, é necessária a força para resistir e seguir.

Fico feliz de ver pessoas apoiando um movimento legítimo.

Somos o lugar que sente, somos espaço preenchido dentro e fora. Depois dessa ocupação, cada um de nós carregará em si todo o universo Ocupa MinC RJ.

Figura 43 - Diário de umx Ocupante Ocupadx, Ocupa MinC RJ. Facebook, 7/06/2016.

Tudo isso é muito maior que show do Caetano Veloso no Capanema ou noite de reabertura do Canecão ocupado, com aparição surpresa de Chico Buarque e direção da Bia Lessa (nunca coube direção naquele movimento e isso foi um processo bem tenso, aliás). Mas como já dizia outro ídolo, o Belchior, “nossos ídolos ainda são os mesmos”. O problema é que uma boa parte da galera resolveu que não iria mais idolatrar. Então, já não cabem mais ídolos, nem os mesmos, nem outros. Não tem espaço para um Capilé. A gente é “ninguém”, como na fala do MPL, mas também “somos legião”, como no slogan do Anonymous. Os mais sagazes ainda passam por aí despercebidos, em meio aos foliões no carnaval do Rio (ou andando de bicicleta em Copenhague).



Figura 44 - Ocupa MinC RJ. Palácio Capanema, 13/06/2016. Foto: Bruno Bou

Eu deveria ter me aprofundado mais no trabalho da MIC, em vez de gastar meu tempo destilando críticas à Ninja (mas dizer o que *não é* pode ser uma boa forma de definir o indefinível). Este texto era para ser uma bela homenagem a um coletivo que nunca nos decepcionou, não cultivou estrelismos nem anulou subjetividades, sempre se colocou lado a lado, nunca acima nem à frente, amplificando a voz das ruas, em vez de usar as ruas para amplificar a própria voz. Era independente e coletiva, como tantas outras mídias que surgiram e surgirão, trabalhando efetivamente pela democratização da comunicação, com forte atuação

na internet, enfrentando a narrativa hegemônica dos grandes conglomerados de mídia (mas se contrapondo também às narrativas corrosivas daqueles pequenos que buscavam se impor como *os tais*).

Foram tantos midiativismos com trabalhos tão criativos, ocupando as ruas com projeções e as redes com memes, com seriedade e humor, irreverência e responsabilidade, que seria mesmo injusto dedicar este trabalho a um só coletivo. Um dos mais recentes com que tive contato antes de sair do Brasil foi a Caneta Desmanipuladora, página no Facebook dedicada a corrigir as manchetes de jornais que, sob uma máscara de imparcialidade, sempre revelaram suas posições políticas na forma como apresentam as informações. Surgiu em maio de 2016 no contexto do golpe.



Figura 45 - Capa d'O Globo pela Caneta Desmanipuladora. Facebook, 25/05/2016.

A Rede Globo teve um papel central na articulação do golpe, transformando seus noticiários em canal de mobilização contra o governo petista desde o início

do processo (ainda no final de 2014, após os resultados da votação apontarem a reeleição de Dilma Rousseff). Os paneiros nos sofás de suas casas e aqueles manifestantes de verde e amarelo que tomaram as ruas a partir de 2015 eram incentivados por uma cobertura tendenciosa dos fatos, por uma empresa que detém o monopólio dos meios e ainda pauta os assuntos a serem comentados, mesmo nas novas mídias, como as redes sociais. Entre os movimentos, nunca faltaram críticas à Globo e seu poderio. Mas me parece que a partir de 2013 as formas de protesto foram ficando mais criativas, não se contentando em cantar aquele velho hino “O povo não é bobo, abaixo à Rede Globo” ou lembrar que “A verdade é dura, a Rede Globo apoiou a ditadura”.

Os escrachos eram frequentes e impediam jornalistas da emissora de andarem impunemente em meio aos atos, mas também os próprios atos foram ocupar as sedes da empresa por todo o país. Já em 2016, as ruas do Jardim Botânico, no Rio de Janeiro, foram ocupadas por um ato inusitado: O CU PA Globo, que consistia em fazer um bundalelê coletivo na porta da emissora no horário do Jornal Nacional (bem melhor que bater panela sem levantar a bunda do sofá). Eu puxava aquele movimento tanto inspirada nas Kombundas dos Corpos Informáticos (e em seu CU – Composições Urbanas), como na bela campanha Cu é Lindo, que circulava nas redes e muros da cidade. Mas, sobretudo, com a certeza de que o corpo é nossa mídia.



Figura 46 - O CU PA Globo. Jardim Botânico, 15/04/2016. Foto: Ana Beatriz Bastos



Figura 47 - Kombunda, Corpos Informáticos. Brasília, 2011. Foto: Alexandra Martins

As novas mídias, no final das contas, podem simplesmente ser um corpo, estrategicamente posicionado de uma maneira diferente. Ou isso seria só coisa da performance? A técnica de *streaming* usada na cobertura dos atos não seria também isso: um corpo? Aquelas imagens de celular transmitidas no meio da confusão com baixa qualidade de resolução, na verdade, mostram muito pouco. Essa mídia é principalmente o movimento de um corpo com o celular na mão, muitas vezes correndo das bombas com a câmera virada para o chão, e ainda somando a própria voz para comentar aquelas imagens sem muita definição, se transmitindo *agora*, nesse *aqui* contemporâneo já borrado entre o concreto e o virtual. Então, a partir de 2013, também parece fazer sentido criar esse trânsito da mídia como performance e da performance como mídia.

Também se encontra nesse lugar de trânsito uma ação que se propagou um bocado naquele ano: as projeções, usando a própria arquitetura das ruas como espaço de mídia. Com o projetor na mão, o coletivo *Projeção* se deslocava pelo espaço interferindo na paisagem urbana do Rio de Janeiro, ao lançar nas superfícies da cidade incontáveis frases e imagens que faziam parte do repertório dos atos. Recobriam com suas mensagens críticas paredes, muros, fachadas e monumentos, até a copa das árvores e a lataria de ônibus e de carros da polícia. Porém, diferente das pichações, estênceis e grafites, isso se dava de forma

essencialmente efêmera e móvel, dependendo integralmente da presença de um corpo, como extensão mesmo daquele corpo que segura o projetor e o aponta numa direção, criando um novo cenário sempre temporário.



Figura 48 - Projeção nos Arcos da Lapa. Lapa, 31/10/2013. Foto: Coletivo Projeção

As projeções também acabavam alcançando os espaços interditados nos atos, saltando sobre as cabeças dos policiais e ocupando tudo, para o nosso delírio. Não havia como impedir a passagem da luz e aquela luz nos carregava juntos. Nas manifestações Fora Cabral em frente ao Palácio Guanabara, sede do governo do Estado, que sempre contaram com imenso aparato policial (inclusive foi lá a primeira vez que vi usarem caminhão de jato d'água), as projeções eram quem ocupava.



Figura 49 - Projeção no Palácio Guanabara. Laranjeiras, 11/07/2013. Foto: Ana Carolina Fernandes

Na abertura do Festival do Rio, no mesmo dia em que os professores ocuparam a Câmara e a Ocupa Câmara Rio ainda resistia na Cinelândia, o Festival do Rio é na Rua estragou a festa no tapete vermelho do Odeon, com gritos de protesto e projeções que atravessavam as barreiras colocadas. Num dos melhores momentos, o Projetação instalou ratos em torno de um símbolo da Globo no banner em frente ao qual desfilavam as estrelas globais.

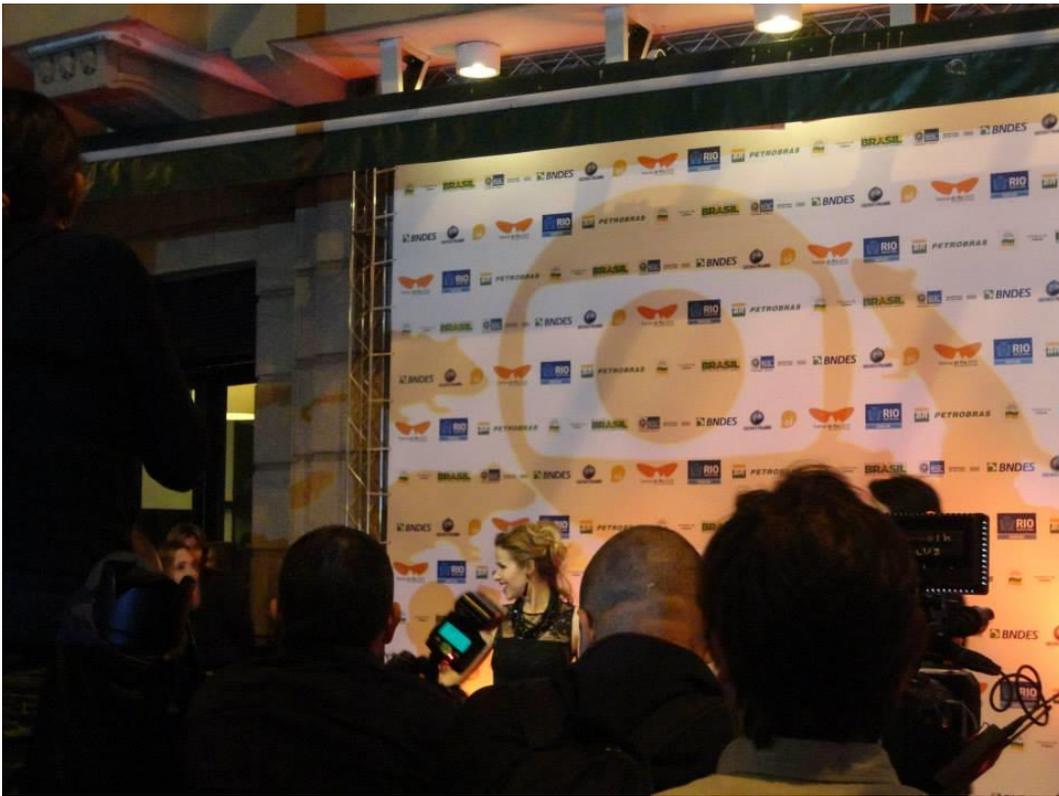


Figura 50 - Projeção no banner do Festival do Rio. Cinelândia, 26/09/2013. Foto: Ocupa Câmara Rio

Enquanto acontecia tudo isso e muito mais, a Mídia Ninja ainda queria aparecer na mídia, com as suas contradições de desejar um *dentro* sob um coletivo chamado Fora do Eixo. Já na construção do Grito da Liberdade, se empenhava em arrecadar apoios de celebridades, antes alimentando o culto ao indivíduo do *star system* brasileiro dirigido pela Globo, do que, como se justificavam, ampliando o alcance das lutas ao usar figuras conhecidas do grande público. Eles estavam estreitando ligações com a classe artística que lhes interessava (que não era a para a qual eles deixavam de pagar cachê em seus eventos). Aquela que eles não promoveriam, mas que poderia ajudar a promovê-los. Eles se apropriavam das imagens das ruas e das estrelas da TV e, para mim, Caetano Veloso Black Bloc é a imagem síntese disso, porque não promoveu nada além da própria Mídia Ninja. A repercussão da foto os botou em foco (não se pode dizer que não são sagazes). Na ocasião, Caetano visitava a sede deles no Rio buscando informações das ruas e o próprio cantor e compositor revela a manipulação: “eles me pediram para posar com uma camiseta preta atada ao rosto para eles mostrarem a Emma, que, segundo eles, gostou do meu texto sobre ela. Agora vejo aqui que eles puseram a foto na rede” (Veloso, 2018).



Figura 51 - Caetano Veloso Black Bloc. Rio de Janeiro, 5/09/2013. Foto: Mídia Ninja

Mas, vai ver, como dizia o Chaves, “Foi sem querer querendo”. Assim como um Chapolin, Caetano não deixa de ser mascarado. Nem os Ninjas, que agem nas sombras. Nossos rostos cobertos são muito mais transparentes. “E agora, quem poderá nos defender?”, diria alguém em busca de um herói atrapalhado. “Seja vândalo, não há heróis”, como não disse um Hélio Oiticica, mas eu intertextualmente fiz questão de transcrever nos muros. Quem está na rua sabe que não precisa de personagens fictícios como um Caetano ou um Capilé. Nossos heróis são anônimos, são anti-heróis, Macunaímas. Olhando para eles com um clássico “ai, que preguiça!”.



Figura 52 - Estêncil Seja Vândalo, Não há Heróis. Lapa, 27/05/2014. Foto: Marcelo Valle

2.8.

4 de fevereiro de 2018

Ontem nevou e eu nem vi. Não tenho saído de casa e sou dona de uma das raras janelas com cortinas nessa cidade. Não lido bem com a claridade que invade o quarto justo na hora em que eu estou indo dormir. Como eu gosto de escrever no silêncio das madrugadas e esses escritos se tornaram a minha vida nos últimos tempos, meu sono coincide com os poucos momentos de luz do dia incidindo sobre a paisagem de inverno. De qualquer forma, já quase não há sol. É mais uma luminosidade cinza que se ergue no céu a cada manhã. Não há amarelos nem alaranjados se avermelhando nos fins de tarde. Nada que encha os olhos de prazer na luz que resta lá fora. A não ser, claro, a neve. Os flocos caindo calmamente e rodopiando em várias direções ao sabor do vento antes de pousarem com leveza no chão, deixando tudo com cara de algodão. Quando neva, o mundo parece mais suave, mais leve, com milhares de bailarinas rodopiando no céu com seus tules brancos. Infelizmente, em Copenhague mais chove do que neva. A neve pousa de leve no nosso rosto, enquanto a chuva espeta. São beijinhos delicados, apesar dos lábios frios.

Já é meu segundo inverno aqui e não canso de admirar esse espetáculo de dança da natureza. Meus olhos ainda são de estrangeira, de criança, de poeta: ainda pouso um olhar admirado sobre as mais pequenas coisas. Meu olhar estrangeiro não se criou com a minha mudança para outro país. Sempre esteve comigo. Quando todos olhavam para as bombas e tudo em volta era só fumaça, eu não pude deixar de perceber os pombos desnorreados nos céus da praça. Eu não podia ver só o que estampava as manchetes dos jornais ou os nossos panfletos revolucionários. Tinha sempre algo mais, um detalhe, um gesto, um movimento qualquer que revelava a poesia daquele momento. É essa poesia que eu quero contar, mais que a história. O meu 2013 é quase um inventário poético. Naquela época, eu estava na rua e vi quando a neve caiu. E soubemos fazer guerras de bola de neve como toda criança que já nasce em um lugar frio. E foi também divertido.



Figura 53 - Escudo black bloc com cartaz Tarifa Zero. Belo Horizonte, 2013. Foto: Mídia Ninja

Negar a diversão seria um equívoco. O prazer de recusar as ordens da repressão e seguir ocupando as ruas não pode jamais ser tirado da gente. Nós éramos, sim, os Meninos Perdidos, órfãos do Estado e com muito Capitão Gancho para encarar, preservando uma terra de liberdade coletiva, sem sequer um Peter Pan para liderar (a Sininho era só uma fada que jogava um pozinho para a gente

voar). A Terra do Nunca virou a Terra do Já, foi vivida intensamente nas ruas, sem nenhuma eternidade para trás ou para a frente: era tudo ali e naquele momento. E era bonito ver aqueles meninos e meninas tão jovens que formavam o black bloc catando com as mãos as bombas de gás e devolvendo inesperadamente na direção da própria polícia. Era engraçado ver uma tropa de choque fortemente armada fugindo com medo de uma garotada com as armas mais mambembes do mundo, como escudos feitos de tapumes de madeira, pedras portuguesas da calçada, gravetos de árvores, qualquer coisa reciclada das ruas. Na maioria dos casos, era apenas isso (coquetéis molotov lançados na direção da polícia já foram revelados como ação de policiais infiltrados). Era a luta entre um graveto de madeira e uma espada afiada, que botava o Capitão Gancho na boca do crocodilo para a gente dar risada. O que causava medo na polícia é que aqueles jovens pareciam não ter medo de nada, corriam e gritavam “uh, uh, uh” e avançavam com toda a fúria. Era engraçado e era divertido. O prazer de virar um carro da polícia como quem afunda um navio pirata (lembrando que aqueles piratas já afundaram muitas vidas).



Figura 54 - Carro da polícia virado pelo black bloc. São Paulo, 7/10/2014. Foto: Daniel Teixeira

Também houve momentos de descontrole. Nunca estive no repertório black bloc quebrar e saquear pequenos estabelecimentos comerciais. Os alvos eram os bancos, as empresas de ônibus, viaturas da polícia e o que mais representasse o poder opressivo do capital ou do Estado. Mas acaba entrando para o repertório de um monte de gente desorganizada sendo constantemente atacada, e violentamente reprimida em seu direito de expressão, “quebrar tudo”. Era uma reação incontrollável. Mas era uma violência contra as coisas, não contra as pessoas. A quebra de um banco é uma violência simbólica. Incendiar ônibus é violência simbólica. Vandalizar os manequins das vitrines de lojas caras ou carros de luxo é violência simbólica. O assassinato de Amarildo é a violência concreta. A chacina na Maré é violência concreta. A remoção de milhares de famílias de suas casas e de índios de seus territórios para abrir espaço para grandes empreendimentos comerciais, isso sim é violência. Há um abismo entre violência e vandalismo (todo vandalismo é poético). E “gentileza gera gentileza”, como já diria o profeta. Quando havia ataques a policiais militares, eram defesa mais que ataque, uma reação à violência iniciada contra manifestantes. O que se desejava, de modo geral, era o fim de uma polícia militarizada, de uma instituição corrupta e assassina agindo a serviço do Estado (que por sua vez age a serviço de empresários e de seus interesses privados). O fim da Polícia Militar, e não a aniquilação dos indivíduos que vestiam suas fardas.

Até Copenhague, que não tem um milésimo dos problemas sociais do Rio de Janeiro e em que o povo não sofre um centésimo da violência cotidiana que se abate sobre as favelas cariocas, já viveu seus intensos momentos de quebra-quebra. Em 2007, com a remoção de um squatter chamado Ungdomshuset (casa da juventude), ativo desde a década de 1980 em um prédio histórico (antiga sede de um movimento operário incipiente), em Jagtvej 69, no bairro de Nørrebro (já alvo da especulação imobiliária pela sua proximidade com o Centro), houve fortes manifestações durante meses deixando um grande rastro de vandalismo pela cidade. Hoje, o movimento mantém suas atividades políticas e de cultura *underground* em uma nova sede, conquistada com muita luta e quebraria, mas em um bairro bem mais distante. O buraco do prédio demolido logo no dia seguinte à desocupação ainda está lá: um vazio no coração de Copenhague. Em 2017, tive a oportunidade de participar da manifestação convocada para lembrar os 10 anos da remoção de Jagtvej 69 (número tão simbólico na revolução sexual, equidade de

prazer), e não foram poupadas quaisquer vidraças de bancos pelo caminho. Houve repressão da polícia, mas nem um décimo do que se vê no Brasil.



Figura 55 - Vidraça de banco quebrada pelo Ungdomshuset. Copenhague, 1/03/2017. Foto: Beatriz Provasi

No Rio, era possível perceber quando vinha a ordem para os ataques. Havia uma movimentação diferente, uma tensão pairava no ar. E a ordem é sempre dispersar geral. Não importa se tem famílias com suas crianças, adolescentes, idosos, se há pessoas com dificuldade de locomoção, se são índios, professores, sindicalistas ou militantes anarquistas. A violência no asfalto em dia de manifestação se abate igualmente sobre todo mundo, inclusive com bala de borracha no olho e tiro de arma letal (sendo ainda infinitamente menor do que aquela violência seletiva que se abate cotidianamente sobre as favelas e comunidades pobres). Dava para perceber também quando um policial não tinha nenhum prazer naquela situação. Porque muitos sentem, sim, prazer em exercer seus pequenos espaços de poder e massacrar a população. Mas certamente há quem não se divirta em quebrar um cassetete em um professor, como aquele

policial que achava engraçado se exibir no Facebook mandando um irônico “Foi mal fessor!”.



Figura 56 - Postagem de policial: “Foi mal fessor!!!”. Facebook, 2013.

Talvez até alguns no fundo soubessem que estavam lutando do lado errado, pois quando não ganham uma grana extra de corrupção, os policiais são pobres, muitos vêm de favelas e periferias, e uma carreira na polícia aparece como oportunidade de uma vida melhor. Mas todos estão ali para cumprir ordens. É aquela “banalidade do mal” que Hannah Arendt (1999) já tinha identificado em outros regimes fascistas, exercida por funcionários. Então, quando vinha a ordem de cima, sádicos ou não, todos atacavam, todos cumpriam exemplarmente a sua função. Mas há ainda um requinte de crueldade num regime de governo que se mascara de democrático sendo Estado de Exceção. Para manter a máscara, se condenam os excessos como desvios de conduta. Sempre que alguma brutalidade policial vinha à tona e já não podia ser evitada nos noticiários, o Secretário de Segurança José Mariano Beltrame se apressava em declarar que os responsáveis seriam exemplarmente punidos, como se aquilo se tratasse de uma conduta individual, e não da premissa da instituição. O policial recebe as ordens para atuar, mas se não apaga os rastros dos crimes cometidos ao longo do caminho,

passa a ser punido como exceção, para não ser reconhecido como um exemplar cumpridor das regras de um Estado de Exceção, o que enfim levaria a instituição a ruir, junto com todo um modelo de governança. É triste perceber que os policiais defendem um Estado para o qual eles mesmos, como indivíduos, são peças descartáveis. Nem me animaria em mandar um “Foi mal puliça!”, porque não acho engraçado.

Mas em 2013, a gente tirava sarro cantando “Au, au, au, cachorrinhos do Cabral”. Teve também quem tentasse dar florzinha para policial, achando que pudesse fazer uma flor sair da boca de um fuzil como em uma cena de desenho animado. Mas uma coisa a gente tinha dos *cartoons*: renascia após cada explosão. A gente era também o Papa Léguas que o Coiote nunca conseguia alcançar. Porque a gente era muita gente, e se revezava numa infinita variedade de máscaras. A do governo já tinha caído. E aquele canto era também para lembrar aos policiais que eles estavam agindo a serviço de alguém que estava em casa muito bem protegido, e até a história oficial mostrou que ele não merecia aquela proteção, uma vez que o ex-governador foi parar na cadeia com seus crimes comprovados. 2013 já tinha revelado muitos crimes do Cabral, mas foi preciso primeiro condenar 2013. E talvez o ex-governador só tenha sido condenado mesmo pela sua aliança política com o ex-presidente Lula, que é o político que está realmente sendo caçado no Brasil, enquanto muitos outros políticos corrotos, com grampo, “com o judiciário, com tudo”, estão soltos por aí governando o país.

Hoje, o Brasil parece bem sem graça, embora a cidade já esteja se colorindo para o carnaval e essa forma de ocupação das ruas também tenha uma enorme potência política, sendo um grito de resistência no Rio de Janeiro sob a prefeitura de Crivella. O pastor não vai conseguir acabar com a festa. Nem com a nossa fúria. E o que a fúria e a festa produziram de mãos dadas naquela época foi mais de um ano de ocupação das ruas. O carnaval de 2014 entrou para a história como um carnaval de lutas. A Ocupa Carnaval invadiu as redes e as ruas, e o bloco laranja dos garis com seus uniformes de trabalho foi o mais animado na avenida. A greve dos garis, iniciada estrategicamente às vésperas do carnaval, período em que também se observa a produção de muito lixo nas ruas, tomou toda a cidade, fosse pela sua presença organizada em manifestações, fosse pela ausência do seu trabalho, deixando por toda parte o rastro de sujeira produzida pelos foliões. Era

impossível ignorar sua luta por melhores salários. Mesmo com demissões e outras ameaças, eles não arredaram o pé e fizeram valer a categoria de escola campeã.



Figura 57 - Greve dos garis. Cinelândia, 7/03/2014. Foto: Mídia Ninja

Aquele foi um carnaval de ocupação, em que no esquentar já se lançavam nas redes paródias de marchinhas clássicas abrangendo os temas das manifestações. O movimento Ocupa Carnaval produziu uma série de áudios e vídeos recriando as letras de melodias já tão conhecidas na vida dos foliões. “A turma do funil” virou “a turma do fuzil”, “índio quer apito” se tornou “índio quer Aldeia, se não der pau vai comer”, e “se você pensa que cachaça é água” se converteu em “se você pensa que a Copa é nossa, a Copa não é nossa não. A Copa é das empreiteiras, não sobra nada pro povão”. Já o bloco Cabralhada, que desfilou em 27 de fevereiro, reciclou também as próprias músicas dos atos, como uma em que se clamava “poder para o povo”, levando como abre alas um polvo gigante com o lema “poder para o polvo”. Foi o único bloco do qual já participei acompanhado do início ao fim por cordões laterais da Polícia Militar, deixando clara a área de indefinição em que está inscrito: bloco de carnaval ou manifestação política? Não importa. Naquele ano, todo bloco tinha um grito de “Fora Cabral”. E grande parte do carnaval de rua ainda é um grito, tanto cultural como político.



Figura 58 - Bloco Cabralhada. Centro do Rio, 27/02/2014. Foto: Rudy Trindade

Em 2013, tinha muita coisa nova surgindo. Não exatamente nova, talvez, mas diferente, porque era um contexto único. Os escrachos, por exemplo. Eu me lembro de já ter ouvido falar antes de escrachos em frente às casas de torturadores do período da ditadura que viviam suas vidas pacificamente como se nada tivesse acontecido. Então, chagava um grupo barulhento para avisar aos seus vizinhos que ali morava um ditador, que na porta ao lado estava um torturador. Esse tipo de escracho público já acontecia antes de pegar de surpresa políticos e empresários. Os políticos estavam acostumados a ouvir falar de manifestações lá pelas ruas do Centro ou nas sedes dos governos, não a se deparar com aquele inconveniente na porta de casa. Os empresários, que agem nas sombras como ratos (financiando campanhas eleitorais e fechando por baixo dos panos seus acordos e conchavos), estavam acostumados a serem poupados das convulsões políticas. 2013 não os poupou de nada, e estava tudo amplificado (na ausência de carro de som de liderança de sindicato, o coro coletivo soa muito mais alto).

Era ainda 21 de junho de 2013 quando a Ocupa Cabral se instalou na esquina do prédio residencial do governador, e ainda teve a audácia de se aboletar no Leblon, bairro de elite na Zona Sul carioca. Cabral apelou como “pai de família”, tentou montar uma farsa para a mídia dizendo que recebia ocupantes para negociar, enquanto mandava a polícia prender os reais ocupantes e desfazer a

ocupação. Talvez até tenha sido por isso que ele usou helicópteros do Estado para ir com a família à sua casa de praia em Mangaratiba. Vai ver lá não tinha uma Ocupa na sua esquina. Nada adiantou e tudo só se agravava. O povo sempre voltava. E o Leblon viveu seus primeiros momentos de fúria em julho, em uma grande manifestação durante a Jornada Mundial da Juventude católica e a visita do Papa. O Leblon, a esquina do Cabral e a Toulon, momentos memoráveis.



Figura 59 - Ocupa Cabral. Leblon, 25/06/2013. Foto: Tânia Rego

Outro momento memorável de prazer, ou estraga-prazeres, foi O Casamento da Dona Baratinha. Dessa vez, o alvo eram os empresários. Mais especificamente, Jacob Barata, o “Rei dos Ônibus” no Rio de Janeiro. Era a noite de casamento da princesinha Beatriz Barata, neta do empresário, carinhosamente chamada de “Dona Baratinha”. Naquela noite de sábado, 13 de julho, os convidados vips foram recepcionados já na porta da Igreja Nossa Senhora do Carmo. No cardápio oferecido para degustação, pequenas baratas de plástico. Enquanto se desenrolava a cerimônia religiosa, ao lado das bênçãos do padre se ouvia o coro das ruas: “a, e, i, o u, tudo mundo pra Bangu”. Um cartaz sugeria: “Dona Baratinha, vai de ônibus para o Copacabana Palace”. Mas os donos dos ônibus seguiram em seus carros de luxo para a festa naquele hotel ainda mais luxuoso. Nós não fomos convidados, claro. Mas dessa vez também não ficamos “na porta estacionando os carros”.

Dançamos quadrilha na calçada, para lembrar a quadrilha que do lado de dentro dançava com dinheiro público. Ornando a festa das ruas, estavam cartazes como “Pego ônibus lotado e quero um bem casado!”, “Estou pagando este casamento!” e “Baratas, voltem pro esgoto!”. E num dos melhores momentos do escracho, os manifestantes adaptaram os gritos de “Não vai ter Copa”, que já tomavam as ruas desde junho, para agourar a noite de núpcias do casal: “Não vai ter foda!”.



Figura 60 - O Casamento da Dona Baratinha. Igreja Nossa Sra. Do Carmo, 13/07/2013. Foto: Luiz Roberto Lima



Figura 61 - O Casamento da Dona Baratinha. Copacabana Palace, 13/07/2013. Foto: Erick Dau

Tudo era razão para tirar sarro, a gente nunca perdeu o rebolado. O fenômeno dos memes talvez nunca tenha tido terreno mais criativo do que o Brasil. Tudo o que acontecia na cena política vinha acompanhado de um meme melhor do que o outro. O humorista Rafucko e o coletivo Porta dos Fundos também nunca perdiam a oportunidade de soltar vídeos humorísticos extremamente críticos. O humor pode ser uma arma corrosiva, denunciando que há algo muito errado nas relações constituídas. É cúmplice de todos os vandalismos e inimigo de todo o poder. O humor pode ser perigoso. Tem menos a ver com entretenimento barato, do que com a consciência do nosso direito ao prazer. Nosso riso é feroz.

Como a neve que ontem eu não vi cair, não estive presente no Casamento da Dona Baratinha, na Ocupa Cabral, na greve dos garis, na depredação da Toulon nem em muitas ações black blocs, mas já não era o meu primeiro inverno. Eu já podia imaginar as saias de tule rodopiando no céu. Mesmo que de muitas ações eu só tenha os registros e os relatos (de algumas, a experiência de ver em *livestream*), quando volto para a rua e vejo o rastro da manifestação que passou, sou capaz de imaginar aquela neve caindo. E quando eu piso no chão, ele explode sob os meus pés. Sou capaz de imaginar leves beijos gelados, que são os flocos de um mundo

mais suave que a gente está construindo. Que não abre mão do prazer, da diversão e da risada, embora encare tudo com muita seriedade. Como uma dança. Essa dança descontrolada que voa em várias direções, mas sempre pousa os pés no chão e recobre o mundo inteiro. 99%. E a paisagem já não é branca.

Foram preciso quatro estações na Europa para eu entender por que chamam de “primavera” os movimentos políticos e culturais mais potentes no mundo (numa acepção evidentemente eurocêntrica). No Brasil, a gente tem flores o ano inteiro. Não tem a sensação do que é atravessar um inverno sem cor e ver brotar a primeira flor depois da era de gelo, ali, ainda bem rente ao chão. Ainda faz frio, mas surge um calorzinho no coração. E de repente todas as árvores se abrirem, os jardins se erguerem e o mundo se colorir todo de novo. Há uma sensação de primavera que é inexplicável. Não é só o fim do inverno, o ressurgimento do sol e de todas as cores. É toda uma alegria de viver que invade a gente com a mudança da paisagem, e toda uma gente que volta a ocupar as ruas depois de meses trancada em suas casas com os aquecedores ligados. É uma tomada das ruas e uma retomada de vida. É quando realmente começa o ano novo no ciclo dos sentimentos. Se o verão do Brasil hoje é inverno, nós já tivemos as nossas primaveras, e os ciclos estão aí para lembrar que a estação sempre muda. Sempre ter flores é a nossa vantagem, assim como saber guerrear brincando sem nunca ter tido bolas de neve.

2.9.

8 de fevereiro de 2018

Mais uma vez encaro o abismo, dessa vez na forma de uma página em branco. Há dias contemplo essa mesma página, pensando num modo de remediá-la. Resolvi então aceitar o que ela é: esse vazio. Fica muito mais fácil quando eu aceito escrever com o abismo, em vez de fingir que ele não está lá (aqui). Não dá para contornar. Tem que cair um pouco para chegar do outro lado. Dá uma leve sensação de voo. E o risco também pode ser um traço (e um traço, uma ponte). Nunca se sabe se é riscado ou arriscado. Então, assumo o risco e já começo a desenhar palavras sem saber ainda ao certo aonde elas vão me levar. É sempre um pouco assim, eu nunca sei o final da história. Talvez porque as histórias nunca estejam completas. A história está sempre se escrevendo e reescrevendo e

rasurando. O fim de um bom texto nunca é fechamento. São aberturas. Tudo está sempre em movimento. E não é numa direção para a frente ou ascendente – avante! São vários vetores de diversos tamanhos apontando para várias direções diferentes e sempre se modificando. Essa imagem de “um grupo infinito de paralelogramas de forças que dão em consequência uma resultante – o acontecimento histórico” vem lá de Engels (s/d, p. 285), em uma explicação sobre a concepção materialista de história que aparece em uma de suas cartas. (Já de volta ao Brasil, tive que vasculhar meus textos de Sociologia de Karl Marx, disciplina que cursei na UFF no 2º semestre de 2004, para lembrar o autor e reencontrar a passagem – mas foi uma experiência interessante escrever longe da minha biblioteca sem me apoiar tanto nos textos). Agimos, portanto, dentro desse conjunto inumerável de forças heterogêneas em constante movimento que formam a história, embora vista em retrospectiva ela possa parecer um bloco consolidado, em que acaba operando uma “distorção especulativa de fazer da história posterior o objetivo da anterior” (Marx & Engels, 1981, p. 48). Enfim, seria ingênua e ao mesmo tempo arrogante a pretensão de concluir 2013 (E pode uma tese sem conclusão, Arnaldo?). Não estamos falando só de uma história em aberto, como pensando histórias em perspectivas estéticas, sendo a arte uma das maiores promotoras de aberturas, vetor retorcido, em ziguezague, colorido, transparente, camuflado, disforme ou amorfo, dando sempre um jeitinho de não caber em si e nem caber nas leis da física (e no melhor dos casos sendo mesmo fora-da-lei, seja ela jurídica ou de mercado).

Embora eu goste muito de usar arte como álibi (especialmente para as minhas ações quaisquer), as experiências estéticas não estão circunscritas ao campo da arte. Gumbrecht já dizia isso, no seu culto à presença. É uma produção de intensidade materializada. Aquilo que nos afeta de um jeito diferente, devolve a “sensação de estarmos-no-mundo” (Gumbrecht, 2010, p. 146). 2013 teve uma produção estética própria e foi uma experiência estética única. Assim como uma marcha do MST ou do movimento Zapatista têm as suas estéticas e são experiências fortíssimas. As de 2013, entretanto, não se caracterizavam por uma unidade. O que surpreendeu era isso, não dava para identificar, não tinha uma marca. Teve bastante gente que vestiu as máscaras do Anonymous, muita gente amarrou uma camisa preta na cara *à la* black bloc, teve quem fosse com camisetas vermelhas e bandeiras de partidos, teve quem fosse com camisas da CBF ou

bandeiras brasileiras, caras-pintadas no verde e amarelo, teve gente totalmente no lilás do feminismo, no arco-íris anti-homofobia, com as cores das suas roupas do dia-a-dia, sem roupa na cor da pele, com todas as variadas cores de pele, uns com suas vestimentas indígenas legítimas, outros com roupas de super-heróis dos quadrinhos, fantasias de carnaval e purpurina, rosa-choque, *clown*, bandeiras de organizações diversas e milhares de cartazes desorganizados. Na época, teve um artigo intitulado “Olha da rua” (Werneck & Martí, 2013) que já chamava a atenção para isso, referindo-se a um caldeirão cultural em que se misturava política e publicidade, e a uma fusão entre o digital e o asfalto, com referências a símbolos das redes sociais, memes, heróis da Marvel, V de Vingança, Maio de 68 e poesia concreta. Mas o que os autores consideravam a falta de uma estética nítida era a nítida estética daqueles atos: Multipli-CIDADES.



Figura 62 - Avenida Rio Branco tomada por manifestantes. Rio de Janeiro, 17/06/2013.
Foto: Fabio Motta



Figura 63 - Congresso Nacional tomado por manifestantes. Brasília, 17/06/2013. Foto: Mídia Ninja

Do plano geral para o plano detalhe. Teve muita ação que passou quase despercebida. Fora dos holofotes, se embrenhando pelas frestas, abrindo caminhos para novas experiências. Eu as classifico no campo das insignificâncias, com todo o valor que Manoel de Barros (2001) lhes confere. Mas também no das ressignificâncias, porque embaralham os sentidos, se apropriam das significâncias prévias para corroê-las por dentro e criar vida nova: poesia. São todas propostas estéticas mais ou menos elaboradas que atuam no campo político. Ou seriam propostas políticas que reelaboram um campo estético? É uma outra política e uma outra estética que estão em jogo. E outra não significa necessariamente nova – tudo é reciclagem no universo da recriação. O próprio 2013 escrito por mim agora aqui já é outro.

O que aconteceu naquele momento só poderia ter acontecido lá daquele jeito, mesmo que fossem carimbos em notas de dinheiro, uma prática dos anos 1970 criada pelo artista Cildo Meireles. “Quem matou Herzog?” não é o mesmo que “Cadê o Amarildo?”, como um cruzeiro não são dois reais. Não dá mais para fazer a conversão. Os regimes de governo já são outros, uma ditadura militar e uma aparente democracia como Estado de Exceção. Mas com dinheiro não se brinca – pouco. Somos os loucos a rasgar dinheiro. Quando a mídia resolveu

inventar o “salário-ativista”, dizendo que cada pessoa recebia 150 reais para estar nos atos (não dá nem para imaginar a quantia estratosférica que isso representaria multiplicado pela multidão), não faltaram novas notas de 150 (ir)reais voando por aí. A maioria dos trabalhos de 2013 não foram e nem serão assinados. Nem por um Banksy que permanecerá no anonimato. (Eu até sei a identidade de alguns autores, mas não conto para não perder a graça.)



Figura 64 - Carimbo “Quem matou Herzog?” em nota de 1 cruzeiro. Cildo Meireles, 1975. Foto: Reprodução Internet



Figura 65 - Carimbo “Cadê Amarildo?” em nota de 2 reais. RJ, 2014. Foto: Reprodução Internet



Figura 66 - Nota de 150 reais na performance Salário-ativista. RJ, 2014. Foto: Rodolfo Menezes



Figura 67 - Carimbo Fuck FIFA em nota de 5 reais. RJ, 2014. Foto: Paula Kossatz

Um desses trabalhos foi justamente criado por um grupo que se denominava Amarildos. Os ocupantes da Câmara Municipal do Rio de Janeiro não davam seus

nomes próprios nas entrevistas, mas optavam por se apresentar como o pedreiro assassinado por policiais na UPP da Rocinha em 14 de julho de 2013. Éramos todos Amarildos, jogando ao mesmo tempo como o anonimato de ativistas e a desinvisibilização de um corpo desaparecido. Só aí já se provocava um ruído. Mas nos bastidores da Câmara ocupada, talvez até como um jogo para matar o tempo ocioso dos primeiros dias de confinamento, esses Amarildos começaram a rebatizar os espaços do legislativo. O Palácio Pedro Ernesto logo se transformou no Centro Popular dos Amarildos. O Plenário Teotônio Villela passou a homenagear o estudante Edson Luís, morto no regime militar, sendo mote da passeata dos 100 mil em 1968. O Salão Nobre foi renomeado como Salão Comum e a Sala Inglesa virou Guarani-Kaiowá. A Plenária se tornou Assembleia Popular (Quem dera!). O Banheiro dos Vereadores virou o dos Enroladores. E a copa, claro, Não vai ter Copa.



Figura 68 - Rebatizando o Palácio Pedro Ernesto. Câmara Municipal do Rio de Janeiro, 2013. Foto: Ocupa Câmara Rio



Figura 69 - Rebatizando o Palácio Pedro Ernesto. Câmara Municipal do Rio de Janeiro, 2013. Foto: Ocupa Câmara Rio

A redecação dos espaços públicos não parou por aí. E acabou culminando, em 2014, num grande Movimento de Decoração Anti-Copa. Mas ainda tinha muito trabalho de formiguinha acontecendo até lá. Muito muro pichado, muito estêncil, muito grafite e lambe-lambe. Muito corpo na rua. Tanta insignificância poderosa! Uma delas foi a ação Ocupa Ônibus, que tomou as ruas do Centro do Rio em 19 de setembro de 2013. A aplicação de lambe-lambes em muros é uma técnica bem conhecida. Até a publicidade faz isso. E já faz tempo que também usa os transportes públicos como murais de propaganda (a cidade é toda seu outdoor de vendas). Mas esse espaço ainda faltava a gente ocupar. A gente, que estava lutando por transporte, por direito de ir e vir, ainda não tinha ocupado o nosso melhor espaço de mídia, o maior espaço de circulação, propriamente dita. Outdoors ambulantes, os ônibus não mais nos escapariam. Naquele dia, as latarias dos veículos receberam doses de cartazes a cada parada, adesivos, panfletos para os passageiros e trabalhadores sobre a proposta de tarifa zero, e até algumas performances de pula-catraca coletivas só para descer no mesmo ponto, no intuito de incentivar a prática.



Figura 70 - Ocupa Ônibus. Cinelândia, 19/09/2013. Foto: Beatriz Provasi



Figura 71 - Ocupa Ônibus. Cinelândia, 19/09/2013. Foto: Beatriz Provasi

Outro meio de transporte ocupado, não sem a mesma sagacidade, foram as bicicletas. Já mencionei a Bicletada dos Pelados, que foi uma insignificância e tanto! Mas nessa lógica da cidade como outdoor de vendas, as bicicletas públicas não são nem gratuitas, mas ainda são patrocinadas por uma marca: o Banco Itaú. Então, você paga para circular aquela marca pela cidade, quando na verdade deveria estar sendo contratado para isso. Muitas iniciativas individuais já tinham tentado burlar o sistema, porque a gente também manda bem no jeitinho brasileiro para coisas boas. Ciclistas cobriam a marca do banco com coraçõezinhos de cartolina, qualquer coisa. Mas, em 2014, surgiu uma iniciativa bem mais provocativa, que com a mesma tipografia e as mesmas letras da palavra “Itaú”, apenas as reembaralhavam para transformá-la na palavra “luta”.



Figura 72 - Coraçõezinhos cobrem logo do Itaú em bicicletas. RJ, s/d. Foto: Reprodução Internet



Figura 73 - Intervenção substitui logo do Itaú por luta em bicicletas. RJ, 14/06/2014. Foto: Mariana Paes Vieira

A provocação nos transportes também não para por aí. Jamais poderiam ficar de fora os trens da Supervia, esse oásis de conforto em que os passageiros se veem tão bem acolhidos (para não dizer o contrário). A imagem de passageiros andando pelos trilhos por conta de trem quebrado nunca me saiu da cabeça. Mas eu não ando de trem no Rio. Talvez sair do trem em qualquer situação seja até um certo alívio. Porque a superlotação no ir e vir do dia a dia de trabalho, as filas, os

atrasos, tudo faz daquele percurso um verdadeiro calvário, em que andar pelos trilhos correndo riscos e seguir depois num trem ainda mais lotado é uma penitência a mais, apesar do breve respiro ao ar livre. Então, na noite de 18 de setembro de 2014, foram afixados nos trens avisos supostamente oficiais, com logomarcas da empresa e do Estado, com uma mensagem irônica:

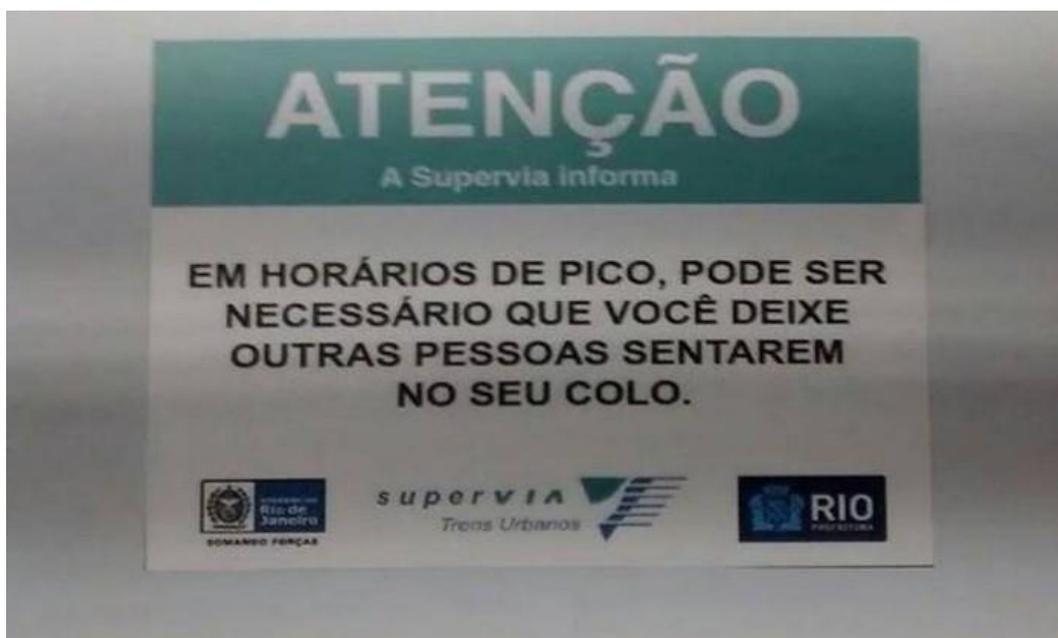


Figura 74 - Adesivos nos trens da Supervia. RJ, 18/08/2014. Foto: Reprodução Internet

A ironia era uma arma que a gente não poderia deixar de usar, porque era a inteligência contra o cassetete (e contra o martelo do juiz, e contra o ouro dos imbecis). Era preciso cultivar uma insignificância por dia. E agir sorrateiramente (e anonimamente), em muitos casos, era estratégia vital. O rapaz dos cartazes da Supervia foi muito caçado e nunca foi descoberto (e tem minha enorme admiração por isso). Outra ação que se fez nas sombras e permaneceu anônima (embora eu também saiba a autoria), foi a vandalização do Álbum de Figurinhas da Copa. Lançado em abril de 2014, o álbum trazia a escalação de todas as seleções do mundial a serem completadas com as figurinhas dos jogadores, compradas em pacotinhos nas bancas de jornal. Então, alguém resolve comprar uns pacotinhos, mascarar os jogadores como black blocs com hidrocor preto, devolver aos envelopes, lacrar e depositar de volta nas bancas onde eram vendidos. Alguns compradores foram assim presenteados com um trabalho de arte que daqui a algum tempo pode passar a valer uma fortuna, se for apropriado pelo mercado

artístico (como o foram as notas de Herzog-Cildo). Mas é daqueles trabalhos que eu, se pudesse, pagaria uma fortuna só para ver a cara dos premiados.



Figura 75 - Álbum de Figurinhas da Copa vandalizado. RJ, 2014. Foto: Coletivo Vinhetando

Mas ver a cara não estava no nosso *script*, como também não estava mostrá-la. Com um Estado que criminaliza as lutas sociais, aliado às milícias e com poder de polícia, o povo estava cercado de todos os lados. Muitos jovens que aderiam ao black bloc vinham de regiões dominadas por milícias ou pelas mesmas UPPs que tinham dado sumiço no Amarildo assim, sem mais nem menos. Gente que se visse numa manifestação e esbarrasse na esquina de casa representava ameaça de morte. E nem era preciso vandalizar nada. Cobrir os rostos, nesses casos, era estratégia de sobrevivência. Eu só passei a me mascarar quando a Alerj baixou uma lei proibindo o uso de máscaras. Primeiro, fui de carnaval, depois, de black bloc mesmo. Minha luta era por liberdade de expressão (e liberdade de um modo geral). Na semana em que o texto da lei entrava em plenário para discussão, nos adiantamos em criar uma ação de sensibilização: Abraça um Mascarado.

Em 2 de setembro de 2013, um grupo de ativistas da Ocupa Câmara Rio se mascarou com camisas amarradas no estilo black bloc e ergueu cartazes na praça da Cinelândia oferecendo abraços. Com toda a campanha midiática de

criminalização em curso, eu nem acreditava que receberia algum abraço que não fosse de pessoas conhecidas. Muita gente passou indiferente, muita gente com cara de nojo, de ódio, sei lá. Mas foi surpreendente a quantidade de gente que veio abraçar. E aqueles abraços anônimos curavam feridas de meses de luta e porrada que a gente sofria de um tal jeito, que agora só de lembrar fico com os olhos marejados. Queria que cada uma daquelas pessoas de áreas de milícia e de UPP estivessem ali para receber aqueles abraços, porque eram de fato para elas, e eram muitos e fortes e sinceros, que nos enchiam de amor e de esperança.



Figura 76 - Abraço um Mascarado. Cinelândia, 2/09/2013. Foto: Futura Press/Folhapress



Figura 77 - Abrece um Mascarado. Cinelândia, 2/09/2013. Foto: Reynaldo Vasconcelos

A lei acabou sendo aprovada na semana seguinte, para fazer companhia à CEIV de julho. Já estava aberta a temporada de caça aos manifestantes, e não acabaria tão cedo. Até hoje a polícia anda procurando Bakunin, identificado em interceptações telefônicas como o líder dos protestos. O autor anarquista, morto em 1876, foi mencionado numa briga de casal como “Bakunin teria vergonha de você” ou qualquer coisa do tipo (não tenho como encontrar o processo agora para transcrever a frase exata). Logo, a polícia concluiu que Bakunin era uma figura importante que deveria ser investigada. O processo todo só chegou às nossas mãos, compartilhado por advogados, em julho de 2014, após a prisão preventiva de mais de 23 ativistas na véspera da final da Copa. O processo era uma grande piada. Nem Franz Kafka inventaria algo tão brilhante. Deveria ser publicado como literatura fantástica. Valeria muito mais a publicação do que esta minha tese (tenho que reconhecer as minhas limitações de criação diante da engenhosidade da polícia). A exposição de conversas íntimas de nossos amigos e amigas era também engraçada, pelo menos para a gente que não estava grampeada. Mas o mais surreal eram as interpretações tortas que se davam. Então, ficou definido: Bakunin é o líder. E como sempre fomos fora-da-lei, quebramos a nova lei da Alerj com a produção de mais uma máscara: Bakunin Suspeito.



Figura 78 - Máscaras de Bakunin. Cinelândia, 30/07/2014. Foto: Casa Nuvem

Era mesmo muito divertido estar nas ruas. É claro que teve muito momento de tensão e foi tudo também muito difícil. Mencionar a ignorância dos investigadores não ameniza a tortura que sofreram todos aqueles que foram presos, perseguidos, agredidos e até mortos (direta ou indiretamente). Pode ser até engraçado fazer piada agora com a interceptação telefônica das pessoas (porque afinal, Bakunin, né, gente? rs), mas toda aquela caça às bruxas e a fogueira em que foram queimadas é matéria muito séria. Ainda vou falar do Baile de Máscaras e da Decoração Anti-Copa. Deixa entrar carnaval no Rio e eu aqui sozinha nesse frio. Segunda-feira é meu aniversário e tem um monte de bloco lá, ninguém nem vai lembrar. É bom ter alguma coisa ainda para me alegrar.

A verdade é que faltam poucos dias para eu voltar e eu não gostaria de pisar no mesmo chão que deixei. Quando saí do Brasil, não tinha nenhuma evidência, mas no fundo eu guardava uma esperança de que as coisas iam acabar melhorando. Já não tenho mais, nem a curto ou médio prazo. Quero rever amigos e amigas, família e tudo o mais, defender tese, publicar livros e cair fora. Uma tristeza infinita me pega sabendo de mais mortes na Maré esta semana. Deve ter um céu só para as crianças das favelas, com muito mais doces do que todos os

outros. Mas eu não acredito em contos bíblicos. Sei que tem um inferno aqui que elas não merecem e do qual não conseguem escapar. E que entra governo, sai governo, são sempre as mesmas crianças mortas.



Figura 79 - Máscaras de Amarildo em manifestação na Rocinha. RJ, 2/11/2013. Foto: Felipe Dana

2.10.

10 de fevereiro de 2018

Hoje vou retomar de onde parei, porque a morte dessas crianças não pode ser só uma citação passageira. A dor não passa. E a voz da Favela Não Se Cala, como diz uma organização com esse nome. Tem muito ativista de favela botando a vida em risco só por mostrar a cara para defender os direitos humanos daquela população. Direitos básicos, como a própria vida. Muitas são mães que perderam seus filhos nas mãos da polícia e passaram a dedicar sua vida à luta contra a violência e opressão do Estado. Em 2013, o grito “Cadê o Amarildo?” estava na boca do povo, no asfalto e na favela, nas manifestações por toda a cidade, nos muros, cartazes, em notas de dinheiro, letreiros luminosos, em todo o lugar. A pergunta que não quer calar não podia ser evitada nem nos noticiários de TV, apesar de todo o esforço da polícia em apagar os rastros do crime, desperecendo

com o corpo e com as imagens das câmeras de segurança da UPP da Rocinha. No momento de intensidade política em que o assassinato acontece, o pedreiro acaba virando símbolo de toda a opressão do Estado. E, no entanto, era só mais um caso. “Era só mais um Silva que a estrela não brilha. Ele era funkeiro, mas era pai de família”, como diz aquele funk dos anos 1990.



Figura 80 - “Onde está Amarildo?” em letreiro luminoso. Rio de Janeiro, 2013. Foto: Reprodução Internet

Beatriz Provasi
7 de agosto de 2013

Etimologia:
Na língua portuguesa, pacificação deriva da palavra paz. O Rio de Janeiro é um Estado poético, reinventou a palavra; fez rimar com guerra. Nas Unidades Pacificadoras já não se pergunta mais pela paz, se pergunta onde jaz. Mas Cabral é mau poeta. Pegou pra Cristo um Amarildo, que tem Amar no nome. Perdeu o bonde, caiu do helicóptero, retornou às caravelas. E os novos índios convocarão tempestades antes do barco aportar. E dançarão nus, no seu próprio idioma. A etimologia indígena é muito precisa. Um pássaro amarelo será sempre um pássaro amarelo.

Curtir **Comentar** **Compartilhar**

Figura 81 - Poema Etimologia. Facebook, 7/08/2013.

Amarildo de Souza não foi a exceção. Era a regra naqueles territórios de excepcionalidade. Assim como a conduta da polícia que levou à sua morte (e tantas mais) nunca deixou de ser regra naquelas comunidades, nem antes nem após a instalação das ditas Unidades de Polícia “Pacificadora” (a partir do final de 2008). A lógica daquele projeto de segurança nunca foi promover a paz, mas ter o monopólio da violência, retomando territórios antes dominados pelo tráfico nos quais o acesso do Estado era limitado. A entrada do poder público na forma de ocupação policial promoveu uma verdadeira militarização da vida, retirando direitos humanos, em vez de ampliar o acesso a direitos como saúde, educação, transporte, moradia. Também possibilitou a abertura de um novo espaço de negócios, levando para dentro das favelas serviços lucrativos, mais do que serviços necessários ou desejados. Não havia sequer consulta à população, que era pega de surpresa com uma nova obra a caminho de casa (um teleférico ou qualquer coisa).

A entrada da Light, por exemplo, não levou luz, mas *contas* de luz, para casas que antes eram iluminadas por gambiarras feitas pelos próprios moradores puxando a luz dos postes de iluminação pública. O fim dos “gatos”, dentre outras ações, acabou por elevar o custo de vida no local. E aquilo acabava sendo mais um processo de gentrificação, para se somar aos tantos outros já em curso na cidade, agravados cada vez mais na medida em que se aproximavam os megaeventos esportivos com sede no Rio de Janeiro (Copa das Confederações 2013, Copa do Mundo 2014 e Olimpíadas 2016). Isso fica bem claro no documentário *Domínio Público* (2014), de Fausto Mota, Raoni Vidal e Henrique Ligeiro. O filme oferece um ótimo panorama de tudo o que estava acontecendo naquele momento (remoções, militarização, atos, etc.), com análises bem interessantes nas falas dos entrevistados. Uma fala, em particular, me veio agora à cabeça: nela, se ressaltava que uma das primeiras coisas que entrou junto com as UPPs nas favelas foi agência bancária. Basicamente, a polícia abriu caminho para o capital.

Já os caminhos fechados, esses foram os da própria população: direito de ir e vir, de expressão e até mesmo de existir. Revistas constantes nas ruas, entradas nas casas sem mandado judicial, proibição de eventos, a criminalização de uma das maiores expressões culturais das favelas: o funk e os bailes das comunidades,

e um número cada vez maior de assassinatos. Para esses, inventavam-se nomes mais amenos, como “auto de resistência” e “erro na execução”.

O termo “auto de resistência” era usado para registro de ocorrência de homicídios cometidos por policiais militares, para isentá-los de responsabilização, na medida em que eram justificados pela suposta resistência armada das vítimas. No entanto, a prática de alterar a cena do crime para forjar autos de resistência era comum e chegou a ser flagrada em vídeo, ganhando os noticiários em setembro de 2015, com o caso do jovem Eduardo Felipe Santos Victor, no Morro da Providência. Na cena, os policiais colocam uma arma na mão do menino já morto e efetuam disparos para o alto. Em 2016, foi aprovada uma resolução abolindo o termo, o que infelizmente não resulta em uma abolição da prática.

Já “erro na execução” foi a expressão que apareceu nos noticiários em 2015, a partir da conclusão do inquérito sobre a morte do menino Eduardo de Jesus, de 10 anos, atingido por policiais na porta de sua casa, no Complexo do Alemão. A conclusão diz que os policiais agiram em legítima defesa ao trocarem tiros com traficantes e Eduardo teria sido atingido acidentalmente por estar na linha de tiro, o que era classificado juridicamente como “erro na execução”, isentando os assassinos de responsabilidade no crime.

Em 2013 e 2014, casos como esses eram rapidamente propagados nas redes e logo incorporados aos gritos das ruas. Não era só por Amarildo. Mesmo assim, ainda é uma minoria que chega ao conhecimento do público e tem alguma repercussão na mídia (mesmo nas sociais). É preciso ter prova registrada em vídeo (e haja coragem para filmar e publicar a ação de uma polícia assassina!). É preciso envolver alguém razoavelmente famoso. Ou ser ainda mais brutal do que apenas um tiro à queima-roupa.

Para valer menção na mídia, tem que ser o DG (Douglas Rafael da Silva Pereira), dançarino no programa da Regina Casé na Rede Globo, morto na favela Pavão-Pavãozinho em 22 de abril de 2014. É preciso arrastar um corpo na rua, como no caso da auxiliar de limpeza Cláudia Silva Ferreira, morta no Morro da Congonha em 16 de março de 2014. Após ser baleada, Cláudia foi jogada de qualquer jeito no porta-malas de uma viatura da PM, sendo lançada para fora no meio do caminho e, presa por uma parte da roupa, arrastada no asfalto por 350 metros até ficar com parte do corpo dilacerado. Enfim, para ser digna de destaque em um cotidiano tão brutalizado, não basta ser notícia de um só corpo. Tem que

ser chacina, aniquilando vários corpos de uma só vez (que perdem até a identidade de um nome, se convertendo em números e estatísticas), como se fez na Maré, como resultado de uma manifestação de moradores em 24 de junho de 2013, em um lugar onde a bala não é de borracha.

Essas são as imagens da militarização da vida em um Estado de Exceção: um desfile de mortes. Sua repetição exaustiva deixa claro que não se tratam de acidentes ou condutas isoladas (como o poder público sempre tenta nos empurrar goela adentro quando é pego com as calças na mão), mas dos resultados de um procedimento adotado, de um modo de governo. Nesses territórios, o que vale como regra é aquela “força de lei sem lei” identificada por Agamben (2004), em que a norma em vigor não tem força e atos que não tem valor de lei adquirem sua força. É um paradoxo em que a ordem constitucional é suspensa sob a justificativa de se manter a ordem constitucional. Em outras palavras, vale tudo sob o slogan da “guerra contra o tráfico”, nele todas as barbáries são justificadas. No final das contas, tudo não passa de um lamentável “erro na execução”, totalmente aceitável para a garantia de um “bem maior”.

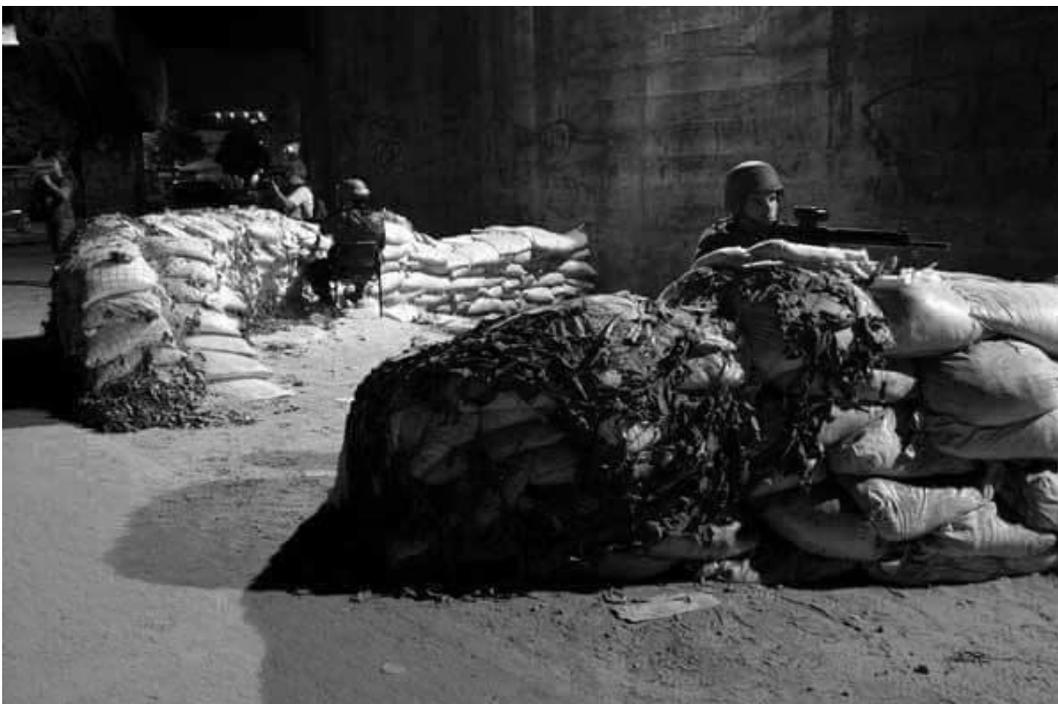


Figura 82 - Ocupação do Exército na favela da Maré. RJ, 23/02/2015. Foto: Rachel Gepp

Então, quando os gritos de “Não vai ter Copa” tomaram as ruas e já em 2013 se mandava um “Foda-se a Copa”, aquilo não tinha nada a ver com futebol.

Era antes um grito contra tudo isso. Um reconhecimento de que os megaeventos esportivos eram usados, assim como “a guerra contra o tráfico”, como justificativa para toda violação de direitos. Tudo era o discurso da necessidade (também identificado por Agamben como discurso da Exceção), porque havia, afinal, a necessidade de adaptação da cidade para receber o mundial. No entanto, “a necessidade, longe de apresentar-se como um dado objetivo, implica claramente um juízo subjetivo” e “necessárias e excepcionais são, é evidente, apenas aquelas circunstâncias que são declaradas como tais” (Agamben, 2004, p. 46). O próprio prefeito Eduardo Paes apareceu declarando que tudo o que ele queria fazer (jogando com a cidade como o seu Banco Imobiliário), botava na conta da Copa. E não faltaram remoções para abrir espaço para obras de empreiteiras que, não por coincidência, eram as mesmas que financiavam campanhas eleitorais.

Na conta da Articulação Nacional dos Comitês da Copa e das Olimpíadas (ANCOP, 2014, p. 21), até 2014 foram cerca de 250 mil pessoas vítimas de remoção forçada de suas casas – e, só no Rio de Janeiro, mais de 20 mil famílias, na maior onda de remoções da história da cidade –, para “limpar o terreno para grandes projetos imobiliários com fins especulativos e comerciais”, justificados pela necessidade de adaptação das cidades para receber os megaeventos. No dossiê da ANCOP, são listadas inúmeras violações de direitos humanos no Brasil sob o mesmo pretexto.

Remoções no Metrô-Mangueira (2010), na Restinga (2010), no Morro da Providência (2011), na Aldeia Maracanã (2013), na Vila Autódromo (2014), por toda a parte, para obras cosméticas e implantação de um modelo de cidade como balcão de negócios, transformavam a “cidade maravilhosa” em “bonitinha, mas ordinária”. O que se tirava da cidade era a própria vida que pulsava em suas veias – ou, como na análise de Certeau (1994), realizava-se uma política de restauração dos objetos que promovia ao mesmo tempo uma desapropriação dos sujeitos. Era esse o projeto de cidade que estava em jogo. Mas seu verdadeiro patrimônio é feito mesmo das “capacidades criadoras”, das “artes de fazer” (Certeau, 2011). E “se no discurso a cidade serve como marco totalizante e quase mítico para as estratégias socioeconômicas e políticas, a vida urbana permite cada vez mais a reemergência do elemento que o projeto urbanístico excluía” (Certeau, 1994, p. 26). Então, a gente reemergia para criar nossas cidades invisíveis (com tanta poesia como as de Calvino). Era um novo capítulo de “As cidades e o desejo” (Calvino,

2003) - ou os desejos, plurais. Apesar de tudo (e já desde Platão), ainda somos a resistência da poesia, nessa nova república de tecnocratas capitalistas.



Figura 83 - Cartaz: Caro PM, meu corpo é o meu patrimônio histórico. Não o deprede! Palácio Guanabara, 14/07/2013. Foto: Reprodução Internet

O Rio já não andava às mil maravilhas, mas o final da década de 2000 foi profundamente marcado pelo avanço desse projeto de cidade excludente e de exceção: o projeto das UPPs entrava em execução em 2008 e já em 2009 se iniciavam as remoções, em uma aliança entre o governo do Estado e a Prefeitura, ambas nas mãos do PMDB. A década de 2010 já começou assim, entre tiros e escombros. Não há Parque Olímpico ou Porto Maravilha que justifique tanto terror. Há, sim, terrorismo no Brasil: se chama terrorismo de Estado. Mas esse entre-décadas foi também o período de grandes revoltas mundiais e Ocupas se propagando em rede. De um lado a corda apertava e, do outro, se vislumbrava a possibilidade de rompê-la. 2013 foi surpreendente, mas ao mesmo tempo não surgiu do nada. A pressão já estava toda colocada para que, mais cedo ou mais tarde, acontecesse aquela explosão, criando redes de cooperação e tirando do isolamento movimentos e indivíduos que atuavam nas suas lutas localizadas e cotidianas pela própria sobrevivência.

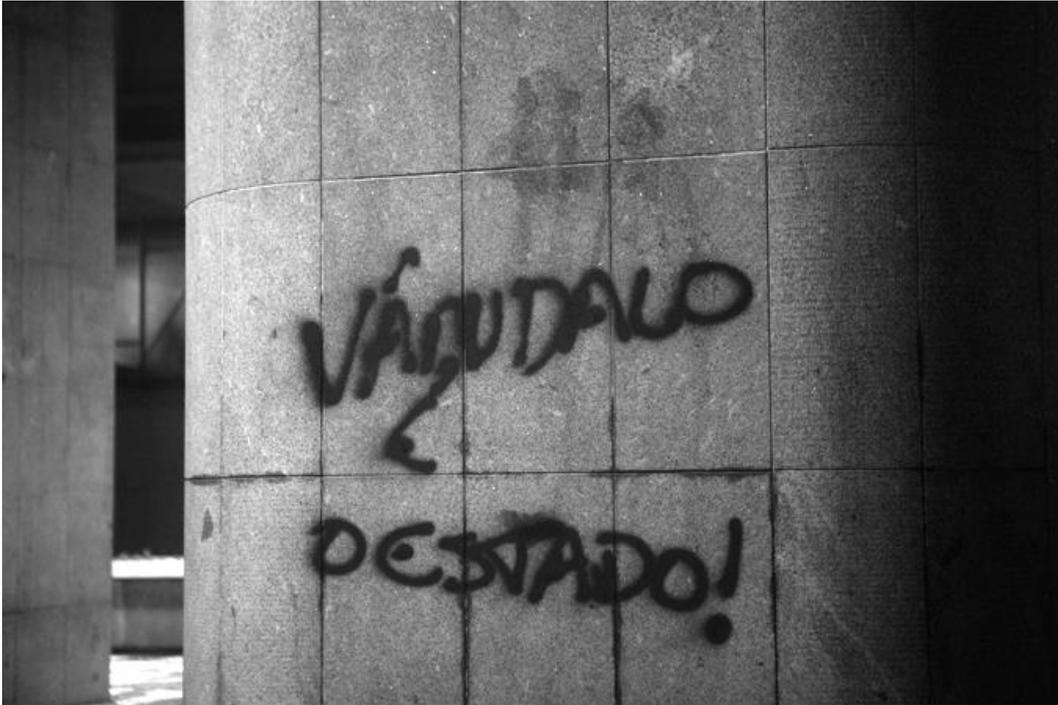


Figura 84 - Pichação: Vândalo é o Estado! RJ, 2013. Foto: Marcelo Valle

Logo demos visibilidade à cidade dos nossos desejos, com nossos corpos desejanter ocupando as ruas e criando um mundo à nossa imagem e semelhança e, por isso, com todas as imagens possíveis e imagináveis. Um mundo em que todos os corpos contam e menos um é uma perda irreparável. Os escombros foram expostos nas avenidas, com barricadas de lixo virado, fogo e vidros quebrados e as cidades foram redecoradas com todas as tintas, numa insurgência contra uma vida cinza. Lembro a introdução do livro “Les murs ont la parole” (reunindo frases pichadas nos muros de Paris em maio de 1968), em que François Besançon (1968, p.8-9, tradução nossa) identifica nos gestos que escrevem a cidade o impulso de, “colorindo o muro, querer fazer tombar os muros” e a “celebração de um anonimato que participa”.

Em 2013 e 2014, não foram apenas os muros ocupados com jatos de tinta spray, mas toda uma série de intervenções nos mais variados suportes, como já mencionadas. Eram projeções, carimbos em notas de dinheiro, adesivos em meios de transporte, lambe-lambes, além de cartazes, faixas e escudos carregados nos atos e até de escrita no próprio corpo ou corpos posicionados no asfalto de modo a formar palavras. Mais do que o conteúdo, a própria ação de escrever que era tão potente, trazendo para o primeiro plano os gestos de corpos que se inscrevem, eles mesmos, nos espaços escritos. Havia o impacto visual de todas aquelas escritas

múltiplas e intertextuais se proliferando por toda a parte nas mais variadas formas, mas elas eram também ação direta, presença dos corpos, gestos ao mesmo tempo estéticos e políticos, ocupação da cidade. E um simples estêncil com a palavra “RUA” já podia trazer à tona tudo isso.



Figura 85 - Estêncil: Rua. RJ, 2013. Foto: Reprodução Internet

Naquela linha intertextual de jogar com as tradições e referências culturais diversas que permeava toda a estética-política dos atos, criando um novo texto-cidade, também surgia, em 2014, um Movimento de Decoração Anti-Copa, descentralizado, mas muito centrado. Em diálogo com a tradição popular de decorar e pintar as ruas com motivos festivos nas Copas do Mundo, como incentivo à desejada vitória da seleção brasileira, o movimento promovia uma outra decoração. O objetivo era usar a tradição festiva como espaço de produção crítica e expor no próprio corpo das cidades as mazelas causadas sob o pretexto do mundial, reforçar contradições, produzir ruídos.

Em um momento de máscaras caindo, também não poderia ser diferente com velhos ídolos do futebol. Ronaldo “Fenômeno”, cuja última participação na Copa tinha sido em 2006 e já ilustrou muito muro em sua homenagem, em 2013

estrevava como comentarista da Globo, mas marcaria seu pior comentário como membro do Conselho de Administração do Comitê Organizador Local da Copa. “Não se faz Copa do Mundo com hospital”, afirmou o “Fenômeno” em defesa dos fenomenais gastos públicos com estádios. Os ruídos já estavam produzidos e os muros já não estavam para festa. Agora, em vez de celebrar jogador, as homenagens seriam redirecionadas para comunidades removidas, pessoas assassinadas e para a população em geral, cuja vida se faz com hospital, escola, moradia, alimentação, cultura, esporte e lazer. Não com estádio caro, no qual o próprio povo é impedido de entrar. Muito menos com “tiro, porrada e bomba”.



Figura 86 - Grafite em homenagem à seleção brasileira de futebol. São Paulo, 11/06/2006. Foto: Rua 8 na Copa



Figura 87 - Grafite em homenagem à Metrô-Mangueira. Rio de Janeiro, 27/04/2014. Foto: Movimento de Decoração Anti-Copa

Em diversas ruas, foram pintadas camisas da seleção brasileira em que os nomes e números dos jogadores eram substituídos por nomes e números, com sinal de subtração, de mortos pela violência policial. Esse time fúnebre escalado pelo poder público ganhava destaque nos muros e asfaltos, mostrando que não é só menos um e cada uma dessas vidas importa.



Figura 88 - Decoração Anti-Copa. Rio de Janeiro, 29/06/2014. Foto: Movimento de Decoração Anti-Copa



Figura 89 - Decoração Anti-Copa. Rio de Janeiro, 2014. Foto: Reprodução Internet

Lugares de grande tradição na decoração popular para o mundial também foram ocupados. Em locais estratégicos, como o Alzirão, que tradicionalmente concentra festas de comemoração dos jogos do Brasil na Copa do Mundo, na esquina das ruas Conde de Bonfim e Alzira Brandão, na Tijuca, e a principal via do Méier, a Rua Dias da Cruz, foram realizadas intervenções que alcançaram grande repercussão. No primeiro, o asfalto amanheceu pintado com um gigantesco SOS Saúde, no dia 16 de maio de 2014. Já o asfalto do Méier, no dia 18, recebeu diversas pinturas, como um menino segurando um prato de comida com uma bola de futebol dentro, e uma bandeira do Brasil preenchida por frases de protesto e a inscrição TÁ TUDO ERRADO substituindo o slogan Ordem e Progresso.



Figura 90 - Decoração Anti-Copa. Alzirão, Tijuca, 16/05/2014. Foto: Daniel Silveira



Figura 91 - Decoração Anti-Copa. Méier, 18/05/2014. Foto: Márcia Foletto

Muitas outras escritas e pinturas com motivos críticos ao mundial se espalharam pelas cidades. No dia da final da Copa do Mundo, foi preciso recorrer aos próprios corpos como material de escrita, para fazer ecoar um pedido de socorro. Escreveu-se um SOS com a disposição dos corpos no asfalto,

denunciando o cárcere em massa a céu aberto promovido pela polícia militar, ao cercar todo o entorno da praça Saens Peña, impedindo a saída tanto de manifestantes como de moradores da região. A final da Copa, a propósito, é bastante emblemática no que diz respeito a medidas de Exceção, tanto as exercidas pela força de lei sem lei da autoridade policial, bloqueando a circulação e cerceando o direito constitucional de ir e vir, como as decretadas pela ordem judicial, que já na véspera havia emitido mandados de prisão, como medida preventiva, para 26 ativistas (dos quais 17 foram encarcerados em Bangu e 9 considerados foragidos), e apreensão de dois menores. Em 2016, para agravar, ainda se aprovaria uma Lei Antiterrorismo.



Figura 92 - SOS com corpos em ato na final da Copa. Praça Saens Peña, 13/07/2014. Foto: Camila Nobrega

O recurso de escrever com o corpo deitado no asfalto reapareceria em 2016, em um trabalho de performance coordenado pela professora Tania Alice, com sua turma de Atuação Cênica da UNIRIO, e como extensão da Ocupa MinC. No solo da Cinelândia, os performers formaram as letras da palavra “Golpe!”. Em outro momento histórico, aquele também era, de certo modo, mais um SOS lançado no mundo (que infelizmente não resultou em salvação).



Figura 93 - Performance Golpe!. Cinelândia, 31/05/2016. Foto: Laurie Freychet.

Hoje já é dia 23 de fevereiro de 2018, porque eu avancei na escrita de outros diários deixando este ainda por ser finalizado. Este texto trata de assuntos muito sérios e situações que eu não vivi na pele, como ação das UPPs e ocupação militar nas favelas, assassinatos e remoções, para que bastasse meu depoimento pessoal e as iluminações da minha memória. Mas para contar as histórias que eu mesma vivenciei, dos gritos de “Cadê o Amarildo?” às decorações anti-Copa, chegando até o movimento contra o golpe, era essencial passar por esses assuntos. Isso me demandou uma pesquisa extra para apresentar dados com precisão, em respeito àquelas vidas. E me demandou também algum respiro. Mas não respiro aliviada por não estar lá. Respiro pesadamente, sabendo que tudo o que foi tanto, ainda foi muito pouco para barrar o avanço dos esquadrões da morte e do dinheiro. Mesmo que tenha havido tanta potência de vida.

A gente sem dúvida criou um mundo novo ou, antes, novos mundos dentro desse velho que está aí, “grávido de outro”, como na comovente fala de Eduardo Galeano na ocupação da praça Catalunya em Barcelona, em 2011. Pensar em Zonas Autônomas Temporárias me ajuda a entender a impermanência também como potência. E que tem muita TAZ ainda por vir. Mas agora sou só tristeza. Em três dias já estarei no Brasil e há uma semana foi decretada intervenção federal na segurança pública do Rio de Janeiro, passando para o Exército os comandos das polícias civil e militar. O vampiro da Tuiuti, que reacendeu os ânimos da galera no carnaval, foi proibido de desfilar com as campeãs trajando a faixa presidencial. Tem um caminho de trevas se desenhando já há algum tempo, e bastante intensificado no momento, que vai ser difícil de iluminar.

Prefiro acreditar que, quando a corda apertada, também se vislumbra a possibilidade de rompê-la. Mas as histórias de intervenções militares no Brasil não são das melhores. A última levou mais de 20 anos para ceder. E o processo

atual é muito mais sutil, é de um golpe parlamentar, jurídico e midiático, e ainda vai se causando propositalmente um caos para que soluções drásticas pareçam aceitáveis. O fascismo sempre floresceu no solo da crise. Bolsonaro cresce no plano macropolítico e intolerâncias de toda espécie nos micro. Está assim no mundo todo, depois da fase de ouro das grandes manifestações e ocupações (sem dúvida, uma reação em cadeia depois das ações em rede). Não acredito em fim das eleições, como os mais alarmistas alardearam por aí. Não precisa. A Dilma já foi impedida, o Lula já foi impedido, e tudo através de manobras jurídicas. As prisões sempre estiveram lotadas de verdadeiros presos políticos sendo torturados dia-a-dia. Não é só por Rafael. Kafka ficaria maravilhado com o terreno fértil do Brasil para suas histórias. Mas ele já não está aqui para ver. Eu, que vejo e vivo, e às vezes me sinto até um super-herói com visão além do alcance, assumi a tarefa de contar histórias. Não sei o desfecho, e minhas visões podem certamente se nublarem por desejos ou desesperanças. Ainda são visões. Talvez, nada mais que isso.

2.11.

13 de fevereiro de 2018

Esta noite, eu tive um daqueles sonhos longos e angustiantes, que toda hora muda de cenário. Uma hora era minha sobrinha brincando na janela entreaberta e, mesmo quando eu tirava ela sob protestos, fechava e explicava os perigos, escapando pela fresta. Outra era a gente dentro de uma casa organizando uns sacos de doces para doação, percebendo que os doces tinham sido misteriosamente trocados pelas coisas mais esquisitas, como caixas de remédios vazias, saquinhos de pão e pacotes abertos de arroz. Outra era a gente na cozinha, e só lembro que tinha alguma relação com comida e lixo. Há umas partes turvas na minha lembrança.

Quando eu saía da casa para pegar minha sobrinha que tinha escapulado pela fresta e já estava quase sendo esmagada por um barco ancorado na beira da água onde brincava (bem embaixo da janela), e logo depois de devolvê-la para minha irmã pela mesma fresta, resolvo andar pelo quintal. A água não era um mar, mas uma espécie de tanque retangular, que não dava para ver o fundo. Fui acompanhando pela beirada, que descrevia um L, querendo mergulhar, mas com medo do que tinha dentro. Quando chego na ponta do L, piso em algum lugar que

acende uma luz dentro e dá para ver um tubarão. Me assusto e, obviamente, desisto de mergulhar. Depois de algum tempo tentando identificar o que tinha dentro (dentre os peixes, um bicho de pelúcia azul comprido comendo uma tigela de guacamole, por exemplo), me viro e percebo uma piscina logo atrás, essa com a água límpida, dando para ver tudo dentro.

O tempo passa de um jeito estranho enquanto eu permaneço no mesmo lugar, só observando. Os peixes não eram alimentados e com o tempo vão reduzindo em quantidade, comendo uns aos outros, até só sobrarem os maiores, que começam a se comer aos pedaços e vão ficando dilacerados – a imagem é chocante. Ainda do mesmo lugar, resolvo comentar a cena com a minha irmã na janela, lamentando pela situação daqueles pobres peixes, quando de repente um deles salta para fora da água e me morde com uma boca cheia de dentes, e fica agarrado ao meu corpo tentando me levar para dentro da água. Eu, em desespero, peço para não ser devorada, que a culpa não é minha, foi o prefeito que deixou de alimentá-los, e então faço um acordo de atrair o prefeito para fora da casa e empurrá-lo dentro da piscina. Os peixes aceitam o pacto e me liberam. Dou um jeito de atrai-lo (ainda não sei o que o prefeito estava fazendo dentro da mesma casa que eu, nem se era Eduardo Paes ou Crivella), mas antes mesmo que eu tivesse a oportunidade de empurrá-lo, o maior dos peixes dá um grande salto, o abocanha e leva para dentro d'água, o engolindo quase inteiro de uma só vez.

No final, já nem notei se sobrou prefeito para os outros peixes. Uma hora, me lembro de uma cena meio de caos em tudo em volta, e a gente se encolhendo no alto de umas prateleiras. E logo antes de acordar, já estava entretida tentando extrair uns espinhos difíceis atravessados na minha língua, que haviam restado da mordida que levei (que, por sinal, não tinha sido na língua). Acordei no meio da madrugada ainda com um espinho pequenino incomodando (aquele que só com pinça) e a garganta seca. Levantei para beber água, intrigada com aquelas imagens, querendo identificar a moral da história. Mas sonhos não têm uma moral, são imagens abertas para muitas leituras. Resolvi descrevê-las e lançá-las no mundo. De qualquer modo, não posso deixar de perceber que eu permaneço aqui parada no mesmo lugar, só observando e comentando, enquanto escrevo a minha tese e pessoas-peixes devoram-se umas às outras a céu aberto (um monte de gente também observa e comenta no Facebook). A culpa é só do prefeito? Já

prevejo a mordida e o espinho insuperável que permanecerá atravessado na língua.

2.12.

14 de fevereiro de 2018

Hoje é a quarta-feira de cinzas de um carnaval que eu não vivi. Mas tudo o que sacode o Brasil me chega de alguma forma. As pessoas comentam no Facebook, postam fotos. Uma amiga já me alertava por mensagem para eu ficar ligada no desfile da Paraíso da Tuiuti. Era uma escola de samba desconhecida para mim, com entrada recente no grupo especial. Mas que logo ganhou meu coração. A letra do samba e as fotos da última ala e do destaque do último carro alegórico circularam nas redes, com comentários eufóricos. Hoje, enfim, entrei no Youtube para ver o desfile completo. Com o tema da escravidão nas mãos, o carnavalesco Jack Vasconcelos não se contentou em contar essa história como coisa do passado, mas atualizou o tema lançando a pergunta: “Meu Deus, meu Deus, está extinta a escravidão?”.

Com isso, a escola mostra as várias formas de escravidão em diferentes tempos e lugares e canta a luta por libertação. Mas também lembra a situação de pobreza, precariedade e violência que ainda persegue os negros nas favelas, o trabalho escravo que persiste no campo e as constantes ameaças aos direitos dos trabalhadores, com críticas às reformas trabalhista e da previdência. Além disso – e o que levou os foliões ao delírio –, apresenta o presidente travestido de vampiro, com tufos de dinheiro saindo pela gola da capa, como destaque do último carro. Dizem que, naquele momento, os gritos de “Fora Temer” levantaram as arquibancadas da avenida (a cobertura da Globo ignorou, dizendo que aquela euforia toda era das pessoas cantando o samba da escola, mas aqueles gritos também levantaram as redes sociais e não puderam ficar de fora desse carnaval).

Para mim, o melhor de tudo ainda foi ver a Rede Globo, que detém direitos de exclusividade sobre a transmissão do desfile, ter que atravessar a ala dos Manifestoches com comentários genéricos, fingindo que não era com ela. A ala apresentava manifestantes com a camisa verde e amarela da CBF batendo panelas, montados no pato amarelo da Fiesp com um cifrão no lugar dos olhos, sendo manipulados por enormes mãos sobre as suas cabeças. Todo mundo sabe que

aquela manipulação representa a mídia, e a Globo silenciar é tentar meter a sua mão sobre o próprio desfile. A escola foi a grande campeã no coração do povo, e a ousadia e seriedade com que abordou o tema ainda lhe renderam o vice-campeonato na avaliação dos jurados. Sem sombra de dúvida, a Tuiuti fez um carnaval histórico.



Figura 94 - Vampiro Neoliberalista, Paraíso da Tuiuti. RJ, 12/02/2018. Foto: Reprodução Internet



Figura 95 - Manifestoches, Paraíso da Tuiuti. RJ, 12/02/2018. Foto: Reprodução Internet

Crítica sociopolítica e carnaval nunca deixaram de se associar. As escolas de samba nasceram das favelas. As favelas, dos ex-escravos. O carnaval é do povo e para o povo. Não adiantou nem a igreja tentar se apropriar, incluindo no seu calendário uma festa pagã da antiguidade. Como também não adiantou a elite brasileira, desde o século XIX, tentar reprimir uma festa de rua que surgia ainda com os escravos. O carnaval resiste como expressão popular. E o samba é a voz do morro, “sim senhor”, como já dizia Zé Keti. Se de um tempo para cá se gourmetizou e virou mais um produto de um mercado que engole tudo, sua raiz é negra. E como diz aquele outro samba: “Negra é a raiz da liberdade”. O samba não nega suas raízes. Mas o desfile de escolas de samba, assim como o futebol, deixou há muito tempo de ser só manifestação cultural, e muita coisa mudou para atender a demandas de mercado. Muita escola desfila com tema patrocinado. Já não diz o que está na boca do povo. Não é sempre que um carnavalesco resolve desafiar o poder, entrando na avenida com a coragem de uma boa provocação bem direcionada.

De repente, me lembro de Joãosinho Trinta, que de 1994 a 2000 foi o carnavalesco da Viradouro, minha escola do coração (como eu, de Niterói). Mas não só pelo samba-enredo de 1997, que trouxe a batida do funk para a Sapucaí e levou a gente à loucura. Ele era inventivo, provocativo e não poupava ninguém, lançando ainda em 1980 a famosa frase: “O povo gosta de luxo, quem gosta de miséria é intelectual”. Mas em 1989, ainda na Beija-Flor, o que Joãosinho Trinta trouxe para a avenida, contrariando a si mesmo de certa forma (como todo bom pensador), foi justamente o tema do lixo.

Eu ainda nem era nascida quando ele iniciou sua trajetória e naquele carnaval tinha apenas 8 anos de idade, mas nunca esqueci aquela imagem: um vulto preto com a forma do Cristo de braços abertos, que coroa a paisagem do Rio de Janeiro, erguendo uma faixa de protesto: “Mesmo proibido, olhai por nós”. No meio do desfile, integrantes da escola rasgam e arrancam o plástico revelando o Cristo proibido com sua túnica em farrapos e o povo vai à loucura. Nem o comentarista da Rede Manchete se segura: “Este é um momento glorioso, glorioso, glorioso!”, exclama Fernando Pamplona. “Entra agora a polícia, entra agora essa justiça fajuta, entra agora, entra agora no meio do povo se tiverem

coragem!”, continua. E ainda conclui dizendo que vai “para a cadeia com o João”. A proibição judicial da exibição do carro abre-alas com a imagem cristã cercada de mendigos tinha se dado dias antes do desfile, a partir de um pedido da Arquidiocese do Rio. A ousadia de desfilar com a lona e a faixa por cima e a revolta popular de arrancá-las no meio da avenida, revelando o que tinha sido proibido, eram indícios de uma era. A luta contra a proibição no período de redemocratização do Brasil, após um longo regime militar, acaba tendo também um sentido de redenção coletiva.



Figura 96 - Cristo proibido da Beija-Flor. Rio de Janeiro, 7/02/1989. Foto: Sebastião Marinho

Naquele mesmo ano, se realizaria a primeira eleição direta para presidente da República após o fim da ditadura. Ainda me lembro do hino “Lula-lá” que eu cantava com a minha mãe e que enchia o povo de esperança. Como também das campanhas do Liceu Nilo Peçanha, onde ela era professora, apoiando a chapa de seus amigos para a direção do colégio. Eu cortava pequenos sóis em cartolina amarela para servirem de botons para os apoiadores da Chapa Sol. A maioria de seus colegas era do PDT brizolista que, no governo do Estado (1983-1987 e 1991-1994), com projeto de Darcy Ribeiro e arquitetura de Niemeyer, ergueu os CIEPs (infelizmente abandonados pelos governos subsequentes), para oferecer educação integrada com cultura, esportes, lazer e alimentação em tempo integral. Brizola tinha apreço pela área da educação e severas críticas ao monopólio da comunicação. Em 1984, foi quem quebrou o monopólio da Globo na transmissão dos desfiles de carnaval, concedendo o direito também à extinta TV Manchete. Sem papas na língua, afirmava categoricamente: “Se a Globo for a favor, somos

contra. Se for contra, somos a favor”. Foi também a época em que se criou o Sambódromo, igualmente assinado por Oscar Niemeyer. As ruas a princípio eram Lula ou Brizola, ninguém sabia quem era aquele tal de Collor, “caçador de marajás” com “aquilo roxo”. Mas como num programa do Silvio Santos, o tosco funcionou como apelo popular (ainda funciona, vide o sucesso de Bolsonaro com suas polêmicas frases de efeito).

Aquela era a década de 1980. E esses foram os meus 8 anos, como filha de professora de escola pública. Em torno dos 12, para o desespero dela, eu já ia sozinha para passeatas contra o Collor. Era filha de peixe – fazer o quê? Já a filha do regime militar, a Rede Globo está diretamente ligada a todos os golpes. Roberto Marinho, com o jornal e a rádio Globo, apoiou o golpe de 1964, e já em 1965 tinha a sua própria rede de televisão (coincidência ou recompensa?). Deu suporte à manutenção daquele regime por mais de 20 anos e se tornou líder de audiência com um verdadeiro império nas mãos. Com a edição do debate entre Lula e Collor, a emissora seria decisiva no resultado da votação. Seria decisiva também no impeachment de Collor, que logo frustrou suas expectativas. E mais ainda no da presidenta Dilma Rousseff. O poder de manipulação exercido pela Globo, com suas mãos que vêm não se sabe de onde fazendo o fantoche atuar, demorou muito para ser representado no carnaval. E não poderia ter imagem melhor do que os Manifestoches da Tuiuti (mesmo que seus comentaristas se eximam de comentar).

Relendo matérias antigas para complementar as informações lançadas aqui, me dou conta também de que, naquele histórico desfile de 1989, Joãozinho saiu fantasiado de gari. Havia uma ala de garis para os dirigentes da escola, alaranjando a Sapucaí (enquanto os garis ainda eram totalmente invisibilizados, apenas passando na pista para recolher o lixo entre uma escola e outra). Ninguém ainda podia imaginar que o carnaval de 2014 seria deles. Que aquela fantasia, que era roupa de trabalho do dia-a-dia, ainda seria destaque do carnaval como símbolo de luta, com um grande carro alegórico formado por todo o lixo acumulado nas ruas. Os garis ocuparam com o lixo real todo o falso luxo do carnaval. Isso, sim, é poesia concreta.



Figura 97 - Instalação Paes Lixo na greve dos garis. Rio de Janeiro, 8/03/2014. Foto: Entrincheiramento de Uruçumirim



Figura 98 - Poema Lixo Luxo. Augusto de Campos, 1965. Foto: Reprodução Internet

Após 2013, em paralelo a toda a luta contra a proibição do uso de máscaras, também muitas máscaras foram sendo lançadas ao chão. Já não dá para usar a luta dos povos como mera fantasia. O teor preconceituoso de muitas marchinhas não pode mais ser ignorado no meio da folia. “O seu cabelo não nega, mulata, porque és mulata na cor. Mas como a cor não pega, mulata, mulata eu quero o seu amor”, hoje é crime de racismo. “Corta o cabelo dele”, porque ele é “bicha”, é homofobia. Assim como “Maria-sapatão”. O intuito do movimento Ocupa Carnaval, de criar novas letras para clássicas marchinhas, caminhava nesse sentido, de evidenciar que não cabem mais aquelas velhas ideias nesse novo mundo que está sendo construído. Talvez daquele modo funcionasse melhor do que com um vídeo polêmico que foi divulgado agora em 2018, determinando as

“fantasias proibidas”. Qualquer proibição gera reação inconformada em quem deseja liberdade e democracia, muitas vezes sem perceber que a sua liberdade esbarra na prisão do outro e que a nossa democracia não é inclusiva para todos.

De qualquer forma, me soa a mau-caratismo ou má vontade de criança mimada não querer reconhecer o direito dos índios sobre as suas próprias vestimentas e a luta contra a folclorização da sua cultura (que desde o século XIX aparecia nas obras de José de Alencar para criar uma imagem romântica de brasilidade, mas “o Brasil não conhece o Brasil”), quando eles sempre encararam (e ainda encaram) uma luta concreta contra o extermínio. Como também, numa recente polêmica sobre apropriação cultural, fingir ignorar a ligação ancestral de negros e negras com os seus turbantes e todas as suas formas de se reconectar com um passado roubado. Não é que se vá acabar com o bloco Cacique de Ramos ou com o Escravos da Mauá. Mas cacique e escravo agora têm outros sentidos e quem os ditam são os próprios índios e os próprios negros. Concordando ou não, é preciso respeitar. Tem muito mais legitimidade a campanha Índio Não é Fantasia do que a birra “eu sou livre e eu faço o que eu quiser” (que vejo amigos brancos de classe média espernearem por aí).



Figura 99 - Campanha Índio Não é Fantasia. Facebook, 6/02/2018. Foto: Ronildo Amandios

Em 2013, a campanha que circulava era outra: máscara não é crime, em resposta ao polêmico projeto de lei que tramitava na Alerj e instituíria a proibição do uso de máscaras em manifestações. Esse foi um dos movimentos que fez a gente carnavalizar os atos (ou manifestalizar o carnaval). As máscaras faziam parte da indumentária dos protestos e eram formas de expressão fundamentais, aliando desde sempre estética e política. Eram um dos traços das multiplicidades

que ocupavam as cidades. Não eram só as camisas pretas amarradas no rosto, usadas na tática black bloc, como muitas outras. As máscaras estilizadas de Guy Fawkes adotadas pelo Anonymous, rede mundial de hackerativismo em ação desde os anos 2000, se proliferavam nas ruas. Fawkes foi transformado por Alan Moore e David Lloyd em herói dos quadrinhos V de Vingança em 1982 e a história ganhou as telas dos cinemas em 2005. O herói, usando a máscara e a data de 5 de novembro como símbolos de luta contra a opressão do Estado, era inspirado no personagem histórico que participou da Conspiração da Pólvora em 1605, na qual se planejava explodir o parlamento inglês.



Figura 100 - Máscara de Guy Fawkes. Cinelândia, 3/09/2013. Foto: Douglas Shineidr

Máscaras ou fantasias completas de super-heróis também não faltaram. O Batman e o Homem Aranha eram figuras fáceis nas manifestações do Rio, gerando as mais surreais manchetes nos jornais, como “Batman é detido pela polícia” (para fazer companhia à Sininho no mundo fantástico criado pela mídia). O Homem Aranha, performado pelo ativista camelô Pablo Rodrigues, era impagável com suas dancinhas provocativas na frente do cordão policial. O Batman, representado por Eron Moraes de Melo (figura extremamente contraditória que, posteriormente, tiraria a máscara em apoio ao golpe e a

Bolsonaro), criava imagens fantásticas de uma Gotham City carioca escalando os Arcos da Lapa. Ele levava a sério sua fantasia.



Figura 101 - Homem Aranha. Rio de Janeiro, 2013. Foto: Reprodução Internet



Figura 102 - Homem Aranha. Rio de Janeiro, 13/02/2014. Foto: Fabio Teixeira



Figura 103 - Batman detido pela polícia. Rio de Janeiro, 25/09/2013. Foto: Bruno Poppe



Figura 104 - Batman e Batman Pobre. Arcos da Lapa, 31/10/2013. Foto: Yasuyoshi Chiba

O contraponto logo surgiu na forma de um divertido escárnio. Na versão precária criada pelo artista Carlos D Medeiros, surgia um Batman abrasileirado, o Batman Pobre, de sunguinha e com sua capa de saco de lixo preto. Esse trabalho, aliás, sempre me lembrou do nosso precursor da performance no Brasil, Flávio de Carvalho, artista múltiplo, provocativo e inquieto, que com sua *Experiência nº 3* havia criado um traje tropical para o homem brasileiro, desfilando de saia e blusa curta de mangas fofas pelas ruas de São Paulo, em 1956. Um Batman brasileiro só poderia mesmo ser pobre, feito de materiais reciclados, em contraste tanto com o americano multimilionário e super tecnológico, como com a cópia impecável levada por Eron para as ruas. Ele era também o Cristo mendigo de Joãozinho Trinta. Por que não?

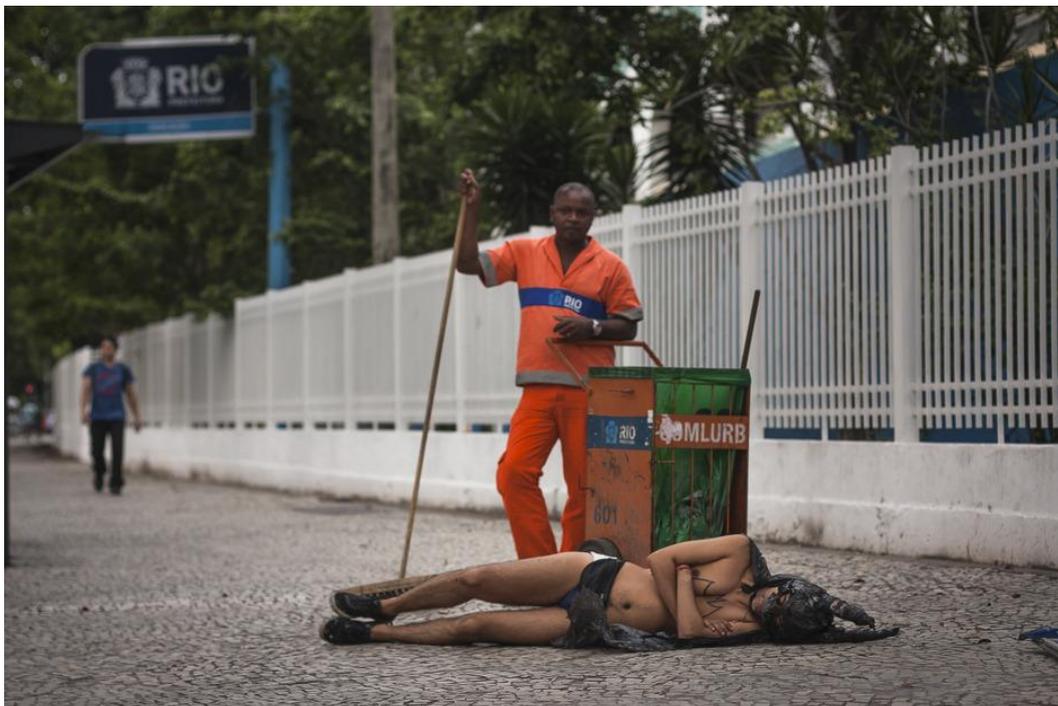


Figura 105 - Batman Pobre. Rio de Janeiro, 23/11/2013. Foto: Coletivo M.A.F.I.A.



Figura 106 - Experiência nº 3 de Flávio de Carvalho. São Paulo, 1956. Foto: Acervo Biblioteca e Centro de Documentação Masp

São incontáveis as referências culturais acionadas a partir dos atos. O tema dos super-heróis, por exemplo, sempre me lembrou dos Heróis do Cotidiano, grupo de performance que atuava nas ruas do Rio desde 2009. Inventando seus próprios figurinos de heróis e seus superpoderes desejados, o grupo agia criando ações poéticas na cidade, como o ato de lavar estátuas, que era um dos que eu mais gostava (e foi, de certa forma, o que inspirou tempos depois minha ação de mascará-las).



Figura 107 - Heróis do Cotidiano lavando estátuas. Rio, s/d. Foto: Reprodução Internet

As máscaras de políticos, por exemplo, já faziam sucesso nos carnavais, quando foram adotadas pelo coletivo Teatro de Operações no trabalho *A Cena é Pública*, em 2010. Na cena, o debate político entre os presidentiáveis se dava na forma das cômicas *luchas libres* mexicanas com suas máscaras, roupas colantes e golpes coreografados, mas logo as ações seguiam para outras direções, porém ainda sem dispensar as máscaras, que não poupavam nenhum personagem da grande cena política nacional e mundial. Estive com o grupo naquele ano em uma pesquisa prática sobre Processos Coletivos de Criação Teatral na UNIRIO e cheguei a atuar junto em uma apresentação para o Fitub, em Blumenau. Então, quando as máscaras de políticos invadiram os atos em 2013 (e não faltaram Cabrais no Rio), acabavam me remetendo muito mais ao trabalho crítico daquele grupo de teatro-performance de rua do que ao próprio carnaval (eu já as relacionava mais a uma ação performática do que a uma fantasia).



Figura 108 - A Cena é Pública, Teatro de Operações. Cinelândia, 28/09/2010. Foto: Teatro de Operações

Esses adereços foram acionados em muitos momentos. As máscaras de Bakunin, em 2014, tirando sarro daquele inquérito policial bizarro contra ativistas, não foram a primeira incursão do Ateliê de Dissidências Criativas da Casa Nuvem na produção desse adereço. Em agosto de 2013, foram produzidas várias máscaras representando os vereadores do PMDB Chiquinho Brazão e Professor Uóston, que lideravam a farsa da CPI dos ônibus nos papéis de presidente e relator. O coro daquela tragédia (tipicamente brasileira), com a cara dos vereadores multiplicada, carregava baratas cenográficas para as sessões, lembrando a ligação do poder público com o monopólio do setor de transportes exercido pelo empresário Jacob Barata.



Figura 109 - Máscaras de vereadores para sessão da CPI. Rio de Janeiro, 22/08/2013. Foto: Casa Nuvem

Dona Baratinha era só mais uma das muitas histórias a ser recontada, pois nesse *mix* de referências podem entrar tanto contos infantis e desenhos animados, como super-heróis da ficção e índios guerreiros reais do século XXI, performances, poesia concreta e carnaval. Desconfio que Oswald de Andrade (1976) se surpreenderia com a antropofagia daqueles atos, pois “a poesia existe nos fatos” (e, na real, “nunca fomos catequizados, fizemos foi o carnaval”). Nem ele seria capaz de imaginar aquilo, e nunca houve um tropicalismo tão popular. Na verdade, como movimento estético, 2013 ainda carece de um nome que lhe faça jus. Não cabe nenhum termo do passado.

Em 2014, a galera da Nuvem lançava a expressão “carnavandalirização”, juntando na mesma palavra carnaval, vandalismo e lirismo. Também circulavam os termos “carnavandalização” e “vandalirismo”. Mas embora dessem conta de um certo “vandalismo poético” (a expressão que eu já usava), acabavam não dando conta do vandalismo em si. Serviam muito mais para definir uma forma de ação dentro dos atos, do que os atos como um todo. Assim como o “glittervandalismo”, que atacou nos atos contra a Copa, com uma tropa de rosa-choque atirando purpurina e provocando a repressão, cuja expressão se referia a

uma performance entre muitas outras (que juntas imprimiam todo aquele colorido).



Figura 110 - Tropa de rosa-choque com Glittervandalismo, 1º ato Nossa Copa é na Rua. Av. Rio Branco, 12/06/2014. Foto: Daniel Santos



Figura 111 - Choque de Amor, 2º ato Nossa Copa é na Rua. Praia de Copacabana, 28/06/2014. Foto: Hertz Leal

Era uma estética muito múltipla e eram muitas máscaras. Talvez nunca se encontre um nome que sintetize aquilo tudo (eu mesma nem me arrisco). O carnaval estava sempre ali, espreitando, e voltava com música após os ataques do choque, mas não virava carro da polícia. A purpurina não incendiava ônibus, mas acendia um tipo de fogo simbólico que também queimava. Era tudo *também*, mas nunca *só*. Soma e multiplicação. Elevado à máxima potência. Uma matemática louca que sempre foi muito mais uma ciência abstrata do que exata. Também tinha umas subtrações e divisões, mas no final a conta nunca fechava. Com toda aquela concretude e também toda a inexatidão, como eu disse, uma matemática muito louca se formava.

Nem os professores que foram para as ruas no final de setembro conseguiram resolver essa equação. Queriam se dividir com o black bloc, mas foi aquela soma que os salvou da subtração. E somaram seus números, como números circenses, ao cálculo estético e político das manifestações. Não faltaram as caracterizações de palhaço que, quase numa afronta à séria atividade do *clown*, sempre foi imagem usada como sinônimo de otário. Mas o palhaço mesmo sempre se dá mal e é por ser tão humano que arranca risadas. O palhaço expõe as suas (nossas) fragilidades. Em 2013, fosse apenas com um nariz vermelho ou com uma Tropa de Nhoque completa, ele também estava lá representado (ou, antes, performando). Mas o pelotão de professores não parou por aí: criou também uma Tropa de Prof. e o combativo Black Prof. E uma única professora encarando uma polícia fortemente armada ainda gerou uma das fotos mais fortes dos atos – porque a fragilidade é mesmo a fortaleza dos melhores palhaços.



Figura 112 - Professora encarando a tropa. Cinelândia, 1/10/2013. Foto: Fabio Motta



Figura 113 - Tropa de Nhoque. Rio de Janeiro, 2013. Foto: Marcelo Valle



Figura 114 - Tropa de Prof. Rio de Janeiro, 7/10/2013. Foto: Jornal Extra



Figura 115 - Black Prof. Rio de Janeiro, 7/10/2013. Foto: Black Prof

Todas as máscaras que surgiam nas ruas acabavam se somando para revelar uma face: a dos empresários por trás dos políticos. Assim como os Manifestoches, os políticos também agiam com uma mão sobre as suas cabeças governando os seus movimentos, fruto de um sistema político de investimentos privados em campanhas eleitorais. Logo se percebeu que as maiores beneficiárias dos empreendimentos da Copa eram empresas patrocinadoras dos políticos no poder.

E que as mesmas empresas investiam dinheiro em campanhas de todos os principais candidatos de qualquer partido, deixando todo governo, da esquerda à direita, refém de seus interesses. Não era só Jacob Barata infestando o Rio de Janeiro nos transportes. Eram OAS, Andrade Gutierrez, UTC Engenharia, Queiroz Galvão, Odebrecht e Camargo Corrêa (só entre as empreiteiras). Eram também a JBS garantindo a sua farra do boi (e do agronegócio) e a Ambev consolidando o monopólio da cerveja ruim no país (depois de beber as europeias, meu estômago e paladar já sofrem, só com a iminência de voltar para o Brasil). Mas também não ficam de fora o setor bancário e o da mineração (da mesma Vale que destruiu o Rio Doce). O casamento do setor privado com o Poder Público foi celebrado na Quadrilha da FIFA, que ocupou a festa junina de 2014, fazendo também da dança de quadrilha um ato político.



Figura 116 - Quadrilha da FIFA. Rio de Janeiro, 2014. Foto: Casa Nuvem

Então, vandalismo e máscara, para nós, tinham outros sentidos, e naqueles, sim, deveriam ser criminalizados. É engraçado ver hoje em dia uma imagem de Cabral algemado da cabeça aos pés e diretor da Odebrecht premiado por delação, dentro da mesma Operação Lava Jato. É cômico e trágico ao mesmo tempo, porque o sistema judiciário, formado por pessoas que também têm seus rabos

presos e interesses escusos, premia a classe empresarial com as ditas “delações premiadas” no objetivo de criminalizar a classe política. Com isso, o juiz Sergio Moro (que vira *popstar* da noite pro dia) e várias outras figuras ilustres que compõem a classe jurídica no país fingem que corrupção é coisa de político, e não uma premissa do sistema capitalista (que é quem dita as regras do jogo, afinal). Prendem a máscara que estava exposta deixando a face real intacta. Mas apesar do golpe, “com o Supremo, com tudo” (como revela Romero Jucá na famosa conversa telefônica com Sérgio Machado vazada na mídia), as máscaras já tinham caído.

E quando quiseram arrancar as nossas, a gente esperneou de todo o jeito que foi possível, porque os nossos rostos cobertos nas ruas eram muito mais transparentes do que tudo isso e se impunham contra todas as farsas. Por isso, no dia 3 de setembro, quando o projeto proibindo máscaras em manifestações entraria em votação na Alerj, já fazíamos um escarcéu nas escadarias vestindo máscaras de carnaval, dançando e cantando, mascarando estátuas e explodindo tubos de confete na cara dos seguranças que impediam nossa entrada no plenário (naquele dia, tive minha primeira grande decepção com Marcelo Freixo, que em vez de interceder por nós, dava entrevista para uma rede de TV). Aquilo era uma afronta à democracia e à liberdade de expressão (mais uma) e, no país do carnaval e dos políticos e empresários mascarados, é claro que a gente não ia deixar barato. Fizemos da luta nossa folia intempestiva e do carnaval uma arma afiada.



Figura 117 - Ato de máscaras na Alerj. Rio de Janeiro, 3/09/2013. Foto: Reynaldo Vasconcelos



Figura 118 - Ato de máscaras na Alerj. Rio de Janeiro, 3/09/2013. Foto: Fernando Frazão

Foi também dessa época a intervenção *Abrace um Mascarado*, da Ocupa Câmara Rio, e a divulgação da foto de Caetano Black Bloc pela Mídia Ninja. A lei só seria aprovada uma semana depois, em 16 de setembro. Mas a gente não esmorecia. Após o dia da manifestação na Alerj em que pusemos máscaras de carnaval nas estátuas do Palácio Tiradentes, resolvemos iniciar uma intervenção mascarando estátuas e monumentos públicos, mas dessa vez como black blocs mesmo. A gente às vezes tinha um tempo ocioso na Ocupa e fazia desse ócio nosso processo criativo. Então, numa madrugada insone, saímos um grupo pelas ruas do Rio e cobrimos com um imenso pano o cabeção do Getúlio Vargas, na Glória, o busto de Heitor Villa Lobos, em frente ao Teatro Municipal, na Cinelândia, e dezenas de outros bustos de bronze pelo caminho, deixando só os olhinhos para fora. A cidade amanheceria black bloc, enquanto a gente dormia (“Pro dia nascer feliz”).



Figura 119 - Intervenção mascarando estátuas. Rio de Janeiro, 18/09/2013. Foto: Ocupa Câmara Rio

Ainda no dia 3, quando se esperava que a famigerada lei fosse aprovada, já estava convocado para a Cinelândia um grande Baile de Máscaras, para celebrar nossa desobediência civil. E a polícia já agia com a sua “força de lei sem lei”, exigindo identificação de toda a gente mascarada. Uma hora, policiais tentaram arrancar um capacete de moto da cabeça de um cara, que logo foi abraçado por outros participantes do baile, se jogou no chão e resistiu até a polícia desistir da abordagem. Outros não tiveram a mesma sorte. Dois manifestantes-foliões, que dançavam no meio da praça vestidos com máscaras de carnaval, acabaram sendo lavados para a delegacia, por se recusarem a remover o adereço. Aquela detenção era uma piada. Era um mico público sem tamanho o que a polícia estava fazendo, respaldada pelo executivo e legislativo do Estado do Rio de Janeiro que não cansam de passar vergonha.



Figura 120 - Baile de Máscaras na Cinelândia. Rio de Janeiro, 3/09/2013. Foto: Leila Hol

Ali já se anunciava que o carnaval de 2014 seria de resistência e luta. Concordem ou não com o black bloc, os artistas acabam se mobilizando quando o assunto é liberdade de expressão. O povo carioca, de modo geral, não lida muito bem com proibição (é inclusive conhecido por avançar os sinais). Naquela época, eu comecei a ir de máscara black bloc para os bailes de carnaval fora de época (que de repente se proliferavam na cidade), assim como já cobria o rosto nas minhas apresentações de poesia. Cobrir o rosto em manifestações agora também faria parte do meu repertório, só porque estava sendo proibido. E os bailes de máscaras ainda surpreenderiam ocupando com festa os espaços interditados.

Na noite de 21 de setembro de 2013, um baile convocado para a Praça São Salvador, em Laranjeiras, acabaria ocupando as escadarias do Palácio Guanabara, com uma horda bêbada e festiva, já no início da madrugada, pegando de surpresa meia dúzia de policiais totalmente desprevenidos. Conseguiram entrar até no Salão Nobre, criaram um auê, mas permaneceram só cerca de 15 minutos e, depois de alarmar a segurança, a polícia e o governo do Estado, foram embora alegremente dançando e cantando pelas ruas da cidade.



Figura 121 - Baile de Máscaras no Palácio Guanabara. Rio de Janeiro, 22/09/2013. Foto: Coletivo Mariachi

O carnaval como luta, na verdade, não era grande novidade (talvez a luta como carnaval... não sei). Só seria diferente naquela época. O trânsito entre uma coisa e outra foi ficando cada vez mais difuso, e isso ficou claro tanto naquele Baile de Máscaras que ocupou de supetão um prédio público, como quando o bloco Cabralhada saiu pelas ruas, acompanhado do início ao fim por cordões policiais. Mas muitos blocos de rua já eram (e são) resistência pura, se recusam a fazer seu desfile com alvará da Prefeitura, com roteiros previamente divulgados, dentro dos padrões estabelecidos pelo poder público (mais interessado em atender interesses privados). Eles se organizaram a partir de 2009, formando a Desliga dos Blocos Não Oficiais do Carnaval do Rio de Janeiro, em oposição ao modelo de organização do carnaval de rua elaborado na primeira administração do ex-prefeito Eduardo Paes. A Abertura do Carnaval Não Oficial surgiu mesmo como um ato político, já no primeiro domingo daquele ano, e em 2018 contou com cerca de 20 blocos. No Facebook, se definem como um “movimento em defesa da liberdade criativa e contra a mercantilização do carnaval de rua do Rio de Janeiro”. Luta e folia assim, lado a lado, sempre estiveram na ordem do dia.

2014 talvez tenha sido só o auge da resistência carnavalesca, pois além da Desliga e de todos os blocos não oficiais, tinha a ocupação da cidade e das redes com a Ocupa Carnaval, tinha a greve dos garis, tinha o Cabralhada, tinha até mesmo marchinha com tema de luta concorrendo no festival da Fundação.

O Concurso Nacional de Marchinhas Carnavalescas da Fundação Progresso conta com parceria da Rede Globo não só na transmissão, mas no próprio processo de realização, com as três finalistas sendo votadas pela audiência do programa Fantástico para se definir a campeã. Ou seja, né? Complicado. É claro que uma marchinha como Menina Black Bloc, de Oswaldo Pereira, não poderia estar entre elas, com “gás de pimenta e bomba de efeito imoral, pra gente quebrar tudo nesse carnaval”. De qualquer forma, acabou ganhando outra canção de teor crítico (porém mais aceitável pelos vândalos no poder do que uma clara apologia ao vandalismo): Cadê a Viga?, de Rita e Cassio Tucunduva. A música perguntava “Senhor prefeito, não é intriga. Aonde foi que enfiaram aquela viga?”, se referindo ao misterioso sumiço de vigas caríssimas que foram retiradas do elevado da Perimetral na sua derrubada, comandada pelo prefeito Eduardo Paes para a construção do seu “Porto Maravilha”.

Até hoje não se sabe onde o prefeito enfiou as vigas, mas os melhores foliões continuam quebrando tudo no carnaval. Principalmente, as regras de um município cada vez mais controlador, agora nas mãos do pastor Crivella. Eu aqui, na Dinamarca, sozinha no meu segundo carnaval sem calor, sem folia, em pleno aniversário escrevendo tese, ainda me alegro vendo amigos e amigas postarem fotos purpurinadas no Facebook. A minha luta é para que a gente tenha festa e prazer o ano inteiro, por toda a vida, para geral. As minhas revoluções por minuto precisam ter alegria. Cada ato rebelde, para mim, é uma celebração, como toda festa, um movimento de luta. A gente tem que conquistar o direito ao prazer, porque isso é o que mais nos é negado nesse sistema de anulação de vidas, seja pela morte, seja pela castração social.

Claro que a gente sempre é atingida no meio do caminho e dói e tem lágrimas. Mas os melhores ensinamentos de vida me vieram através do samba: “Levanta, sacode a poeira e dá a volta por cima”. Além daquele vingativo delicioso de cantar: “Chora, não vou ligar (não vou ligar), chegou a hora, vais me pagar”. Mas, principalmente, de um samba da Imperatriz de 1989, mesmo ano do Cristo proibido: “Liberdade, liberdade, abre as asas sobre nós. E que a voz da igualdade seja sempre a nossa voz”. De modos diferentes, Imperatriz e Beija Flor estavam cantando a mesma coisa. Muito samba já foi e ainda é puro grito de libertação. A Tuiuti acaba de chegar para não me deixar mentir: “Onde mora a Senhora Liberdade, não tem ferro nem feitor”. A gente não esquece esses hinos,

que são os verdadeiros hinos nacionais contra o patriotismo de meia tigela dos patos da Fiesp e dos manifestoches da Globo. “Valeu, Zumbi”.

3. Diários do Front

3.1.

11 de março de 2018

Amanhã faz duas semanas que voltei para o Brasil. O Rio de Janeiro continua lindo de se olhar e bem difícil de se viver. Entrei com um pé já fora. Copenhague aguarda o meu retorno e, dessa vez, pra ficar. É bem estranho estar num lugar sob intervenção militar e muito incômodo voltar a ouvir o discurso da Globo ecoar. Ao mesmo tempo, um prazer sem tamanho encher os olhos de verde e morro e céu e mar. Entrar no mar e nos abraços de amigos e amigas. Secar as bolhas das já velhas botas em novas sandálias Havaianas, que levam meus pés pra todo lugar. Descongelar sob o sol e perder um pouco o tom desbotado da minha pele. Usar protetor solar. Aposentar o hidratante labial e todo o pesado figurino de inverno. Ver banca de jornal e camelô, muito muro grafitado, paisagem de casas amontoadas nas favelas. A praia de Itacoatiara, a Baía de Guanabara, os Arcos da Lapa, o Aterro do Flamengo e o Corcovado. Infelizmente, também baratas e militares. E perder o ônibus, parar no engarrafamento e ser lembrada pelos mosquitos. Visitar gente querida. Ir da casa de praia à casa na serra dentro de um mesmo pedaço de terra. Cuidar para não beber água da torneira e me lembrar de acender o fogo do fogão a gás. A água deslizar leve sobre o corpo já no primeiro banho e o sabão fazer muita espuma. A água insípida agradando o paladar, mas a cerveja, nem tanto. Ter muita gente querida pra compartilhar: cerveja de garrafa, comida de boteco, mesinha na calçada, vida e poesia. Falar poesia e ser compreendida. Fazer performance coletiva. Ter ao alcance das mãos a risadinha gostosa da minha sobrinha, colo de mãe, abraço de irmã. Cozinhar na panela de pressão com todos os ingredientes brasileiros à minha disposição. Fazer comida pra quatro. Estar novamente entre um povo gregário e, apesar dos pesares, ainda afirmarmos nosso direito ao prazer.

Foram duas semanas intensas em que, exceto por uma reunião com o meu orientador (que também entraria no tópico “visitar gente querida”), interrompi os trabalhos da tese para viver. Esses deslocamentos de espaço, tempo e afetos talvez imprimam um tom um pouco diferente nesses diários daqui pra frente. Volto a ser

corpo pulsante agindo no tempo presente no meu cenário de pesquisa e a memória mais e mais se atualiza. Já não só recebo notícias do Brasil pela internet, mas volto a participar dos acontecimentos. Sou novamente mais um corpo na rua e voltei no momento certo, a tempo de celebrar a luta das mulheres no dia 8 de março na Avenida Rio Branco, em performance com o coletivo Formação de Sereias, braço feminista da Ocupa MinC RJ. O coletivo já não se reunia há bastante tempo, não se tornou um movimento orgânico com o fim da ocupação, mas a oportunidade de performar no ato do Dia Internacional de Luta das Mulheres reagrupou algumas sereias para uma ação pontual. Embora eu não tenha participado dos encontros de preparação, fui chamada assim que cheguei e me juntei à performance no próprio dia.

Na ação, o ato interrompia a marcha em um trecho do caminho e uma tropa de performers, com máscaras representativas de instituições e de políticos opressores das mulheres, das causas feministas e da própria democracia, surgia em direção contrária e abria grandes guarda-chuvas pretos alinhados como escudos, formando um paredão intransponível. Em cada guarda-chuva aberto, aparecia escrito um tipo específico de violência: feminicídio, lesbofobia, estupro, violência doméstica, obstétrica, etc. Entre esse pelotão e a linha de frente marcha, se destacavam algumas mulheres que avançavam em direção ao bloqueio, primeiro individualmente e depois em duplas ou trios, tentando ultrapassar a barreira. Mas eram impulsionadas para trás e quedavam paralisadas. No final, as mulheres dão as mãos umas às outras cantando canções do movimento feminista, como “Companheira, me ajuda, que eu não posso andar só. Eu sozinha ando bem, mas com você ando melhor”, e avançam juntas, cercando o pelotão numa grande roda. Depois, sob gritos de Fora Temer, Bolsonaro, Crivella e cia., as mulheres que representavam o pelotão se livram dos guarda-chuvas e das máscaras para se juntar ao coro de “Feminismo é revolução”, com o grupo logo se espalhando e dissolvendo dentro da marcha.



Figura 122 - Performance do coletivo Formação de Sereias. RJ, 8/03/2018. Foto: Manu Justo



Figura 123 - Performance do coletivo Formação de Sereias. RJ, 8/03/2018. Foto: Katiana Tortorelli

Com esse jogo coreografado, a ação oscilava entre a performance e o teatro (de invasão), surgindo em meio ao ato e novamente se misturando a ele, jogando com referências que estavam logo ao lado, como os grupos de policiais e as

palavras de ordem da manifestação. Não me interessa tanto aqui a definição ou indefinição da coisa, mas sim o alegre retorno estético-político do meu corpo a um jogo coletivo nas ruas do Rio. E não apenas nessa ação, mas em toda a marcha. As manifestações feministas ainda trazem para as ruas aquela estética múltipla de uma política plural e horizontalizada que se apresentava em 2013. Voltarei a isso, porque considero que as mulheres, que protagonizaram as marchas contra Eduardo Cunha já em 2015, e os movimentos feministas de modo geral, nas ruas ou em campanhas na internet, tem sido um dos movimentos mais potentes no Brasil pós-2014.

Depois da marcha, tomando uma cervejinha com amigas, soube que a construção do ato foi bem difícil, pois os diferentes movimentos de mulheres não conseguiam se entender. Houve, inclusive, quem opusesse cultura e política, em uma visão já bem ultrapassada, expressando total desinteresse por ações artísticas. E teve também quem se retirasse do ato no dia, se sentindo desrespeitada em suas singularidades. O coletivo formado na Ocupa nunca esteve livre de divergências internas, mas tem uma particularidade: foi criado por necessidade de acolhimento e ação protetiva, a partir do relato de uma das ocupantes às demais sobre uma situação de violência sexual sofrida dentro da ocupação. As nossas diferenças precisaram ser administradas para nos fortalecermos juntas no cuidado de umas com as outras. O coletivo se tornou esse espaço de cuidado, onde deveríamos nos sentir seguras para falar sobre situações de assédio e violência, fosse no espaço da ocupação, demandando ações coletivas de suporte às vítimas, afastamento dos agressores e fomentação de debates, fosse em nossas vidas pregressas, fortalecendo os afetos e a construção política pelas experiências concretas. A auto-organização das mulheres em reuniões fechadas, possibilitando a difícil exposição de feridas abertas, ouvindo e respeitando as vítimas e coletivamente tomando decisões soberanas sobre cada caso, foi algo muito forte. O objetivo era evitar a exposição das vítimas ao julgamento dos homens da ocupação e, especialmente, protegê-las dos agressores, inclusive os expulsando da Ocupa nos casos mais graves. Muitos companheiros insistiam em relativizar as violências sofridas e não toleravam a nossa auto-organização.

Infelizmente, as diferentes vivências e diferentes níveis de compreensão do feminismo levaram ao vazamento de relatos íntimos e geraram até tentativas de deslegitimação e culpabilização de vítimas. Para muitas de nós, era a primeira vez

que nos organizávamos em um coletivo feminista e estávamos aprendendo com cada uma e com todas na prática cotidiana, entre erros e acertos. Lembro muito claramente, ainda hoje, de uma forte fala da minha amiga e parceira no coletivo “Atrizes ou”, Brenda Jací, em uma de nossas reuniões, afirmando que ela preferia correr o risco de ser injusta com o homem do que com a mulher, uma vez que nossas vozes são sempre silenciadas e, mesmo quando temos a coragem de falar, somos constantemente deslegitimadas e ainda apontadas como responsáveis pela violência sofrida. Eu me alinho com ela. Numa situação vivenciada por apenas duas pessoas, só temos a palavra de uma e da outra. Ao mesmo tempo, não podemos ignorar um relato de violência. E se corremos o risco de ser injustas, até como reparação histórica, devemos ficar com a palavra da mulher. Certamente, essa não era a posição de uma ocupação mista, e nem mesmo consenso entre todas as mulheres. Mas, bem ou mal, conseguimos lidar com cada caso com uma maturidade construída passo a passo em longas reuniões que buscavam um consenso entre mulheres tão diversas.

O objetivo principal estava claro desde o início, no próprio modo como se formou o coletivo: era acolhimento e proteção. Não foi um coletivo feminista que se formou por ideologia política, afinidade de pensamento ou amizades, nem por aproximação na vivência de violências específicas, como mulheres negras, mulheres pobres, mulheres lésbicas, mulheres trans, etc. A diversidade na composição de um coletivo criado por necessidade de ação no espaço concreto de uma ocupação plural, se por um lado nos trazia dificuldades de entendimento, também enriquecia o debate e a construção de um feminismo concreto. Sororidade, ali, não podia ser só palavra de ordem vaga.

O que nos unia, além do fato de sermos mulheres, era estarmos em uma ocupação da cultura contra o golpe. Fora isso, tínhamos orientações políticas as mais diversas e discordávamos em muitos aspectos. Mas com o tempo fomos nos questionando sobre processos de silenciamento e deslegitimação que nós mesmas conduzíamos umas sobre as outras, sobre como era mais fácil numa reunião mista confrontar a fala de outra mulher para se fortalecer, e sobre como nos respeitar nas nossas diferenças era um verdadeiro fortalecimento para todas. Com o tempo, novos debates foram surgindo, novos relatos, novas ações, e logo o coletivo deixou de ser reativo para se tornar propositivo. Como realizar ações de prevenção às diversas formas de violência contra a mulher no espaço da ocupação e das

nossas existências? Como sair do punitivismo sem cair numa espécie de maternalismo nos cobrando ainda a função de educar os agressores? Como construir uma luta inclusiva para todas as mulheres com suas diversas subjetividades? Não há respostas fáceis, mas as perguntas lançadas já nos faziam tentar novas ações, experimentar, testar, avaliar nossas práticas e propor novos caminhos nas relações cotidianas.



Figura 124 - Produção de cartazes feministas na Ocupa MinC RJ. Palácio Capanema, 2016. Foto: Ocupa MinC RJ

O processo de consolidação desse perfil mais propositivo que o coletivo assumiria veio com o projeto de uma semana das mulheres ocupando toda a programação da Ocupa MinC no Palácio Capanema, inteiramente construída por nós. Como se tratava de uma ocupação da cultura, a hegemonia masculina persistente no cenário artístico não poderia deixar de ser pautada. A polêmica envolvendo a cineasta Anna Muylaert foi lembrada nas reuniões. Em 2015, um debate com a diretora foi atrapalhado por interrupções constantes e comentários preconceituosos dos cineastas Cláudio Assis e Lírio Ferreira. O feminismo já estava num movimento ascendente e aquela atitude não passou em branco e acabou trazendo à tona a discussão sobre o machismo no cinema, cuja divisão do trabalho se dá de forma hierárquica e a maioria das funções de direção são

ocupadas por homens. A pergunta sobre se é possível separar autor e obra também acaba vindo à tona, quando posturas de autores são questionadas. Eu, que me fundo totalmente com a minha obra, que em última instância sou a minha própria obra, seja na poesia ou na performance, no ativismo e até mesmo em minha formulação teórica, não consigo responder a questão. Mas considero relevante a emergência da pergunta, num cenário pós-Facebook e espetacularização, em que os autores são lidos bem mais do que os livros (e vistos mais que os filmes e ouvidos mais que as músicas).

A relação entre arte e feminismo seguiria me interessando e no início de 2017 me pegaria de surpresa logo na minha chegada a Madri. Eu precisava fazer hora nas imediações da estação de trem para encontrar com o meu anfitrião do Couchsurfing. Com o Museu Reina Sofia ali perto, resolvi já dar uma olhada, e me deparei com entrada gratuita e uma visita guiada sobre o tema. Esse centro de arte com nome de mulher é mais conhecido por abrigar grandes obras de homens como Picasso (sua célebre Guernica está lá), Dalí, Miró, entre outros. Eu já havia visto celebradas exposições desses três no Brasil. Mas lá eu tive contato pela primeira vez com obras fortes e perturbadoras de mulheres como Ángeles Santos e Maria Blanchard. A visita comentada se concentrava apenas em algumas obras, mas acrescentava uma perspectiva feminista na leitura da arte, comentando histórias de vida, condições de produção e trazendo referências teóricas.

Lamentei a deficiência da minha formação artística que se limitava até então ao conhecimento de poucas mulheres no período pré-performance (especialmente entre o final do século XIX e início do século XX, com a ascensão da arte moderna, que junto à contemporânea já despertava meu interesse de pesquisa): uma Tarsila do Amaral aqui, uma Frida Kahlo ali, uma Gabriele Münter acolá, além de uma Camille Claudel sempre colocada à sombra de Rodin. Comecei a dedicar minha atenção a descobrir mulheres nos museus europeus. No Thyssen-Bornemisza encontrei as russas Nadeshda Udalzoza, Olga Rozanova e Natalia Goncharova (não sei até que ponto as mudanças nas condições de produção com a revolução soviética poderiam ter a ver com celebração dessas mulheres artistas). Alguns meses depois, já em Viena, o Mumok me recebeu com a exposição *Woman - Feminist avant-garde of the 1970s*, majoritariamente composta por fotografias e vídeos, muitos registros de performances. Enfim, o corpo como principal matéria-prima, desafiando tanto normatizações de gênero como

convenções do mundo arte. E daquelas 47 artistas de diversas nacionalidades eu ainda não conhecia a maior parte. No Tate Modern, em Londres, me deparei com o trabalho provocativo do coletivo Guerrilla Girls, formado em Nova Iorque em 1985. O grupo colocava a nu o machismo no campo da arte através de cartazes irônicos espalhados pela cidade e como anúncios publicitários circulando em ônibus. “Com corpos de mulheres e máscaras de gorila, as ativistas permaneceram anônimas, mas nomearam artistas e galerias com práticas machistas, usando muito bem técnicas da publicidade pra sacudir as estruturas da sociedade” (Provasi, 2017).

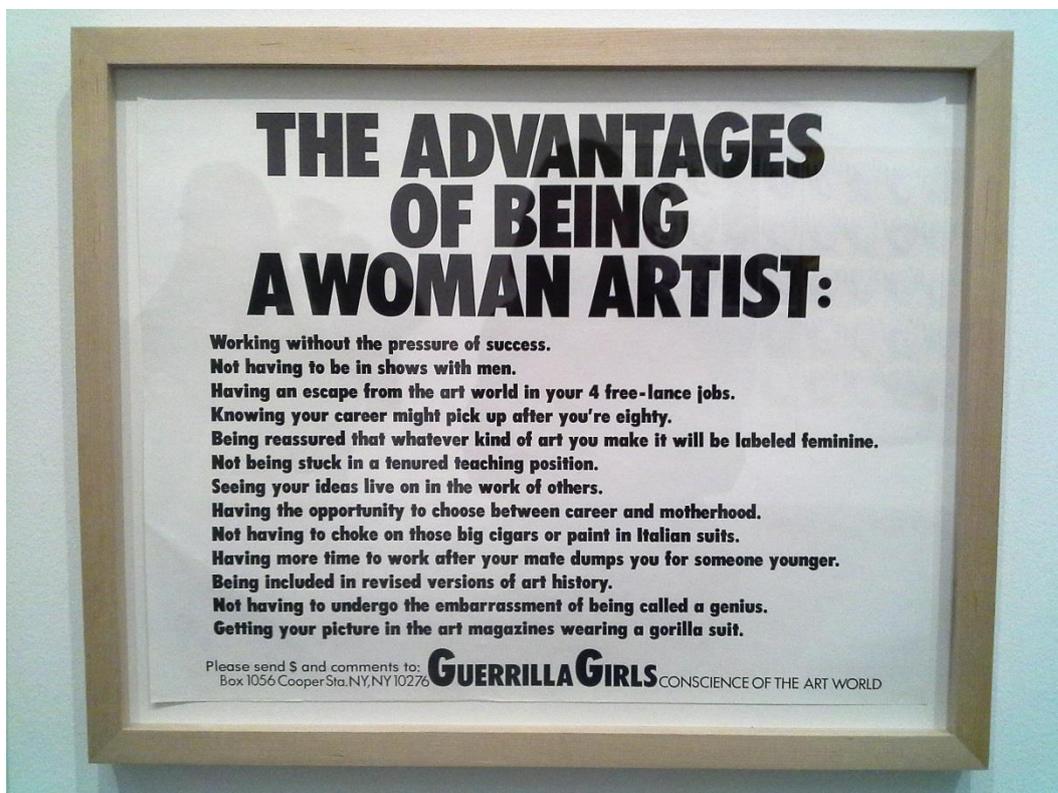


Figura 125 - Guerrilla Girls Talk Back 1985-90. Tate Modern, Londres, 2017. Foto: Beatriz Provasi

Em um texto de 1971, em vez de tentar mapear e enaltecer qualidades em trabalhos de mulheres, a historiadora da arte Linda Nochlin lançava a pergunta “Why have there been no great women artists?” (Por que não houve grandes mulheres artistas?). No ensaio, diferente de feministas que refutavam a questão ao tentar destacar a qualidade artística de trabalhos de mulheres pouco reconhecidas, descobrir gênios femininos relegados às margens da história da arte ou mesmo

afirmar uma especificidade da arte produzida por mulheres, a autora esmiúça as condições do trabalho artístico na sociedade e desmistifica a ideia de gênio que acabava por camuflá-las. Essa mudança de perspectiva no tratamento da resposta, escapando de suas armadilhas (como se a pergunta já contivesse a assertiva “porque as mulheres incapazes de grandiosidade” ou um convite à sua negação), faz com que Nochlin questione as próprias premissas em que a historiografia da arte estava baseada, cultuando o gênio do artista ou se adereçando às qualidades da obra, sem uma efetiva contextualização histórica. Para a autora, não há genialidade e a grandeza das obras deriva das condições materiais de sua produção, bastante desfavoráveis para as mulheres. Arte é trabalho árduo e exercício constante, aprimoramento de técnicas e oportunidade de experiências (muitas vezes inacessíveis ou dificultados para mulheres ao longo da história).

Essa análise também poderia se aplicar às condições da produção de conhecimento, para entendermos por que entre grandes filósofos e pensadores nos referimos majoritariamente a homens. Senti necessidade de revisar a minha bibliografia e parar de citar os mesmos homens de sempre: Foucault, Deleuze & Guatarri, Negri & Hardt, Nietzsche, Agamben, Bey (e de me aproximar mais de Nochlin, Hannah Arendt, Judith Butler, Spivak, Bell Hooks). Entretanto, em vez de tentar ocultar os autores presentes na minha base de formação e mais do que ampliar a minha bibliografia para incluir mais autoras, faz-se necessário questionar e transformar as condições de trabalho e as relações de gênero na sociedade, para que enfim se criem condições favoráveis para a produção artística e intelectual das mulheres (assim como dos demais grupos excluídos). É evidente que a minha irmã como professora, pesquisadora e mãe, sem qualquer apoio do pai da criança, sem creche no local de trabalho, sem suporte do poder público e das instituições, tem muito menos tempo de leitura, escrita, trabalho de campo, pesquisa, enfim, do que os seus colegas homens da UFRJ. A imagem da mulher guerreira que, apesar de tudo, se desdobra em mil e consegue se destacar no ambiente de trabalho chega a ser cruel, transferindo para o empenho individual sobre-humanas responsabilidades coletivas da humanidade.

Essas e muitas outras questões já começavam a ganhar corpo em 2016, com a minha participação na construção coletiva do evento Arrastão das Sereias no Capanema. Muitos debates surgiram nas reuniões de produção. Desejávamos contemplar a diversidade dos movimentos feministas e das temáticas inerentes,

convidando feministas de variadas vertentes. Ao mesmo tempo, apresentar a pluralidade das nossas produções artísticas. Foram convocadas mulheres poetisas, cineastas, musicistas, cantoras, compositoras, performers, atrizes, palhaças, diretoras, realizadoras artísticas de modo geral para compor a programação cultural de uma semana em que o palco seria só delas. Em paralelo, começávamos a cobrar equidade de representatividade em todas as mesas de debate e apresentações artísticas da ocupação.

Na abertura da semana, realizamos nossa primeira performance como Formação de Sereias: um arrastão poético pelas ruas do Centro convocando a população para o evento. Em um domingo de pouco movimento, interagimos principalmente com o público do Teatro Municipal. Ao retornar ao Capanema, apresentamos o coletivo e exibimos o filme “She’s Beautiful When She’s Angry” (2014), de Mary Dore, seguido de uma roda de conversa. O documentário aborda o surgimento dos movimentos feministas dos anos 1960 e seu impacto em uma série de transformações, cujas implicações se manifestam na contemporaneidade. Em vez de criar uma história romantizada, a diretora não omite as divisões no interior do movimento nem se esquiva dos debates polêmicos, criando um panorama de uma história plural e cheia de tensões, cuja potência reside exatamente aí, abrindo um leque de possibilidades. É interessante notar que, apesar de uma série de conquistas nas décadas subsequentes, tanto controvérsias como muitas demandas apresentadas naquela época ainda estão em pauta. É um filme contemporâneo que dá pano pra manga nos nossos debates. Mas ainda haveria uma semana inteira de intensas atividades e muito espaço pra conversa. Aquela noite se encerrava com o show de abertura das Mulheres de Buço, performático, empolgante, de lavar a alma.



Figura 126 - Performance Arrastão das Sereias. Cinelândia, 24/07/2016. Foto: Ocupa MinC RJ

O dia amanheceu com mulher sendo arrastada escada abaixo por policiais militares. Não foi nem de longe a semana que esperávamos, aquela que havíamos planejado, produzido, divulgado, que nos proporcionou ricos debates e nos deu tanto trabalho. A desocupação do Palácio Capanema pela Polícia Militar nos pegou de surpresa por volta das 5 horas da manhã de segunda-feira, 25 de julho. Permanecemos com o acampamento do lado de fora, adaptando a programação à nova realidade, até seguirmos para o espaço do antigo Canecão, onde novas demandas se sobrepunham impedindo a retomada daquele projeto. A brusca interrupção da Semana Feminista da Ocupa MinC não era a primeira ação misógina do governo golpista, com sua composição dos ministérios dos velhos homens brancos e sua jovem primeira dama “bela, recatada e do lar”, louvando uma imagem de mulher diametralmente oposta à da presidenta “guerrilheira”. Em toda a campanha pelo impeachment que precedeu o golpe, ofensas misóginas eram dirigidas sem o menor pudor à presidenta Dilma Rousseff. Não era só o PT que os movimentos reacionários não toleravam, mas também uma mulher no poder. Muitos daqueles ataques atingem todas nós. Posso não ter grande simpatia por ela por discordar de muitos aspectos de seu governo, mas me comoveu o

acolhimento que a presidenta recebeu das mulheres durante o processo de impeachment.



Figura 127 - Desocupação misógina da Ocupa MinC RJ. Palácio Capanema, 07/2016. Foto: Ocupa MinC RJ



Figura 128 - Mulheres com Dilma. Brasília, 19/04/2016. Foto: Roberto Stuckert Filho

Os laços de sororidade construídos nas lutas coletivas das mulheres são, a meu ver, uma das principais microrrevoluções em curso. Não precisamos ser

amigas nem compartilhar as mesmas vivências ou ideologias políticas para nos unir, apoiar e respeitar contra todas as formas de violência e inverter o quadro que nos põe em disputa umas com as outras favorecendo o machismo e a misoginia. Durante a construção daquela semana golpeada, percebemos que a pluralidade do coletivo e nossa prática de construção de consenso não nos permitia definir posturas fechadas sobre determinados temas (sobre os quais não haveria acordo), como as fortes polêmicas envolvendo a questão da prostituição e a participação de pessoas travestis e transexuais no feminismo. De um lado, feministas radicais defendem a extinção da prostituição, se contrapondo à exploração capitalista do corpo da mulher, que “torna-se passível de compra e venda, como objetos que servem para reforçar a dominação masculina por meio da satisfação de suas necessidades e que impelem mulheres vulneráveis ou na linha da pobreza a se sujeitarem a mais essa forma de exploração”, como identificam as Blogueiras Feministas (2016, p.2). As RadFem defendem também que as formas de opressão às pessoas trans são de outra ordem das que operam sobre pessoas nascidas mulheres, devendo aquelas se auto-organizarem em seus próprios movimentos sem ingerência sobre o feminista. De outro lado, feministas liberais e transfeministas defendem os direitos das prostitutas, considerando que a legalização da profissão pode gerar “melhores condições de trabalho e ações mais específicas podem ser implementadas para combater a exploração sexual” (Blogueiras Feministas, 2016, p.2). Por mais que algumas de nós tivessem posições definidas sobre essas e outras questões específicas, devido à nossa pluralidade, acabamos por construir um movimento realmente inclusivo. Naquele coletivo, a diversidade não só era respeitada, como era a base da nossa formação.

Eu, que nunca quis participar de movimentos feministas, tomada por um incômodo que vinha já do movimento estudantil no início dos anos 2000, ao perceber que os homens empurravam (para escanteio) as companheiras para as discussões de gênero como forma de monopolizar os debates políticos mais amplos (e muitas vezes ainda orientando o debate de gênero), pela primeira vez participava de um coletivo feminista. Por todas as particularidades dessa construção, nascida da nossa necessidade e totalmente dirigida por nós, sem prescindirmos dos demais debates, mas transversalizando as nossas questões, esse foi, para mim, um processo muito forte de transformação.

Por muito tempo, achei que o meu feminismo individualista bastaria. Que eu fazia a minha parte na libertação das mulheres em meu cotidiano de mulher livre que só faz o que quer, pelo exemplo e contaminação. No entanto, é evidente que eu sou uma mulher com certos privilégios, que pode ser dar ao luxo de “ser livre” em determinados momentos (embora nunca plenamente). E que, mais do que contagiar, eu acabava sendo vítima isolada de muitas violências que eu tentava ignorar, sem uma rede de apoio e respostas coletivas. No fim, eu era a louca, a “Bia sem noção”, como me apelidaram colegas de faculdade na UFF. Isso, de certa forma, me permitia continuar fazendo o que eu quisesse e ser tolerada, porém nem sempre levada a sério.

Em uma espécie de performance não calculada no 47º Congresso da UNE (Goiânia, 2001), levei uma tese poética intitulada “O movimento é sem noção” e acabei ocupando o palco para discursar para mais de 15 mil pessoas, sem ser liderança de nenhum partido político e sem projeto de poder para aquela entidade. O estranhamento causado pela minha figura, falando em tom de voz calmo, sem punhos erguidos, sentada no palco de pernas cruzadas, com um nariz de palhaço, um discurso poético e totalmente desconhecida pelas tendências partidárias que dominavam o espaço, acabou silenciando as torcidas organizadas e fazendo ecoar ao final o coro “ão, ão, ão, o movimento é sem noção” no ginásio. Aquele acabou sendo o meu modo particular de responder sobre a alcunha recebida, em tom de crítica e escracho dirigido ao próprio movimento estudantil. Desde os tempos de *bullying* escolar, eu já sabia que negar um apelido é fazê-lo grudar mais. O jeito era aceitar o “sem noção” dando risada e corroendo o seu sentido (mas, no fundo, bem incomodada).

A artista e a louca funcionam bem como álibis para as minhas ações desenquadradas, mas foi a feminista, especialmente a partir de ações e reflexões coletivas, que iluminou esse meu desencaixe dos padrões de gênero de uma sociedade misógina e capitalista, transformando ações desenquadradas (que eu antes julgava livres) em ações realmente libertárias. Não temos que ter álibis, porque nossas existências não são crime (ao contrário das ações que tentam miná-las). O que precisamos é construir redes e nos ampararmos em cada queda, como uma família circense. Ser respeitadas em nossas singularidades. Nunca fomos históricas (fizemos foi um carnaval, parafraseando o velho Oswald). A história da loucura é de uma construção discursiva alinhada aos padrões sociais de cada

época (e já aqui estou eu foucaultiano outra vez). Normal nada mais é do que aquilo que corresponde a uma norma, sendo, por princípio, uma construção cultural. Norma do homem branco hétero ocidental. Se por um lado não somos loucas, tampouco somos normais. “Bela, recatada e do lar” é rótulo que não nos pega mais.



Figura 129 - Bela, Recatada e Do Lar em ato Fora Temer com as Sereias. Copacabana, 5/08/2016. Foto: Paulo Siberico

A campanha com a *rashtag* *BelaRecatadaEdoLar* foi que pegou. Uma enxurrada de fotos contrastando com o título, com ironia e humor, num escracho total, fez a internet se encher de memes e imagens de mulheres poderosas, provocativas e ocupando todos os espaços. O movimento que viralizava nas redes era em resposta a uma reportagem da revista *Veja*, publicada em 18 de abril de 2016, que assim classificava a chamada “quase primeira-dama” *Marcela Temer* ao traçar seu perfil, enquanto já empurrava a “guerrilheira” presidenta pra fora de campo. Ações feministas de ocupação das redes sociais têm demonstrado um enorme poder de mobilização e pautado muitos debates na sociedade. Impossível ignorar a viralização que provocam.

Com a *#MeuAmigoSecreto*, no final de novembro de 2015, mulheres denunciavam comentários e situações machistas cotidianas vivenciadas em suas relações próximas com amigos, companheiros, colegas de trabalho, familiares, etc. Como naquela brincadeira de troca de presentes de fim de ano, a descrição ocorre sem citar nomes, mas a exposição dos casos, se não revela a identidade para toda a rede que não poderia adivinhar, pode ser identificada, muitas vezes, pela própria pessoa citada. A polêmica estava armada, alimentada por reações e ponderações diversas. O machismo estrutural administrado em pequenas doses dentro de um campo de afetos, muitas vezes quase imperceptível e mesmo relevado pela vítima (e, no entanto, bastante corrosivo), ganha agora a manchete do jornal. São pequenas violências diárias que se tornam um gigante ao vê-las somadas na experiência de tantas mulheres, e não só refletem uma sociedade misógina, como contribuem para a sua manutenção. Óleo na engrenagem da máquina. Mas as mulheres, agora, se tornam o vírus para fazê-la parar.

Já vou me contradizer, porque a ação das mulheres não é de modo algum produção de paralisia. Somos, antes, produção de movimento. Somos nós as máquinas, no sentido guatarri-deleuziano. Máquinas desejantes e máquinas de guerra contra as mais duras estruturas. Máquinas móveis, criamos e escapulimos. “Ataque e fuga”, como na *TAZ* de *Hakim Bey*. Nomadismo estratégico. Mascaramento vital. Estamos em toda a parte e ainda somos “ninguém”. Somos todas. “Todas contra 33”, como na rápida resposta de milhares de mulheres, nas ruas e nas redes, ao estupro coletivo de uma menina de 16 anos em 2016, com vídeo divulgado na internet pelos agressores em celebração do crime. “Mexeu com uma”, já sabe. Todas rapidamente se mobilizam em solidariedade à vítima,

como no caso da figurinista da Rede Globo Su Tonani, ao denunciar o assédio e abuso sexual do ator José Mayer em 2017. Cada violência já mexe com todas e põe uma imensa rede de mulheres em movimento.

A fase viral das *hashtags* do movimento feminista brasileiro se iniciava com uma das campanhas mais contundentes e desestabilizadoras das quais já fiz parte: #PrimeiroAssédio. Com a estreia da primeira edição infantil do *reality show* de culinária Master Chef no Brasil, em 20 de outubro de 2015, comentários pedófilos sobre uma menina de 12 anos que participava do programa pipocaram nas redes. A reação imediata partiu da organização Think Olga, lançando no Twitter, logo no dia seguinte, uma campanha para que mulheres relatassem situações semelhantes de assédio na infância. Nem a Olga seria ainda capaz de pensar nas implicações daquela iniciativa.

Resgatar as primeiras lembranças de algo tão confuso, incompreensível e perturbador na época do acontecimento, muitas vezes reprimido por um corpo que se esforça em esquecer e se culpa involuntariamente, em grande parte ligado a pessoas bem próximas como familiares, vizinhos, padres e educadores, misturando violência, confiança e afeto, e que em tantos casos atravessava a fronteira do assédio e se configurava mesmo como estupro, era algo bem difícil e doloroso para todas as mulheres. Não era só o “telefone do cachorrinho” que os velhos babões nos pediam já na adolescência, as cantadas de feira, de canteiro de obra, e o nosso instinto de sobrevivência já naturalizando e ignorando tanta coisa. Era o primeiro, justo aquele de que se esquece pela imensidade da violência, do qual a dor da lembrança é incomensurável. Aquele que só sai das sombras ao ser iluminado por outros relatos.

Muitas histórias vinham à tona pela primeira vez, surpreendendo mães, amigas, companheiros, conhecidos. Surpreendendo até a nós mesmas. Era como se, de repente, aquilo que não tínhamos entendido na infância passasse só agora a fazer sentido, e a nossa sensação de culpa se revelasse a armadilha que nos aprisionava no silêncio. Então não foi só comigo? Não sou eu, é o mundo? Minha irmã, minha amiga, minha mãe, minha tia, quantas mulheres mais passaram por isso? De repente, o relato de uma encorajou a outra. E a dor da tomada de consciência era ainda mais dolorosa no processo de escrita e exposição. No Facebook, surgiram relatos mais extensos e detalhados, em que tudo isso ficou muito claro. Mas atravessamos mais essa dor para encorajar outras mulheres,

como aquelas que nos encorajaram. Para nos reconectarmos. Conosco, com as nossas histórias, com os nossos corpos, com as nossas irmãs. E, principalmente, para protegermos as nossas meninas (já tenho pânico só de imaginar o que pode acontecer à minha sobrinha). Uma sensação muito forte nos tomou a todas de modo irremediável naquele momento: já não estamos mais sozinhas. Mais do que uma rede de denúncias, o que se formou foi uma rede de afetos, com o acolhimento de umas às outras, com todo o carinho, com todo o cuidado. Ainda me comove muito a força que tem tudo isso.

Recentemente, já em outubro de 2017, a campanha internacional #MeToo, a partir de denúncias de assédio na indústria do entretenimento dos Estados Unidos, conectou mulheres do mundo inteiro em denúncias de assédio e estupro nas redes. Eu estava na Dinamarca e bastante aliviada por não ouvir sequer uma gracinha na rua há meses. Não posso afirmar que não há violência contra a mulher lá, mas não faz parte da cultura dinamarquesa, enquanto o compartilhamento do trabalho doméstico e do cuidado com os filhos faz. A existência de licença paternidade é um dos aspectos que torna isso claro. Além disso, o Estado dinamarquês é de fato um Estado laico, assim como a sociedade (a religião hegemônica é a não-religião). Por isso, não me espanta que haja tantos avanços em tantas áreas da existência humana. Já há muitos anos o aborto é legalizado por lá, tendo sido aprovado em 1971 (no mesmo ano em que surgia a Cidade Livre de Christiania, ocupação anarquista encarada pelo governo da época como um experimento social). Existe conservadorismo, como existem fascismos, assim como em toda a parte. Mas não é regra, pelo contrário. Não é, como aqui, algo impregnado na formação cultural. A sociedade é mais igualitária, com uma cultura de liberdade e respeito. Não essa cultura do estupro que nos ameaça diariamente. Em um ano e meio lá, senti que era um bom lugar para ser mulher e isso foi determinante no meu desejo de ficar. No final das contas, vale a pena enfrentar o frio do clima e a frieza das pessoas para encontrar as condições de gênero, sexualidade, trabalho, saúde, educação, segurança e mobilidade urbana mais favoráveis do que em qualquer outro lugar que eu já vi (especialmente quando o desejo de ser mãe começa a falar).

Na Dinamarca e em muitos outros países do mundo, seria impensável um líder político fazer um discurso vergonhoso como o de Michel Temer em 8 de março de 2017. Em sua fala, para “homenagear” as mulheres, o presidente ressaltou a grande participação da mulher na economia do país, ao indicar “os

desajustes de preços nos supermercados” e detectar “as flutuações econômicas pelo orçamento doméstico”. Elogiou, ainda, “o quanto a mulher faz pela casa, pelo lar e pelos filhos”, destacando a responsabilidade exclusiva delas na educação das crianças, pois, “seguramente, isso quem faz não é o homem, quem faz é a mulher”. Relegadas ao espaço doméstico e à economia do lar em um dia de celebração de suas lutas por igualdade de direitos, as mulheres receberam com revolta as declarações machistas de Temer, que já havia tido como uma de suas primeiras ações, ao usurpar o cargo da nossa primeira mulher eleita presidenta, justamente a extinção do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos e a formação de uma equipe de governo com um total de zero mulher. A repercussão imediata de suas declarações nas redes pautou a mídia nacional e o presidente também foi alvo de severas críticas na mídia internacional. O mais grave, no entanto, é que o discurso desastroso de Temer não era uma “gafe”, como apareceu em muitos comentários, e sim o reflexo de uma visão de mundo muito bem definida, com sua política de governo misógina colocada sem máscaras ou pudores. Para um presidente que não foi eleito, agradar o eleitorado (quanto mais o eleitorado feminino) não está entre as suas preocupações. Temer falou o que pensa, e o mais problemático ainda é o fato de ter esse poder de fala por estar ocupando um cargo que não lhe pertence, e que é essa a perspectiva que guia hoje as ações de um presidente.

O viés misógino do processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff já estava evidente desde o início. O ex-presidente da Câmara dos Deputados (hoje presidiário) Eduardo Cunha (PMDB), personagem principal na orquestração do golpe, responsável pela abertura e encaminhamento do processo no legislativo, já era também o inimigo público número 1 das mulheres. Em 2015, as grandes Marchas contra Cunha foram protagonizadas pelas feministas e, junto às ocupações das escolas em São Paulo e no Rio de Janeiro (em que adolescentes assumiram de forma horizontal a gestão do espaço público educacional, ensinando bem mais do que muitos professores em um sistema hierarquizado), era naqueles atos que eu já identificava algum legado de junho.

O movimento vinha num processo crescente e atingiria seu ápice entre final de outubro e o mês de novembro de 2015, recebendo o título de “Primavera das Mulheres”. No ano em que havia uma retração na ocupação das ruas por grande parte das pessoas que estiveram nas lutas em 2013 e 2014, o protagonismo das

mulheres fez da rua novamente “a parte principal da cidade” (Leminski, 2013). A maior parte das pessoas, talvez desgastadas por conta da grande repressão do Estado pela violência policial e processos judiciais contra ativistas, talvez também por conta de uma polarização das manifestações ligadas ao processo de impeachment, entre o vermelho e o verde-e-amarelo, os sindicatos e as empresas, cheias de lideranças de partidos, onde não cabia o nosso colorido horizontal, saíram de cena das grandes manifestações de rua. Algumas retornaram para seus espaços de atuação de base, criaram ou fortaleceram novos espaços surgidos em 2013. Algumas foram atuar na luta cotidiana por direito à vida que se desenrola nas favelas. Os movimentos de mídia e de advogados ativistas, por exemplo, tiveram uma atuação muito importante nesses espaços. Outras seguiram com núcleos de educação popular. Algumas se concentraram em trabalhos de pesquisa (cá estou eu, ainda). Produção de cerveja artesanal, permacultura, ocupações de moradia, espaços de *coworking*, grupos artísticos de criação coletiva, foram inúmeras as iniciativas decorrentes de 2013, tão plurais quanto aquela ocupação das ruas. Mas, de algum modo, a gente se isolou, ficou cada um no seu quadrado. E muita gente seguiu totalmente perdida, se sentindo órfã de 2013.

Aí vieram as mulheres em 2015, se conectando em campanhas virtuais e se organizando na ocupação das ruas. Elas tomaram as cidades contra o Projeto de Lei 5069/13 de autoria de Eduardo Cunha, que dificultava o acesso ao aborto legal (já permitido apenas em casos de estupro, feto anencéfalo ou risco à vida da gestante). Criando novas regras para o atendimento de vítimas de abuso sexual e impondo maior rigor na punição ao aborto, o projeto acabava por condenar mais uma vez a mulher vítima de violência. Os atos iam além da reatividade aos retrocessos e pediam a saída de Cunha da presidência da Câmara e a legalização total do aborto. No Rio, também se pedia a saída de Pedro Paulo, secretário do Prefeito acusado de violência doméstica contra a esposa.



Figura 130 - Mulheres Contra Cunha. Cinelândia, 28/10/2015. Foto: Mídia Ninja

Os atos feministas, assim como os de 2013, também eram mobilizados por meio das redes sociais e aconteciam sem lideranças, sem carros de som se impondo acima das nossas cabeças, com performances e com poesia, com música e coros de múltiplas vozes, numa estética/política plural e horizontalizada criada por cada pessoa presente. O coro das vozes femininas soando mais alto trazia ainda um elemento novo, muito impactante em um momento de exposição de relatos íntimos e de quebra de um longo tempo de silenciamento. Após os relatos de primeiro assédio tomarem as redes, nos mobilizarem e nos comoverem, encontrar essas vozes e corpos nas ruas para um abraço coletivo nos acolhendo, nos amparando em nossas dores passadas e presentes, transformando lutos em lutas (como palavra no feminino que é mais potente), foi algo que realmente nos deu um gás. Pra mim, o mais forte de tudo não está nem no discurso da pauta reivindicatória, mas nesse encontro de corpos que criam uma outra cidade. Mesmo que – taz! – de forma temporária. A cidade das mulheres.

É muito simbólico que tenham escolhido uma mulher para crucificar em 2013 por todos os atos de vandalismo: “Sininho do barulho” (O Globo, 2013), ou “a fada da baderna” (Veja, 2014). Apontá-la como líder, longe de ser ato de reconhecimento da força política das mulheres já naquela época, era mais um modo de condená-la, por um lado, pela própria criminalização da mídia e do

sistema jurídico, por outro, também por críticas às suas posturas pelo incômodo causado em demais ativistas de um movimento construído sem lideranças. Às vezes, o ato de negá-la como líder dos protestos vinha acompanhado de um discurso machista, diminuindo suas qualidades de articuladora e atuadora política. Até sua vida íntima foi exposta acompanhada de julgamentos morais, por seu relacionamento com um ativista casado na época, fazendo do caso uma novela mexicana de briga de mulheres estampando manchetes de jornais. A direita raivosa se aproveitava da alcunha de fada para chamá-la de “safada” e houve até montagem fotográfica colocando seu rosto em capa da Playboy. A capa da Veja anunciando “Os segredos de Sininho”, em 15 de fevereiro de 2014, não só estampava sua cara em todas as bancas de jornal, como em fotomontagem nas páginas internas inseria sua imagem no meio de ações black blocs. Em meio à comoção pela morte do cinegrafista Santiago, aquele processo difamação atingia não só uma mulher, como todas as mulheres e todo o movimento. Mas também não faltaram memes naquele estilo Nana Gouvêa (de montagens com sua imagem após posar em cenas de desastre em Nova Iorque em 2012), inserindo a mesma imagem de Elisa Quadros alterada pela revista Veja nos mais variados contextos, como forma de evidenciar a manipulação da mídia. O humor contra o horror.



Figura 131 - Memes de Sininho a lá Nana Gouvêa. Internet, 18/02/2014. Foto: Montagem/R7



Figura 132 - Elisa Quadros no Grito da Liberdade. Rio de Janeiro, 31/10/2013. Foto: Ramon Moreira

As prisões, perseguições políticas e linchamento midiático de grupos e ativistas eram cada vez mais intensos, como forma de tentar controlar as intensidades daquele momento. Mas aquelas intensidades passavam por todos os corpos e estavam em toda a parte. Reverberavam em diversos movimentos. A

Marcha das Vadias teve enorme repercussão em 27 de julho de 2013, aquecida pelas incendiárias Jornadas de Junho e acontecendo no mesmo período da Jornada Mundial da Juventude católica na cidade do Rio de Janeiro. Aquela era a maior e mais diversa Marcha desde a sua primeira edição em 2011. O movimento se colocava em defesa da vida e da autonomia das mulheres e contra todas as formas de violência. A luta pela legalização do aborto confrontava diretamente a postura da igreja e sua influência nas políticas públicas que colocam em risco a vida das mulheres. “É pela vida das mulheres” já é um mantra repetido em todas as manifestações. “Meu corpo, minhas regras” e “Tire seu rosário do meu ovário” apareciam escritos em cartazes e nos corpos das ativistas. Muitas desfilavam com os seios nus, trazendo para o próprio corpo a luta por direitos iguais, em uma sociedade que permite aos homens andarem livremente sem camisas, enquanto julga a forma de se vestir das mulheres. O termo vadia, comumente usado como xingamento, passa a ser assumido de forma crítica, com o objetivo de indicar que um julgamento moral sobre o comportamento e o modo de se vestir das mulheres não pode jamais ser usado para justificar ou relativizar casos de estupro ou agressão. O movimento brasileiro se inspirava na *Slutwalk* canadense, criada no início de 2011 em resposta a fala de um policial sobre segurança e prevenção ao crime na Universidade de York. Transferindo a culpa do agressor para a vítima, ele afirmou que “as mulheres deveriam evitar se vestir como vadias, para não serem vítimas de ataque”. A revolta nos uniu e o movimento logo se mundializou.



Figura 133 - Marcha das Vadias. Praia de Copacabana, 27/07/2013. Foto: Mídia Ninja

Aqui, o ato contou desde o início com muitas performances em seu trajeto e uma produção estética sempre esteve intimamente ligada à ação política da Marcha, tendo como gancho justo um questionamento sobre as vestimentas das mulheres. Os corpos, lugar onde está inscrita a nossa luta por autonomia, passam a ser nossos cartazes, escritos, pintados, seminus ou com figurinos vibrantes. A luta pelo direito sobre o nosso próprio corpo já está no modo como o colocamos na rua. E do encontro desses corpos surge então uma Marcha plural, multicolorida, irreverente, polifônica, repleta de manifestações artísticas, em um movimento por liberdade onde tudo cabe, agregando ainda a luta pelos direitos das prostitutas e contra a homofobia. Em 2013, entretanto, houve muita controvérsia sobre uma das performances realizadas. As próprias organizadoras se apressaram em afirmar que não tinham ingerência sobre tudo o que acontecia no ato, buscando se desvincular do episódio. O debate tomou conta das redes e até entre participantes as opiniões divergiam.

A performance em questão era uma ação do Coletivo Coiote em que, nus e com camisas pretas atadas ao rosto, integrantes quebravam imagens de santos e introduziam crucifixos no ânus. A performance foi acusada de intolerância religiosa pelo uso desrespeitoso de símbolos da Igreja Católica. A mesma acusação apareceria, tempos depois, contra a atriz transexual Viviany Beleboni na

Parada do Orgulho LGBT de São Paulo em 2015, apenas por surgir pendurada em uma cruz, e atingiria até dois atores e o diretor de um grupo historicamente consolidado como o Teatro Oficina, por uma apresentação da peça “Acordes” em 2012. É compreensível que pessoas se sintam incomodadas com essas performances artísticas (em muitos casos, gerar incômodo faz parte da provocação proposta), mas intolerável a tentativa de criminalizar e impor censura. Além de ação judicial, Beleboni sofreu perseguição e até agressões físicas, após sua performance que denunciava justamente violências decorrentes da homofobia.



Figura 134 - Performance do Coletivo Coiote. Marcha das Vadias/RJ, 27/07/2013. Foto: Tasso Marcelo



Figura 135 - Performance de Viviany Belebony na Parada LGBT. São Paulo, 7/06/2015. Foto: João Castellano

Em todos esses casos, por iniciativa de padres católicos e igrejas evangélicas (que ironicamente não cansam de agredir as religiões alheias como as de origem afro-brasileira e “crucificar” quem pensa e age diferente de suas convicções), as ações judiciais foram movidas com base no artigo 208 do Código Penal, de 1940. O artigo prevê pena de até um ano de detenção para quem “escarnecer de alguém publicamente, por motivo de crença ou função religiosa; impedir ou perturbar cerimônia ou prática de culto religioso; vilipendiar publicamente ato ou objeto de culto religioso”. Já a Constituição Federal de 1988 prevê tanto a liberdade religiosa como liberdades de expressão e manifestação, tão essenciais à criação artística.

Já desde 2013, observo as potências dessas ações que permanecem em um campo de indefinição entre arte e não-arte, gerando intensos debates. Entre defensores e detratores do Coletivo Coiote, a forte polêmica gerada na mídia e nas redes sociais evidenciou, sobretudo, o quão perturbadora foi, naquele cenário, a ação do grupo, situada entre o enfrentamento político explícito ao evento católico que se realizava na cidade e um enfrentamento estético evidente às formas mais estabelecidas da arte. Houve quem considerasse a performance apenas como

gestos de violência gratuita e intolerância religiosa, e a desconsiderasse como ação artística. E houve quem, em defesa da liberdade de expressão, refutasse as condenações moralistas, não aplicáveis ao campo da arte. O mais interessante, no entanto, é notar como o grupo se apropria da violência, primazia do Estado e do sistema capitalista, como forma de autonomia agindo sobre os próprios corpos. E que a ação permaneceu numa fronteira difusa, sem que pudesse ser plenamente capturada por nenhuma abordagem definitiva.

Recentes censuras à arte em espaços culturais, com linchamentos virtuais, cancelamento de exposições e abertura de inquéritos contra curadores e artistas, no atual cenário de consolidação de um golpe e judicialização da política, não deixam de acender um alerta para algo que já se observava na Ditadura Militar: a arte nunca sai ilesa de um processo de fechamento político e de ascensão do fascismo na sociedade. Em setembro de 2017, ocorre o cancelamento da exposição “Queermuseu – Cartografias da diferença na arte brasileira” no Santander Cultural, em Porto Alegre, sob acusações por parte de grupos cristãos e movimentos políticos ultraconservadores de incitar a pedofilia, a zoofilia e o vilipêndio religioso. No mesmo período, surgem censuras à performance “La Bête”, de Wagner Schwartz, realizada no Museu de Arte Moderna de São Paulo. O mote foi a interação de uma criança com o corpo nu do artista que, sem qualquer conotação sexual, apenas se apresentava disponível à manipulação do público, como os “Bichos” (1960-1964), de Lygia Clark (hoje protegidos nos museus por redomas de vidro que esvaziam seu sentido participativo original).

Se a censura à arte já era intensa em performances de rua realizadas nos contextos dos atos políticos (acompanhando o processo de criminalização de ativistas), ao se alastrar para os espaços artísticos, parece que só agora muita gente se dá conta da gravidade de tudo isso. Lembro uma análise de Roberto Schwartz, compartilhada por Heloísa Buarque de Hollanda, sobre a produção artística no período do golpe militar, observando que artistas e intelectuais de esquerda foram poupados em um primeiro momento de instalação da ditadura, enquanto a repressão colocava na ilegalidade e perseguia militantes organizados em partidos políticos e movimentos sociais. “O efeito principal do golpe militar em relação ao processo cultural não se localizou, num primeiro momento, no impedimento de circulação das produções teóricas e culturais de esquerda” (Hollanda, 2004, p. 34). Ao contrário, entre 1964 e 1969 a hegemonia cultural da esquerda ainda era

visível. “Torturados, e longamente presos, foram somente aqueles que haviam organizado o contato com os operários, camponeses, marinheiros e soldados” (Schwartz, 1978, p. 72). A classe artística e intelectual, já sem contato com o povo, reproduzia um discurso engajado de si para si mesma, com suas produções “revolucionárias” integradas ao sistema, sempre capaz de absorver todos os temas, etiquetá-los e disponibilizá-los nas prateleiras do mercado, neutralizando as ameaças dos modos de produção autônomos e das ações irrotuláveis. Foi apenas nos últimos anos da década de 1960, especialmente a partir do AI-5 em 1968, que censura, repressão, perseguições, prisões, torturas e exílios atingem em cheio esses grupos.

Já na contemporaneidade, pode-se dizer que primeiro foram os Black Blocs e ativistas de 2013, sem nos esquecermos, claro, dos índios, dos trabalhadores organizados no campo e das populações negras e pobres nas favelas, que jamais deixaram de ser perseguidos, criminalizados e mortos. Enquanto isso, muitos artistas e intelectuais permaneciam integrados ao sistema, amarrados a editais e encastelados em instituições. Hoje, já não se poupa ninguém, nem artistas e intelectuais. É só lembrar também a reação dos movimentos conservadores à recente vinda de Judith Butler ao Brasil “queimando a bruxa”, as campanhas contra o que chamam “ideologia de gênero” nas escolas, iniciativas como a “Escola sem Partido”, além dos tantos ataques à produção crítica nas universidades. Todavia, há diferenças substanciais entre os dois processos de golpe e os dois momentos históricos. Uma grande diferença, por exemplo, é que hoje o golpe é parlamentar e se dá dentro da legalidade democrática, uma vez que o impeachment, embora politicamente motivado, cumpriu todos os procedimentos previstos na Constituição, e a judicialização da política faz tudo parecer perfeitamente legal e aceitável. Mas, lembrando Agamben, nossas democracias são, em realidade, Estados de Exceção. É com respaldo desse Estado de suspensão constitucional que a violência policial e militar atua nos cotidianos das cidades e perseguições a ativistas e censuras artísticas ocorrem, com um judiciário totalmente parcial e uma seletividade prévia já nas mãos do mercado. Eu diria até que é um contexto bem mais complexo.



Figura 136 - Ato contra Judith Butler no Sesc Pompéia. São Paulo, 7/11/2017. Foto: Reprodução Internet

Eu tento sempre buscar um lado cor-de-rosa em tudo (na verdade, multicolor), não por uma síndrome de Pollyanna, numa espécie de fuga da realidade, cujo movimento acaba sendo de aceitação e conformismo. Mas como uma forma de tentar identificar em meio à barbárie os movimentos potentes de transformação e me aliar. Pular de TAZ em TAZ. Fortalecer as micropolíticas existenciais. Etc., etc. Entretanto, confesso que tem sido cada vez mais difícil. Vibro ao ver mulher negra da favela ovacionada ao mandar a letra na final do Slam das Minas. Seu nome é Carol Dall Farras e lá da Dinamarca eu já fiquei arrepiada. Vibro com a criação dessa batalha da poesia ocupando as ruas em 2017, empoderando poetisas mulheres de todas as cores, héteras, lésbicas, bis, pessoas trans, queer, agender e não-binárias. Vibro ao encontrar as feministas nas ruas já em 8 de março desse ano. Mas continuo com um pé pra fora e essa sensação de refugiada de guerras não declaradas e, no entanto, muito claras. Não sei por que defendo tanto o nomadismo como conceito filosófico e estratégia de ação política e, ao mesmo tempo, me sinto tão culpada por mover meu corpo pra outro lugar, como se fosse um abandono. Uma parte de mim que não cabe na mala, que não posso levar. Uma parte que se desprende e eu não consigo mais colar. Fica a fissura. Somando-se a tantas outras fissuras que já estavam lá. Depois daquela Primavera das Mulheres, em dezembro de 2015 veio a morte do Presidente, naquele caixão que levava um pouco da gente, e logo o golpe de 2016 pra jogar mais terra por cima, e a gente com a boca cheia de terra sem conseguir respirar, mais ainda viva. Só a

morte é irreversível, eu já disse isso. Mas esse diário, que começou em 11 de março, levaria ainda alguns dias para se concluir. E foi atravessado por um desses dias irreversíveis: 14 de março de 2018. Esse diário foi atravessado por treze disparos, e mais um pedaço de nós enterrado, enquanto a boca ainda tenta cuspir a terra pra fora e gritar mais alto. É bem difícil começar um texto com os pequenos prazeres do meu retorno ao Brasil e a alegria de estar no ato das mulheres em 8 de março, e ter que terminá-lo, poucos dias depois, com a morte da Marielle.

3.2.

15 de março de 2018

*Ainda vão me matar numa rua.
Quando descobrirem,
principalmente,
que faço parte dessa gente
que pensa que a rua
é a parte principal da cidade.*

Paulo Leminski (1976)



Figura 137 - Marielle Franco. Foto: Divulgação/PSOL

Eu esperava abrir o diário de hoje com alegria, porque ontem estive sentada em roda no chão da Cinelândia, como nos tempos de Ocupa Câmara e Assembleia

Popular, conversando com outras pessoas que ocuparam as ruas em 2013, interessadas em criar novas ações coletivas de ocupação da cidade, aproveitando o mote dos cinco anos das Jornadas de Junho. Mas a celebração do nosso reencontro na noite de ontem foi atravessada pela a notícia da execução brutal da vereadora do PSOL Marielle Franco. Até ontem, eu ainda escrevia um texto celebrando a força da luta das mulheres. Hoje, temos mais uma mulher morta.

#MarielePresente. Mulher, negra, lésbica e favelada, com tantas opressões atravessadas no próprio corpo. Da Maré para a Câmara de Vereadores, como a quinta candidata mais votada. Ergueu sua voz contra a militarização da segurança pública, o genocídio negro, o machismo, a homofobia, a intolerância, a violência, enfim, contra tudo o que acabou fazendo dela mesma o alvo de uma execução friamente calculada. Socióloga, mestre em Administração com a dissertação “UPP – A redução da favela a três letras: Uma análise da política de segurança pública do Estado do Rio de Janeiro” (2014) e ativista defensora dos direitos humanos. Marielle tinha fortes críticas à atuação criminosa da Polícia Militar nas favelas e comunidades pobres e havia sido recém-nomeada relatora de uma comissão parlamentar de acompanhamento dos trabalhos da intervenção federal do Exército na segurança pública do Rio. Suas últimas postagens nas redes sociais foram denúncias a essas corporações. “Quantos mais vão precisar morrer para que essa guerra acabe?”, se perguntava após o assassinato de um jovem no Jacarezinho. A pergunta ecoa agora ainda mais forte, acrescida de uma outra: Quantas mais Marielles com suas perguntas inconvenientes ainda serão caladas à bala?

Foram treze disparos contra seu carro mirados na altura da cara, quatro dos quais acertaram Marielle na cabeça e outros três acabaram atingindo as costas do motorista Anderson Gomes, também vítima fatal do ataque. Foram treze disparos para calar a sua voz e desfigurar seu sorriso. Treze disparos que atingiram em cheio o coração de todo mundo que cultivava alguma humanidade dentro do peito. Treze disparos que desfiguraram todos os nossos sorrisos e encheram nossos olhos de lágrimas. Treze disparos contra todas as mulheres, contra todos os negros e negras, contra todas as lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros, contra todas as pessoas das favelas, periferias e comunidades pobres, contra todas as pessoas que ousam se levantar contra as opressões sofridas, ocupar a vida política e fazer diferença. Aquela rajada de tiros atravessou todos os nossos corpos. Está difícil parar de sangrar por todos os poros.

Marielle era uma pessoa carismática com um sorriso contagiante. Fazia duras lutas parecerem menos penosas e inspirava muita gente. Estava estampado na sua cara: é preciso lutar com alegria de viver. Endurecer sem perder a ternura, como na frase atribuída a Che. É por amor que lutamos nossas lutas. É por amor que nos levantamos todos os dias contra quem só dissemina ódio nas redes e nas ruas, e devolvemos nossos sorrisos implacáveis de quem se abraça no luto e na luta. Sim, ainda ousamos nossos sorrisos, entre lágrimas de gás lacrimogênio, de dor, tristeza ou revolta. Sorrisos de amor em cada encontro de corpos, segurando uns aos outros para não nos deixarmos cair. Lambendo as lágrimas nos olhos. Nós ainda temos isso: uns aos outros. Encontros e reencontros formando redes de apoio e de esperança. Como as redes do malabarista, que permitem os saltos mais altos e a breve sensação de voo, apesar de todos os abismos cavados diariamente no nosso chão. Precisamos costurar os buracos da rede, todos os dias ao acordar, com a paciência de um pescador.



Figura 138 - Ato afirma "Marielle presente!". Cinelândia, 15/03/2018. Foto: Mídia Ninja

Durante todo o dia de hoje, milhares de pessoas tomaram as ruas do Rio e de diversas outras cidades do Brasil e do mundo. Espontaneamente, se lançaram

nas ruas por desejo de se abraçar e viver juntas esse luto. Transformá-lo em luta, para não deixar aquela voz arrancada do mundo ser tão facilmente silenciada. Mais do que gritar “Marielle presente” e “Anderson presente”, afirmar “presente, Marielle” (como quem responde a chamada na sala de aula), ocupando as ruas “hoje e sempre”. Fazer com que ela reviva em nossos corpos, que ainda não foram derrubados. Esses nossos múltiplos corpos, que independente de áreas de atuação, formas de luta ou divergências partidárias, voltam finalmente a ocupar o mesmo espaço: um comum partilhado. Essa tragédia nos une, pois avança sobre todos nós como ameaça. Ela estava aqui do lado, transitava na favela e no asfalto, ocupava a rua e o legislativo, falava na universidade e num sobradinho da Lapa (e sua voz ecoava). Era possível tocá-la, e o tiro atravessou nossas mãos. É por isso que choraram tantas pessoas que não eram dos círculos familiares, de amizade ou de militância política da vereadora. A dor era nas próprias mãos. E era necessário nos afagarmos para uma cicatrização. Buscamos uma cura coletiva (a única possível).

A noite de quarta-feira foi de imensa perplexidade e choque com o WhatsApp nas mãos, onde a notícia se propagou na velocidade do acontecimento. Uma urgência, muitas lágrimas no isolamento. Na quinta-feira de manhã, a praça da Cinelândia já estava tomada, e durante todo o dia as pessoas não paravam de chegar. Do velório na Câmara, familiares e amigos seguiram para o cemitério, enquanto a multidão continuava se avolumando e não arredava os pés da rua. Esse dia não tinha fim, como não tem fim a vida de Marielle, mesmo com sua morte precoce aos 38 anos. Ela continua em nós. Na minha irmã da mesma idade, em mim com um ano a menos, em muita gente. Ela continuará em Maria, minha sobrinha de 2 aninhos, para quem tudo isso é ainda incompreensível, mas já sabe discernir o que é lágrima no rosto da mãe.

Eu fiquei com os sorrisos de Maria, enquanto minha irmã foi encontrar outros abraços na Cinelândia. Eu me sinto ainda tão perdida, sem saber o meu lugar no mundo, julgando às vezes covardia a minha fuga para a Dinamarca, mas atingida no meio da minha euforia de retorno ao Brasil por essa extrema brutalidade de um assassinato frio movido por uma divergência política, uma intolerância existencial... É tão fértil o solo desse país pra todo o tipo de fascismo. Tão profundo o meu cansaço... “aprenda a descansar, não a desistir”, lembro agora a sugestão do Banksy com a qual iniciei esse trabalho – mas a matança não descansa, o sistema não dá tréguas. Passei o dia inteiro brincando com a minha

sobrinha, com um imenso desconforto por estar feliz ao lado dela. Quando voltaremos a ter dois anos? (sem sermos mortos na porta de casa)



Figura 139 - Postagem de Marielle no Facebook. 10/03/2018. Foto: Reprodução Internet

Marielle foi morta por lutar pela vida. É tão dura a contradição dessa sentença. Apenas quatro dias antes do seu assassinato, ela denunciava a violência policial contra moradores de Acari. No Twitter, destacou que o 41º batalhão da PM era conhecido como “Batalhão da morte” e, no Facebook, frisou que “com a intervenção ficou ainda pior”. Na véspera da execução, denunciou o homicídio do jovem Matheus Melo ao sair de uma igreja no Jacarezinho. “Quantos mais vão precisar morrer para que essa guerra acabe?” A pergunta não quer calar. Essa frase em *looping* por todos os lugares ficou girando na minha cabeça enquanto eu prolongava a escrita deste diário, porque eu não conseguia avançar, porque era impossível concluir. Levei vários dias para chegar até aqui (Hoje já é 2 de abril). E continuamos rodando sem sair do lugar. Já teve ato na Maré em 18 de março (muito potente), já fui corpo presente na Cinelândia no ato do dia 20 (arrepiente), observei desconfiada a cobertura dos noticiários todos os dias, me extasiei com intervenções urbanas (contra as militares). E nunca deixei de me lembrar do enterro do Presidente. A irreversibilidade da morte e nossa responsabilidade de gritar “presente” com o corpo todo, para não nos enterrarmos junto.



Figura 140 - Ato Marielle Presente. Favela da Maré, 18/03/2018. Foto: Mayara Donaria

A morte de Marielle foi uma execução sem disfarces. A resposta da mídia e do governo é mais intervenção militar. Os gritos de “Quem matou Marielle?” são retóricos. Eu sei, todos sabem. Só falta provar. E a punição de um ou dois indivíduos sem mudar a estrutura da sociedade talvez até sacie brevemente nossos íntimos desejos de vingança (quem não os tem?), mas não vai fazer com que Marielles deixem de ser executadas. Não vai interromper o genocídio negro, o feminicídio, os crimes de homofobia, os assassinatos de trabalhadores rurais, índios, ativistas, as mortes por falta de atendimento no hospital. O sistema penal que encarcerou Cabral não vai fazer com que mais Cabrais deixem de nascer a cada esquina. O que mudou desde Patrícia Acioli? Não desejo essa “agilidade na investigação” que a Globo fica empurrando como solução para pôr logo uma pedra em cima do assunto, mantendo-se firme em sua campanha pela intervenção e com todo o seu discurso de criminalização da pobreza. Evidente que esclarecer o crime é uma dívida que se tem com a família, os amigos e toda a sociedade. É preciso provar que pedra é pedra. Mas o que eu mais desejo mesmo é agilidade na profunda transformação das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais. Para que não se criem mais Cabrais e “Batalhões da morte”. Não haja chão para brotar fascismos. Para que ninguém mais precise morrer.

Esse capítulo segue aberto...



Figura 141 - Placa: Rua Marielle Franco. Rio, 21/03/2018. Foto: Fernando Frazão



Figura 142 - Performance: Marielle Presente, Performers sem Fronteiras. Centro do Rio, 30/03/2018. Foto: Performers sem Fronteiras

3.3.

24 de março de 2018

Já vou me aproximando do final da tese, ciente da imensa quantidade de acontecimentos, imagens e textos que ficarão de fora. Na última semana, recebi a tese recém-defendida por Clarisse Zarvos (2018) para ler, e ainda tentarei incluir comentários sobre esse trabalho na revisão para publicação. Ela parte de trabalhos teóricos e artísticos sobre o tema da peste para ler movimentos que vão da Primavera Árabe às Jornadas de Junho, a partir de estéticas de contágio. Do mesmo modo, ainda lerei a tese da Ana Lúcia Pardo (2018), da qual assisti a defesa há apenas dois dias e que conta com 924 páginas. Embora com diferente abordagem, ela se move dentro do mesmo campo temático que eu, articulando estética e política na leitura dos atos entre 2013 e 2016. Com outras companheiras de Ocupa MinC, entrei no jogo da performance no dia da sua defesa na UERJ. A conexão de termos vivido juntas uma ocupação por mais de três meses é tal que basta nos encontrarmos na hora com algumas indicações e a coisa acontece. Foi assim também no 8M, com a minha entrada na performance da Formação de Sereias sem ter participado de nenhuma reunião de planejamento. É curioso como numa ocupação com artistas de campos tão diversos, a possibilidade de encontros de criação coletiva se dê pela via da performance, esse híbrido, essa transarte. Naquele dia do ato das mulheres, a Barbara Vida (2018) me contou sobre sua dissertação em andamento, mixando ocupações e parangolés. Outra leitura que entrará na fila de espera. Todas essas pesquisas, assim como a minha, se movem pelos atos, com corpos onde estética e política são indissociáveis. Em outros campos de pesquisa, nos mais variados, certamente há ainda mais material novo saindo sobre os acontecimentos de 2013 em diante, para compor um mosaico com esse meu relato. Nunca me propus a impossível tarefa de dar conta de tudo (o que certamente nem a tese da Ana com quase mil páginas consegue fazer, mesmo com todo o detalhamento descritivo e toda a profusão de imagens). Seriam necessárias milhões de vozes para escrever essa história com toda a sua polifonia inerente. Essas são algumas: autoetnografias entre autoetnografias.



Figura 143 - Performance na defesa da Ana Lúcia Pardo. UERJ, 22/03/2018. Foto: Jorge Nascimento



Figura 144 - Performance na defesa da Ana Lúcia Pardo. UERJ, 22/03/2018. Foto: Jorge Nascimento

Mais uma vez, me lembro da imagem da guerra de relatos (Certeau, 2011), a partir da qual salta logo a importância desses trabalhos (relatos da guerra), de cada pequeno relato, dessa soma. Nosso agigantamento coletivo frente aos grandes

relatos da televisão e da publicidade já vai se insinuando. No encontro de ativistas em 14 de março de 2018, sentados em roda no chão da Cinelândia para pensar juntos 2013 e gerar novas ações na cidade (projeto Junho + 5), surgiu a indicação de publicação de um livro coletivo de memórias, com uma grande coletânea de relatos pessoais. Entre as preocupações, estava o desejo de reverter um processo de captura dos acontecimentos selvagens de 2013 em leituras retrospectivas da história sob a perspectiva do golpe. Essa guerra de relatos está mais viva do que nunca. Em telão montado na praça, foi também exibido o primeiro episódio da série “#Desde Junho”, de Julia Mariano (produzida para a TV Brasil e até agora ainda não exibida no canal público). Com foco nos movimentos midiativistas, o documentário põe em evidência justamente a questão das disputas de narrativa e dos novos meios acionados a partir dos atos. Nosso encontro também contou com performance de Margareth Bravo: “Em caso de emergência, quebre o vidro”, revelando um emaranhado de pequenos objetos simbólicos dos atos de 2013 costurados por trás da placa de vidro estilhaçada pela performer. Volto minha atenção ao detalhe, aos ínfimos objetos, gestos e às pequenezas que emanam de cada relato singular, e se revelam gigantes na composição de uma imagem mais precisa (especialmente no sentido de necessária) daquela cidade plural e democrática que se criava nas ruas. Mais uma vez, minha ode às insignificâncias, as nossas e as do mundo (Barros, 2001). Nossa poesia inesgotável.



Figura 145 - Faixa Junho + 5. Manoel Congo, 4/04/2018. Foto: Margareth Bravo

Não apenas do encontro de textos com outros textos vai se compondo esse mosaico de relatos agigantando nossa presença nessa guerra. Essas composições também se dão no próprio tecido da cidade, colcha de retalhos onde se costuram séries de criações artísticas e intervenções urbanas. Algumas delas proliferaram as imagens de rostos, destacando-os do circuito de anonimato dos atos, com um gesto de singularização que, no entanto, não chegava a comprometer a coletividade dos processos ao revelar histórias, nomes, faces. A súbita aparição de tantos rostos tão diversos era o próprio retrato da pluralidade, também refletida na variedade de meios, com produção de cartazes, lambe-lambes, estênceis, projeções e criação de objetos diversos, inseridos no cotidiano da cidade para provocar pequenos curtos-circuitos. Não era a suposta cara de líder estampada na capa da revista, mas uma infinidade de faces anônimas estampadas nas superfícies da cidade. Era o rosto de um morador de rua, de um catador de latinhas, de um pedreiro. Eram os rostos de inúmeras vítimas da violência policial nos atos, como eram também os nomes dos assassinados pelo Estado nas camisas da seleção brasileira das decorações anti-Copa já em 2014. Era um gesto de dar nome e rosto às estatísticas da violência, que desumanizam as vítimas aos convertê-las em números. Contar nossa história.



Figura 146 - Série Manifestações Diárias. Ocupa Lapa, 16/02/2014. Foto: Cristina Froment

A série Manifestações Diárias, criada pelo artista Alex Frechette entre julho e dezembro de 2013, reúne desenhos das faces de pessoas atingidas pela violência no contexto dos atos, respingadas de tinta vermelha. Essas imagens, inicialmente

postadas no Facebook, logo viraram cartazes que passaram a ocupar as ruas, em eventos como o Ocupa Lapa, em atos como o Grito da Liberdade, em praças públicas como a Cinelândia e a São Salvador, etc. Abaixo de cada rosto, vinha o nome da pessoa e a história da violência sofrida, umas com graves consequências como cegueira por bala de borracha ou estilhaço de bomba. Contabilizam 55 cartazes, numa série que com certeza o artista desejaria que parasse de crescer. Entre outras criações, em seu repertório multimeios também estão a aplicação de discretos adesivos e azulejos pela cidade (é dele, aliás, o singelo azulejo na lápide do nosso amado Presidente) e uma intensa produção textual, da qual destaco o livro “Diário em progresso: Jornadas de Junho, Rio de Janeiro e a repolitização do cotidiano” (2014). A reunião de diários escritos entre novembro de 2013 e outubro de 2014, no calor do momento, se apresenta como uma espécie de “inspeção borbulhante do agora” (Frechette, 2014, p. 14).

Outro trabalho que encheu as ruas de faces invisibilizadas pelo sistema era na verdade a divulgação de um evento: o Sarau do Escritório. Com sua primeira edição em novembro de 2013, na Praça João Pessoa (conhecida com a esquina do Bar da Cachaça), na Lapa, o evento com microfone aberto era fruto de um desejo de ocupar espaços públicos, com inspiração direta nos atos de junho, ocupas e movimentos por todo o mundo desde a Primavera Árabe. Os cartazes criados por Karine Drummond e aplicados como lambe-lambes nos muros traziam os rostos dos homenageados de cada mês: moradores de rua, travestis, garçons, artistas ambulantes e outros habitantes ilustres da Lapa e região do Centro. Anônimos para o grande público, esses rostos eram reconhecidos por quem transitava pela cidade se deixando afetar nos caminhos. Figuras marcantes dos atos como o Presidente e a Dilminha já foram retratadas. Homenageando o povo das ruas, com suas faces plurais colorindo os muros, o que é de fato divulgado passa a ser muito mais do que um evento. São histórias de vida de pessoas marginalizadas ocupando o espaço público e construindo novas narrativas de cidade, em que os invisíveis passam a ter visibilidade. Cidade de múltiplas faces.



Figura 147 - Lambe-lambes do Sarau do Escritório. RJ, 12/12/2015. Foto: Ane Alves

Mas não era só rosto de potentes anônimos que figurava nas ruas, como também a conhecida cara de pau de muitos políticos corruptos. Cabral e Paes eram comumente estampados em cartazes de “Procurado”, circulando nas redes, levados para atos, colados nos muros ou nas latarias de ônibus (na Ocupa Ônibus). O que compensava aquelas caras assombrosas ocupando a cidade era o texto que as acompanhava, informando a quem a polícia deveria dedicar atenção, em vez de massacrar o povo. Hoje, com Cabral atrás das grades, podemos até mesmo dizer que aqueles cartazes eram visionários.



Figura 148 - Cartaz “Procura-se” Cabral e Paes. Cinelândia, 2013. Foto: Beatriz Provasi

Em 2016, entretanto, surge um novo uso da face de político muito mais de acordo com o que ela representa. O rosto de Michel Temer passa a ocupar panos de chão, acompanhado da inscrição “golpista”. A produção desses objetos pelo artista Roosivelt Pinheiro começou em 17 de maio daquele ano, e foi um tremendo sucesso em seu lançamento no segundo dia da Ocupa MinC. Quase volto a ouvir agora a Carmina Burana da orquestra “Fora Temer” em coro, que ecoava naquele vão do Capanema arrepiando todos os pelos do corpo, ao lembrar desses primeiros dias de ocupação em que surgiram os panos de chão. A gente ainda dormia no segundo andar do prédio, rodeados por obras de valor inestimável de Portinari e Niemeyer, mas eram os artistas contemporâneos com suas produções efêmeras que mais me maravilhavam. Ainda hoje, aqueles panos povoam os chãos de muitas casas, já encardidos pela duração desse governo ilegítimo. Pisei nele quando voltei ao Brasil.



Figura 149 - Pano de chão Temer Golpista. RJ, 2016. Foto: Reprodução Internet

Ressignificar objetos é uma estratégia artística que vem de longe, já desde Duchamp com seus *ready-mades* e seu urinol exposto na galeria como “Fonte” (1917). O objetivo sempre foi criar estranhamentos e provocar ruídos, fosse no campo da arte ou na sociedade. Deslocar um objeto de seu uso cotidiano e abrir novas percepções. No caso do pano de chão, o objeto é devolvido para o uso

cotidiano após a inserção da face de Temer pelo artista. A graça está em usá-lo exatamente na função para a qual foi criado: ser pisado e absorver a sujeira do chão. Objeto relacional de uso catártico. Provocação que atinge ao mesmo tempo a arte e a política institucionais.

Infelizmente, ressignificar objetos também constava nas estratégias da polícia e do judiciário em 2013. Facas de cozinha retiradas das casas de ativistas, com mandados de busca e apreensão, eram registradas nos autos como armas letais. Máscaras de proteção contra gás e até livros e jornais eram apreendidos como provas do crime. Se proteger, se informar ou mesmo cortar uma cebola adquirem novos significados, naquele movimento de criminalização a qualquer custo promovido pelo Estado.

O caso mais emblemático nesse sentido foi o da mágica transformação de Pinho Sol em coquetel molotov, levando Rafael Braga Vieira à prisão em 20 de junho e à condenação a cinco anos de reclusão em 2 de dezembro de 2013. O jovem catador de latinhas teve sua vida destruída apenas por ser negro, pobre e estar no lugar errado na hora errada, aparecendo aos olhos do Estado como um perfeito bode expiatório para os atos. A garrafa de desinfetante encontrada em suas mãos passa a ser considerada material explosivo. Com isso, junto às lutas pela sua libertação, Pinho Sol passa a ser um objeto novamente ressignificando nas intervenções de artistas e ativistas. Na verdade, desdesignificado, como objeto estético-político, contra aquele sentido que lhe tinha sido atribuído.

Inúmeras pessoas passaram a carregar garrafas de Pinho Sol para as manifestações, até mesmo amarrando paninhos nos gargalos, e curiosamente nenhuma mais foi presa e condenada por isso. Em performances nos atos, já tentamos em vão atear fogo em litros e mais litros de desinfetante despejados no chão, já lançamos garrafas de Pinho Sol contra superfícies duras pra ver se detonava uma explosão, mas o plástico sequer se quebrou para liberar seu suposto conteúdo inflamável. Não tinha jeito, desinfetante só virava explosivo nas mãos pretas e calejadas de Rafael. Por isso, também era preciso visibilizar seu rosto, revelando a face racista e classista do Estado. Rafael passa a simbolizar, não os atos (sequer era manifestante), mas a imensa população carcerária vítima desse sistema escravocrata.



Figura 150 - Estêncil de Rafael Braga Vieira. RJ, 24/10/2014. Foto: Pela Liberdade de Rafael Braga Vieira

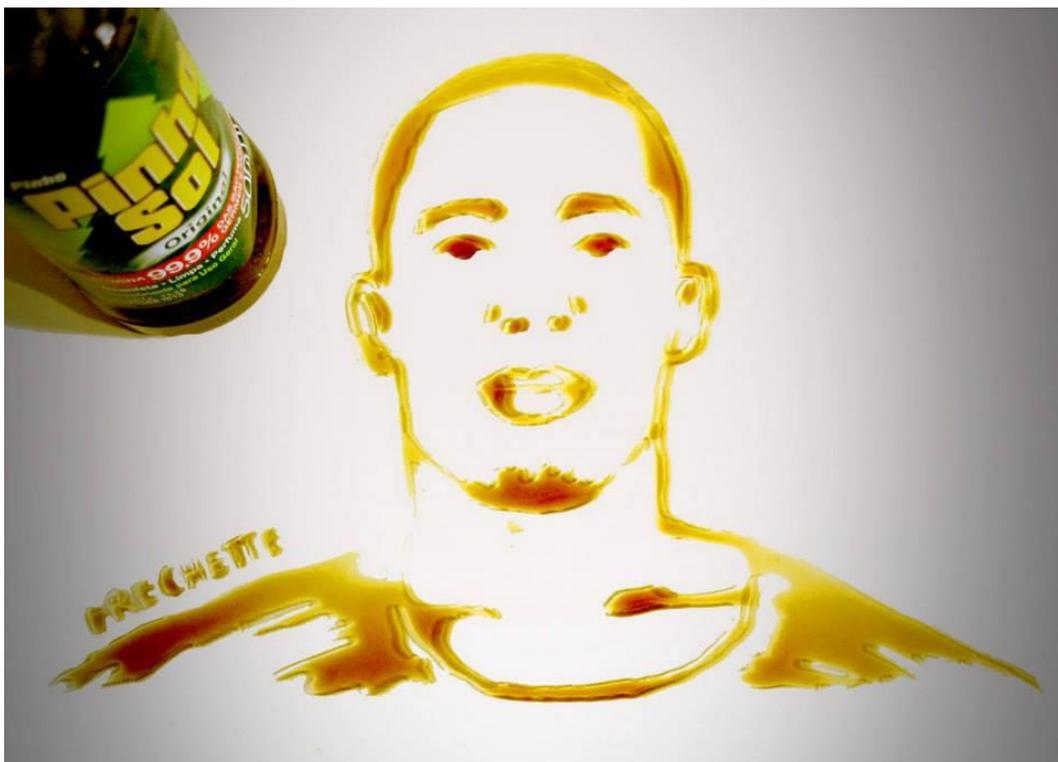


Figura 151 - Rafael feito de Pinho Sol. RJ, 19/06/2015. Foto: Alex Frechette

Geralmente, retemos a memória da dor e da violência, do que recusamos, e a trabalhamos como denúncia e expiração, em vez de produzir mais memórias afetivas dos movimentos de potência afirmativa gerando novas ações na cidade. A Ocupa Câmara Rio ficou muito mais marcada pela data de sua destruição, do que pelo dia da tomada do espaço. Em vez de celebrarmos a ocupação em 9 de agosto (eu o fiz no lançamento do meu livro em 2014, com a “Festa das Organizações Amorasas” fazendo frente às criminosas de que éramos acusados), relembramos a desocupação com o evento “15 de outubro – Nós não esqueceremos!”. É claro que por meio de intervenções artísticas, da retomada de espaços e da reapropriação de datas, também vamos criando formas de lidar com o trauma, de reprocessá-lo e transformá-lo em outra coisa. O fogo da queima dos destroços da ocupação, que tinha sido de cortar o coração (vi o vídeo com lágrimas nos olhos enquanto a galera ainda estava presa), foi substituído pelo fogo dos índios, com seus cantos e danças em torno da fogueira acesa no centro da praça, nessa reocupação da Cinelândia com ações culturais em 2014 e 2015.



Figura 152 - 15 de outubro - Nós não esqueceremos! Cinelândia, 15/10/2014. Foto: Cristina Froment



Figura 153 - Mais Amor, Menos Capital. Cinelândia, 23/12/2014. Foto: Jhonny Souza

No primeiro ano, o evento foi um catalisador naquele momento pós-Copa e eleições, em que a ocupação das ruas já havia esfriado, ao passo que a perseguição política contra ativistas não dava tréguas. O “Processo dos 23”, resultado daquele calhamaço de investigações da polícia que, entre outras pérolas, havia apontado

Bakunin como suspeito, ainda estava a todo vapor. A liberação das pessoas da prisão preventiva ocorrida na véspera da final da Copa se deu sob uma série de condições. Os 23 ativistas acusados no processo não podiam sair da cidade nem participar de encontros políticos. A participação de Elisa, Moa e Igor Mendes naquela atividade cultural seria a seguir interpretada como uma quebra dessa cláusula, levando as meninas à clandestinidade e o rapaz à cadeia por mais de 6 meses (Acabo de descobrir que o Igor lançou no ano passado um livro chamado “A pequena prisão”, sobre sua experiência no cárcere – mais um importante relato pra nossa coleção). Mas mais do que remoer as violências sofridas, reocupávamos o espaço produzindo novas faíscas dos nossos encontros. O “Não esqueceremos”, no entanto, teve sua última edição em 2015.

Ainda em 2013, houve duas tentativas de reocupação com montagem de barracas (nas madrugadas de 6 e 10 de novembro), imediatamente reprimidas pela Guarda Municipal. Mas continuávamos ocupando a praça com eventos, como o Viradão Político-Cultural, em 9 e 10 de novembro, e atos-performances, dentre os quais o meu Corpo contra a Guarda, na madrugada do dia 10, em que eu saía da barraca nua como se recém-acordada na cama de casa, pedindo um cafezinho e fingindo não entender o que diziam os guardas, e a Greve de Fome de Elson Teodoro e Luiz Rendeiro (Game Over), acorrentados aos postes de luz sem se alimentar por 13 dias, de 7 a 19 de novembro, pela liberdade de Baiano e Rafael, que seguiam encarcerados.



Figura 154 - Greve de Fome. Cinelândia, 7/11/2013. Foto: Ocupa Câmara Rio



Figura 155 - Corpo contra a Guarda. Cinelândia, 10/11/2013. Foto: Renato Magalhães

Entre as diversas formas de reocupação da praça da Cinelândia, duas vêm sendo mais duradouras, com maior ou menor grau de engajamento ao longo do tempo e seus inevitáveis processos de transformação: a Assembleia Popular (semanal) e o evento de Natal popular Mais Amor, Menos Capital (anual), com primeira edição em 9 de outubro e 23 de dezembro de 2013, respectivamente. Hoje, há também um projeto de Educação Popular na Cinelândia. E os encontros do projeto Junho + 5 passam a ocupar a praça, espaço de tanta memória afetiva.

...

Já que estamos falando de histórias, relatos, narrativas, na forma escrita, em ações artísticas, intervenções urbanas ou atos-eventos de produção de memórias, indo de pesquisadoras e artistas a pessoas invisibilizadas e/ou criminalizadas pelo sistema (umas com mais fartos espaços de fala, outras sem nenhum), quero fechar contando histórias de dois moradores de rua que atuavam na Ocupa Câmara Rio. Muitos chegavam e saíam – a convivência com o povo das ruas era constante –, mas estes permaneciam e construíam junto a ocupação: o Presidente e o Moisés. Desnecessário dizer que o lugar de fala aqui continua sendo o meu, bastante

privilegiado. No entanto, cheio de afetos, tanto no sentido do carinho que sinto por eles, como no de ser mesmo afetada por aquelas alteridades.



Figura 156 - Presidente no Grito da Liberdade. RJ, 31/10/2013. Foto: Leila Hol

O Presidente já apareceu aqui em vários momentos, é pra ele a dedicatória desta tese. Mas pouco falei da sua história. Foram muitas conversas sentadinhos nos degraus das escadarias da Câmara ou em torno das mesas do Amarelinho, em

que sua vida pregressa ia pouco a pouco se revelando. Assim eu conheci o Sérgio. Ele era muito bom de papo e era bem lúcido. Mas também uma figuraça, um grande personagem, com todos os seus bordões desbocados, em que se destaca um clássico “fooda-se” alongado, lançado contra vereadores da base do governo na CPI dos ônibus, contra Cabral e Paes, Jacob Barata, a Polícia Militar, a Copa do Mundo da FIFA, e tudo mais de ruim que atravessasse seu caminho. “Foda-se” era um estilo de vida. Sua estratégia de sobrevivência em um sistema opressivo, que ele burlava do jeito que dava, inclusive morando na rua. Era, enfim, um “foda-se” para todas as estruturas, inclusive as menos duras e mais provisórias, criadas na própria organização das lutas na ocupação das ruas. Com isso, ele causava estranhamento em muita gente. Foi primeiro, pra mim, um espanto. Sua existência era uma arte.

Os movimentos artistas logo reconheceram isso e passaram a convidá-lo para performar em uma série de criações. Ele foi um dos principais personagens na gravação do clipe de fim de ano da Ocupa Câmara Rio em 2013: Hoje a Rua é Sua (parodiando a “festa” da Globo), realizado por vários coletivos midiativistas com preparação cênica de Deo Luiz. Foi também o Phoder Público na Quadrilha da FIFA em 2014, e atuou em diversas outras ações produzidas no Ateliê de Dissidências Criativas da Casa Nuvem. Em outubro de 2015, talvez a última de suas aparições artísticas, foi o Presidente da República na cidade sitiada criada pelo coletivo Atrizes Ou (do qual faço parte) em seu Desensaio Aberto na Nuvem. Já foi padre, policial, já fez de tudo, e em todas as ações ele era ele mesmo, um performer, e não um personagem – embora nem todos soubessem quem ele era, em sua eterna reinvenção de si mesmo.

Eu me lembro do dia em que ele nos mostrou sua carteira de identidade recém-renovada (ele vivia perdendo o documento ou tendo sua mochila roubada – era difícil manter as coisas dormindo na rua). Lá constava “Sérgio Luiz Santos das Dores”, e eu brincava dizendo que começaria a chamá-lo de “Sérgio” ou de “das Dores” – que ele escolhesse! rs Mas não tinha jeito, ele era o nosso Presidente. A alcunha surgiu em ocupações em 2011, dentre as quais a Ocupa Rio, inspirada na Occupy Wall Street e precursora da Ocupa Câmara. Ele já participou também de ocupações com professores e trabalhadores de outros setores. Certa vez, ele me contou que tinha família na periferia (já não lembro onde). Às vezes, passava uns dias na casa de um primo, mas sempre voltava pra Cinelândia. Ali era o seu lugar,

mesmo que fosse preciso dormir embaixo do toldo na cadeira dura do bar. Um grupo de ativistas formou uma Rede de Apoio ao Presidente após a ocupação acabar, mas não foi suficiente para lhe dar o conforto de um lar. Seria preciso um espaço só dele, nos arredores do Centro. Soube que uma vez tentaram levá-lo para uma ocupação de moradia, mas ele não se adaptou. Ele já estava acostumado a ter sua autonomia, mesmo a duras penas. Já vivia na rua há muitos anos (quase 30, eu soube depois). Antes disso, trabalhava no IBGE. Sua militância política vinha de lá. Sei que recebia uma parca aposentadoria. E também que já não bebia – sempre nos acompanhava no bar com uma latinha de refrigerante –, mas não comentava muito sobre problemas de alcoolismo. Há mais detalhes da sua vida anterior que eu só soube em reportagem da Mídia Independente Coletiva após sua morte. Ele era o meu encantamento, com seu “fooda-se” pra tudo, sua versatilidade artística, sua disposição pra luta. O Presidente era o nosso amor, uma flor no asfalto. Até hoje não reconheço a Cinelândia sem ele, a luta sem ele tem menos alegria.



Figura 157 - Presidente na Cinelândia. Rio, s/d. Foto: Reprodução Internet

Eu e o Deo também éramos fascinados pelo Moisés, um artista selvagem. Enquanto montávamos com demais ocupantes uma instalação interativa com

tapumes no meio da praça (chamada Labirinto das Denúncias), ele atacava as latas de tinta branca e despejava sobre si mesmo, e se lambuzava todo de tinta com seus gestos expressivos naquele banho surreal. Era na verdade um dadaísta. Ele sempre criava figuras estranhas com seus gestos performáticos. Era também um exímio artesão, criando objetos com materiais reciclados das ruas. Se montou todo de guerreiro para o ato de 7 de setembro, com tinta no rosto e armas cenográficas criadas com pedaços de madeira, tinta e sei lá mais o quê. Ver seu processo de criação acontecendo ali ao ar livre era fascinante, acompanhar sua transformação, como um índio que se pinta pra guerra, mas não como imitação. Moisés era um artista contemporâneo, guerreiro urbano. Às vezes, sumia por um tempo das ruas (principalmente após o fim da Ocupa), depois reaparecia. Eu tentava descobrir alguma coisa da sua vida. Ele dizia que tinha família no Piauí (se não me falha a memória). Certa vez, sumiu por um longo tempo, e quando reapareceu disse que estava por lá. Eu nunca soube se era verdade ou invenção. O Moisés era mais esquivo, era difícil penetrar sua história. Quando bebia, se tornava um pouco hostil. Uma vez, se voltou contra mim quando divergi da Elisa, como se divergência fosse ataque na sua sensibilidade alterada, e eu precisei dar uma saída da Ocupa por uma noite para deixar os ânimos se acalmarem. No dia seguinte, veio super doce me pedir desculpas. Apesar de escorregadio (e talvez essa fosse sua estratégia política-existencial, para não se deixar capturar por ninguém), ele era muito afetuoso e ali na ocupação acho que se sentia acolhido, pois livre para ser exatamente o que é. Ele não era um poço de lucidez, mas eu também não sou psiquiatra para arriscar diagnósticos. Moisés criava seu próprio universo, mas nos deixava presenciar seus atos de criação. Na verdade, fazia questão de compartilhar, já que estava numa ocupação. Impossível imaginar aquela Ocupa sem ele. Gostaria de saber por onde anda... já perdi seu paradeiro. Ele, de fato, um nômade, criando TAZ onde quer que esteja.



Figura 158 - Moisés com suas armas no Grito da Liberdade. RJ, 31/10/2013. Foto: Vista Livre RJ

As próprias existências de Moisés e Presidente, com todas as suas criações estéticas e políticas, não absorvidas pelas estruturas políticas, tampouco pelas instituições artísticas, são uma baita disputa de narrativas (inclusive com outros personagens dos atos; comigo, inclusive). Ao longo de anos ocupando a cidade (em zonas temporárias), descobri, com muitos moradores de rua, que a rua muitas vezes não é só uma condição inevitável de quem não tem outra opção de morar, mas uma forma de se libertar de diversas formas de aprisionamento do sistema, que determinam como as nossas existências devem se dar e o espaço adequado que devem ocupar. Não quero dizer que morar na rua é expressão de liberdade, há muitas contradições e imensas dificuldades. Mas há um quê de recusa, e também algo de afirmação. Só não me cabe dizer o que é o que.

3.4.

5 de abril de 2018

Eu penso renovar o homem usando borboletas.

Manoel de Barros

Não vou nem comentar muito hoje o que é o assunto do dia: o espetáculo do julgamento do Lula, com toda aquela encenação de mais de 10 horas do STF para negar o pedido de Habeas Corpus do ex-presidente, confirmando o que eu já previa: o impedimento de sua participação na disputa eleitoral e sua iminente prisão. Judicialização da política, espetacularização do jurídico; já vi esse filme. O processo de golpe deixou os desfechos bem previsíveis. Os tiros disparados contra os ônibus da caravana de Lula, a execução de Marielle, os discursos de ódio e as ações de intolerância por toda a parte e a ameaçadora declaração do comandante do Exército, general Eduardo Villas Bôas, se impondo sobre as questões políticas do país, me preocupam bem mais do que essa farsa do julgamento. Já não creio muito também na “farsa eleitoral”, como a chamam colegas anarquistas, embora mesmo sem ter votado eu tenha defendido o direito da Dilma de continuar seu mandato e, na atual conjuntura, talvez até depositasse um voto (in)útil no Lula. Mas, enfim, sabemos que o golpe não começou hoje e não vai terminar amanhã. E também que o Estado de Exceção nunca se ausentou das favelas, periferias, comunidades indígenas e camponesas, da vida dos pobres em geral. Militarização da vida; já estamos cansados de ver esse filme. Mas agora com intervenção. São tempos bastante sombrios esses do agora. Mais do que nunca, eu foco na geração de luz. Volto o meu olhar pra todo lugar de onde eu consigo captar alguma centelha, e fico aqui assoprando brasa só pra ver se pega fogo. Esta tese também é um sopro. Às vezes, eu perco o fôlego, me sinto fraca, desfaleço. Mas o trabalho de assopradora de brasa ainda é bem melhor que o de secadora de gelo. A gente tem que inventar novas armas, porque com as do sistema a gente perde. Se as regras do jogo não nos são favoráveis, a gente tem que inventar nosso próprio jogo e jogar junto. Hoje li a postagem de um amigo defendendo o direito de andar amado. Agradei por essa pequena dose de poesia no meu dia. Emoji coraçãozinho.

Eu me lembro de, em 2013, ter visto uma faixa numa manifestação com a inscrição “Morte aos fascistas”. Até hoje, me pergunto como aqueles ativistas não percebiam o discurso fascista contido na sentença, que acabava por condenar, numa contradição insuperável, o próprio autor do enunciado. “Estão remixando o fascismo”, já dizia Tavinho Paes (2012) em um poema épico há algum tempo atrás. E esse novo fascismo é transversal, não escolhe lado. Corta tudo. Desde que vi pela primeira vez Tavinho falar esse poema (em algum momento na segunda metade dos anos 2000), ele nunca mais me saiu da cabeça, e sempre me parece cada vez mais atual. Às vezes, gostaria de não chamar poetas de visionários. Desejaria reconhecer que estávamos errados e deixar aqueles versos no passado. Mas o fascismo está aí, remixado, no desejo de eliminar a diferença, aniquilar o outro. Não vem de cima pra baixo pelas mãos do Estado, nem é primazia da direita. A coisa é bem mais lateral do que pode parecer. A propaganda fascista está em toda parte e estamos caindo nela sem nem perceber. A gente tem que combater alguma coisa dentro de nós mesmos, em vez de sempre jogar nosso inferno na conta dos outros. Veja bem, não sou pacifista nem tenho sangue de barata. Também já tive vontade de esganar muita gente. Nem acho que ninguém tem que se fazer de mártir, como um Cristo que oferece a outra face. Vandalismo e reação são fundamentalmente diferentes de violência e aniquilação. Revolta não é sinônimo de ódio. Tem gente incomodada com as comemorações da prisão do Lula que soltou fogos ao ver Cabral algemado da cabeça aos pés. Eu achei a cena triste. Celebrar a destruição do outro é triste (por pior que ele nos possa parecer). Essa guerra está perdida se a gente não inventar nossas próprias armas. Eu jamais saberia ensinar a conversar com um fascista (até admiro quem tenta). Mas consigo deixar o fascismo ecoar no vazio, porque eu simplesmente saio dançando. Enquanto eu tiver corpo, danço. Mesmo quando vou pro embate, faço disso uma alegria. De saber pelo que, de andar amada, de amar a humanidade. Não me deixo ser movida por ódio, e ainda me reconheço na minha primeira pichação: “O amor é a minha guerra”. Não faço disso uma regra. Cada um encontra os próprios meios, e a gente se encontra em algum lugar do caminho (desde que não nos aniquilemos). Aliás, achei bem bonita a pintura do MST na fachada do prédio de Cármen Lúcia (nesse já dia 6), e sempre me encanta o fogo nas estradas.



Figura 159 - Escracho no prédio de Cármen Lúcia. BH, 6/04/2018. Foto: Thaís Pimentel

Gosto dos escrachos, porque eles são divertidos. Esperam tudo de nós, menos que ataquemos de Pollock, colorindo o mundo com a dança dos nossos corpos. Não nos querem alegres. Porque tristeza é encolhimento, posição fetal. Nos querem deprimidos sem conseguir levantar da cama. Porque a alegria toma as ruas, é corpo em expansão, é arte do encontro. Ela se propaga como fogo na seca. Por isso, em vez de tentar dialogar com um fascista, o que me deixaria muito triste e talvez com um ódio corroendo meus intestinos, prefiro sair dançado, fazer uma careta engraçada, dar uma gargalhada gostosa, escapar pela fresta, dar uma pirueta ao ar livre, subverter. Por isso, trago tantas ações criativas que encheram as ruas de cor e alegria para compor este texto. Assopro brasa, com o desejo de criar sempre novas Zonas Autônomas Temporárias.

Em 2016, quando já haviam transformado a política em destilaria de ódio, com a grande batalha entre vermelho e verde-e-amarelo a céu aberto, compondo a estética monocromática e monocórdica do golpe e insuflando uma política de aniquilação da diferença, com agressões verbais e físicas de um lado a outro, construiu-se um muro no Brasil. Em 10 de abril, foi de fato erguido um muro de aço de mais de um quilômetro de comprimento e quase três metros de altura na Esplanada dos Ministérios, em Brasília, para dividir manifestantes pró e contra o impeachment da presidenta Dilma Rousseff durante a votação de abertura do processo na Câmara de Deputados, dia 17. Em 15 de abril, entretanto, o grupo Corpos Informáticos encontrou um modo divertido de subverter aquele clima de

divisão e hostilidade, em uma performance que ficou conhecida como “Vôlei” no Muro do Golpe. A foto viralizou rapidamente nas redes sociais, com cerca de 40 mil visualizações e compartilhamentos, e a ação ganhou os noticiários. O que os performers lançavam de um lado a outro do muro não era exatamente uma bola de vôlei, mas grandes birutas coloridas criadas por eles para sair pelas ruas colhendo ar, da série Birutas (e) vento. Mas independente do objeto lançado, o que estava em jogo era a derrubada de um muro de forma descontraída, alegre, divertida, engraçada. Era o próprio jogo, a brincadeira como ação política, a alegria como arma. Era uma outra relação com o corpo naquela cena política construída. Corpos que escalam o muro para um beijo.



Figura 160 - “Vôlei” no Muro do Golpe, dos Corpos Informáticos. Brasília, 15/04/2016. Foto: Mariana Brites

O jogo e a diversão como armas estéticas e políticas também ocupavam as ruas em 2014, com a retomada do esporte como performance, contra sua apropriação como espetáculo e negócio rentável pela Copa do Mundo da FIFA, Rede Globo, governos, empreiteiras e empresas patrocinadoras. Peladas contra a Copa foram realizadas pela Assembleia Popular na Cinelândia, e uma Pelada Pelada, proposta pelo Ateliê de Dissidências Criativas da Casa Nuvem, ganhou as areias de Copacabana.

Em março de 2014, a Assembleia Popular, que se reunia semanalmente às quartas, começou a desenvolver um projeto de Pedagogia Libertária, reocupando a

Cinelândia já não com barracas, mas com uma série de atividades ao longo da semana. Em abril, começaram os Encontros de Criação Artística, idealizados por mim e por Deo Luiz, às segundas e, em parceria com a Aldeia Maracanã, as Aulas de Língua e Cultura Tupi-Guarani, conduzidas por Zé Guajajara, às terças. Nos encontros de criação, eu e Deo já trabalhávamos o elemento do jogo, a partir de nossas formações em performance e teatro, propondo uma série de exercícios para estimular a disponibilidade e escuta do corpo na relação com o outro. Como, a partir de propostas de jogo nas artes do corpo, também podemos gerar novas relações políticas? Era essa a questão que nos movia (transitando por estética relacional, produção de presença, técnicas de improviso, criação coletiva). Em um trabalho com não-artistas, e como tudo o que acontece nas ruas se deixando afetar pelos atravessamentos, o prazer do jogo de bola se impôs na roda e deixamos a bola rolar de pé em pé. De repente, um vendedor ambulante larga seu isopor para entrar na roda, um menino voltando da escola larga a mochila e se junta ao grupo. E logo nos damos conta de que a proposição de exercícios, ali, já era uma performance acontecendo, e do poder agregador do esporte sem mediações ocupando as ruas.

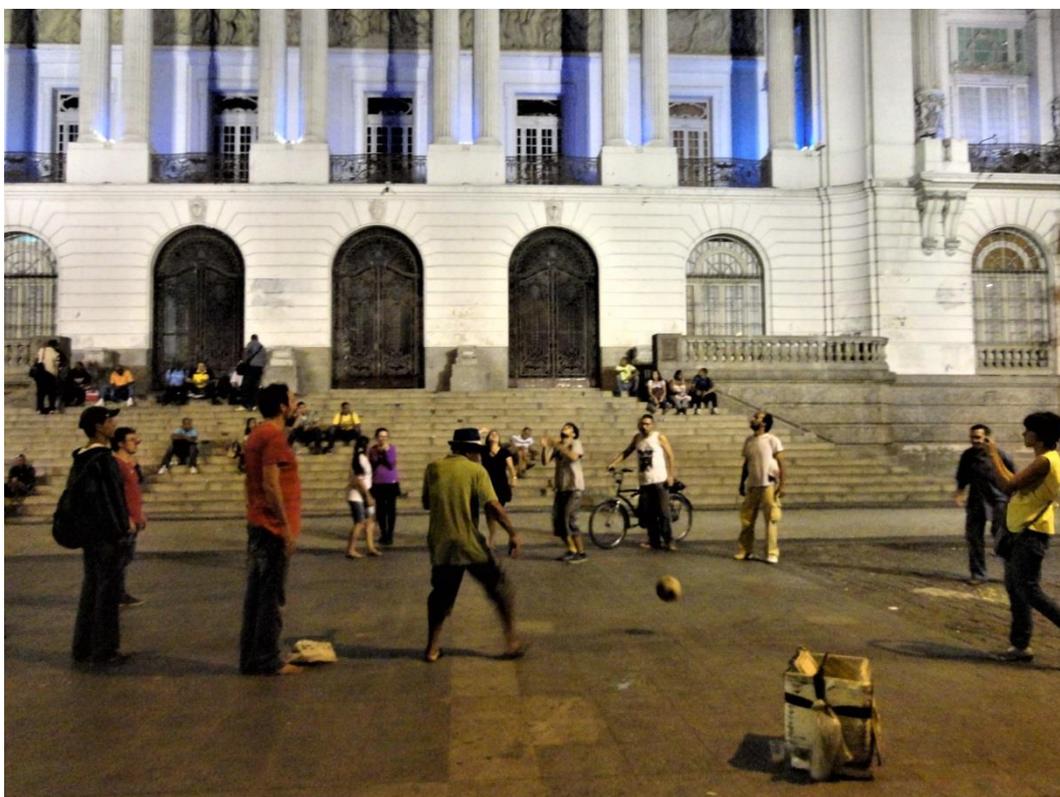


Figura 161 - Encontro de Criação Artística. Cinelândia, 7/04/2014. Foto: Beatriz Provasi

Com a proximidade da Copa do Mundo e esse entendimento do futebol como performance, e não como representação, logo surgiu a proposta das Peladas contra a Copa, e os encontros durante o mês de maio passaram a ser chamados de treinos (embora cada treino já fosse um acontecimento em si). No final, tínhamos times, camisetas Foda-se a Copa e FIFA Terrorista e até traves montadas na praça. O jogo também passou a ser reprimido pela Guarda Municipal.

É bastante significativo [...] que as peladas de rua realizadas pela Assembleia Popular na Cinelândia às vésperas da Copa do Mundo tenham sido reprimidas pela Guarda Municipal do Rio de Janeiro, porque jogar futebol na rua já era um ato suficientemente político, não apenas de crítica ao megaevento da FIFA, mas de proposição ativa de outros modos de vivenciar o esporte e de habitar a cidade, sem mediações espetaculares. Os jogadores dessas peladas são pessoas que recusaram para si o papel de espectadores, e se afirmaram como performers. (Provasi, 2016, p. 440)

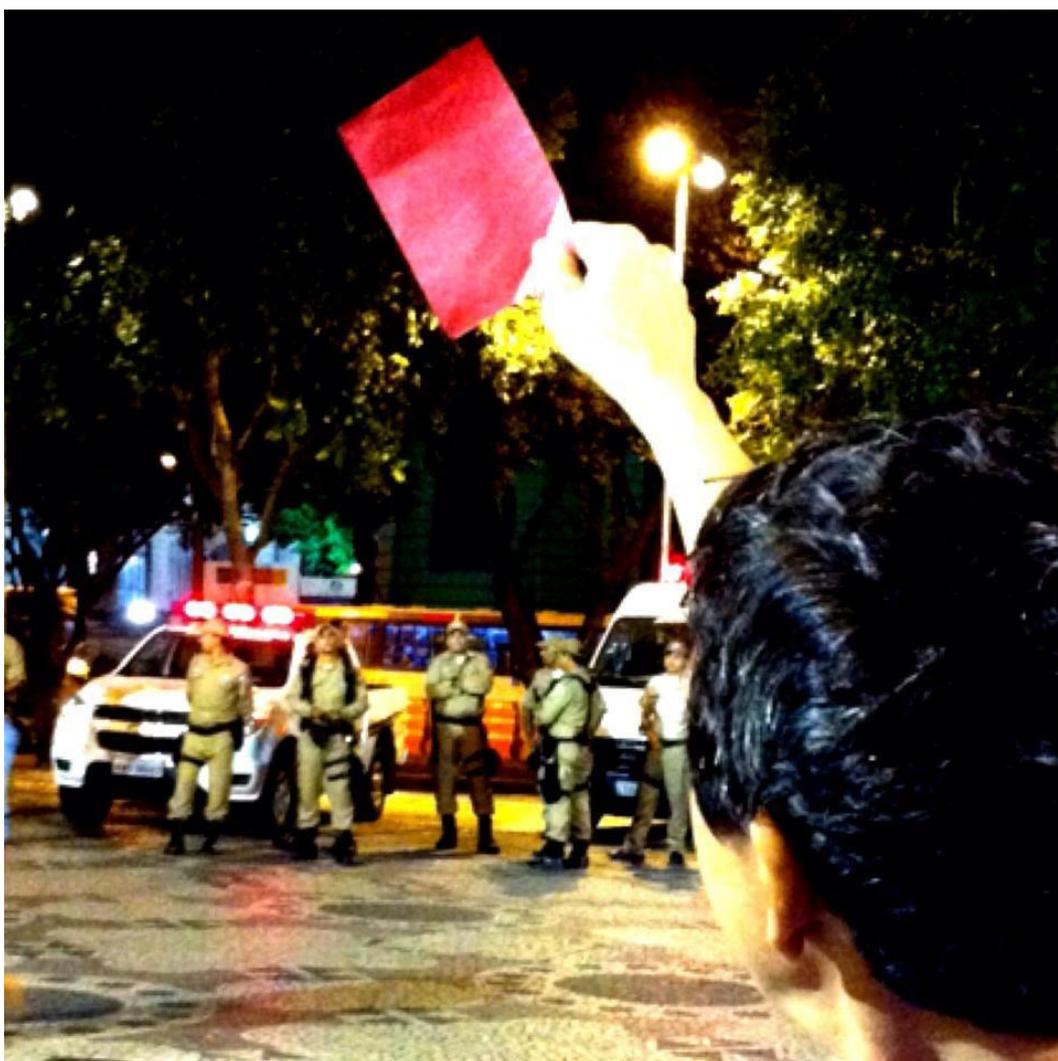


Figura 162 - Peladas contra a Copa. Cinelândia, 19/05/2014. Foto: Assembleia Popular na Cinelândia

Outro grupo que também já pensava a potência estética-política do esporte na ocupação da cidade era formado majoritariamente por artistas, que se reuniam às quintas-feiras no Ateliê de Dissidências Criativas da Casa Nuvem, espaço de *coworking* na Lapa. Os encontros eram abertos (eu também frequentava) e o ateliê era principalmente espaço de produção coletiva na perspectiva ativista. Muita coisa dos atos surgiu dali: Choque de Amor, Glittervandalismo, Quadrilha da FIFA, mascote Tatuderrado, decorações anti-Copa, máscaras, carimbos, estênceis, camisetas... o espaço era uma usina criativa, agregando diversos artistas e ativistas da cidade já desde 2013. Era um campo de experimentação em arte e política, em que não se abria mão da diversão e da festa. Ali se gerou a ideia da Pelada Pelada, com jogadores nus entrando em campo. A ação acabou acontecendo durante o ato Nossa Copa é na Rua, em 28 de junho, na Praia de Copacabana, com parte das pessoas nuas e parte trajando Blokinis (biquínis e sungas com coberturas para o rosto acopladas, criados por Celina Portella para uma intervenção artística na Praia do Arpoador em novembro de 2013, e integrados aos figurinos dos atos).



Figura 163 - Pelada Pelada. Praia de Copacabana, 28/06/2014. Foto: Mídia Ninja



Figura 164 - Blokini, de Celina Portella, em ato na final da Copa. RJ, 14/07/2014. Foto: Casa Nuvem

2013 foi um ano tão rico em ações criativas pela cidade, que fica até difícil selecionar uma parte para amostragem. Por conta da minha permanência na Ocupa, as que mais me afetam são as que se realizaram na Cinelândia, movidas por protestos contra a composição da CPI dos ônibus. Quando as sessões se iniciaram, em 22 de agosto, com reuniões quinzenais às quintas-feiras, sempre tinha ato por lá, e com os atos muitas performances. Os manifestantes faziam um auê do lado de fora da Câmara dos Vereadores, e mais ainda ocupando as galerias do plenário. Dia de CPI era dia de festa na ocupação, em que íamos munidos de ovos para o portão treinar tiro ao alvo nos vereadores. Era um dia em que muitos não ocupantes se juntavam a nós e nos davam ainda mais gás pra continuar. Era dia de escrachos públicos contra políticos e empresários, ali reunidos numa farsa de investigação. Ativistas usavam máscaras dos vereadores do PMDB Chiquinho Brazão e Professor Uóston, presidente e relator da comissão, respectivamente, erguendo baratas de papel em referência ao Rei dos Ônibus Jacob Barata. Outros atiravam moedas das galerias, e até um sapato foi arremessado na direção da mesa. A primeira reunião foi muito marcada também por tensão entre ativistas e milicianos (que ocuparam umas das galerias em apoio ao PMDB). Sofríamos ameaças da milícia e um manifestante chegou a ser ferido por agressão. Nesse

cenário, Dona Baratinha, cujo casamento já tinha sido agourado, volta a atacar. Com humor, um grupo promove uma dedetização da Câmara antes do início da sessão, para eliminar Baratas da casa. A equipe do Baratox passa a oferecer serviços de eliminação de pragas políticas.



Figura 165 - Baratox. Cinelândia, 22/08/2013. Foto: Mídia Ninja



Figura 166 - Baratox e máscaras. Câmara Municipal do Rio, 22/08/2013. Foto: Casa Nuvem

Com a repercussão do sapato lançado contra os vereadores na primeira sessão, a segunda contou com uma nova brincadeira, também de tiro ao alvo: o Sapataço nos Palhaços da CPI dos Ônibus. Foram produzidos banners com os rostos dos integrantes da CPI com narizes de palhaço, erguidos no muro da Câmara, com o público sendo convidado a tentar acertá-los com os próprios sapatos. Por mais que tenha sido uma bela apropriação do lance do sapato em uma divertida proposta de interatividade com o público, sem dúvida os palhaços não mereciam ter suas imagens associadas a tais políticos. É bem diferente quando os *clowns* somos nós, fazendo da palhaçada nossa arma e do riso nosso grito de guerra.



Figura 167 - Sapataço nos Palhaços da CPI. Cinelândia, 5/09/2013. Foto: Paulo Jacob

Além das agitadas quintas-feiras de CPI e de uma intensa programação durante toda a semana, os domingos de ocupação eram dias de Ocupação Cultural. A nossa estratégia era atrair não ocupantes em um dia em que as ruas do Centro se tornam completamente vazias, deixando os ocupantes mais vulneráveis a ataques da polícia ou da milícia. A abertura se deu no segundo domingo da Ocupa com uma grande lavagem das escadarias da Câmara Municipal, com um aspecto ritual, que remete às lavagens do candomblé baiano, o aspecto bem concreto de limpeza do espaço que ocupamos, e também um traço simbólico, de eliminação da sujeira produzida por políticos e empresários na Casa do Povo.



Figura 168 - Lavagem das Escadarias da Câmara Municipal. Cinelândia, 18/08/2013. Foto: Ocupa Câmara Rio

Naqueles domingos, muita coisa bacana acontecia, saraus de poesia, música, debates, filmes, performances. Foi lá que o humorista Rafucko experimentou pela primeira vez o Vândalo Fitness, com a participação do público, antes de produzir seu vídeo para a internet, e foi muito divertido participar daquela sua aula ao ar livre de aeróbica black bloc nas escadarias da Câmara. Lá também começaram a se experimentar, de brincadeira, umas paródias de músicas com os temas dos protestos, em um movimento que acabaria culminando na Ocupa Carnaval. A gente também sempre se surpreendia com coisas não programadas. Uma dessas foi a Estátua Viva Black Bloc, em que uma dupla de rapazes (até hoje não sei quem são) chegou com um balde de gesso nas mãos e um deles, com figurino black bloc, se posicionou sobre a mureta em frente à Câmara para que o outro o cobrisse com gesso. Os performers jogavam, assim, com a imortalização das estátuas de homenagem e com a efemeridade tanto do gesto performático como da ação black bloc.



Figura 169 - Estátua Viva Black Bloc. Cinelândia, 25/08/2013. Foto: Casa Nuvem



Figura 170 - Estátua Viva Black Bloc. Cinelândia, 25/08/2013. Foto: Ocupa Câmara Rio

Já mencionei o Enterro e a Missa de 7º dia da CPI dos Ônibus, realizadas em 9 e 16 de setembro. Mas quero voltar um pouco ao dia 9, em que celebrávamos um mês de ocupação e, ao mesmo tempo, após duas sessões da CPI,

já tínhamos clareza de que a nossa luta por uma CPI legítima estava perdida. Era um momento de reviravolta, em que começávamos a nos desvincular mais e mais dos processos do legislativo para criar ações mais afirmativas, com reuniões sobre democracia direta e participativa e a proposta de criação de uma assembleia popular na praça, de uma investigação pública do setor de transportes e de ações diretas na cidade como a Ocupa Ônibus. Era, em certa medida, o enterro de uma primeira versão de nós mesmos como ocupação, um ritual de reinvenção. Enterros simbólicos (assim como a figura do palhaço) são uma constante em movimentos militantes que vêm de tempos imemoriais. Mas ali não era só um caixão, mas o cemitério inteiro. O tempo e espaço de uma ocupação nos permitiu uma expansão, fazendo da cidade o cemitério não só simbólico da carreira de determinados políticos, como o lugar em que se enterra de fato de um tipo de política, uma política representativa que não nos representa. Na composição da performance, a arquitetura da cidade e os fluxos urbanos entram no jogo, em diálogo com aquele pensamento da cidade como dramaturgia em Carreira (2008). Os fradinhos da Cinelândia viraram lápides e meu Uno um carro funerário, que invadiu a Avenida Rio Branco seguido de uma procissão liderada pelo Presidente no papel de padre. O clima, entretanto, não era fúnebre, mas de diversão. Após uma volta completa na praça, incendiamos o caixão e comemos pizzas doadas pelo Amarelinho.



Figura 171 - Enterro da CPI dos Ônibus. Cinelândia, 9/09/2013. Foto: Ernesto Carriço

A Cinelândia também foi a dramaturgia de uma performance que viralizou nas redes com o verso de uma música: “E as pessoas na sala de jantar...” A ação de Ariane Hime e Fernanda Vizeu consistia em instalar uma mesa de jantar no meio da praça, com um televisor de frente para o qual as performers jantavam tranquilamente. A composição com os fluxos urbanos, no caso, especificamente o fluxo dos atos, era central nessa performance, realizada em 15 de outubro. Eram dias de guerra na Cinelândia, em que a Polícia Militar voltava a atacar com toda a sua fúria, lançando bombas, já desde o início daquele mês, contra educadores em greve (se opondo ao Plano de Carreira proposto por Eduardo Paes na Câmara Municipal). A repressão naquele dia foi intensa, culminando com a destruição da Ocupa e a prisão de dezenas de manifestantes. Cercadas por bombas, gritos e correria por todos os lados, as performers permaneciam sentadas com os olhos voltados para a TV, protegidas apenas por uma máscara anti-gás.



Figura 172 - “E as pessoas na sala de jantar...” Cinelândia, 15/10/2013. Foto: Byron Prujanfky

Com tanta gente agredida, ferida, presa, massacrada, nós ainda insistíamos em manter nossos corpos na rua e ainda ocupávamos a cidade com ironia e humor corrosivos e com muita alegria. Foi assim que celebramos nossas lutas no final de

2013, com o 1º UPP - Uh, uh, uh Prêmio de Protestos, apresentado pelo humorista Rafucko na Cinelândia, para a entrega da Pedra Portuguesa de Ouro em diversas categorias. O melhor ato de vandalismo ficou com os manequins da Toulon, "Não vai ter Copa" foi eleito o melhor grito das manifestações e o Casamento da Dona Baratinha foi considerado o melhor protesto alternativo do ano. 15 de outubro ficou marcado como o dia de maior repressão aos protestos, acompanhado pela maior manipulação com a matéria do Jornal O Globo do dia seguinte: "Lei mais dura leva 70 vândalos para a cadeia". A Mídia Ninja levou o melhor streaming e a Ocupa Câmara Rio ficou com a melhor ocupação. Em nosso agradecimento na página da Ocupa no Facebook, conferimos uma menção honrosa ao Rafucko como melhor humorista dos protestos pelo conjunto da obra, e fizemos um irônico agradecimento especial a Cabral, Paes, PM, Globo e Câmara Municipal, pois sem eles “massacrando a população carioca e criminalizando as manifestações, nada disso seria possível!”.

Ressaltamos, por fim, que o ato de premiação dos “melhores do ano” ironiza a própria meritocracia do sistema, em que a competitividade se coloca acima dos ideais de construção coletiva. Estamos todos juntos nas ruas trabalhando por novas formas de relações humanas, e todos os coletivos de ocupações, mídias alternativas, advogados ativistas, socorristas, organizações de protestos e atos de resistência à violência do Estado devem ser igualmente parabenizados por terem feito do ano de 2013 um marco na história do nosso país. (Ocupa Câmara Rio, 2013)



Figura 173 - 1º UPP – Uh, uh, uh, Prêmio de Protestos. Cinelândia, 20/11/2013. Foto: Mídia Ninja

2013 não acabou, tampouco continua. Ler e escrever esses atos como Zonas Autônomas Temporárias vem sendo um movimento libertador pra mim, contra nostalgias, frustrações e capturas (especialmente em um momento trágico da história do nosso país como este que se apresenta agora). Os acontecimentos em si são incapturáveis. Ninguém pode retirar dos nossos corpos aqueles momentos de intensidade vivenciados, e, menos ainda, desfazer nossa infinita capacidade criar TAZ em outros tempos e outros lugares. 2013 aconteceu e nós estávamos lá, *isso* é certo. Foi um grande levante composto por incalculáveis Zonas Autônomas Temporárias, e muitas ainda surgem por aí, agindo estrategicamente na invisibilidade, não confrontando diretamente o Estado, mas brotando sempre entre as rachaduras das calçadas.

Enfim, o que quero dizer é que vejo muitos movimentos formigando por aí, só carecendo de formar redes para explodir novamente em milhões nas ruas. Mas talvez seja mesmo o momento das formigas. Não custa lembrar que elas suportam carregar até 100 vezes o peso do próprio corpo e constroem coletivamente imensas comunidades subterrâneas – a propósito, matriarcais; e não se recomenda pisar num formigueiro. Nossas comunidades subterrâneas podem se reencontrar novamente nas superfícies das ruas ou não, cedo ou tarde, mas continuarão corroendo as estruturas pela base. Continuarão construindo novas rotas de avanço ou de fuga. Continuarão carregando esperanças com até 100 vezes o peso do próprio corpo. Seguirão sendo 99%. E, contrariando a fábula da cigarra, nunca deixarão de cantar e dançar o ano inteiro. Pois nossos corpos são flexíveis e resilientes, não para se adaptar, mas para improvisar e fazer sempre diferente.



Figura 174 - Fogueira indígena. Cinelândia, 7/10/2013. Foto: Reprodução Internet



Figura 175 - Ônibus incendiado. Centro do Rio, 7/10/2013. Foto: Marcelo Carnaval

4

Diário da defesa de tese



Figura 176 - Performance Vem Pra Luta Amada. PUC-Rio, 24/04/2018. Foto: Maria Fleury



Figura 177 - Performance Vem Pra Luta Amada. PUC-Rio, 24/04/2018. Foto: Maria Fleury

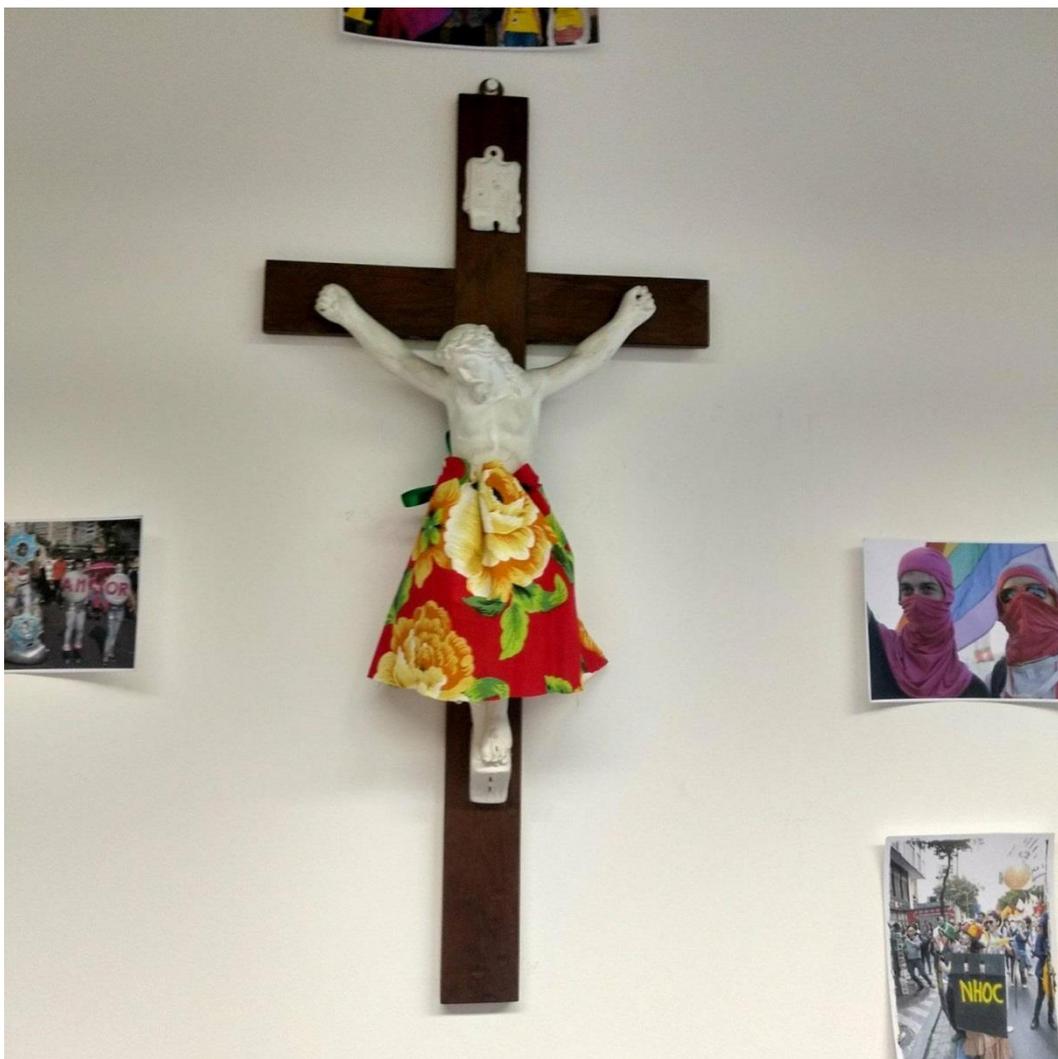


Figura 178 - Performance Vem Pra Luta Amada. PUC-Rio, 24/04/2018. Foto: Ana Karenina Riehl



Figura 179 - Defesa da tese. PUC-Rio, 24/04/2018. Foto: Bianca Tinoco

5

Conclusão



Figura 180 - Estêncil Ocupa Coração. Lapa, 2014. Foto: Marcelo Valle



Marcelo Mirrela Fotos

Figura 181 - Presidente. Rio, 2013. Foto: Marcello Mirrela

6

Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios.**

Chapecó, SC: Argos, 2009.

AGAMBEN, Giorgio. **A comunidade que vem.** Lisboa: Presença, 1993.

AGAMBEN, Giorgio. **Estado de exceção.** São Paulo: Boitempo, 2004.

ANCOP. **Dossiê: megaeventos e violações dos direitos humanos no Brasil.** Articulação Nacional dos Comitês Populares da Copa, 2014.

ANDRADE, Oswald de. O manifesto antropófago. In. TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda europeia e modernismo brasileiro: apresentação e críticas dos principais movimentos vanguardistas.** Petrópolis: Vozes; Brasília: INL, 1976.

ARENDDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal.** São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BARROS, Manoel. **Tratado geral das grandezas do ínfimo.** Rio de Janeiro: Record, 2001.

BARTHES, Roland. **A preparação do romance II: A obra como Vontade.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua.** São Paulo: Martins Fontes, 2012.

BESANÇON, Julien. **Les murs ont la parole.** Paris: Tchou, éditeur, 1968.

BEY, Hakim. **TAZ: zona autônoma temporária.** Coletivo Sabotagem, 1985

Disponível em:

http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/arq_interface/4a_aula/Hakim_Bey_TAZ.pdf. Acesso em: 14/09/2013.

BEY, Hakim. **CAOS: terrorismo poético e outros crimes exemplares.**

Disponível em: <http://www.imagomundi.com.br/cultura/caos.pdf>. Acesso em: 8/08/2013.

BLOGUEIRAS FEMINISTAS. **Nosso apoio as mulheres, prostitutas, feministas e transfeministas da Marcha das Vadias do Rio de Janeiro.** Disponível em: blogueirasfeministas.com/2016/06/nosso-apoio-as-mulheres-prostitutas-feministas-e-transfeministas-da-marcha-das-

vacias-do-rio-de-janeiro/. Publicado em 17/06/2016. Acesso em: 19/03/2018.

BRECHT, Bertold. **Teatro Dialético**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.

CARREIRA, André. Teatro de invasão: redefinindo a ordem da cidade. In. LIMA, Evelyn Furquim Werneck (org.). **Espaço e teatro: do edifício teatral à cidade como palco**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2008.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar.** / Michel de Certeau, Luce Giard, Pierre Mayol. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CERTEAU, Michel de. Andando na cidade. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Brasília, IPHAN, nº. 23, p. 21- 31, 1994.

CHKLOVSKI, Viktor. A arte como procedimento. In. **Teoria da literatura: formalistas russos**. Porto Alegre: Globo, 1973.

DELEUZE, Gilles & GUATARRI, Félix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

ENGELS, Friedrich. Engels a Bloch – Londres, 21/22 de setembro de 1890. In. MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **Obras escolhidas, Volume 3**. São Paulo: Alfa-Ômega, s/d.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRANCO, Marielle. **UPP – A redução da favela a três letras: Uma análise da política de segurança pública do Estado do Rio de Janeiro**. Programa de Pós-Graduação em Administração da UFF, 2014.

FRECHETTE, Alex. **Diário em progresso: Jornadas de Junho**, Rio de Janeiro e a repolitização do cotidiano. Rio de Janeiro: Circuito, 2014.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir**. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2010.

HARDT, Michael & NEGRI, Antonio. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde: 1960/70**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

KAFKA, Franz. **O processo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

LEPECKI, André. Coreopolítica e coreopolícia. **Ilha (Revista de Antropologia)**, v. 13, n. 1, p. 41-60, jan./jun. (2011) 2012.

MAIAKÓVSKI, Vladimir. **Maiakóvski**: poemas. São Paulo: Perspectiva, 2003.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Lisboa: Edições Avante, 1981.

MEDEIROS, Maria Beatriz de. Pesquisa em arte, linguagem da arte ou como escrever sobre o pensamento como corpo pintado. In. AQUINO, Fernando & MEDEIROS, Maria Beatriz de. (org.). **Corpos Informáticos**: performance, corpo, política. Brasília: Programa de Pós-graduação em Arte, UnB, 2011.

MOVIMENTO PASSE LIVRE – SÃO PAULO. Não começou em Salvador, não vai terminar em São Paulo. In. MARICATO, Ermínia et. al. **Cidades Rebeldes**: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo, 2013.

NOCHLIN, Linda. **Why have there been no great women artists?** Disponível em: <http://www.artnews.com/2015/05/30/why-have-there-been-no-great-women-artists/>. Acesso em: 15/02/2017.

PAES, Tavinho. **Estão remixando o fascismo**. Disponível em: <http://noblat.oglobo.globo.com/noticias/noticia/2012/08/estao-remixando-fascismo-tavinho-paes-460974.html> . Publicado em 19/08/2012. Acesso em: 6/04/2018.

PÁL PERLBART, Peter. “Anota aí: eu sou ninguém”. In. **Folha de São Paulo – Opinião**, 19/07/2013.

PARDO, Ana Lúcia. **Estética dos protestos**: atores e personagens na cena política de 2013 a 2016. Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana da UERJ, 2018.

PESSOA, Fernando. **Ficções do interlúdio**: 1914-1935. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

POMAR, Marcelo. Introdução: não foi um raio em céu azul. In. JUDENSNAIDER, Elena et al. **Vinte centavos**: a luta contra o aumento. São Paulo: Veneta, 2013.

PROVASI, Beatriz. Atos como Performance na Ocupação do Espaço Urbano: contra um modelo de cidade para os megaeventos. In. **Revista**

Brasileira de Estudos da Presença, Porto Alegre, v. 6, n. 3, p. 429-459, set./dez. 2016.

PROVASI, Beatriz. **As guerras nos porta-retratos**. Rio de Janeiro: Edição da autora, 2014.

PROVASI, Beatriz. **Diário de Copenhague**. Facebook, 15/01/2018.

PROVASI, Beatriz. **Novo acordo pornográfico da língua brasileira**. Disponível em: <http://beatrizprovasi.blogspot.com.br/2015/03/novo-acordo-pornografico-para-o-uso-do.html>. Criado em: 8/03/2015.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: Ed. 34, 2005.

RODRIGUES, Nelson. A Falecida. In. MAGALDI, Sábato (org.). **Teatro completo de Nelson Rodrigues: Tragédias cariocas I**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

ROLNIK, Raquel. As vozes das ruas: as revoltas de junho e suas interpretações. In. MARICATO, Ermínia et. al. **Cidades Rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2013.

ROQUE, Tatiana. Os novos movimentos se constituem a partir de *diagramas* (e não de programas). **Revista DR**, Rio de Janeiro, n. 1, mar. 2015.

THOREAU, Henry David. **A desobediência civil**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000019.pdf>. Acesso em: 13/11/2013.

VELOSO, Caetano. Um dia aventureiro. In. **Jornal O Globo**: coluna. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/um-dia-aventureiro-9874195>. Acesso em: 13/02/2018.

WERNECK, Paulo & MARTÍ, Silas. Olho da rua. In. **Folha de São Paulo**, 23/06/2013.

ZARVOS, Clarisse Fraga. **Narrativas da peste, protestos e estéticas de contágio: da Primavera Árabe às Jornadas de Junho**. Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da PUC-Rio, 2018.

ZIZEK, Slavoj. Problemas no Paraíso. In. MARICATO, Ermínia et. al. **Cidades Rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2013.